

JADIR ANTUNES

**AS DETERMINAÇÕES DAS CRISES DO CAPITAL
NA CONCEPÇÃO DE KARL MARX**

**MESTRADO EM FILOSOFIA
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS, ABRIL DE 2002**

JADIR ANTUNES

AS DETERMINAÇÕES DAS CRISES DO CAPITAL NA CONCEPÇÃO DE KARL MARX

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof.
Dr. Hector Benoit.

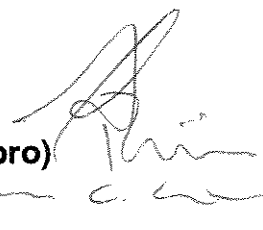
Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em abril/2002.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alcides Hector R. Benoit (Orientador)

Prof. Dr. Plínio S. de Arruda Sampaio Jr. (Membro)

Prof. Dr. Maurício C. Coutinho (Membro)



CAMPINAS,

ABRIL DE 2002

**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

000023320

UNIDADE Be
 Nº CHAMADA T/UNICAMP
An 89 d
 V _____ EX _____
 TOMBO BC/ 49224
 PROC 16-837/02
 C _____ D X
 PREÇO R\$ 11,00
 DATA _____
 Nº CPD _____

CM00167789-4

BIB ID 241389

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
 BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Antunes, Jadir
 An 89 d As deteminações das crises do capital na concepção de Karl
 Marx / Jadir Antunes. – Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador: Alcides Hector Rodrigues Benoit.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Crise econômica. 3. Economia
 marxista. 4. Capital (Economia). I. Benoit, Alcides Hector
 Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
 Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

**A meus pais, Albino e Guisela.
Também ao Vande, meu irmão,
à Marli, minha companheira e
ao camarada Jeremias. A eles,
com afeto.**

AGRADECIMENTOS

Em 1995, já no segundo ano da faculdade de economia na Unioeste-Pr, quando dediquei-me a estudar *O Capital*, descobri logo, apesar dos discursos oficiais globalizantes da época, a atualidade desta obra. O tema das crises do capital foi em seguida, o que mais despertou minha atenção. Daquela data até 1999, utilizei meu escasso tempo livre, já que trabalhava durante o dia e estudava na universidade a noite, para estudar *O Capital*. Em 2000 pude ingressar no programa de mestrado em filosofia da Unicamp e, não fosse a dedicação exclusiva aos estudos e a bolsa concedida pela FAPESP, este trabalho certamente levaria mais tempo e sua qualidade seria diferente.

Agradeço por isso, primeiramente à FAPESP pelo apoio financeiro concedido durante os dois anos da pesquisa. Em segundo lugar, agradeço ao professor Dr. Hector Benoit, quando em junho de 1999 aceitou orientar-me na pesquisa e, de lá para cá, contribuíra muito em meu aprendizado. Agradeço ainda aos companheiros Mauro e Scapi que, com uma paciência e dedicação primorosa, ensinaram-me os primeiros passos no estudo de *O Capital*. Agradeço ainda aos professores Dr. Plínio S. de Arruda Sampaio Jr e Dr. Mauricio C. Coutinho pelas observações e críticas feitas na banca de avaliação.

SUMÁRIO

RESUMO	11
INTRODUÇÃO	13
I RICARDO E A HARMONIA DOS MERCADOS	17
II AS POSSIBILIDADES FORMAIS E ABSTRATAS DA CRISE	26
2.1 As Contradições Simples da Mercadoria	26
2.2 As Contradições Simples do Dinheiro	32
III AS POSSIBILIDADES CONCRETAS PARA A ECLOSÃO DA CRISE	42
3.1 Contradição Entre Produção e Consumo nas Condições do Capitalismo	45
3.2 O Desenvolvimento Irresistível das Forças Produtivas e a Limitação do Consumo Humano	59
3.3 Atraso do Mercado em Relação à Produção Crescente	68
3.4 As Desproporções Intersetoriais	73
IV A LEI DA QUEDA TENDENCIAL DA TAXA DE LUCRO	86
4.1 A Lei Enquanto Tal	86
4.1.1 Decréscimo Relativo do Capital Variável em Relação com o Capital Constante	87
4.1.2 Decréscimo Relativo da Massa Geral de Mais-valia em Relação ao Capital Global	92
4.2 A Formação de uma Superpopulação Relativa Excedente	98
4.3 A Lei e as Determinações de Valor no Interior das Mercadorias	102
V CAUSAS CONTRARIANTES DA LEI	107
5.1 Elevação do Grau de Exploração do Trabalho	107
5.2 Compressão do Salário Abaixo de seu Valor	109
5.3 Barateamento e Desvalorização dos Elementos do Capital Constante	110
5.4 Superpopulação Relativa	111
5.5 Comércio Exterior	112
5.6 Aumento do Capital por Ações	113
VI PORQUE AUMENTA A COMPOSIÇÃO ORGÂNICA DO CAPITAL?	114
VII O CARÁTER RELATIVO DA LEI	128

VIII	DESDOBRAMENTO DAS CONTRADIÇÕES INTERNAS DA LEI	131
	8.1 Generalidades	131
	8.2 Conflito entre Processo Imediato de Produção e Processo de Realização da Mais-valia	135
	8.3 Concentração e Centralização do Capital	144
	8.4 Conflito entre Expansão da Produção e Valorização	151
	8.5 Superprodução de Forma Absoluta	159
IX	A DESTRUIÇÃO DE CAPITAL PELAS CRISES	162
	CONCLUSÃO	176
	BIBLIOGRAFIA	181

RESUMO

O modo de produção capitalista passa regularmente por crises econômicas que convulsionam violentamente todos os seus fundamentos constituintes. A superprodução de capital, a queda nas taxas de lucro, as desproporções intersetoriais, o subconsumo das massas e as dificuldades sempre crescentes de realização da mais-valia, constituem as manifestações mais exteriores e evidentes das crises. Por trás da manifestação destes fenômenos porém, escondem-se as contradições mais imanentes e fundamentais do capital que são as contradições entre as classes sociais. Este trabalho pretende, a partir do estudo da obra *O Capital* de Karl Marx, evidenciar que as contradições econômicas que explodem violentamente nas crises, como as contradições entre produção e consumo e entre produção e realização d mais-valia p.ex., podem ser compreendidas em sua imanência analisando-se as contradições existentes entre as duas classes sociais fundamentais do modo de produção capitalista: a classe dos capitalistas e a do proletariado.

ABSTRACT

The way of capital production passes normally through economic crises which violently convulse their constitutional basis. The overproduction of capital, the drop of profit rates, the intersectorial disproportions, the underconsumption of the lower classes and the constantly increasing difficulties of plus-value realizations, constitute the most evident and outside manifestation of the crises. Behind these phenomenon however, are hidden the very immanent and fundamental contradiction of capital, which are the contradictions between social classes. This treatise intends, as chow in the work *The Capital* of Karl Marx, to evidence that the economic contradictions that explode violently within the crises, as the contradictions between production and consumption and between production and realization of plus-value f.i., may be understood in their immanence by analyzing the existent contradictions between two fundamental social classes in the way of capital production: the class of capitalist and of proletariats.

INTRODUÇÃO

O capitalismo é um modo de produção geneticamente sujeito a crises econômicas, crises cíclicas que se repetem periodicamente como as estações do ano. A primeira grande crise geral que atingiu em massa todo o mercado mundial, ocorreu em 1825. De acordo com Mandel¹, desta data até 1958 a economia mundial fora abalada por pelo menos 17 crises cíclicas. Nos Estados Unidos em particular, Shaikh² acredita que desde 1834 até os dias atuais, essa economia tenha sido abalada por pelo menos 35 crises.

Com o advento da civilização burguesa no plano mundial e o predomínio completo de suas relações de produção e de troca sobre todas as formas anteriores de produção, a repetição periódica desses abalos sísmicos e as sucessivas epidemias de superprodução, atestavam que a potência civilizatória das forças produtivas burguesas, não mais poderiam se desenvolver livremente como em sua juventude, atestavam que em sua fase adulta, apenas poderiam desenvolver-se em constante conflito com as relações de produção que lhe deram origem. As revoltas periódicas dessas poderosas forças produtivas contra as relações modernas de produção atestavam para Marx, que as crises não se constituíam mais em fenômenos econômicos isolados e casuais, como ocorria no período manufatureiro anterior a 1825, *“mas tratavam-se das grandes tormentas do mercado mundial, nas quais se descarregam todos os elementos em luta do processo burguês de produção, cuja origem e remédio se procurava na mais superficial e mais abstrata desse processo, a esfera da circulação”*.³ O aparecimento das crises mundiais atestavam também para Marx, a passagem da etapa progressista e revolucionária do capitalismo, a etapa de sua mocidade, à

¹ Ernest MANDEL, *Tratado de Economia Marxista*, Tomo I, ps. 336-38.

² Anwar SHAIKH, *Valor Acumulación y Crisis: ensayos de economía política*, p. 57.

sua etapa decadente e envelhecida. Atestavam ainda, a necessidade histórica do socialismo e de novas relações sociais de produção, para prosseguir o livre desenvolvimento, sem as barreiras agora levantadas pelas crises, das poderosas forças produtivas já desenvolvidas no seio do capitalismo.

De modo geral, os historiadores e economistas de orientação marxista reconhecem o carácter cíclico da produção capitalista. Divergem entre si sobre a duração do ciclo, se mais ou menos longo, mas concordam com a existência destes abalos sísmicos de curta duração. No período de vida de Marx, os ciclos duravam em média dez anos e hoje, acredita-se que duram em média menos que isto, em torno de sete anos.

Como sabemos, de todos os Livros que compõem *O Capital*, somente o Livro I foi inteiramente organizado para publicação editorial por Marx em vida, os outros livros foram editados por Engels e Kautsky a partir dos fragmentos em forma de monografia deixados inacabados por Marx. Uma boa parte dos estudiosos da teoria das crises em Marx, parece acreditar que sua verdadeira concepção sobre o tema está contida na Seção III do Livro III de *O Capital*, a seção que descreve a Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro. Este parece ser o caso de Manuel Castells, por exemplo, que acredita que toda a concepção de Marx sobre as crises deve ser explicada a partir desta seção e que as versões marxistas que explicam a crise baseada no subconsumo, nas desproporções e na realização da mais-valia, são versões que receberam acriticamente as influências da teoria keynesiana.

De modo contrário, Kautsky, amparado em Marx, chega a uma conclusão inteiramente oposta à de Castells, a de que as crises deveriam ser explicadas principalmente a partir do subconsumo das massas. Por outro caminho Tugán-Baranovski, Hilferding, Bruno Bauer e Lênin acreditavam que o único problema que se levantava frente ao processo de acumulação capitalista e à realização da mais-valia, era a desproporcionalidade intersetorial, acreditavam, com a exceção de Lênin, que se fosse possível organizar a produção capitalista e a distribuição do trabalho social de forma equitativa entre os diferentes ramos da produção, seria possível evitar as crises e inclusive, para Tugán, reproduzir-se eternamente a forma capitalista de produção. Rosa Luxemburg, à sua própria maneira, acreditava que o problema principal para a reprodução do capital social, consistia na falta de compradores “internos” ao capital para a mais-valia produzida. Em sua

³ Karl MARX, *Para a Crítica da Economia Política*, p. 183.

concepção, como a mais-valia destinada à acumulação não poderia ser realizada nem pelos operários nem pelos capitalistas, as crises surgiam da ausência de um mercado comprador interno ao capital, capaz de realizar a massa da mais-valia social produzida.

Fora do debate partidário presente na II e III Internacional, Henryck Grossman acreditava que as crises econômicas e o colapso final do capitalismo, originavam-se do próprio processo de acumulação do capital e sua inerência à queda da taxa de lucro. Ernest Mandel considerava que, a exemplo de Marx, o principal fenômeno das crises era a superprodução. Modernamente, a partir de uma suposta crise do pensamento marxista, desenvolveu-se, com a conhecida escola regulacionista do trabalho, a concepção de que as crises do capitalismo resultam do esgotamento de um dado padrão de acumulação taylorista/fordista e do esgotamento de um dado padrão de relacionamento entre as classes na produção, surgidas após a Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Rosdolsky⁴, Marx elaborara dois planos expositivos para *O Capital*. O primeiro era o de 1857 e o segundo o de 1865/66. No primeiro plano a obra estava dividida em seis Livros assim distribuídos: Livro I: O Livro do Capital seria subdividido em quatro partes: 1) O Capital em Geral – a) Processo de produção do capital, b) Processo de circulação do capital, c) Lucro e Juros, 2) Seção sobre a concorrência, 3) Seção sobre o sistema creditício, 4) Seção sobre o capital acionário. Seguiria daí o Livro II: A Propriedade da Terra, o Livro III: O Trabalho Assalariado, o Livro IV: O Estado, o Livro V: Comércio Exterior e o Livro VI: Mercado Mundial e Crises. As crises seriam estudadas no grau mais baixo de abstração porque procuravam incorporar todas as determinações mais importantes que formavam o conceito de capital no mercado mundial.

Para Rosdolsky, em 1865/66 Marx abandona seu plano original e reestrutura *O Capital* com a seguintes divisão: Livro I: O Processo de Produção do Capital, Livro II: O Processo de Circulação do Capital, Livro III: O Processo Total de Produção e Circulação e Livro IV: História da Teoria (Teorias Sobre a Mais-Valia). É sob esta forma que conhecemos *O Capital*.

Além de enfatizar que as crises do capital só podem ser corretamente compreendidas quando analisadas a totalidade das contradições do mercado mundial, Marx

⁴ Roman ROSDOLSKY, *Gênesis y Estructura de El Capital de Marx: estudios sobre los Grundrisse*, p. 36 e seg.

assinala em sua obra *Teorias Sobre a Mais-valia* que “ainda é mister demonstrar que as formas mais abstratas dele são interativas e se contém nas mais concretas”.⁵ Isto é, mesmo as complexas contradições do mercado mundial e da oposição entre os diferentes estados nacionais, deveriam ser explicadas como desdobramento das contradições mais simples e abstratas como a oposição entre valor de uso e valor, dinheiro e mercadoria, capital e trabalho etc. Assim como a análise e explicação correta das crises do mercado mundial não poderiam ser explicadas por um lado, apenas pela análise das contradições mais concretas não devem tampouco, serem explicadas apenas pelas contradições mais abstratas, mas, deve-se, muito mais, demonstrar no curso da exposição as íntimas vinculações das categorias e contradições mais simples e abstratas, expostas já nas primeiras páginas do Livro I, com as mais concretas expostas no Livro III de *O Capital*.

Nosso trabalho pretende em primeiro lugar, estudar (a partir de uma interpretação literal das concepções de Marx contidas no Capítulo XVII do Livro *Teorias Sobre a Mais-valia*, intitulado Teoria Ricardiana da Acumulação, e na Seção III do Livro III de *O Capital*, intitulada A Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro), em que medida as diversas concepções sobre a origem das crises se aproximam ou não do pensamento original de Marx, pois, para este, a explicação para a origem das crises deveria ser buscada na análise de todas as contradições do modo de produção capitalista e não em alguma delas em particular, como tem sido a prática da maioria dos teóricos das crises que buscam em Marx uma referência mais segura para compreender o fenômeno.

Em segundo lugar, pretendemos estudar até que ponto este conjunto de causas podem refletir as contradições e a luta entre as classes no interior do processo de valorização do capital. Queremos analisar até que ponto as contradições entre produção e consumo, oferta e demanda, produção imediata e realização da mais-valia, trabalho morto e trabalho vivo e a tendência de queda nas taxas de lucro, a superprodução etc., podem expressar as contradições e antagonismos vividos entre as classes capitalista e proletária no interior do processo de valorização do capital.

⁵ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 945.

I RICARDO E A HARMONIA DOS MERCADOS

No capítulo XVII do Tomo II do Livro *Teorias Sobre a Mais-valia*, Marx polemiza com Ricardo sobre o caráter imanente ou não da crise capitalista. Ricardo, seguindo os princípios da “Lei de Say”⁶, considera que sob o capitalismo é impossível ocorrer superprodução de mercadorias, que numa economia produtora de mercadorias é impossível ocorrer uma dissociação entre oferta e procura, entre produção e consumo. Para ele é impossível superprodução ou pelo menos pletora geral no mercado, porque este se baseia na troca de produtos por produtos, no equilíbrio metafísico entre vendedores e compradores. De acordo com Ricardo, citado por Marx, “*não há soma de capital que não possa ser aplicada lucrativamente num país, pois, somente a produção limita a procura. (...) O homem só produz com o propósito de consumir ou vender, e só vende com o objetivo de comprar outra mercadoria que lhe seja de utilidade imediata ou contribua para a produção futura. Assim, ao produzir, o homem torna-se necessariamente ou consumidor das próprias mercadorias ou comprador e consumidor das mercadorias alheias*”.⁷

Segundo Ricardo, a decisão sobre onde empregar o capital que recai sobre o capitalista, nunca é resultado de uma necessidade que se impõe externamente a ele, seja uma necessidade ditada pela concorrência ou pelas condições econômicas gerais. Para ele é sempre uma “*questão de escolha a maneira como se empregará o capital e por isso nunca pode haver, por espaço prolongado de tempo, excedente de mercadoria alguma; é que, se houvesse, a mercadoria cairia abaixo de seu preço e o capital seria transferido para outra*

⁶ Este princípio da economia vulgar advoga que toda produção cria naturalmente sua própria demanda. Vide a obra de Jorge MIGLIOLI, *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*, que em seus primeiros capítulos apresenta uma boa síntese deste postulado.

⁷ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 929.

*aplicação mais lucrativa. Produtos são sempre trocados por produtos ou por serviços; dinheiro é apenas o meio por que se efetua a troca”.*⁸

O fato concreto é que Ricardo, a despeito da profunda transformação sofrida pelo processo de trabalho em sua forma medieval, acredita que a produção capitalista continua sendo uma produção simples de mercadorias, baseada no trabalho independente dos produtores diretos, que seu objetivo é a satisfação das necessidades humanas, tanto dos produtores diretos quando da sociedade em geral, que ela continua sendo uma economia em que o dinheiro atua unicamente como meio de circulação e nunca como capital. Na opinião de Marx, Ricardo esquece que, *“o objetivo direto da produção capitalista não é o valor de uso, mas o valor de troca e em especial incremento da mais-valia. Este é o motivo que impulsiona a produção capitalista, e é um primor de concepção a que, para escamotear as contradições da produção capitalista, omite-lhe a base e faz dela uma produção dirigida para o consumo imediato dos produtores”.*⁹

Em Ricardo, não existe na mercadoria a contradição entre valor de uso e valor, ele a trata como um “produto”, um simples valor de uso destinado à satisfação humana. O trabalho assalariado e sua dupla característica de trabalho concreto e abstrato são desconhecidos, Ricardo o concebe ainda como “serviço”, um mero valor de uso. Assim, desconhece também o aspecto qualitativo do dinheiro como expressão geral de trabalho abstrato e concebe-o apenas como mera expressão do valor, como mera expressão de dada quantidade de trabalho. Ricardo, ao desconhecer o dinheiro na função de meio de pagamento, ignora que sob o regime universal do valor de troca, vende-se também para pagar dívidas sem que, portanto, após a venda se reinicie uma nova compra.

Como resultado disso, Ricardo escamoteia inclusive as crises, pois numa economia com as características da economia de Ricardo, baseada na produção simples de mercadorias, não existe contradição entre mercadoria e dinheiro, oferta e demanda, produção e consumo, pois os próprios produtores são os consumidores imediatos de seu

⁸ Ibid., p. 935.

⁹ Ibid., p. 931. *“Es ist nie zu vergessen, daß es sich bei der Kapitalistischen Produktion nicht direkt um Gebrauchswert, sondern um Tauschwert handelt und speziell um Vermehrung des Surpluswerts. Dies ist das treibende Motiv der kapitalistischen Produktion, und es ist eine schöne Auffassung, die, um die Widersprüche der kapitalistischen Produktion wegzuräumen, von der Basis derselben abstrahiert und sie zu einer Produktion macht, die auf unmittelbare Konsumtion der Produzenten gerichtet ist”.* MARX-ENGELS WERKE, Band 26, p. 495.

produto. Em síntese, em Ricardo não existe contradição entre os atos de compra e venda, mas, apenas a unidade da circulação simples de mercadorias.

Em Ricardo *“a mercadoria, que encerra a oposição entre valor de troca e valor de uso, se transforma em mero produto (valor de uso), e em consequência a troca de mercadorias, em simples troca de produtos, de meros valores de uso”*.¹⁰ E nos regimes sociais em que impera o valor de uso e a troca simples, não há de haver, portanto, a moderna contradição entre produção e consumo e nem, portanto, crises oriundas desta contradição, porque aí não se trata mais da produção capitalista, mas sim, de modos de produção anteriores a ele. Assim, com a concepção de Ricardo *“recua-se à era anterior à produção capitalista e mesmo à anterior à produção simples de mercadorias, e nega-se o fenômeno mais intrincado da produção capitalista — a crise do mercado mundial —, escamoteando-se a primeira condição da produção capitalista, a saber, que o produto tem de ser mercadoria, de se representar por isso em dinheiro e passar pelo processo de metamorfose”*.¹¹ A simplicidade das concepções de Ricardo esconde, contraditoriamente, um fenômeno profundamente complexo e intrincado que é a crise do capital, porque a reprodução capitalista do valor percorre caminhos infinitamente mais tortuosos que a produção simples de mercadorias imaginada por Ricardo.

Assim como Ricardo apenas formalmente reconhece o produto capitalista na forma de mercadoria, não reconhece também a diferença entre trabalho e força de trabalho, entre o caráter do trabalho artesanal e o caráter abstrato do trabalho assalariado. Ele vê apenas o que há de comum entre eles, sua forma concreta, criadora de valores de uso. Ricardo usa por isso,

... em vez da expressão trabalho assalariado, o termo ‘serviços’, palavra com que de novo se omite a característica específica do trabalho assalariado e de seu valor de uso — a saber, acrescer o valor das mercadorias pelas quais se troca, produzir

¹⁰ Ibid., p. 937. *“Hier wird also erstens Ware, in der Gegensatz von Tauschwert und Gebrauchswert existiert, in bloßes Produkt (Gebrauchswert) und daher der Austausch von Waren in bloßen Tauschhandel von Produkten, bloßen Gebrauchswerten, verwandelt”*. MEW 26, p. 501.

¹¹ Ibid., p. 937. *“Es wird nicht nur hinter die kapitalistische Produktion, sondern sogar hinter die bloße Warenproduktion zurückgegangen, und das verwickelteste Phänomen der kapitalistische Produktion — die Weltmarktkrise — dadurch weggeleugnet, daß die erste Bedingung der kapitalistischen Produktion, nämlich daß das Produkt Ware sein, sich daher als Geld darstellen und den Prozeß der Metamorphose durchmachen muß, weggeleugnet wird”*. MEW 26, p. 501/02.

*mais-valia — e em consequência a relação particular por meio da qual dinheiro e mercadoria se convertem em capital. 'Serviço' é o trabalho sob o aspecto exclusivo de valor de uso (coisa acessória na produção capitalista), do mesmo modo que na palavra 'produto' se suprime a natureza da mercadoria e a contradição nela contida.*¹²

Se o produto capitalista e o trabalho que o gera continua, assim como no regime feudal-artesanal, a funcionar como mero valor de uso destinado à satisfação humana ou como mero serviço que realiza uma atividade útil à humanidade, para Ricardo então,

*... é coerente conceber o dinheiro como simples mediador da troca de produtos e não como forma essencial e necessária de existência da mercadoria, que tem de se apresentar como valor de troca — trabalho social geral. Uma vez que, por meio da conversão da mercadoria em simples valor de uso (produto) se elimina a natureza do valor de troca, é possível, com a mesma facilidade, negar, ou antes ter de negar, no processo da metamorfose da mercadoria, a existência do dinheiro como forma essencial, independente da forma original, da mercadoria.*¹³

Se na concepção de Ricardo, nega-se a transformação mais profunda e visível ocorrida no mundo da produção, distribuição, circulação e consumo, se se nega a profunda transformação ocorrida nas relações sociais de produção e a transformação do regime artesanal na complexa forma capitalista, então aí, “escamoteiam-se as crises, deixando-se de lado ou negando-se os primeiros requisitos da produção capitalista: a existência do produto como mercadoria, a bifurcação da mercadoria em mercadoria e dinheiro, os daí

¹² Ibid., p. 937. “Statt von Lohnarbeit zu sprechen, wird von ‚services‘ gesprochen, ein Wort, worin die spezifische Bestimmtheit der Lohnarbeit und ihres Gebrauchs – nämlich den Wert der Waren, wogegen sie ausgetauscht wird, zu vergrößern, Surpluswert zu erzeugen – wieder weggelassen wird und dadurch das spezifische Verhältnis, wodurch sich Geld und Ware in Kapital verwandeln. ‚Service‘ ist die Arbeit bloß als Gebrauchswert gefaßt (eine Nebensache in der kapitalistischen Produktion), ganz wie in dem Wort ‚Produkt‘ das Wesen der Ware und der in ihr liegende Widerspruch unterdrückt wird”. MEW 26, p. 502.

¹³ Ibid., p. 937. “Geld wird dann auch konsequente als bloßer Vermittler des Produktaustauschs gefaßt, nicht als eine wesentlich und notwendige Existenzform der Ware, die sich als Tauschwert – allgemeine gesellschaftliche Arbeit – darstellen muß. Indem durch die Verwandlung der Ware in bloßen Gebrauchswert (Produkt) das Wesen des Tauschwertsweggestrichen wird, kann ebenso leicht das Geld als eine wesentliche und im Prozeß der Metamorphose gegen die ursprüngliche Form der Ware selbständige Gestalt derselben gezeugnet werden oder muß vielmehr gezeugnet werden”. MEW 26, p. 502.

*oriundos elementos da dissociação na troca das mercadorias, enfim, a relação do dinheiro ou mercadorias com o trabalho assalariado”.*¹⁴

Acreditar como Ricardo, que sob o regime capitalista certo produtor só produz se tiver o propósito de consumir ou vender, e só vende se tiver o propósito de comprar outra mercadoria que de imediato lhe seja útil ou contribua para produção futura, acreditar que ao produzir, o produtor torna-se necessariamente o consumidor de seus próprios bens ou o comprador e consumidor das mercadorias de outra pessoa, que de posse de boas informações não produzirá jamais uma mercadoria para a qual não há procura é, na opinião de Marx, um palavrório pueril que fica bem para Say, mas não para Ricardo. Porque na concepção de Marx, “... *nenhum capitalista produz para consumir o produto. E quando falamos da produção capitalista, o certo é dizer que ‘ninguém produz com o propósito de consumir seu produto’, mesmo se emprega partes dele no consumo industrial. E aqui se trata do consumo individual. Esqueceu-se antes que o produto é mercadoria. Agora, esquece-se até a divisão social do trabalho*”.¹⁵

No raciocínio de Ricardo está subjacente a idéia burguesa do equilíbrio metafísico entre compra e venda, equilíbrio que só considera a unidade e não a separação dos diferentes momentos da compra e venda. Nesta idéia de equilíbrio a venda, M-D, converte-se imediatamente em D-M, a compra. Esta metafísica não aceita a possibilidade de M-D-M se dissociar no tempo e no espaço em duas fases contrapostas como M-D e D-M. Em Ricardo o dinheiro, D, é apenas um meio de troca e de circulação das mercadorias e nunca um elemento que expressa a riqueza em sua forma abstrata, geral, que pode ser desviado do circuito imediato de compra e venda e fixar-se nos bancos em forma de tesouro.

Para Marx o dinheiro é não só o meio pelo qual se efetua a troca, “*mas também o meio por que a troca de produto por produto se dissocia em dois atos, um do outro independentes, além de distantes no tempo e no espaço. Em Ricardo, aquela falsa concepção do dinheiro decorre de apoiar-se apenas na determinação quantitativa do valor*

¹⁴ Ibid., p. 937. “Hier werden also die Krisen dadurch wegräsoniert, daß die ersten Voraussetzungen der kapitalistischen Produktion, das Dasein des Produkts als Ware, die Verdopplung der Ware in Ware und Geld, die daraus hervorgehenden Momente der Trennung im Warenaustausch, endlich die Beziehung zwischen Geld oder Ware zur Lohnarbeit vergessen oder gelegnet werden”. MEW 26, p. 502.

¹⁵ Ibid., p. 938. “Zunächst produziert kein Kapitalist, um sein Produkt zu konsumieren. Und wenn wir von der kapitalistischen Produktion sprechen, heißt es mit Recht: ‘Kein Mann produziert in der Absicht, sein Produkt zu konsumieren’, selbst wenn er Teile seines Produkts wieder zur industriellen Konsumtion verwendet. Aber

de troca, a saber, valor de troca = dada quantidade de trabalho, e esquecer, em contrapartida, a determinação qualitativa, isto é, que o trabalho individual tem de se configurar em trabalho social geral, abstrato, o que só se dá por meio de sua alienação (alienation)”.¹⁶

Ricardo por conceber a qualidade essencial do capital como uma essência fixa e imutável, como o modo de produção dado de uma vez por todas pela natureza aos homens, fecha os olhos para o aspecto qualitativo do dinheiro na sua forma de equivalente universal do valor, do trabalho social geral. Fecha os olhos para o fato de que sob o capitalismo, a produção privada só pode expressar-se como produção social, em meio ao processo geral de alienação e fixação da riqueza material na forma abstrata do dinheiro, fecha os olhos para o fato de que a produção burguesa não se orienta para a acumulação de riqueza em suas formas particulares, mas, sim, que se orienta para a acumulação de riqueza em sua forma genérica e abstrata representada pelo dinheiro. Para Ricardo, as únicas mudanças possíveis no interior do processo de reprodução do capital são mudanças meramente quantitativas.¹⁷

Na concepção ricardiana, não há limites para a procura e desde que proporcione lucros, não há também nenhum limite para a aplicação do capital. O único limite à aplicação lucrativa do capital seria uma queda na taxa de lucros devido a uma alta dos salários. E estes decorrem da dificuldade constante em produzir os meios de subsistência dos trabalhadores a custos menores. Nas palavras de Ricardo, citado por Marx, “*não há limites para a procura, nem para o emprego de capital, desde que este proporcione lucro, e só há uma razão suficiente para queda do lucro, alta do salário, seja qual for a abundância de capital. Pode-se acrescentar ainda que a única causa eficiente e duradoura da elevação*

hier handelt es sich um die Privatkonsumention. Vorhin wurde vergessen, daß das Produkt Ware ist. Jetzt wird sogar die gesellschaftliche Teilung der Arbeit vergessen”. MEW 26, p. 503.

¹⁶ Ibid., 939/40. “*Das Geld ist nicht nur, the medium by which the exchange is effected’, sondern zugleich the medium by which the exchange of produce with produce becomes dissolved into two acts, independent of each other, an distant from each other, in time and space. Diese falsche Auffassung des Gelds beruht aber bei Ricardo darauf, daß er überhaupt nur die quantitative Bestimmung des Tauscherts im Auge hat, nämlich daß er = bestimmtem Quantum Arbeitszeit, dagegen die qualitative Bestimmung vergißt, daß die individuelle Arbeit nur durch ihre Entäußerung (alienation) als abstrakte allgemeine gesellschaftliche Arbeit sich darstellen muß”. MEW 26, p. 504/05.*

¹⁷ Jindrich ZELENÝ, *La Estructura Lógica de El Capital de Marx*, ps. 21 a 26.

dos salários é a dificuldade crescente de prover o número cada vez maior de trabalhadores com alimento e meios de subsistência essenciais".¹⁸

Ricardo em seu raciocínio, nunca admite uma oferta excessiva geral no mercado. Para ele a oferta sempre corresponderá à demanda, pois é esta o móvel da produção. Como em sua imaginação a produção capitalista está voltada para atender os desejos e necessidades humanas, não haveria nenhum conflito entre oferta e demanda, visto que a demanda é ilimitada, que os desejos e necessidades humanas são insaciáveis. A produção só encontraria limites nos ramos em que as necessidades humanas já estivessem plenamente satisfeitas. Como as necessidades por luxo e conforto são insaciáveis, os capitais aplicados em ramos excedentes encontrariam nestes ramos de luxo, ótimas oportunidades para continuar se acumulando. A superprodução não atingiria toda a economia, mas, apenas alguns ramos em particular.

Marx traduz assim, como a coisa se desenrola na imaginação de Ricardo: *"de uma mercadoria particular pode-se produzir mais do que consumir, mas isso não se estende a todas as mercadorias ao mesmo tempo. É que as necessidades que as mercadorias satisfazem não têm limites, e não se satisfazem todas as necessidades ao mesmo tempo. Ao contrário. A satisfação de uma necessidade faz emergir outra em estado latente, por assim dizer. Desse modo, nada se exige além dos meios de satisfazer essas necessidades, e esses meios podem ser obtidos mediante acréscimo da produção. Por conseguinte, não é possível superprodução geral"*.¹⁹

Se fosse assim na realidade, como explicar a carência de produtos capazes de satisfazerem as necessidades da massa da população? Como explicar o fato de que apesar da intensa penúria que vive a maioria da população sob o capitalismo, certos meios de produção que poderiam funcionar produzindo meios de subsistência para a satisfação dessas necessidades, permanecem inativos e ociosos durante a crise? No sentido dado por Ricardo, a produção capitalista nunca atingiria de fato uma superprodução, mas sim apenas a subprodução. Pois, segundo Marx, *"em fases de superprodução grande parte da nação*

¹⁸ K. MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 933.

¹⁹ Ibid., p. 941/42. *"Von einer besondern Ware mag mehr produziert werden, als davon konsumiert werden kann. Aber das kann nicht von allen Waren zugleich gelten. Weil die Bedürfnisse, die durch Waren befriedigt werden, keine Grenzen haben und alle diese Bedürfnisse zugleich nicht befriedigt sind. Im Gegenteil. Die Befriedigung eines Bedürfnisses macht ein andres sozusagen latent. Es ist also nichts erheischt als die Mittel,*

*(sobretudo da classe trabalhadora) dispõe menos que nunca de cereais, sapatos etc., para não falarmos de vinhos e móveis. Se só pudesse sobrevir superprodução depois de todos os membros da nação terem satisfeito pelo menos as necessidades mais prementes, nunca teria podido ocorrer, em todo o decurso da história da sociedade burguesa, uma superprodução geral ou mesmo uma parcial”.*²⁰

O absurdo da superprodução capitalista é que ela nada tem a ver com a demanda absoluta por meios de satisfação, mas unicamente com a demanda relativa, solvente, com a demanda capaz de pagar por aquilo que deseja. *“Ela só se define em face das necessidades com poder aquisitivo. Não se trata de superprodução absoluta, superprodução em si confrontada com a necessidade absoluta ou com o desejo de possuir as mercadorias. Nesse sentido não existe superprodução parcial nem geral, e uma não se opõe mesmo à outra”.*²¹

Sob o capitalismo, a demanda que conta de fato na contabilidade social é a demanda solvente, com poder aquisitivo real, com capacidade efetiva de pagamento. Se demandamos um tipo de artigo para o qual não temos como pagar, de fato não somos demandantes no sentido econômico-burguês, não fazemos parte do mercado. A demanda absoluta da sociedade não constitui uma demanda capitalista, para o capital a demanda que realmente conta é a demanda relativa solvente, com dinheiro no bolso capaz de pagar pela satisfação de uma necessidade.

E o que é ainda mais estranho na superprodução: os verdadeiros produtores das mesmas mercadorias que congestionam o mercado carecem delas. Não se pode dizer aí que deveriam produzir as coisas para obtê-las, pois as produziram e apesar disso não as obtiveram. Tampouco se pode dizer que determinada mercadoria congestiona o mercado porque ninguém precisa dela (...), tampouco se pode

um diese Bedürfnisse zu befriedigen, und diese Mittel können nur verschafft werden durch eine Vermehrung der Produktion. Also ist keine allgemeine überproduktion möglich”. MEW 26, p. 507.

²⁰ Ibid., p. 942. *“In Momenten der Überproduktion ist ein großer Teil der Nation (speziell die Arbeiterklasse) weniger als je mit Getreide, Schuen etc. versehen, von Wein und furniture gar nicht zu sprechen. Wenn Überprodktion erst eintreten könnte, nachdem alle Mitglieder der Nation auch nur die nötigsten Bedürfnisse befriedigt hätten, hätte in der bisherigen Geschichte der bürgerlichen Gesellschaft nicht nur nie eine allgemeine, sondern selbst nie partielle Überproduktion eintreten können”.* MEW 26, p. 507.

²¹ Ibid., p. 942. *“Sie hat es nur mit den zahlungsfähigen Bedürfnissen zu tun. Es handelt sich nicht um absolute Überproduktion – Überproduktion an und für sich im Verhältnis zu der absoluten Bedürftigkeit oder dem Wunsch nach dem Besitz der Waren. In diesem Sinn existiert weder partielle noch allgemeine Überproduktion. Und bilden sie gar keinen Gegensatz zueinander”.* MEW 26, p. 507.

*descartar a superprodução universal alegando a circunstância de existirem necessidades, necessidades insatisfeitas para muitas das mercadorias que estão no mercado.*²²

²² Ibid., p. 942. “Und was noch sonderbarer bei der Überproduktion ist, die eigentlichen Produzenten der very commodities which glut the market – die Arbeiter – stand in want of them. Hier kann nicht gesagt werden, daß sie die Dinge produzieren sollten, um sie obtain, denn sie haben sie produziert und haben sie doch nicht. Es kann auch nicht gesagt werden, daß die bestimmte Ware gluts the market, weil kein Bedürfnis für sie vorhanden ist. Wenn also selbst die partielle Überproduktion nicht daher zu erklären, daß die Waren, which glut the market, das Bedürfnis danach übersättigen, so kann die universelle Überproduktion nicht dadurch wegerklärt werden, daß für viele der Waren, die auf dem Markt sind Bedürfnisse, unbefriedigt Bedürfnisse existieren”. MEW 26, p. 507/08.

II AS POSSIBILIDADES FORMAIS E ABSTRATAS DA CRISE

2.1. AS CONTRADIÇÕES SIMPLES DA MERCADORIA

Se abandonarmos, porém, as falsas concepções de Ricardo, observamos que já na própria forma em que se apresentam os produtos do trabalho capitalista está contida a possibilidade de crise. Toda mercadoria é, ao mesmo tempo, valor de uso e valor e precisa para circular, desdobrar externamente esta contradição na forma de mercadoria e dinheiro.

Toda mercadoria para atender uma necessidade social precisa, antes de tudo, ser vendida, realizar M-D. Visto pelo lado inverso, sob o domínio das trocas, toda necessidade para ser satisfeita precisa realizar a compra, D-M. Os atos de compra e venda constituem sempre uma unidade de elementos contraditórios e só constituem uma unidade, porque existem de fato como realidades autônomas. Como realidades autônomas ligam-se na troca. Isto implica que o vendedor, M-D, não precisa necessariamente converter-se imediatamente em comprador de uma segunda mercadoria, D-M. A metamorfose da mercadoria em dinheiro e deste novamente em mercadoria, constitui a unidade de dois processo que se contradizem, que podem se separar no tempo e no espaço. Não existe uma lei de necessidade que se imponha ao vendedor, imediatamente após o ato da venda, que lhe obrigue por sua vez, a converter-se imediatamente em comprador de uma nova mercadoria. *“Se, por exemplo, compra e venda, ou o movimento da metamorfose da mercadoria, configura a unidade de dois processos, ou antes o decurso de um processo por meio de duas fases opostas, sendo na essência portanto a unidade de ambas as fases, esse movimento é também na essência a separação delas e a afirmação recíproca de*

*independência. Mas, uma vez que estão interligadas, a afirmação de independência das fases vinculadas só se pode patentear de maneira violenta, como processo destrutivo”.*²³

Se no processo de reprodução do capital afirma-se a independência e não a unidade recíproca entre os pólos de uma relação, em nosso caso entre compra e venda, produção e circulação, então o próprio processo de acumulação entra em desordem, pois, não é possível manter a produção sem compradores. A crise, a interrupção brusca e inesperada do processo de reprodução, é o mecanismo pelo qual o capital busca recompor os pólos da contradição. *“É justamente na crise que sua unidade se manifesta, a unidade de elementos opostos. A independência recíproca assumida pelas duas fases conjugadas e complementares destrói-se à força. A crise portanto revela a unidade dos elementos que passaram a ficar independentes uns dos outros. Não ocorreria crise se não existisse essa unidade interna de elementos que parecem comportar-se com recíproca indiferença. Mas não, diz o economista apologético. Por haver a unidade, não pode haver crise. O que significa apenas que a unidade dos contrários exclui a contradição”.*²⁴

A crise é um fenômeno pelo qual o capital busca através da interrupção da reprodução, religar, reconectar elementos que durante o curso da acumulação, se autonomizaram numa escala inconciliável em relação aos seus opostos. Com a crise, o capital busca reconciliar elementos separados de uma mesma relação, elementos que por sua natureza não podem existir separados por períodos relativamente longos, necessitando serem reconectados diretamente com seus opostos. A troca consiste basicamente numa relação entre compradores e vendedores, entre dois elementos autônomos que se unem para realizá-la. A crise consiste na unidade violenta destes pólos que se separaram, na unidade violenta de pólos que não podem existir fora da relação. Não haveria crise se não houvesse contradição entre os pólos. O apologista, porém, só enxerga a unidade na relação, não a vê

²³ Ibid., p. 936. *“Wenn z.B. Kauf und Verkauf – oder die Bewegung der Metamorphose der Ware – die Einheit zweier Prozesse oder vielmehr den Verlauf eines Prozesses durch zwei entgegengesetzte Phasen darstellt, also wesentlich die Einheit beider Phasen ist, so ist sie ebenso wesentlich die Trennung derselben und ihre Verselbständigung gegeneinander. Da sie nun doch zusammengehören, so kann die Verselbständigung der zusammengehörigen Momente nur gewaltsam erscheinen, als zerstörender Prozeß”.* MEW 26, p. 501.

²⁴ Ibid., p. 936. *“Es ist grade die Krise, worin ihre Einheit sich betätigt, die Einheit der Unterschiedenen. Die Selbständigkeit, die die zueinander gehörigen und sich ergänzenden Momente gegeneinander annehmen, wird gewaltsam vernichtet. Die Krise manifestiert also die Einheit der gegeneinander verselbständigten Momente. Es fände keine Krise statt ohne diese innere Einheit der scheinbar gegeneinander Gleichgültigen. Aber nein, sagt der apologetische Ökonomist. Weil die Einheit stattfindet, kann keine Krise stattfinden. Was wieder nichts heißt, als daß die Einheit Entgegengesetzter den Gegensatz ausschließt”.* MEW 26, p. 501.

como uma relação contraditória. Vê a mercadoria como produto, o trabalho como serviço, o dinheiro como equivalente das trocas, a produção igual ao consumo, a oferta igual à demanda etc. Da mesma forma, o apologista não compreende que o processo de crise em sua positividade, isto é, em sua tentativa de reconectar elementos separados de uma mesma unidade, é, ao mesmo tempo, o momento supremo de negatividade do capital, já que a continuidade normal da reprodução é conseguida mediante a interrupção abrupta e inesperada do processo de reprodução social.

*Para se demonstrar que a produção capitalista não pode conduzir a crises gerais, negam-se todas as condições e formas distintivas, todos os princípios e diferenças específicas, em suma, a própria produção capitalista, e na realidade se demonstra que, se o modo capitalista de produção, em vez de ser uma forma especificamente desenvolvida, peculiar, da produção social, fosse um modo de produção anterior a suas manifestações iniciais mais rudimentares, não existiriam os conflitos e contradições que o caracterizam, nem portanto sua eclosão nas crises.*²⁵

Sob o regime de produção capitalista, é normal que no curso corrente da acumulação os elementos que compõem uma unidade se dissociem. A crise surge para dar a estes elementos a unidade necessária para o bom andamento da acumulação. Como a crise irrompe abruptamente, fora do controle dos personagens que representam o capital, a busca da unidade dos aspectos da contradição que se separaram pode provocar a superação da própria contradição, isto é, a abolição por meio da revolução operária das contradições imanentes ao capital e sua superação numa forma nova, contra os desejos do próprio capital.

Como a análise do capital inicia com a análise da mercadoria e do dinheiro, é aí que surge sua primeira possibilidade de crise. O processo de troca está marcado por uma dualidade de fases. De um lado M-D, a venda e de outro D-M, a compra. Na necessidade da

²⁵ Ibid., p. 936. "Um nachzuweisen, daß die kapitalistische Produktion nicht zu allgemeinen Krise führen kann, werden alle Bedingungen und Formbestimmungen, alle Prinzipien und differentiae specificaе, kurz, die kapitalistische Produktion selbst geleugnet, und wird in der Tat nachgewiesen, daß, wenn die kapitalistische Produktionsweise, statt eine spezifisch entwickelte, eigentümliche Form der gesellschaftlichen Produktion zusein, eine hinter ihren rohsten Anfängen liegende Produktionsweise wäre, die ihr eigentümlichen

mercadoria metamorfosear-se em dinheiro, já está dada a primeira possibilidade da crise. Ela é ainda uma possibilidade formal, dada pela contradição originária da mercadoria entre valor de uso e valor e sua expressão externa, entre a mercadoria e o dinheiro.

*A possibilidade da crise, desde que se revele na forma simples da metamorfose, só decorre portanto disto: as diferenças de forma — as fases — por que passa a mercadoria em seu movimento são, primeiro, formas e fases necessariamente complementares; segundo, apesar dessa unidade intrínseca necessária, são por igual partes e formas independentes do processo, contrapostas em sua existência, discrepantes no tempo e no espaço, separáveis e separadas uma da outra.*²⁶

A base desta possibilidade de crise reside apenas na necessidade que a mercadoria tem de converter-se em dinheiro e do risco que ela corre em não poder realizar tal operação. Logo que supera essa dificuldade, supera também a base para a possibilidade de uma crise, visto que a nova forma adotada pela mercadoria, a forma fluída do dinheiro, pode ser imediatamente trocada por qualquer coisa. A possibilidade da crise é ainda uma possibilidade que surge apenas formalmente, nasce da forma dual que assume o processo de troca, do caráter contraditório da mercadoria, da necessidade de sua metamorfose em dinheiro. Se a troca fosse direta, na forma de escambo, de produto por produto, sem intermediação do dinheiro, e não exigisse essa mudança de forma, da mercadoria em dinheiro, não haveria também nenhuma possibilidade de crise oriunda do sistema de trocas.

Se a mercadoria — como na troca direta — não pudesse retornar da circulação na forma de dinheiro ou procrastinar sua reconversão em mercadoria, se compra e venda coincidissem, deixaria de haver, de acordo com as suposições feitas, a possibilidade de crise. (...) O comprador será vendedor, o vendedor, comprador.

Gegensätze, Widersprüche und daher auch deren Eklat in den Krisen nicht existieren würden". MEW 26, p. 501.

²⁶ Ibid., p. 943/44. "Die Möglichkeit der Krise, soweit sie in der einfachen Form der Metamorphose sich zeigt, geht also nur daraus hervor, daß die Formunterschiede — die Phasen — die sie in ihrer Bewegung durchläuft, erstens notwendig sich ergänzende Formen und Phasen sind, zweitens trotz dieser innren notwendigen Zusammengehörigkeit gleichgültig gegeneinander existierende, in Zeit und Raum auseinanderfallende, voneinander trennbare und getrennte, unabhängige Teile des Prozesses und Formen". MEW 26, p. 508/09.

*Assim, desaparece a fase crítica, oriunda da forma de troca, a troca que é circulação, e quando dizemos que a forma simples da metamorfose encerra a possibilidade da crise, expressamos apenas que nessa própria forma está a possibilidade da ruptura e da dissociação de fases que na essência são complementares.*²⁷

A possibilidade formal da crise, que surge da possibilidade da metamorfose da mercadoria em dinheiro não se realizar, constitui um momento crítico para ela apenas porque em sua forma originária a mercadoria é, contraditoriamente, valor de uso e valor e, para servir a outro, é condição vital do processo que a mercadoria seja comprada. Nos regimes de produção em que o valor de uso é predominante, a troca aparece apenas como ato ocasional, como troca de excedentes, e se acaso os produtores diretos não encontrarem compradores o processo de produção não se interrompe. Porém, quando a divisão social do trabalho se expande e as trocas deixam de ser ocasionais para tornarem-se o móvel da produção, quando o produto deixa de ser um simples valor de uso para se transformar em mercadoria, *“a conversão do produto em dinheiro, a venda, é conditio sine qua non. Cessa a produção imediata para as próprias necessidades. Então, se não se vende, surge a crise”*.²⁸

Como a produção capitalista não se fundamenta mais no caráter particular do trabalho, no trabalho concreto e na produção de valores de uso, mas, sim, no trabalho abstrato e na mais-valia, as possibilidades do vendedor captar ou não o dinheiro que circula no mercado, a forma fluída em que agora se representa a riqueza, determina todo o andamento da produção. Os produtores exclusivos de mercadorias ficam na dependência dos possuidores de dinheiro porque o *“dinheiro não se apresenta como produto do trabalho individual, e quem vendeu, e portanto possui a mercadoria na forma de dinheiro, não é por*

²⁷ Ibid., p. 944. *“Wenn die Ware nicht in der Form des Gelds aus der Zirkulation sich zurückziehen oder ihre Rückverwandlung Ware aufschieben könnte- wie beim unmittelbaren Tauschhandel -, wenn Kauf und Verkauf zusammenfielen, fiel die Möglichkeit der Krise unter den gemachten Voraussetzungen weg. (...) Der Käufer wäre Verkäufer, der Verkäufer Käufer. Das kritische Momente, was aus der Form des Austauschs – soweit er Zirkulation ist – hervorgeht, fiel also weg, und wenn wir sagen, daß die einfache Form der Metamorphose die Möglichkeit der Krise einschließt, so sagen wir nur, daß ind dieser Form selbst die Möglichkeit der Zerreißung und des Auseinanderfallens wesentlich sich ergänzender Momente liegt”*. MEW 26, p. 509.

²⁸ Ibid., p. 944. *“Bei der Warenproduktion ist das Verwandeln des Produkts in Geld, der Verkauf, conditio sine qua non. Die unmittelbare Produktion für das eigne Bedürfnis fällt fort. Mit dem Nichtverkauf ist hier Krise da”*. MEW 26, p. 509/10.

*sua vez forçado a comprar logo, a reconverter o dinheiro em produto particular do trabalho individual. Na troca direta não há essa contradição: não pode haver vendedor sem comprador, nem comprador sem vendedor. (...) A dificuldade de transformar a mercadoria em dinheiro, de vender, provém apenas de a mercadoria ter de se transformar em dinheiro, sem o dinheiro ter de imediato de se converter em mercadoria, e de compra e venda portanto poderem dissociar-se”.*²⁹

A possibilidade das fases que se contrapõem se separarem durante o processo de circulação das mercadorias, a possibilidade da venda ocorrer sem a seqüência da compra, de determinadas mercadorias não encontrarem compradores no mercado, constitui porém, apenas a forma mais abstrata da crise ainda sem nenhum conteúdo concreto. Suas possibilidades se originam ainda de sua própria forma M-D-M, nesta forma de crise não entra ainda em consideração, as condições reais e mais determinadas em que o movimento da circulação se encontra. *“Dissemos que essa forma abrange a possibilidade da crise, isto é, a possibilidade de elementos em conexão recíproca, inseparáveis, se desvincularem e serem por isso forçados a se juntar pela força que se opõe à sua independência mútua”.*³⁰ Esta é a forma mais abstrata da crise porque compreende uma contradição entre os elementos mais simples e pobres em determinações. Nela não se considera ainda se a mercadoria é produzida e circula num ambiente capitalista ou mercantil simples. *“Ademais, crise é apenas a imposição violenta da unidade das fases do processo de produção, as quais se tornaram independentes uma da outra. Possibilidade geral e abstrata da crise significa apenas a forma mais abstrata da crise, sem conteúdo, sem o impulso pertinente a esse conteúdo. Compra e venda podem separar-se. Constituem portanto crise em estado*

²⁹ Ibid., p. 944/45. *“... daß Geld nicht als besondres Produkt individueller Arbeit erscheint, daß der, der verkauft hat, also die Ware in der Form des Gelds besitzt, nicht gezwungen ist, sofort wieder zu kaufen, das Geld wieder in besondres Produkt individueller Arbeit zu verwandeln. Im Tauschhandel ist dieser Gegensatz nicht. Es kann darin keiner Verkäufer sein, ohne Käufer zu sein, und Käufer sein, ohne Verkäufer zu sein. (...) Die Schwierigkeit, die Ware in Geld zu verwandeln, zu verkaufen, stammt bloß daher, daß die Ware in Geld, das Geld aber nicht unmittelbar in Ware verwandelt werden muß, also Verkauf und Kauf auseinanderfallen können”.* MEW 26, p. 510.

³⁰ Ibid., p. 945. *“Wir haben gesagt, daß diese Form die Möglichkeit der Krise einschließt, d.h. die Möglichkeit, daß Momente, die zueinander gehören, die untrennbar sind, sich zertrennen und daher gewaltsam vereint werden, ihre Zusammengehörigkeit durch die Gewalt, die ihrer wechselseitigen Selbständigkeit angetan wird, durchgesetzt wird”.* MEW 26, p. 510.

potencial e sua coincidência continua sempre a ser, para a mercadoria, elemento crítico".³¹

Não basta porém, existir a contradição em sua forma simples e abstrata para que a crise passe da possibilidade à realidade efetiva, da potência ao ato. Essa passagem não se realiza supondo simplesmente uma dada produção de mercadorias dissociada de seu conteúdo real e histórico, dissociada do modo determinado como essas mercadorias são produzidas, se por camponeses independentes, artesãos corporativos ou proletários assalariados. *"Assim, a forma mais abstrata da crise (e por isso a possibilidade formal da crise) é a metamorfose da própria mercadoria, a qual, como movimento desenvolvido, contém a contradição — encerrada na unidade da mercadoria — entre valor de troca e valor de uso e ainda entre dinheiro e mercadoria. Mas o meio por que essa possibilidade de crise se torna a crise não se contém nessa própria forma; esta implica apenas em que existe a forma para uma crise"*.³²

2.2. AS CONTRADIÇÕES SIMPLES DO DINHEIRO

Em sua primeira forma a crise tem origem na possibilidade da dissociação dos atos de compra e venda. Está determinada unicamente pela necessidade intrínseca à mercadoria de que através da troca, seja metamorfoseada em dinheiro. A troca, porém, se a considerarmos menos abstratamente, se pressupormos uma circulação mais desenvolvida das mercadorias, pode ocorrer sem a intervenção imediata do dinheiro, como nas compras a prazo em que o dinheiro atua imediatamente apenas como medida ideal do valor. *"Em sua segunda forma, a crise é a função do dinheiro como meio de pagamento, e então o dinheiro figura em duas fases diferentes, separadas no tempo, em dois papéis diversos. As duas*

³¹ Ibid., p. 945. *"Und weiter ist Krise nichts als die gewaltsame Geltendmachung der Einheit von Phasen des Produktionsprozesses, die sich gegeneinander verselbständigen haben. Allgemeine, abstrakte Möglichkeit der Krise – heißt nichts als die abstrakteste Form der Krise, ohne Inhalt, ohne inhaltvolles Motiv derselben. Verkauf und Kauf können auseinanderfallen. Sie sind also Krise potentia, und ihr Zusammenfallen bleibt immer kritisches Moment für die Ware"*. MEW 26, p. 510.

³² Ibid., p. 945. *"Bleibt also, daß abstrakteste Form der Krise (und daher formelle Möglichkeit der Krise) die Metamorphose der Ware selbst ist, worin nur als entwickelte Bewegung der in der Einheit der Ware eingeschlossene Widerspruch von Tauschwert und Gebrauchswert, weiter von Geld und Ware enthalten ist. Wodurch aber diese Möglichkeit der Krise zur Krise wird, ist nicht in dieser Form selbst enthalten; es ist nur darin enthalten, daß die Form für eine Krise da ist"*. MEW 26, p. 510.

*formas ainda são de todo abstratas, embora a segunda seja mais concreta que a primeira”.*³³

Na forma M-D-M o dinheiro atuava diretamente no processo de troca. A compra e venda é feita à vista. Compra e pagamento, venda e recebimento constituem uma unidade. Nas compras a prazo, porém, estas unidades se dissociam, o dinheiro atua *a priori* apenas como medida ideal do valor e somente *a posteriori*, como meio de pagamento, em sua forma material. Nesta qualidade do dinheiro como meio de pagamento, a circulação pode ser interrompida quando o primeiro comprador da mercadoria, que pretende revendê-la ou utilizá-la como meio de produção de uma nova mercadoria, não encontra no mercado um segundo comprador para ela, ou só o encontra disposto a pagar um preço abaixo de seu valor. Assim, não consegue quitar sua dívida com o primeiro vendedor. A crise surge da necessidade de religar as compras e pagamentos.

Quando se observa mais concretamente a mercadoria e sua circulação no âmbito da reprodução do capital, já que não há reprodução sem circulação e capital sem mercadoria, a possibilidade da crise baseada na simples necessidade da metamorfose da mercadoria em dinheiro, adquire aí um conteúdo e fundamento mais concreto para manifestar-se. Basta observarmos o movimento de um dado capital-mercadoria em conexão com outros capitais na esfera da circulação.

*Da conexão entre as metamorfoses das mercadorias resulta além disso que uma mercadoria se converte em dinheiro porque outra se reconverteu da forma dinheiro em mercadoria. Assim, a dissociação da compra e venda aparece aí de modo que à conversão de um capital, da forma mercadoria para a forma dinheiro, tem de corresponder a reconversão de outro capital, da forma dinheiro para a forma mercadoria; a primeira metamorfose de um capital tem de corresponder à segunda do outro, e a saída de um capital do processo de produção, à volta do outro a esse processo.*³⁴

³³ Ibid., p. 945. “Die Krise in ihrer zweiten Form ist die Funktion des Geldes als Zahlungsmittel, wo das Geld in 2 verschiedenen zeitlich getrennten Momenten, in zwei verschiedenen Funktionen figuriert. Diese beiden Formen sind noch ganz abstrakt, obgleich die zweite konkreter als die erste”. MEW 26, p. 511.

³⁴ Ibid., p. 946. “Aus dem Zusammenhang der Metamorphose der Waren miteinander ergibt sich überdem, daß die eine Ware sich in Geld verwandelt, weil sich die andre aus der Form des Gelds in Ware rückverwandelt. Also das Auseinanderfallen von Kauf und Verkauf erscheint hier weiter so, daß der

Ao contrário da produção mercantil simples, baseada num curso rotineiro das trocas e num mercado local conhecido, a produção capitalista baseia-se na oferta em larga escala para um mercado *a priori* desconhecido e mundial. Por isso exige que os circuitos particulares de troca acelerem e entrelacem-se com uma fluidez sempre mais veloz. “*A circunstância de se encadearem e se entrelaçarem os processos de reprodução ou circulação de diferentes capitais, embora casual, é uma imposição da divisão de trabalho, e assim já se amplia a definição do conteúdo da crise*”.³⁵ Quanto mais profundamente se amplia a divisão social do trabalho e a variedade dos valores de uso a serem intercambiados, mais se ampliam as possibilidades da crise passar de sua forma potencial à sua forma ativa.

Como para poder valorizar-se o capital assume transitoriamente a forma mercadoria, ele carrega consigo a possibilidade mais abstrata da crise, porém dá à sua efetivação, um conteúdo mais concreto. Como é impossível a reprodução do capital sem a fluidez normal dos circuitos de compra e venda, como a ampliação da divisão social do trabalho torna o capital cada vez mais dependente da fluidez destes circuitos e do entrelaçamento normal entre compra e venda, a possibilidade formal da crise ganha mais concretude quando a mercadoria é considerada não mais como um simples valor de uso destinado à satisfação humana, mas sim, como um elemento do capital.

A possibilidade de crise oriunda do uso do dinheiro como meio de pagamento já revela, por isso, fundamento muito mais real para a efetivação da possibilidade da crise.

Imaginemos uma vasta cadeia de empréstimos comerciais em que o dinheiro atua *a priori* como medida do valor e somente *a posteriori* como dinheiro de fato. Imaginemos que um fabricante de tecidos venda seu produto a prazo a um comerciante para ser pago quando este revender o tecido, sacando sobre o comerciante uma letra de câmbio, de modo que o dinheiro assume a figura de meio de pagamento. O fabricante por sua vez negocia a letra com o banqueiro, seja lhe pagando uma dívida ou descontando a letra. Imaginemos também que o cultivador de linho venda ao fabricante de fio; o fabricante de fio, ao de

Verwandlung des einen Kapital aus der Form Ware in die Form Geld die Rückverwandlung des andren Kapitals aus der Form Geld in die Form Ware entsprechen muß, die erste Metamorphose des einen Kapitals der zweiten des andren, das Verlassen des Produktionsprozesses des einen Kapitals, der Rückkehr in den Produktionsprozeß des andren”. MEW 26, p. 511.

tecido; o fabricante de máquinas, ao de tecido; o fabricante de ferro e o madeireiro, ao fabricante de máquinas; o minerador de carvão, ao fabricante de fio, ao de tecido, ao de máquinas, ao de ferro e ao madeireiro. Além disso, devemos imaginar que todos estes negócios foram feitos a prazo, para pagamentos posteriores. Se acaso o comerciante não conseguir revender o tecido e por isso, não conseguir pagar o fabricante de tecidos, este não poderá resgatar sua letra de câmbio com o banqueiro. Não poderá também, saldar suas dívidas contraídas com seus fornecedores e estes, ficarão também insolventes com seus próprios fornecedores.

Assim, todos os que não realizarem o valor de sua mercadoria, não poderão substituir a parte que repõe o capital constante e reiniciar a produção. Surge assim crise geral por falta de pagamento. A reprodução se interrompe porque o dinheiro em sua forma de pagamento atua apenas idealmente. Os fabricantes, comerciantes e banqueiros vão à falência. *“Isso nada mais é que o desenvolvimento da possibilidade da crise no caso do dinheiro como meio de pagamento, mas aí já vemos, na produção capitalista, uma conexão entre os créditos e obrigações recíprocas, entre as compras e vendas, quando a possibilidade pode converter-se em realidade”*.³⁵

Seja como for, não existe crise se compra e venda se mantém unidas, se entre elas não houver oposição mútua, não tendo por isso de se ajustarem à força, nem tampouco existe, se o dinheiro não exercer a função de meio de pagamento de modo que os créditos se liquidem, se não se realizar a contradição existente no dinheiro como meio de pagamento, portanto, se essas duas formas abstratas da crise não se efetivarem na realidade. *“Não pode haver crise sem compra e venda se desvincularem e entrarem em conflito, sem aparecerem as contradições contidas no dinheiro como meio de pagamento, isto é, sem a crise se patentear ao mesmo tempo na forma simples, na contradição entre compra e venda, na contradição do dinheiro como meio de pagamento”*.³⁷ A contradição contida na

³⁵ Ibid., p. 946. *“Diese Ineinanderverwachsung und Verschlingung der Reproduktions – oder Zirkulations – prozesse verschiedener Kapitalien ist einerseits durch die Teilung der Arbeit notwendig, anderseits zufällig, und so erweitert sich schon die Inhaltsbestimmung der Krise”*. MEW 26, p. 511.

³⁶ Ibid., p. 946. *“Es ist dies durchaus nichts als die beim Geld als Zahlungsmittel entwickelte Möglichkeit der Krise, aber wir sehn hier, in der kapitalistischen Produktion, schon einen Zusammenhang der wechselseitigen Schuldforderungen und Obligationen, der Käufe und Verkäufe, wo die Möglichkeit sich zur Wirklichkeit entwickeln kann”*. MEW 26, p. 512.

³⁷ Ibid., p. 947. *“Es kann keine Krise existieren, ohne daß Kauf und Verkauf sich voneinander trennen und in Widerspruch treten oder daß die im Geld als Zahlungsmittel enthaltenen Widersprüche erscheinen, ohne daß*

forma abstrata da crise, consiste no fato de que não existem crises sem a possibilidade formal contida na contradição entre mercadoria e dinheiro. Esta, contudo, é impotente para passar da mera possibilidade à realidade sem o impulso de um novo conteúdo. Mas, com o dinheiro atuando *in actu* apenas a *posteriori*, na forma de meio de pagamento, ocorre uma possibilidade de crise mais concreta que a anterior. *“Mas temos aí meras formas, possibilidades gerais das crises, por isso também formas, formas abstratas da crise real. Nelas aparece a existência da crise em suas formas mais simples e em seu conteúdo mais simples, até onde a própria forma é seu conteúdo mais simples. Mas ainda não é conteúdo com fundamento concretizado”*.³⁸

Se fosse possível a ocorrência de crises na forma de uma interrupção geral da reprodução, sustentada apenas na contradição simples entre mercadoria e dinheiro, as crises modernas e o colapso no fluxo das trocas deveriam ocorrer inclusive em épocas anteriores à época capitalista. *“A circulação simples do dinheiro e mesmo a circulação do dinheiro como meio de pagamento, e ambas já existiam muito antes da produção capitalista sem terem sucedido crises, podem realizar-se e se realizam sem crises. Assim, essas formas sozinhas não podem explicar por que desvelam sua face crítica, por que a contradição potencial nelas contida se patenteia contradição em ato”*.³⁹

A crise adquire um conteúdo bem mais concreto quando consideramos que o capital não constitui apenas um processo imediato de produção da mais-valia, mas, também, quando consideramos o fato de que, para que o processo de valorização do capital se complete é fundamental que a mercadoria seja vendida, que seu valor seja realizado, metamorfoseado em dinheiro. A possibilidade de dissociação entre estes dois processos, o de produção imediata da mais-valia e o da sua realização, constitui também um momento crítico para a reprodução e a instalação de uma crise, que surge para reunir ambos os

also die Krise zugleich in der einfachen Form – dem Widerspruch von Kauf und Verkauf, dem Widerspruch des Gelds als Zahlungsmittel – hervortritt”. MEW 26, p. 512.

³⁸ Ibid., p. 947. *“Aber dies sind auch bloße Formen – allgemeine Möglichkeiten der Krisen, daher auch Formen, abstrakte Formen der wirklichen Krise. In ihnen erscheint das Dasein der Krise als in ihren einfachsten Formen und insofern in ihrem einfachsten Inhalt, als diese Form selbst ihr einfachster Inhalt ist. Aber es ist noch kein begründeter Inhalt”*. MEW 26, p. 512/13.

³⁹ Ibid., p. 947. *“Die einfache Geldzirkulation und selbst zirkulation des Gelds als Zahlungsmittel - und beide kommen lange vor der kapitalistischen Produktion vor, ohne daß Krisen vorkämen – sind möglich und wirklich ohne krisen. Warum also diese Formen ihre kritische Seite herauskehren, warum der in ihnen potentia enthaltne Widerspruch actu als solcher erscheint, ist aus diesen Formen allein nicht zu erklären”*. MEW 26, p. 513.

processos que se autonomizaram. *“A dissociação entre o processo de produção (imediato) e o processo de circulação também evidencia e desenvolve mais a possibilidade da crise, a qual aparecia na mera metamorfose da mercadoria. Quando os dois processos não se convertem um no outro com fluidez, mas se afirmam independentes um do outro, sobrevém a crise”*.⁴⁰

Assim, o capital enquanto mercadoria e dinheiro, apresenta duas possibilidades gerais de crise, que se estabelecem de dois modos no próprio processo de sua metamorfose: *“No tocante ao dinheiro na função de meio de circulação, compra e venda podem dissociar-se; no tocante ao dinheiro na função de meio de pagamento, em dois papéis distintos, o de medida dos valores e o de realização do valor, esses dois papéis podem romper a conjunção que os liga”*.⁴¹

Se, devido a uma revolução geral nos preços, o valor de uma mercadoria vendida à prazo pelo fabricante a um determinado comerciante p.ex., tiver diminuído no intervalo do segundo ato da circulação, na venda do comerciante para o consumidor final, ela não valerá o que valia no momento em que o dinheiro serviu de medida dos valores. Deste modo, a obrigação do comerciante com o fabricante não poderá ser quitada com a venda da mercadoria e nem poderá saldar assim, toda a série das transações que retroativamente possam depender dessa única operação.

Se, ao contrário, não for possível vender a mercadoria ao menos num determinado período de tempo, num prazo médio e previamente estipulado, embora seu valor não tenha variado, o dinheiro também não poderá funcionar como meio de pagamento, uma vez que tem de servir como tal em prazo determinado, pressuposto, acertado anteriormente entre vendedor e comprador. Uma vez que aí a mesma soma de dinheiro funciona para uma série de transações e operações recíprocas, há insolvência não só num ponto, mas em muitos. Daí a crise.

⁴⁰ Ibid., p. 943. *“[Durch] das Auseinanderfallen des Produktionsprozesses (unmittelbaren) und Zirkulationsprozesses ist wieder und weiter entwickelt die Möglichkeit der Krise, die sich bei der bloßen Metamorphose der Ware zeigte. Sobald sie nicht flüssig ineinander übergehen, sondern sich gegeneinander verselbständigen, ist die Krise da”*. MEW 26, p. 508.

⁴¹ Ibid., p. 949. *“Die allgemeine Möglichkeit der Krisen in dem Prozeß der Metamorphose des Kapitals selbst gegeben und zwar doppelt, soweit das Geld als Zirkulationsmittel fungiert – Auseinanderfallen von Kauf und Verkauf. Soweit es als Zahlungsmittel fungiert, wo es in zwei verschiedenen Momenten wirkt, als Maß der Werte und als Realisierung des Werts. Diese beiden Momente fallen auseinander”*. MEW 26, p. 514.

*Estas são as possibilidades formais da crise. A primeira é possível sem a última — isto é, crises são possíveis sem crédito, sem o dinheiro funcionar como meio de pagamento. Mas a segunda não é possível sem a primeira, isto é, sem compra e venda se desconjuntarem. Mas no último caso dá-se a crise porque a mercadoria é invendável e ainda porque não é vendável em determinado espaço de tempo; a crise resulta, e deriva seu caráter, da impossibilidade de se vender a mercadoria e também da não realização de toda uma série de pagamentos que se apóiam na venda dessa determinada mercadoria nesse prazo determinado. Esta é a forma específica das crises monetárias.*⁴²

Por isso, não basta vender as mercadorias a seus valores reais, nem tampouco, realizar nela seus preços de produção. Se pressupormos o crédito comercial, o crédito concedido pelos capitalistas entre si, é fundamental vender as mercadorias a determinados prazos a fim de que a reprodução possa prosseguir regularmente, sempre nos mesmos intervalos de tempo, com o mesmo período de rotação do capital. Se a venda da mercadoria demora um tempo superior ao tempo médio esperado pelo capitalista, o reinício da reprodução se atrasa (abstraindo o recurso ao crédito), pois ela depende da forma fluída do dinheiro para que o capital-mercadoria se reconverta em capital-produtivo e percorra assim, sempre de novo, o movimento incessante de valorização do valor. As análises burguesas sobre a crise gostam de explicá-las a partir destas manifestações evidentes, através da corrida dos empresários aos bancos em busca de crédito, seja para quitar dívidas com fornecedores, seja para completar o volume de dinheiro necessário para a compra dos novos meios de produção e reiniciar os negócios.

Assim, a crise, se sobrevém porque compra e venda se desconjuntam, desenvolve-se como crise monetária, desde que o dinheiro se tenha desenvolvido como meio de pagamento, e essa segunda forma das crises fica em evidência logo que surge a

⁴² Ibid., p. 949/50. “Dieses sind die formellen Möglichkeiten der Krise. Die erstere möglich ohne die letztere — d.h. Krisen ohne Kredit, ohne daß das Geld als Zahlungsmittel funktioniert. Aber die zweite nicht möglich, ohne die erstere, d.h., daß Kauf und Verkauf auseinanderfallen. Aber im letzteren Fall die Krise nicht nur, weil Ware unverkäuflich, sondern weil sie nicht in bestimmtem Zeitraum verkäuflich, und die Krise entsteht und leitet ihren Charakter her nicht nur von der Unverkäuflichkeit der Ware, sondern der Nichtrealisierung einer

*primeira. Por isso, na pesquisa da razão por que a possibilidade geral da crise se torna realidade, na pesquisa das condições da crise é mera superfluidade tratar da forma das crises oriundas do desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento. Justamente por esse motivo gostam os economistas de apresentar essa forma evidente como causa da crise.*⁴³

Essa forma evidente da crise oriunda do crédito e do uso do dinheiro como meio de pagamento é ainda um momento da metamorfose formal do capital, é a crise em sua forma e expressão mais geral, ela não é ainda a causa da crise. *“A possibilidade geral das crises é a metamorfose formal do próprio capital, a dissociação da compra e venda no tempo e no espaço. Mas esse processo nunca é a causa da crise, pois é apenas a forma mais geral da crise, isto é, a própria crise em sua expressão mais geral. Não se pode dizer que a forma abstrata da crise é a causa da crise. Quem pergunta por sua causa, quer saber precisamente por que sua forma abstrata, a forma de sua possibilidade, passa da possibilidade para a realidade”.*⁴⁴

As condições gerais da crise devem ser explicadas a partir das determinações concretas da produção capitalista e não a partir de seus componentes formais. Por isso, pode surgir crise tanto na reconversão da mais-valia em capital produtivo quanto em virtude de variações no valor dos elementos do capital produtivo, em particular das matérias-primas.

Se em virtude de uma péssima colheita de algodão cair o volume produzido e subir o seu valor unitário, alterar-se-á assim, as proporções em que o dinheiro terá de se

ganzen Reihe von Zahlungen, die auf dem Verkauf dieser bestimmten Ware in dieser bestimmten Frist beruhen. Dies die eigentliche Form der Geldkrisen”. MEW 26, p. 515.

⁴³ Ibid., p. 950. *“Tritt also Krise ein, weil Kauf und Verkauf auseinanderfallen, so entwickelt sie sich als Geldkrise, sobald das Geld als Zahlungsmittel entwickelt ist, und diese zweite Form der Krisen versteht sich dann von selbst, sobald die erste eintritt. In der Untersuchung, warum die allgemeine Möglichkeit der Krise zur Wirklichkeit wird, der Untersuchung der Bedingungen der Krise ist es also gänzlich überflüssig, sich um die Form der Krisen, die aus der Entwicklung des Geldes als Zahlungsmittel entspringen, zu bekümmern. Grade deswegen lieben es die Ökonomen, diese selbstverständliche Form als Ursache der Krisen vorzuschützen”.* MEW 26, p. 515.

⁴⁴ Ibid., p. 950. *“Die allgemeine Möglichkeit der Krisen ist die formelle Metamorphose des Kapitals selbst, das zeitliche und räumliche Auseinanderfallen von Kauf und Verkauf. Aber dies ist nie die Ursache der Krise. Denn es ist nicht als die allgemeinste Form der Krise, also die Krise selbst in ihrem allgemeinsten Ausdruck. Man kann aber nicht sagen, daß die abstrakte Form der Krise die Ursache der Krise sei. Fragt man nach ihrer Ursache, so will man eben wissen, warum ihre abstrakte Form, die Form ihrer Möglichkeit, aus der Möglichkeit zur Wirklichkeit wird”.* MEW 26, p. 515.

reconverter nos diversos componentes do capital para continuar a produção na escala anterior. Ter-se-á de gastar mais em matéria-prima, restará menos para gastar com a contratação de operários e será então, impossível absorver a mesma massa anterior de trabalho vivo. Será fisicamente impossível repetir a produção na mesma escala por causa da escassez de matéria-prima e porque parte maior do capital tem de se transformar em matéria-prima e, portanto, fica menos para se converter em capital variável. Parte do capital fixo fica inativo e parte dos trabalhadores é despedido. Cai a taxa de lucro devido ao aumento do valor do capital constante em relação ao variável e ao mesmo tempo, parte das deduções fixas, como juro e renda fundiária, acertadas para taxa de lucro e exploração do trabalho invariáveis, não poderão ser pagas.

*Daí a crise. Crise de trabalho e crise de capital. Eis aí portanto transtorno do processo de reprodução por elevação do valor de parte do capital constante a ser reposta por segmento do valor do produto. Além disso, o produto encarece, embora caia a taxa de lucro. Se esse produto entra como meio de produção em outros ramos, esse encarecimento causa o mesmo transtorno na reprodução deles. Se entra como meio de subsistência no consumo geral, entrará também, ou não, no consumo do trabalhador. (...) Em todo caso caem o montante de lucro e o montante de salário naquele ramo e em consequência parte das rendas necessárias para haver a venda de mercadorias de outros ramos de produção.*⁴⁵

Mas essa queda absoluta na oferta de matéria-prima pode surgir também de forma relativa, sem haver influência das estações do ano ou da produtividade natural do trabalho que fornece a matéria-prima. Basta supormos que se despenda parte excessiva da mais-valia desse ramo em maquinaria e que as matérias-primas, embora bastem para a escala anterior de produção, serão insuficientes para a escala nova.

⁴⁵ Ibid., p. 951. “Daher Krise. Arbeitskrise und Kapitalkrise. Es ist dies also Störung des Reproduktionsprozesses durch Werterhöhung des einen aus dem Wert des Produkts zu ersetzenden Teils des konstanten Kapitals. Es findet ferner, obgleich die Profitrate abnimmt, Verteuerung des Produkts statt. Geht dieses Produkt als Produktionsmittel in andre Produktionssphären ein, so bewirkt seine Verteuerung hier dasselbe derangement in der Reproduktion. Geht es als Lebensmittel in die allgemeine Konsumtion, so entweder zugleich in die der Arbeiter oder nicht”. MEW 26, p. 516.

Isso decorre do caráter anárquico e privado do capital que se distribui de maneira desproporcionada em seus elementos diversos. É um caso de superprodução de capital fixo e queda relativa do capital circulante. Por isso, *“uma vez que o capital fixo, como o circulante, consiste em mercadorias, nada mais ridículo que admitirem a superprodução de capital fixo, os mesmos economistas que negam a superprodução de mercadorias”*.⁴⁶

⁴⁶ Ibid., p. 952. *“Da das fixe Kapital, wie das zirkulierende, aus Waren besteht, so nichts lächerlicher, als daß dieselben Ökonomen die Überproduktion von Waren leugnen, die die Überproduktion von fixem Kapital zugeben”*. MEW 26, p. 517.

III AS POSSIBILIDADES CONCRETAS PARA A ECLOSÃO DA CRISE

Os pressupostos da possibilidade formal da crise possuem suas origens na esfera da circulação simples de mercadorias, numa esfera e forma, portanto, em que tanto o crédito comercial quanto o bancário, assim como as condições reais da produção capitalista estão abstraídas. Ela apresenta simplesmente os elementos mais simples e, portanto, mais abstratos da crise. Não é possível a ocorrência de crises sem esta forma abstrata, porém, pelo contrário, estas formas sozinhas e suas contradições são incapazes de gerarem e explicarem as crises numa sociedade desenvolvida como a capitalista. Ela constitui apenas a crise em sua forma potencial. Ela encerra em si mesma a possibilidade potencial da crise, mas não a própria crise, *“a crise real só pode configurar-se a partir do movimento real da produção capitalista, da concorrência e do crédito, enquanto provém das determinações de forma próprias do capital, as quais lhe são peculiares e não se encerram em sua mera existência de mercadoria e de dinheiro”*.⁴⁷

As crises capitalistas só podem ser explicadas a partir da análise da produção capitalista plenamente desenvolvida. Pressuposta a produção capitalista desenvolvida, temos que considerar que ela constitui-se numa complexa rede de contradições que explodem nas crises impulsionadas pelo movimento desenfreado do capital para valorizar o valor, pela luta entre as classes e pela concorrência intercapitalista.

⁴⁷ Ibid., p. 948. *“... die reale Krisis kann nur aus der realen Bewegung der Kapitalistischen, Konkurrenz und Kredit, dargestellt werden – zu verfolgen, soweit sie aus den Formbestimmungen des Kapitals hervorgeht, die ihm als Kapital eigentümlich und nicht in seinen bloßen Dasein als Ware und Geld eingeschlossen sind”*. MEW 26, p. 513.

*As crises do mercado mundial têm de ser concebidas como a convergência real e o ajuste à força de todas as contradições da economia burguesa. Os diversos fatores que convergem nessas crises têm portanto, de ser destacados e descritos em toda esfera da economia burguesa, e, quanto mais nesta nos aprofundarmos, têm de ser detectadas novas características desse conflito, e ainda é mister demonstrar que as formas mais abstratas dele são interativas e se contêm nas mais concretas.*⁴⁸

Aqui é fundamental destacar que Marx concebe as crises em primeiro lugar, como a convergência e ajuste a força de todas as contradições da economia burguesa e não somente de algumas delas em separado. Ele as concebe como a convergência de pólos contraditórios como produção e consumo, oferta e demanda, trabalho morto e trabalho vivo, valor de uso e de troca etc., que tendem a se afastar entre si no curso da acumulação e que devem ser religados forçosamente durante a crise. Em segundo lugar, estas contradições devem ser buscadas em todas as esferas da economia burguesa e não em algumas delas em separado. Devem ser buscadas na contradição que existe entre as esferas da produção, distribuição, troca e consumo e não apenas em algumas dessas esferas em particular. Devem ainda ser buscadas na esfera da concorrência intersetorial e, principalmente, na esfera da concorrência do mercado mundial.

É fundamental descrever ainda as crises como a manifestação externa das contradições latentes nas formas mais abstratas e menos evidentes do capital, como as contradições guardadas na forma de gérmen no interior da mercadoria. O desenvolvimento da crise e suas manifestações mais concretas como a superprodução, a queda nas taxas de lucro, a disjunção entre oferta e demanda etc, devem ser compreendidas como formas de manifestação exteriores das contradições mais simples contidas no interior da mercadoria, como as contradições entre valor de uso e valor, trabalho concreto e abstrato, trabalho privado e social etc. Assim como a mercadoria guarda em forma de gérmen, em forma de latência e potência todas as contradições do processo de valorização, as formas mais

⁴⁸ Ibid., p. 945. *“Die Weltmarktkrisen müssen als die reale Zusammenfassung und gewaltsame Ausgleichung aller Widersprüche der bürgerlichen Ökonomie gefaßt werden. Die einzelnen Momente, die sich also in diesen Krisen zusammenfassen, müssen also in jeder Sphäre der bürgerlichen Ökonomie hervortreten und entwickelt werden, und je weiter wir in ihr vordringen, müssen einerseits neue Bestimmungen dieses Widerstreits entwickelt, anderseits die abstrakten Formen desselben als wiederkehrende und enthalten in den konkreten nachgewiesen werden”*. MEW 26, p. 510/11.

abstratas da crise expressas nas contradições entre mercadoria e dinheiro guardam da mesma maneira em forma de gérmen, todas as contradições e possibilidades mais concretas da crise como a disjunção entre oferta e demanda, produção e consumo, processo de produção e de realização da mais-valia etc.

Por isso, parece ficar-nos cada vez mais evidente, o erro da maioria dos teóricos das crises que procuram encontrar numa contradição específica, a chave para a explicação do fenómeno mais complexo da produção capitalista que é o processo de crise. Fica-nos cada vez mais evidente, que este fenómeno só pode ser compreendido na medida em que cada manifestação particular dele, como o subconsumo, as desproporções, a superprodução etc, manifestam externamente sob formas diferentes, as contradições mais simples contidas potencialmente no interior de cada mercadoria.

Para Marx, o simples processo de produção imediato do capital considerado em si mesmo, abstraído, portanto, das mediações contidas na esfera da circulação, é insuficiente para evidenciar por si só, as bases das crises. *“Considerado em si, está contido no processo de produção [um novo elemento de crise J.A], porque este se apropria de mais-valia e por isso a produz. Mas este fato não pode evidenciar-se no próprio processo de produção, pois neste não cabe a realização do valor reproduzido nem da mais-valia. Essa realização só pode aparecer no processo de circulação, que em si é ao mesmo tempo processo de reprodução”*.⁴⁹ O processo de produção imediato gera o valor mas, porém, não realiza sua conversão em valor em troca, esta conversão só pode ser realizada na esfera da circulação. O processo imediato de produção da mais-valia gera em seu próprio interior os elementos fundamentais da crise, porém, será apenas na esfera da circulação que estes fundamentos se evidenciarão plenamente, quando as mercadorias produzidas em excesso não encontrarem os possuidores de dinheiro dispostos a realizarem seu valor.

É fundamental, portanto, termos em mente que o processo de produção capitalista, por ater-se exclusivamente à produção de artigos sob a forma de mercadorias, não se constitui apenas no processo de produção destes artigos mas, também, no da circulação e realização destas mercadorias. Assim, a unidade fluída destes dois processos constitui uma

⁴⁹ Ibid., p. 948. *“An sich ist es in ihm enthalten, weil der Produktionsprozeß Aneignung und daher Produktion von Mehrwert. Aber in dem Produktionsprozeß selbst kann dies nicht erscheinen, weil in ihm nicht die Rede von der Realisierung des nicht nur reproduzierten Werts, sondern Merhwerts. Hervortreten kann die Sache erst im Zirkulationsprozeß, der an und für sich zugleich Reproduktionsprozeß”*. MEW 26, p. 513.

totalidade que Marx conceitua como o processo de valorização do capital: *“o processo global de circulação ou o processo global de reprodução do capital é a unidade de sua fase de produção e de sua fase de circulação, um processo que abrange dois processos como fases suas. Aí reside nova possibilidade desenvolvida ou forma abstrata da crise”*.⁵⁰

Por constituir-se o processo global de reprodução do capital na unidade de dois processos reciprocamente autônomos, o da produção e o da circulação; por não haver reprodução do capital sem a conversão do capital-mercadoria em capital-dinheiro e este novamente em capital-produtivo; porque estes processos, apesar de constituírem-se em elementos reciprocamente autônomos, só podem garantir sua existência na medida em que mantenham entre si, contraditoriamente, uma dependência recíproca; toda vez que a dissociação dos pólos impõe-se prolongadamente sobre a unidade deve sobrevir uma crise para religá-los. *“Por isso, os economistas que negam a crise insistem na unidade dessas duas fases. Se elas, sem serem uma unidade, fossem apenas separadas, seria impossível justamente uma restauração violenta de sua unidade, ou seja, uma crise. Se fossem apenas uma unidade, sem estarem separadas, não haveria a eventualidade de as dissociar à força, o que também é crise. Esta é a restauração violenta da unidade entre elementos guindados à independência e a afirmação violenta de independência de elementos que na essência formam uma unidade”*.⁵¹

3.1. CONTRADIÇÃO ENTRE PRODUÇÃO E CONSUMO NAS CONDIÇÕES DO CAPITALISMO

Se concebermos, como os partidários da Lei de Say, a sociedade capitalista como uma produtora simples de mercadorias, então, entre produtores e consumidores haverá sempre, apenas unidade. Os produtores serão ao mesmo tempo consumidores de uma parte

⁵⁰ Ibid., p. 948. *“Der Gesamt-Zirkulationsprozeß oder der Gesamt-Reproduktionsprozeß des Kapitals ist die Einheit seiner Produktionsphase und seiner Zirkulationsphase, ein Prozeß, der durch die beiden Prozesse als seine Phasen verläuft. Darin liegt eine weiter entwickelte Möglichkeit oder abstrakte Form der Krise”*. MEW 26, p. 514.

⁵¹ Ibid., p. 948/49. *“Die Ökonomen, die die Krise wegleugnen, halten daher nur an der Einheit dieser beiden Phasen fest. Wären sie nur getrennt, ohne eins zu sein, so wäre grade keine gewaltsame Herstellung ihrer Einheit möglich, keine Krise. Wären sie nur eins, ohne getrennt zu sein, so wäre keine gewaltsame Trennung*

de seus produtos e consumidores de parte do produto social. Na medida em que Ricardo, seguindo o postulado de Say, considera as diferenças existentes entre os produtores diretos da era pré-capitalista e o proletariado assalariado da era capitalista como diferenças meramente formais, ele considera, ao mesmo tempo, a oposição entre produção e consumo como oposição meramente formal, acredita que a unidade entre produção e consumo presente na indústria doméstica do campo e no regime das corporações de ofício urbanas do feudalismo inglês, se conserva ainda com o regime de assalariamento geral do capitalismo.

O trabalhador assalariado sob a ótica de Marx, porém, só pode constituir membro da demanda solvente quando se encontra como comprador de mercadorias que entram no seu consumo individual. Esse fato, por si só, já impede que a maior parte da população, os produtores diretos, os próprios trabalhadores assalariados, exerçam na sociedade capitalista a função de consumidores, de compradores diretos, imediatos, da maior parte das mercadorias que circulam no mercado. O proletário não compra ele próprio as matérias-primas e os meios de trabalho que irá utilizar no processo de trabalho, no mercado ele aparece apenas como comprador de meios de subsistência, de mercadorias que entram de imediato no seu consumo individual. Sob o capitalismo a compra de meios de produção não é realizada diretamente pelos próprios produtores assalariados mas, sim, por intermédio do capitalista.

Aí se evidencia a ambigüidade da palavra consumidor e a falsidade de identificá-la com a palavra comprador. Do ponto de vista do processo produtivo, são a rigor os trabalhadores que consomem a maquinaria e a matéria-prima. São eles que as desgastam e as transformam em novos valores de uso. Mas, porém, não a gastam para si, nem tampouco são os reais compradores delas no mercado. Quem as compra é o capitalista. Se os próprios produtores comprassem seus meios de trabalho então, não haveria possibilidade de utilizá-los como capital, já que os trabalhadores não teriam interesse em auto-explorar-se. Para os trabalhadores, os meios de produção capitalista não são valores de uso nem mercadorias, mas sim, capital, instrumentos por meio dos quais o capitalista enriquece explorando suas energias durante o processo de produção.

*Por isso, nada mais ridículo que falar de identidade entre produtores e consumidores, uma vez que, para grande número de ramos, para todos os que não fornecem artigos de consumo imediato, os que participam da produção estão, em regra, absolutamente excluídos da compra de seus próprios produtos. Nunca são de imediato consumidores ou compradores dessa grande parte de seus próprios produtos, embora paguem parte do valor deles nos artigos de consumo que compram.*⁵²

Se tal identidade entre produtores e consumidores existisse realmente, o processo de produção capitalista seria de fato um processo simples de formação do valor, a jornada de trabalho se estenderia somente até onde se estende a jornada de trabalho paga, o produtor não produziria um excedente em trabalho e, portanto, também não produziria mais-valia e não valorizaria nenhum capital. Teria apenas que vender ele próprio, sem intermediários, um volume de mercadorias que reproduzisse o valor por ele adiantado à produção, o valor dos meios de trabalho e do material de trabalho mais seu salário. O trabalhador necessitaria de um mercado que absorvesse somente esta massa de mercadorias. Como, porém, a produção capitalista de mercadorias consiste essencialmente na produção de excedentes que ultrapassam largamente as necessidades dos produtores diretos, o empregador capitalista precisa de um mercado sempre maior que o necessário para os verdadeiros produtores, caso estes fosse proprietários diretos dos meios de produção.

Como no regime do capital, os produtores diretos estão alienados de sua produção, esta, agora, é propriedade do capitalista, é falsa também a idéia de que no capitalismo haja, como na produção simples de mercadorias, unidade entre produtores e vendedores. Agora, como quem compra os meios de trabalho não é o mesmo que os consome na produção, também o que vende o resultado da produção não é o que a produz. Aqui se evidencia também, o erro de acreditar que sob o capitalismo haja, além da unidade entre compradores e consumidores, a unidade entre produtores e vendedores. O capitalista, além das funções

⁵² Ibid., p. 953. "Daher nichts lächerlicher als von Identität von Produzenten und Konsumenten zu sprechen, da für eine außerordentlich große Masse von trades – für alle, die nicht unmittelbare Konsumtionsartikel liefern - die Masse der bei der Produktion Beteiligten absolut von dem Kauf ihrer eignen Produkte ausgeschlossen sind. Sie sind nie unmittelbar Konsumenten oder Käufer dieses großen Teils ihrer eignen Produkte, obgleich sie Teil des Werts derselben zahlen in den Konsumtionsartikeln, die sie kaufen". MEW 26, p. 518.

de organizar, dirigir e desfrutar do processo de exploração, reúne em suas mãos, também, as funções de comprador e vendedor. Por estar alienado de todas estas funções, ao proletariado não resta (apesar da apologia vulgar, que na esfera da circulação apresenta o capitalista industrial frente ao comerciante, também como “produtor”), a tarefa do trabalho diretamente produtivo.

Aqui se evidencia, portanto, que as contradições da esfera da circulação emanam da própria existência da relação de trabalho assalariada. Que os problemas de mercado enfrentados diariamente pelos capitalistas em geral, emanam já da própria existência do trabalho assalariado, da propriedade privada dos meios de produção, da contradição entre jornada de trabalho necessária e excedente, entre trabalho pago e não-pago e, portanto, da própria relação capitalista de produção. O mistério da falta de mercados enfrentada diariamente pela sociedade burguesa, tem sua fonte mais íntima e fundamental já na simples existência da relação de trabalho assalariada. *“Para negar as crises, nada portanto mais absurdo que afirmar que consumidores (compradores) e produtores (vendedores) são idênticos na produção capitalista. Estão por completo separados.(...) Também é falso afirmar que os consumidores são produtores. O dono da terra (a renda fundiária) não produz, contudo consome. O mesmo se dá com todos os intermediários financeiros”*.⁵³

Enquanto o trabalhador cria para o capitalista um excedente na forma de mais-valia, recebe deste um equivalente suficiente para dirigir-se ao mercado e ali, comprar os meios de subsistência necessários à sua manutenção e à reprodução de sua família. Se, porém, por motivos que lhe escapam ao controle, produzir apenas seu equivalente e não produzir nenhuma mais-valia, não recebe nenhum direito ao consumo. O trabalhador, enquanto produtor direto, recebe o direito de comprar e consumir diretamente o equivalente do seu salário, apenas quando produz para o capital uma massa de mais-valia que valorize o capital nas condições médias exigidas.

Como, porém, ao produzir mais-valia, produz um excedente que dele se separa e se fixa nas mãos do capitalista, em relação à massa de produtos por ele produzido, o trabalhador é efetivamente um subconsumidor. Primeiro, porque parte deste excedente será

⁵³ Ibid., p. 953. *“Also nichts abgeschmackter, um die Krisen wegzuleugnen, als die Behauptung, daß Konsumenten (Käufer) und Produzenten (Verkäufer) in der kapitalistischen Produktion identisch. Sie fallen ganz auseinander. (...) Es ist ebenso umgekehrt falsch, daß die Konsumenten Produzenten. Der landlord (die*

consumida pela família do capitalista na forma de renda. Segundo, porque (pressuposta a reprodução ampliada), parte será destinada à ampliação da escala da produção e, portanto, à ampliação da contradição entre produção e consumo direto. Terceiro, porque se fosse um produtor independente, produziria apenas o suficiente para suas necessidades. Isto não significa que nestas condições não deva produzir um excedente não imediatamente consumível, que não deva produzir um excedente a ser usado na forma de fundo de reserva para o futuro. Tampouco, se deve admitir que para abolir a contradição entre produção e consumo em bases capitalistas, o produtor deva, por direito, ser proprietário e consumidor direto de todo o produto de seu trabalho. Parte da produção social, independente do tipo de sociedade a considerarmos, sempre seguirá um destino que escapa diretamente das mãos do produtor individual para ser utilizado socialmente.⁵⁴

A mera relação entre assalariado e capitalista compreende em primeiro lugar *“que a maioria dos produtores (os trabalhadores) não são consumidores (compradores) de parte bem grande de seu produto, a saber, os meios de trabalho e os materiais de trabalho”*. A simples relação de trabalho entre o proletariado assalariado de um lado e o capitalista de outro, já evidencia claramente, sem os mistérios e feitiços emanados da circulação, que a contradição entre produção e consumo emana já da própria relação burguesa de produção contida no interior do processo de produção da mais-valia. Em segundo lugar, essa relação compreende *“que a maioria dos produtores, os trabalhadores, só podem consumir equivalente a seu produto enquanto produzam mais que esse equivalente — o valor excedente ou o produto excedente. Têm de ser sempre produtores excedentes, de produzir acima de suas necessidades, para poderem ser consumidores ou compradores dentro dos limites delas. Para essa classe de produtores, portanto, a unidade entre produção e consumo se revela falsa logo à primeira vista”*.⁵⁵ E aí surge, já na própria contradição

Grundrente) produziert nicht, und doch konsumiert er. Ebenso verhält es sich mit dem ganzen monied interest”. MEW 26, p. 519.

⁵⁴ Em *Crítica ao Programa de Gotha* (Marx & Engels, *Obras Escolhidas*, vol. 2, p. 214/215) Marx descreve pelo menos seis destinos diferentes do excedente do trabalho que formariam os seguintes fundos: 1) fundo de reposição dos meios de produção consumidos, 2) fundo de acumulação para a ampliação da produção, 3) fundo de reserva para o futuro e seguro contra acidentes naturais, 4) fundo para cobertura de despesas gerais de administração, 5) fundo de investimento em obras e serviços de uso coletivo e 6) fundo beneficente para os incapazes de trabalharem.

⁵⁵ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 954. *“1) daß der größte Teil der Produzenten (die Arbeiter) Nichtkonsumenten (Nichtkäufer) eines sehr großen Teils ihres Produkts sind, nämlich der Arbeitsmittel und des Arbeitsmaterials; 2) daß der größte Teil der Produzenten, die Arbeiter, nur ein Äquivalent für ihr Produkt Konsumieren können, solange sie mehr als dies Äquivalent – die surplus value oder*

vivida pelo produtor assalariado, contradição entre produção e consumo, a crise em toda sua potencialidade.

Os trabalhadores assalariados só podem de fato constituir parte da demanda solvente, na medida em que constituam parte do exército de trabalhadores ativamente empregados, na medida em que produzam efetivamente uma massa de trabalho excedente capaz de, sob as condições médias exigidas, saciar a voracidade do capital por mais sobre-trabalho. Como a formação de uma massa de proletários excedente, desempregada e integrante do exército industrial de reserva, tanto ativo como estagnado, é parte integrante do processo de expansão da riqueza, formando-se a partir da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto da maquinaria e, portanto, pela substituição do consumo pessoal pelo produtivo, essa massa humana excluída das relações de consumo em base capitalista, só pode aprofundar a contradição entre produção e consumo.

Quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais se aprofunda essa contradição e com ela, a possibilidade do mais-produto carecer de compradores. Quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais se desenvolve o espírito capitalista por mais sobre-trabalho e assim, a contradição entre produção e consumo encontra uma base sólida para se expandir, emanando da própria relação de trabalho capitalista, da oposição entre trabalho vivo e trabalho morto, entre jornada de trabalho necessária e excedente, entre trabalho pago e não-pago, enfim, da oposição entre os produtores assalariados e os proprietários capitalistas dos meios e condições do processo de trabalho. Se não houvesse esta oposição não haveria contradição entre produção e consumo. É verdade porém, que

... o capital não inventou o mais trabalho. Onde quer que parte da sociedade possua o monopólio dos meios de produção, o trabalhador, livre ou não, tem de adicionar ao tempo de trabalho necessário à sua autoconservação um tempo de trabalho excedente destinado a produzir os meios de subsistência para o proprietário dos meios de produção, seja esse proprietário cidadão romano ateniense, teocrata

surplus produce – produzieren. Sie müssen stets Überproduzenten sein, über ihr Bedürfnis hinaus produzieren, um innerhalb der Schranken ihres Bedürfnisses Konsumenten oder Käufer sein zu können. Bei dieser Klasse der Produzenten tritt also die Einheit zwischen Produktion und Konsumtion jedenfalls als falsch prima facie hervor”. MEW 26, p. 520.

*etrusco, civis romanus, barão normando, escravocrata americano, boiardo da Valáquia, landlord moderno ou capitalista.*⁵⁶

Assim como em todas as sociedades de classe a classe dominada deve realizar para a classe dominante uma jornada de trabalho excedente às suas necessidades imediatas, também no capitalismo o operário deve realizar gratuitamente para o capital uma jornada excedente. Nas sociedades de classes pré-capitalistas, onde predominava o valor de uso, essa jornada gratuita destinava-se, em parte, à produção de meios de subsistência para o consumo da classe dominante ou, em parte, para a construção de obras públicas, de cunho produtivo ou não, para obras de arte, serviços de guerra etc., a jornada gratuita tendia, portanto, a estender-se apenas até os limites da satisfação dessas necessidades. No capitalismo, pelo contrário, a jornada gratuita excedente tende a ampliar-se não mais para atender as necessidades de consumo da classe dominante, não mais para ampliar o sobre-trabalho na forma de produtos ou serviços, mas sim, para saciar a voracidade do capital por sobre-trabalho em geral na forma de mais-valia. Como a sede do capital por mais-valia é insaciável, ele tende a transformar todo o tempo de vida do trabalhador em tempo para o trabalho.

No Livro I de *O Capital*, Marx demonstra que o limite mínimo para uma jornada de trabalho é a jornada necessária para que o trabalhador reproduza seu próprio valor e que o limite máximo é constituído duplamente: pela limitação física da força de trabalho, que precisa de uma parte do dia para repousar e repor a energia gasta no trabalho, e por limites morais e sociais, pois o trabalhador precisa de uma parte do dia e da semana para satisfazer suas necessidades espirituais e sociais, cuja extensão está determinada pelo nível geral de cultura da sociedade em que vive.

Para o capital, porém, o que é uma jornada de trabalho? Qual sua extensão? O capital possui seu próprio conceito sobre quanto deve durar uma jornada de trabalho: por um lado, a jornada de trabalho necessária, paga, deve ser a mais curta possível e, para isto,

⁵⁶ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. I, p. 181. “*Das Kapital hat die Mehrarbeit nicht erfunden. Überall, wo ein Teil der Gesellschaft das Monopol der Produktionsmittel besitzt, muß der Arbeiter, frei oder unfrei, der zu seiner Selbsterhaltung notwendigen Arbeitszeit überschüssige Arbeitszeit zusetzen, und die Lebensmittel für den Eigner der Produktionsmittel zu produzieren, sei dieser Eigentümer nun atheniensischer Aristokrat, etruskischer Theokrat, civis romanus, normännischer Baron, amerikanischer Sklavenhalter, walachischer Bojar, moderner Landlord oder Kapitalist*”. MEW 23, p. 249/50.

ele não se importará em manter seu hospedeiro vivendo na indigência. Por outro lado, a jornada de trabalho excedente, não paga, gratuita, deve ser a mais extensa possível e, para isto, não se importará em descarregar sobre o trabalhador a maior carga possível de sobre-trabalho. *“O capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou”*.⁵⁷ Na história do desenvolvimento capitalista, somente a luta de classes organizada do proletariado, por meio da luta em torno a uma jornada de trabalho regulamentada, foi capaz de impor limites, mas nunca de abolir, o impulso imanente, desmedido e irracional do capital por mais sobretrabalho.

A necessidade de mais-trabalho e de uma jornada de trabalho excedente, seja na forma absoluta ou relativa, extensa ou intensa, é uma necessidade imanente ao capital, é uma necessidade que brota naturalmente das relações de produção capitalistas, uma relação de produção dividida em classes antagônicas que se distingue das sociedades de classe pré-capitalistas porque nestas, o impulso por sobre-trabalho encontrava limites na própria satisfação das necessidades da classe dominante. Nestas sociedades, na medida em que o estômago e as fantasias da classe dominante eram saciados, na medida em que a classe dominante saciava-se no consumo, refreava-se todo impulso ao sobre-trabalho que emanassem do próprio modo de produção.

É claro, entretanto, que se numa formação sócio-econômica predomina não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, o mais-trabalho é limitado por um círculo mais estreito ou mais amplo de necessidades, ao passo que não se origina nenhuma necessidade ilimitada por mais-trabalho do próprio caráter da produção. O sobretrabalho mostra-se tenebrosamente na Antiguidade, por conseguinte, onde se

⁵⁷ Ibid., p. 179/80. *“Das Kapital hat aber einen einzigen Lebenstrieb, den Trieb, sich zu verwerten, Mehrwert zu schaffen, mit seinem konstanten Teil, den Produktionsmitteln, die größtmögliche Masse Mehrarbeit einzusaugen. Das Kapital ist verstorbne Arbeit, die sich nur vampyrmäßig belebt durch Einsaugung lebendiger Arbeit und um so mehr lebt, je mehr sie davon einsaugt. Die Zeit, während deren der Arbeiter arbeitet, ist die Zeit, während deren der Kapitalist die von ihm gekaufte Arbeitskraft konsumiert”*. MEW 23, p. 247.

*trata de ganhar o valor de troca em sua figura autônoma de dinheiro, na produção de ouro e prata. Trabalho forçado até a morte é aqui a forma oficial de sobretrabalho.*⁵⁸

Na sociedade capitalista, porém, como não é a satisfação destas necessidades que regula a extensão do sobretrabalho; como não é na esfera do consumo que o capitalista alcança a satisfação; como o capitalista alcança a satisfação unicamente na esfera da acumulação vendo seu capital crescer; como o capital só pode se acumular transformando-se incessantemente nas formas de capital-produtivo, capital-mercadoria e capital-dinheiro; como é este movimento, e não mais o estômago e as fantasias que dominam a consciência do capitalista, todo tempo de vida do trabalhador tende a se tornar tempo de vida para o capital, tempo de vida para ampliar o sobretrabalho e a contradição entre produção e consumo imediato.

As crises na forma como a conhecemos modernamente, como uma interrupção brusca e geral da reprodução, é um fenômeno recente na história humana, é um fenômeno que surge com o capitalismo. Nas sociedades antigas, ou *“em condições em que os seres humanos produzem para si mesmos, não há na realidade crises, mas tampouco há produção capitalista. Nunca ouvimos dizer que os antigos, com sua produção escravista, conhecessem jamais crises, embora, entre eles, também falissem produtores isolados”*.⁵⁹ Crises na forma de superprodução generalizada de mercadorias, não poderiam jamais ocorrer em regimes arcaicos como o escravista ou o feudal, pois, nestes, o móvel da produção era de fato o valor de uso, o atendimento das necessidades humanas mais imediatas e não o valor de troca com seus impulsos desmedidos e irracionais. Ao contrário do antigo escravocrata, do senhor feudal ou mestre-artesão, que tinham na exploração do trabalho alheio a intenção de prover seu consumo pessoal, *“a intenção imediata do*

⁵⁸ Ibid., p. 181. *“Indes ist klar, daß, wenn in einer ökonomischen Gesellschaftsformation nicht der Tauschwert, sondern der Gebrauchswert des Produkts vorwiegt, die Mehrarbeit durch einen engern oder weitem Kreis von Bedürfnissen beschränkt ist, aber kein schrankenloses Bedürfnis nach Mehrarbeit aus dem Charakter der Produktion selbst entspringt. Entsetzlich zeigt sich daher im Altertum die Überarbeit, wo es gilt, den Tauschwert in seiner selbstständigen Geldgestalt zu gewinnen, in der Produktion von Gold und Silber. Gewaltiges zu Tod arbeiten ist hier die offizielle Form der Überarbeit”*. MEW 23, p. 250.

⁵⁹ Ibid., p. 938. *“In Zuständen, wo Männer für sich selbst produzieren, gibt es in der Tat keine Krisen, aber auch keine kapitalistische Produktion. Wir haben auch nie gehört, daß die Alten mit ihrer Sklavenproduktion jemals Krisen kannten, obgleich einzelne Produzenten, auch unter den Alten, bankrott machten”*. MEW 26, p. 502.

capitalista ao vender é reconverter sua mercadoria ou melhor seu capital-mercadoria em capital-dinheiro e assim realizar seu lucro. [Para o capitalista o consumo J.A] (...) não é absolutamente o elemento orientador do processo, embora o seja, sem dúvida, para quem vende mercadorias apenas para convertê-las em meios de subsistência. Mas isso não é a produção capitalista, onde a renda (revenue) se patenteia resultado e não objetivo determinante. (...) Antes de mais nada, o objetivo da produção capitalista não é apossar-se de outros bens, e sim apropriar-se de valor, de dinheiro, de riqueza abstrata".⁶⁰

Como não é a satisfação das necessidades humanas o objetivo do capitalista, mas sim, a valorização do valor em escala sempre mais ampliada, também não está no horizonte do capital limitar a jornada de trabalho e a produção às necessidades dos produtores diretos. Se assim fosse, produção e consumo constituiriam unicamente uma unidade e nunca uma contradição. Se assim fosse, a produção, desde que houvesse as condições materiais para tal, corresponderia sempre ao tamanho da demanda. A satisfação das necessidades dos produtores constituiria o limite da produção. Não se produziria além desse limite e toda produção teria mercado. Como a produção sob a forma capitalista rege-se por outros motivos e a escala da produção não está determinada pelo produtor direto, mas pelo capital, a unidade entre produção e consumo deixa de existir para dar lugar à contradição. E esta contradição expressa a contradição entre as classes, a oposição entre trabalho assalariado e capital.

Desta forma, parece tornar-se compreensível que para Marx, *"a razão última de todas as crises reais é sempre a pobreza e a restrição ao consumo das massas em face do impulso da produção capitalista a desenvolver as forças produtivas como se apenas a capacidade absoluta de consumo da sociedade constituísse seu limite".⁶¹* Como sob o capital, uma imensa parte da população está definitivamente excluída do consumo da

⁶⁰ Ibid., p. 938/39. *"Die nächste Absicht des Kapitalisten beim Verkaufen ist, seine Ware oder vielmehr sein Warenkapital wieder in Geldkapital zu verwandeln und seinen Gewinn damit zu realisieren. Der Konsum – die Revenue – ist dabei durchaus nicht Leitpunkt für diesen Prozeß, was sie allerdings für den ist, der bloß Waren verkauft, um sie in Lebensmittel zu verwandeln. Dies ist aber nicht die kapitalistische Produktion, bei der die Revenue als Resultat, nicht als bestimmender Zweck erscheint. (...) 'The possession of other goods' ist zunächst nicht der Zweck der kapitalistischen Produktion, sondern die Appropriation of value, of money, of abstract wealth".* MEW 26, p. 503/04.

⁶¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. V, p. 17. *"Der letzte Grund aller wirklichen Krisen bleibt immer die Armut und Konsumtionsbeschränkung der Massen gegenüber dem Trieb der kapitalistischen Produktion, die Produktivkräfte so zu entwickeln, als ob nur die absolute Konsumtionsfähigkeit der Gesellschaft ihre Grenze bilde".* MEW, 25, p. 501.

riqueza e como a parte assalariada só pode consumir o equivalente a seu valor, os impulsos da acumulação irracional do capital devem chocar-se, em algum ponto do processo, com a pobreza e a restrição geral ao consumo em que vive a imensa massa da população. Como os capitalistas organizam a produção na expectativa de que a massa inteira da sociedade consuma seus produtos e como a capacidade de consumo desta massa está definitivamente limitada pelas próprias relações de produção, o choque cíclico entre produção e consumo torna-se inevitável.

A idéia de que a contradição entre produção e consumo, oriunda da contradição entre trabalho necessário e trabalho excedente, constitui um elemento fundamental para a eclosão das crises, nem sempre recebeu por parte dos marxistas a mesma importância considerada por Marx. De fato, a escala da produção capitalista não se efetua levando em consideração os limites do mercado, só as condições de produção já existentes e o ímpeto burguês por mais-valia limitam o volume da produção. Mas daí, não podemos tirar as conclusões do jovem Lênin, que acreditava que a contradição entre produção e consumo na base do capitalismo, não desempenhava nenhum papel importante nas crises. Lênin, em luta contra o populismo russo que acreditava ser impossível um desenvolvimento capitalista na Rússia, e também influenciado pelas concepções de Tugán, imagina que as crises surgem unicamente da desproporção intersetorial.⁶²

Na concepção de Tugán-Baranovski⁶³, o consumo do operário não se distinguia do consumo da máquina, do escravo ou de um cavalo, pois, estes, constituem todos igualmente

⁶² A contradição entre produção e consumo segundo Lênin, deve ser considerada “um fato secundário que concerne a um setor da produção capitalista... esse fato não pode explicar as crises, posto que estas são provocadas por uma contradição mais profunda e fundamental do atual sistema econômico: a que existe entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação [isto é, da anarquia e da ausência de planejamento na produção social J.A]”. Vladimir I. LÊNIN, *Para Una Caracterización del Romanticismo Económico*, in: Lucio COLLETTI (org.), *El Marxismo Y El “Derrumbe” Del Capitalismo*, p. 289. Em sua obra *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (ps. 25 e 26), Lênin repete essa mesma concepção: “Há uma inequívoca contradição entre a tendência ilimitada à ampliação da produção (tendência própria do capitalismo) e o consumo limitado das massas populares (limitado em razão da sua condição proletária) (...) nada é mais insensato de extrair delas [da contradição J.A] a conclusão de que Marx não admitia a possibilidade de realização da mais-valia na sociedade capitalista, de que ele explicava as crises pelo subconsumo etc”.

⁶³ Segundo Tugán-Baranovsky, “... apesar da absoluta diminuição do consumo social [demonstrado por ele num esquema matemático abstrato J.A], o capital não tem dificuldade para valorizar uma massa de produtos cada vez maior. A ampliação da produção, isto é, o consumo produtivo dos meios de produção, ocupa o lugar do consumo humano, e tudo transcorre tão sem fricções como se não fosse a economia que servisse ao homem, senão o homem quem serve a economia (...), inclusive em caso de uma significativa diminuição absoluta do consumo social, a economia capitalista não se destrói (...), a envoltura capitalista da sociedade moderna não se destrói, nem sequer em condições que pareceriam haver fracassar qualquer objetivo

elementos objetivos da produção. Para ele a contradição entre produção e consumo no capitalismo não desempenha nenhum papel na eclosão das crises, porque a produção capitalista é uma produção pela produção sem nenhuma relação com as necessidades humanas. Hilferding também nega que a contradição entre produção e consumo esteja na base das crises econômicas. Para ele a estreita base em que se assentam as relações de consumo sob o capitalismo, constitui somente a condição geral para as crises e não sua causa direta. Tanto para Tugán quanto para Hilferding, as crises tem origem unicamente na desproporção intersetorial.⁶⁴

Kautsky foi um dos poucos teóricos da II Internacional que acreditava que as crises originavam-se do subconsumo das massas. Seu erro, em nossa opinião, consiste unicamente em acreditar que as crises originavam-se exclusivamente do subconsumo das massas.⁶⁵

Contrariando as opiniões de Say-Ricardo, e ao mesmo tempo, parecendo precaver-se das conclusões exageradas de Tugán-Hilferding, que acreditavam ser possível uma acumulação infinita de capital baseada unicamente nas trocas interfirmas e na substituição do consumo humano pelo industrial, no Livro III Marx pondera desta forma:

... como vimos (Livro Segundo, Seção III), há uma circulação contínua entre capitais constantes (mesmo abstraindo a acumulação acelerada) que, em primeira instância é independente do consumo individual, à medida que jamais entra nele; no entanto, é definitivamente limitado por ele, pois a produção de capital constante jamais ocorre por si mesma, porque mais dele é necessitado nas esferas da produção cujos produtos entram no consumo individual. Isso pode, no entanto

racional da economia". Mijail Ivanovich TUGÁN-BARANOVSKI, *Fundamentos Teóricos Del Marxismo*, in: Lucio COLLETTI (org.), p. 255/56.

⁶⁴ Para Hilferding, "a produção não depende do consumo, mas da necessidade de exploração do capital. (...) Subsiste ainda, no modo de produção capitalista [apenas J.A], uma conexão genérica entre produção e consumo, que alias é condição natural comum de todas as formações sociais (...), estritamente, pode-se falar de um subconsumo somente no sentido fisiológico; em contrapartida, a expressão não tem nenhum sentido na economia, onde só poderia significar que a sociedade consome menos do que produziu". Rudolf HILFERDING, *O Capital Financeiro*, ps. 232 e 233.

⁶⁵ Kautsky descreve o seguinte sobre a moderna forma assalariada do subconsumo: "Com o proletariado, em troca, nasceu uma classe para a qual o subconsumo era um resultado necessário das próprias condições sociais; e essas condições tiveram por efeito as crises. Porém o subconsumo não deve conceber-se em sentido fisiológico, quase como uma desnutrição, senão em sentido social como o consumo de uma classe que se mantém por debaixo de sua produção. Em efeito, o subconsumo não está determinado somente por uma limitação do consumo frente a uma produção constante ou crescente, senão também por um incremento da

*seguir tranqüilamente seu curso por certo tempo (...) [até que J.A] vem o colapso, que subitamente põe fim à aparente prosperidade.*⁶⁶

Apesar de certos produtos nunca entrarem diretamente na esfera do consumo individual, servindo apenas como meio de produção, seja na forma de maquinaria ou matéria prima para a produção de um novo meio de produção; apesar de em primeira instância permanecerem circulando sob formas materiais diferentes, de um setor da produção para outro, da mineração para a usina, desta na forma de aço para a indústria de máquinas e desta, na forma de maquinaria retornando à mineração p. ex.; apesar de em primeira instância certos ramos da produção não entrarem jamais na esfera do consumo individual, sua expansão está definitivamente, em última instância, condicionada por ele. Essa circularidade da reprodução dentro do departamento I produtor de meios de produção está, segundo Marx, definitivamente limitada pela expansão do consumo individual. Essa produção pela produção levada a cabo pelos capitais individuais deste departamento, pode prosseguir por um certo período a expensas do consumo social até que subitamente ecloda a crise com a função de religar e submeter, mesmo que contra a vontade dos diferentes capitais instalados, a acumulação no departamento I às necessidades do departamento II.

Apesar da produção capitalista não se orientar imediatamente para a satisfação das necessidades humanas, apesar de seu volume não ser ditado por estas necessidades, apesar do capital produzir apenas em vista da valorização do valor, ele só pode levar adiante suas intenções, na medida em que consegue, não apenas satisfazer minimamente, mesmo que sob formas absurdas e antitéticas, as necessidades humanas mais imediatas, em particular a

produção frente a um consumo que permanece inalterado ou inclusive que cresce, porém apenas mais lentamente". Karl KAUTSKY, Teorias de las Crisis, in: Lucio COLLETTI (org.), p. 207

⁶⁶ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 218. "Außerdem findet, wie wir gesehen haben (Buch II, Abschn. III), eine beständige Zirkulation statt zwischen konstantem Kapital und konstantem Kapital (auch abgesehen von der beschleunigten Akkumulation), die insofern zunächst unabhängig ist von der individuellen Konsumtion, als sie nie in dieselbe eingeht, die aber doch durch sie definitiv begrenzt ist, indem die Produktion von konstantem Kapital nie seiner selbst wegen stattfindet, sondern nur, weil mehr davon gebraucht wird in den Produktionssphären, deren Produkte in die individuelle Konsumtion eingehn. Dies kann jedoch eine Zeitlang ruhig seinen Weg gehn, durch die prospektive Nachfrage gereizt, und in diesen Zweigen geht das Geschäft bei Kaufleuten und Industriellen daher sehr flott voran. Die Krise tritt ein, sobald die Rückflüsse der Kaufleute, die fernab verkaufen (oder deren Vorräte auch im Inlande sich gehäuft haben), so langsam und spärlich werden, daß die Banken auf Zahlung dringen oder die Wechsel gegen die gekauften Waren verfallen, ehe Wiederverkauf stattgefunden. Dann beginnen Zwangsverkäufe, Verkäufe, um zu zahlen. Und damit ist der Krach da, der der scheinbaren Prosperität auf einmal ein Ende macht". MEW 25, p.316/17.

dos produtores diretos mas, inclusive, expandir a massa dos meios de subsistência para com ela, expandir a massa de operários capazes de serem empregados. Como todo modo de produção, o capital só pode desenvolver satisfatoriamente suas determinações particulares, na medida em que garanta a reprodução das condições universais de produção, na medida em que garanta, mesmo que minimamente, a existência da classe trabalhadora.

Na concepção de Tugán-Baranovsky, mesmo que houvesse uma queda absoluta na produção de meios de subsistência e, portanto, de meios de produção destinados ao emprego da classe operária, seria possível manter uma acumulação infinita de capital, bastando para isto, acelerar a acumulação no departamento produtor de meios de produção. Como a produção capitalista tem em vista apenas o valor de troca e não o valor de uso, como ela é uma produção pela produção, Tugán acredita que, então, é possível acumular incessantemente mantendo um intercâmbio incessante de produtos dentro do Departamento I, às expensas do intercâmbio deste com o Departamento II. Este inclusive, poderia cair absolutamente que o processo de valorização não se interromperia.

Porém, apesar de em várias passagens de *O Capital* Marx tratar a produção capitalista como uma produção em si mesma, como uma produção pela produção, apesar de para o capital individual não haver diferenças entre produzir meios de subsistência ou de produção, apesar das conclusões exageradas de Tugán, a produção capitalista deve, em seu conjunto, para garantir sua constante reprodução em escala cada vez mais ampliada, e também, para compensar a queda relativa do emprego de trabalho vivo por unidade de capital, expandir a massa de trabalhadores produtivos para daí, expandir a massa de mais-valia produzida. Para isto terá, necessariamente, que adequar a expansão do capital social às necessidades de expansão do departamento produtor de meios de subsistência.

No livro III, Marx procura esclarecer este ponto com os seguintes argumentos: *“Além do mais, é apenas uma necessidade do modo de produção capitalista que o número de assalariados aumente de maneira absoluta, apesar de sua diminuição relativa (...) Um desenvolvimento das forças produtivas que diminuísse o número absoluto dos trabalhadores, isto é, que capacitasse toda a nação a efetuar sua produção global num período de tempo menor, provocaria [uma] revolução, porque colocaria fora de circulação a maior parte da população”*⁶⁷. Se a produção capitalista seguisse os preceitos de Tugán-

⁶⁷ Ibid., p. 189.

Baranovsky, ocorreria rapidamente seu colapso. Como na sociedade capitalista os vínculos sociais se estabelecem por meio de relações puramente mercantis, como a posse de dinheiro é a única garantia que os indivíduos possuem para fazer parte da sociedade, se a maior parte da população, que vive da venda cotidiana de sua força de trabalho para sobreviver, não encontrar mais compradores para ela, se seus antigos compradores utilizam agora apenas maquinaria em seu lugar, rompe-se todo o vínculo real da classe operária com o capital e com isto, surge a possibilidade da revolução operária substituir o capital pela sociedade dos produtores livremente associados, onde os vínculos do indivíduo com a sociedade não mantêm mais nenhuma relação com a posse ou não de dinheiro, onde este, inclusive, terá sido abolido junto com a abolição da forma mercadoria do produto.

Marx em seguida, desenvolve ainda a crítica aos limites do capital. *“Aqui aparece novamente a barreira específica da produção capitalista e vê-se que ela não é, de maneira alguma, uma forma absoluta do desenvolvimento das forças produtivas e da geração de riqueza, mas que pelo contrário, em certo ponto entra em colisão com este desenvolvimento. Essa colisão aparece parcialmente em crises periódicas, que decorrem da transformação em redundante ora desta, ora daquela parte da população trabalhadora, em seu antigo modo de ocupação”*.⁶⁸

3.2. O DESENVOLVIMENTO IRRESISTÍVEL DAS FORÇAS PRODUTIVAS E A LIMITAÇÃO DO CONSUMO HUMANO

A produção capitalista, por estar voltada essencialmente à produção de mais-valia e não à satisfação das necessidades humanas, em relação a estas necessidades, mesmo quando ocorre superprodução absoluta de produtos, é sempre uma subprodução. Em relação às reais necessidades humanas, a produção capitalista é sempre uma subprodução, ela sempre produz abaixo das reais necessidades humanas. Primeiro, como é o valor de troca e não o valor de uso o móvel do capital, para o capital individual é indiferente sob que valores de uso estará guardada a mais-valia, se sob a forma de meios de subsistência ou de produção. Segundo, porque a maioria dos produtos capitalistas está, efetivamente, sob a

forma de meios de produção como máquinas, matérias primas, construções etc., destinadas à ampliação da produção de mais-valia. Apenas uma pequena parte dos produtos capitalistas estão sob a forma de meios de subsistência, destinados à satisfação humana. Isso no fundo, expressa a crescente composição orgânica do capital.

*A palavra superprodução em si mesma induz a erro. Sem dúvida não se pode em absoluto falar de superprodução de produtos — no sentido de o volume dos produtos ser excessivo em relação às necessidades deles — enquanto as necessidades mais prementes de grande segmento da sociedade não são satisfeitas ou são satisfeitas apenas as mais imediatas. Ao contrário, nesse sentido temos de dizer que na base da produção capitalista sempre se produz de menos. O limite da produção é o lucro do capitalista e de maneira nenhuma a necessidade dos produtores. Mas superprodução de produtos e superprodução de mercadorias são coisas de todo diferentes.*⁶⁸

Ricardo, com sua concepção baseada na idéia de que a produção capitalista é uma produção mercantil simples, voltada para a produção de meios de satisfação humana, não vê diferenças importantes entre o produto enquanto mercadoria ou bem. Marx critica Ricardo, que pensa que “a forma de mercadoria não importa ao produto, e mais, a circulação das mercadorias só formalmente difere da troca de produtos, o valor de troca aí é mera forma efêmera do intercâmbio material, e o dinheiro portanto mero meio formal de circulação; esse ponto de vista reduz-se de fato a seu pressuposto de que o modo de produção burguês é o modo absoluto, em consequência o modo de produção sem

⁶⁸ Ibid., p. 189.

⁶⁹ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 962. “Das Wort overproduction führt an sich in Irrtum. Solange die dringendsten Bedürfnisse eines großen Teils der Gesellschaft nicht befriedigt sind oder nur seine unmittelbarsten Bedürfnisse, kann natürlich von einer Überproduktion von Produkten — in dem Sinn, daß die Masse der Produkte überflüssig wäre im Verhältnis zu den Bedürfnissen für sie — absolut nicht die Rede sein. Es muß umgekehrt gesagt werden, daß auf Grundlage der kapitalistischen Produktion in diesem Sinn beständig unterproduziert wird. Die Schranke der Produktion ist der Profit der Kapitalisten, keineswegs das Bedürfnis der Produzenten. Aber Überproduktion von Produkten und Überproduktion von Waren sind zwei ganz verschiedene Dinge”. MEW 26, p. 528.

*determinação característica mais precisa, sendo por conseguinte sua especificidade puramente formal”.*⁷⁰

A idéia ricardiana de que o modo de produção capitalista constitui-se na forma absoluta de produção, omite a determinação mais característica, precisa e específica da sociedade capitalista: o fato de que ela é uma sociedade onde se produz para valorizar o valor e não para satisfazer as necessidades humanas, sejam as do produtor direto ou de quem lhe explore; o fato de que ela não é uma sociedade de produtores independentes que produzem para seu autoconsumo, mas de uma sociedade de classes que se contradizem na produção; o fato de que o produto do capital não é um mero bem ou uma mercadoria, mas essencialmente mais-valia, sobreproduto em sua forma abstrata.

Com essa concepção, Ricardo *“não pode admitir que o modo de produção burguês contenha limite para o livre desenvolvimento das forças produtivas, limite que vem à tona nas crises e em outras manifestações como a superprodução — o fenômeno fundamental das crises”.*⁷¹

A superprodução deve ser sempre considerada como uma produção excessiva em relação à demanda solvente, isto é, à demanda com capacidade de pagamento. Como na sociedade burguesa a massa dos produtores em atividade ou no estado de excedente relativo consome em limites muito estreitos, permanecendo mais ou menos excluída do consumo da riqueza e, dado que a produção se limita unicamente pela escala das condições de produção existentes e o impulso imanente dos capitalistas pela apropriação de mais sobretrabalho, deve necessariamente haver uma contradição entre a escala da produção e os limites do consumo humano.

Na sociedade imaginada por Ricardo, em que predomina o valor de uso, a escala da produção está limitada pela escala do consumo, pelos limites mais amplos ou mais estreitos das necessidades humanas. Como na sociedade burguesa efetiva, e não na imaginária, predomina o valor de troca, a escala da produção não está limitada imediatamente pela

⁷⁰ Ibid., p. 962. *“Wenn Ricardo meint, daß die Form der Ware gleichgültig für das Produkt sei, weiter, daß die Warenzirkulation nur formell verschieden vom Tauschhandel, der Tauschwert hier nur verschwindende Form des Stoffwechsels, das Geld daher bloß formelles Zirkulationsmittel sei – so kommt das in der Tat auf seine Voraussetzung hinaus, daß die bürgerliche Produktionsweise die absolute, daher auch Produktionsweise ohne nähere spezifische Bestimmung sei, das Bestimmte an ihr mithin nur formell sei”.* MEW 26, p. 528.

satisfação de nenhuma necessidade humana, mas sim, está dada unicamente pelas forças produtivas disponíveis e pelo impulso desenfreado do capital à acumulação do valor de troca. A contradição entre o impulso ilimitado da valorização do valor e os limites estreitos do consumo humano, indica que nas formações sócio-econômicas burguesas, a produção tem uma finalidade em si mesma, é uma produção pela produção.

Nas sociedades antigas em que predominava não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, onde a jornada de trabalho excedente tendia a estender-se unicamente até os limites da satisfação das necessidades de consumo da classe dominante, onde inclusive, parte destas necessidades era satisfeita mediante o saque sobre outros povos inferiores, não se originava nenhuma necessidade ilimitada à ampliação da produção e, portanto, nenhuma superprodução que surgisse do próprio modo de produção. Isso, *“sem dúvida, é o que sucede e em grau ainda maior na Antigüidade, com a produção escravista. Mas os antigos não pensavam em transformar o produto excedente em capital, ou pelo menos só o faziam em escala diminuta. (A difusão entre eles do entesouramento em sentido estrito evidencia quanto produto excedente ficava em completa ociosidade)”*.⁷²

O entesouramento, isto é, a guarda da riqueza “embaixo do colchão”, ou na forma moderna sob o cofre dos bancos, nunca constituiu o objetivo imanente da produção capitalista, seu objetivo imanente é sim acumular, isto é, transformar o dinheiro incessantemente em capital. Nas sociedades antigas onde predominava não a acumulação, mas o entesouramento como forma de enriquecimento, grande parte da riqueza era destruída no consumo improdutivo e, assim, não servia novamente nem para a reprodução ampliada da base econômica, nem para o desenvolvimento acelerado da divisão social do trabalho e das forças produtivas. Os antigos,

... transformavam grande parte do produto excedente em despesas improdutivas como obras de arte, religiosas ou públicas. A produção se destinava menos ainda a desencadear e desenvolver as forças produtivas materiais — divisão do trabalho,

⁷¹ Ibid., p. 962. *“Es darf also auch nicht von ihm zugegeben werden, daß die bürgerliche Produktionsweise Schranke für die freie Entwicklung der Produktivkräfte einschließe, eine Schranke, die in den Krisen und unter anderm in der Überproduktion – dem Grundphänomen der Krisen – zutage tritt”*. MEW 26, p. 528.

⁷² Ibid., p. 962/63. *“Allerdings ist letzteres und in noch höherem Grade bei der antiken, auf Sklaverei gerichteten Produktion der Fall. Aber die Alten dachten auch nicht daran, das surplus produce in Kapital zu*

*maquinaria, aplicação das forças naturais e da ciência na produção privada. De modo geral nunca iam de fato além do trabalho artesanal. A riqueza que criavam para consumo particular era por isso relativamente pequena e só parecia ser grande por se ter acumulado em poucas mãos, que aliás não sabiam o que fazer dela.*⁷³

Na Idade Média, a produção em excesso era constantemente combatida pelos próprios produtores independentes, que viam nela uma forma perversa de reduzir o preço das mercadorias muito abaixo de seus valores, inviabilizando a produção. Marx cita o caso dos viticultores da França que “... solicitando uma lei que proibira a plantação de nova vinhas (...), queriam simplesmente reduzir a abundância para elevar o valor de troca”. Argumenta ainda, que no interior das corporações de ofício se procedia da mesma forma: “No decurso de toda a Idade Média se procedia com relação a este mesmo princípio, ao limitar por meio de leis o número de companheiros que podia ter um mestre e o número de instrumentos que podia empregar-se”.⁷⁴

A burguesia, ao contrário dos antigos e dos mestres de corporações medievais, não produz para seu consumo particular e sabe muito bem o que fazer da riqueza acumulada, transformando-a em capital. Ao contrário dos antigos aristocratas fundiários que faziam aumentar suas riquezas mediante práticas *extra-econômicas*, mediante a extorsão aberta do produto excedente dos camponeses (com o uso da coação direta, dos tributos pesados e da violência do Estado etc.), sem revolucionar, portanto, sua base econômica, a burguesia baseia seu enriquecimento muito mais no revolucionamento constante do modo de produção e das forças produtivas, do que na extorsão *extra-econômica* dos produtores diretos. A burguesia baseia seu enriquecimento muito mais na apropriação velada de um excedente em constante crescimento, do que na extorsão aberta de um excedente que só se

verwandeln. Wenigstens nur in geringem Grade. (Das ausgedehnte Vorkommen der eigentlichen Schatzbildung bei ihnen zeigt, wieviel surplus produce ganz brach lag)”. MEW 26, p. 528/29.

⁷³ Ibid., p. 963. “Einen großen Teil des surplus produce verwandelten sie in unproduktive Ausgaben für Kunstwerke, religiöse Werke, travaux publics. Noch weniger war ihre Produktion auf Entfesselung und Entfaltung der materiellen Produktivkräfte – Teilung der Arbeit, Maschinerie, Anwendung von Naturkräften und Wissenschaft auf die Privatproduktion – gerichtet. Sie kamen in der Tat im großen und ganzen nie über Handwerksarbeit heraus. Der Reichtum, den sie für Privatkonsumtion schafften, war daher relativ klein und erscheint nur groß, weil in wenigen Händen aufgehäuft, die übrigens nichts damit zu machen wußten”. MEW 26, p. 529.

⁷⁴ Karl MARX, *Miseria de la Filosofía*, p. 31.

eleva a longo prazo como ocorria na Idade Média.⁷⁵ É esta liberdade impulsiva do capital, a de transformar incessantemente tudo o que está a seu alcance em meios de expansão da riqueza já produzida, que está na base da moderna superprodução. *“O que constitui a base da superprodução moderna é, de um lado, o desenvolvimento incondicional das forças produtivas e, portanto, a produção em massa apoiada na massa de produtores confinados no domínio dos meros meios de subsistência, e, do outro, os limites impostos pelo lucro do capitalista”*.⁷⁶

A superprodução é um fenômeno essencialmente capitalista, ela brota do próprio modo de organização da produção, distribuição, troca e consumo. Na sociedade burguesa ela emana diretamente do modo de produção e se manifesta tragicamente em meio à vastidão da miséria. Ela emana da própria condição assalariada do trabalhador, que só pode consumir parte da produção social equivalente a seu valor. A superprodução capitalista não consiste apenas na superprodução de mercadorias, mas, também, na de capital. Afinal, mercadoria também é capital.

*Ora, o próprio capital consiste em mercadorias ou, se consiste em dinheiro, de qualquer modo tem de se reconverter em mercadorias para poder funcionar como capital. Que significa portanto superprodução de capital? Superprodução das quantidades de valor destinadas a gerar mais-valia (ou, segundo o conteúdo material, superprodução de mercadorias destinadas à reprodução), isto é, reprodução em escala exagerada, o que é o mesmo que superprodução incondicional.*⁷⁷

⁷⁵ Ellen M. WOOD, *As Origens Agrárias do Capitalismo*, ps. 12 a 29.

⁷⁶ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 963. *“Es ist die unbedingte Entwicklung der Produktivkräfte und daher die Massenproduktion auf Grundlage der in den Kreis der necessities eingeschlossenen Produzentenmasse einerseits, der Schranke durch den Profit der Kapitalisten andererseits, die die Grundlage der modernen Überproduktion”*. MEW 26, p. 529.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 967. *“Das Kapital besteht nun selbst aus Waren oder, soweit es aus Geld besteht, muß es in Waren d’une manière ou d’une autre rückverwandelt werden, um als Kapital funktionieren zu können. Was heißt also Überproduktion von Kapital? Überproduktion der Wertmassen, die bestimmt sind, Mehrwert zu erzeugen (oder dem stofflichen Inhalt nach betrachtet, Überproduktion von Waren, die zur Reproduktion bestimmt werden) – also Reproduktion auf zu großer Stufenleiter, was dasselbe ist wie Überproduktion schlechthin”*. MEW 26, p. 534.

Como o capital não é uma coisa, mas, determinada relação social de exploração que se manifesta na forma de coisas, como o capital em seu processo de valorização não adota uma única forma, mas, ao contrário, transmuta-se incessantemente da forma dinheiro para a forma produtiva e desta para a forma mercadoria e, assim, ininterruptamente, uma superprodução de mercadorias é, ao mesmo tempo, uma superprodução de capital. *“Mais a fundo, isso significa apenas que se produz demais com o objetivo de enriquecimento, ou parte excessiva do produto não se destina a consumir-se como renda (revenue) e sim a fazer mais dinheiro (acumular-se); não a satisfazer as necessidades particulares de seu proprietário e sim a gerar-lhe a riqueza social abstrata, dinheiro e mais poder sobre trabalho alheio, capital, ou seja, aumentar esse poder”*.⁷⁸ Aqui se evidencia novamente que a superprodução emana das relações de produção burguesa e do antagonismo entre trabalho e capital.

Como a produção capitalista não objetiva satisfazer as necessidades humanas; como parte excessiva da produção constitui-se de meios de produção destinados a se tornarem capital, isto é, a aumentarem as condições de exploração sobre os trabalhadores; como apenas uma parte minoritária da produção destina-se ao consumo humano; como o capitalista atua na produção para satisfazer as necessidades do capital e não suas necessidades pessoais; como o objetivo imanente da produção capitalista é aumentar o poder do capital sobre o trabalho alheio sem importar-se com os limites do consumo humano, estas contradições devem necessariamente eclodir em algum ponto do processo de produção na forma de uma grande crise econômica. *“A superprodução tem por condição, de maneira específica, a lei geral da produção do capital: produzir na medida das forças produtivas (isto é, da possibilidade de desfrutar a maior quantidade possível de trabalho com dada quantidade de capital), sem considerar os limites existentes do mercado ou as necessidades solvíveis...”*.⁷⁹

⁷⁸ Ibid., p.968. *“Näher bestimmt, heißt dies weiter nichts als daß zuviel produziert wird zum Zweck der Bereicherung oder ein zu großer Teil des Produkts bestimmt ist, nicht als Revenue verzehrt zu werden, sondern mehr Geld zu machen (akkumuliert zu werden), nicht die Privatbedürfnisse ihres Besitzers zu befriedigen, sondern ihm den abstrakten gesellschaftlichen Reichtum, Geld und mehr Macht über fremde Arbeit, Kapital zu schaffen – oder diese Macht zu vergrößern”*. MEW 26, p. 534.

⁷⁹ Ibid., p. 969. *“Die Überproduktion speziell hat das allgemeine Produktionsgesetz des Kapitals zur Bedingung, zu produzieren im Maß der Produktivkräfte (d.h. der Möglichkeit, mit gegebener Masse Kapital größtmögliche Masse Arbeit auszubeuten) ohne Rücksicht auf die vorhandenen Schranken des Markts oder der zahlungsfähigen Bedürfnisse...”*. MEW 26, p. 535.

O capitalista leva adiante esta façanha na medida em que restringe ao mínimo, não apenas o consumo da classe trabalhadora mas, também, seu próprio consumo pessoal, seu consumo enquanto funcionário e personificação do capital. Para o capital, o consumo da parte da mais-valia que cabe ao seu funcionário capitalista na forma de renda é improdutivo, devendo ser constantemente convertida em capital, alargando sua riqueza sob a forma abstrata. Só assim, restringindo o consumo humano ao mínimo, mesmo que o mínimo para um capitalista seja muito diferente que para um operário, o capital consegue dispor da maior massa possível de sobretrabalho para satisfazer sua insaciável sede por sangue e energia humana. Acumular capital significa efetuar *“a reconversão constante da renda (revenue) em capital, enquanto, em contraposição, a massa dos produtores fica limitada e tem de ficar limitada ao nível médio de necessidade de acordo com a natureza da produção capitalista”*.⁸⁰

A escala da produção cada vez mais alargada tende no curso da acumulação, a chocar-se com as dimensões cada vez mais limitadas do consumo humano, dados por um lado pelo baixo grau de consumo da classe trabalhadora e por outro, pela tendência dos capitalistas a converterem sua mais-valia cada vez mais em capital e menos em renda destinada a seu consumo e satisfação pessoal. As relações de consumo tendem no curso da acumulação a se chocarem com as relações de produção assalariada. Aqui novamente se evidencia que a superprodução emana da oposição entre trabalho e capital contidas no interior do processo de produção.

Como não é a satisfação das necessidades, mas a produção de lucro, a finalidade do capital, e como ele só atinge essa finalidade por métodos que organizam a massa da produção de acordo com a escala da produção, e não vice-versa, então tem de surgir constantemente um conflito entre as dimensões limitadas do consumo em base capitalista e uma produção que constantemente tende a superar essa barreira

⁸⁰ Ibid., p.969. “... daher beständige Rückverwandlung von Revenue in Kapital auszuführen, während andererseits die Masse der Produzenten auf das average Maß von Bedürfnissen beschränkt bleibt und der Anlage der kapitalistischen Produktion nach beschränkt bleiben muß”. MEW 26, p. 535.

*imane. De resto, o capital consiste em mercadorias e, por isso, a superprodução de capital implica a de mercadorias.*⁸¹

Para Marx, a elevação das forças produtivas do trabalho social e a formação de uma superpopulação excedente geram, ao mesmo tempo, um estreitamento do consumo social, visto que essa superpopulação não compõe a demanda solvente da sociedade. Esta superpopulação constitui apenas uma demanda externa às relações de compra e venda capitalista, pois não possui capacidade de pagamento, capacidade de satisfazer suas necessidades de forma solvente, visto que se constitui de uma massa de proletários desempregados e sem nenhuma fonte direta de renda. Por isso, os que pregam o equilíbrio entre produção e consumo social pregando uma elevação no nível de emprego, caem no erro de não compreenderem que a crise constitui-se exatamente no fato de que, sob as condições capitalistas de produção, o pleno emprego de todos os meios de produção, tanto objetivos quanto subjetivos, é que conduz a economia à crise. Pois, esta é, essencialmente, superprodução de capital em larga escala, emprego em larga escala de todos os meios de produção e tentar revertê-la ampliando a produção, só faria ampliar ainda mais a crise.

*Quanto mais, porém, se desenvolve a força produtiva, tanto mais ela entra em conflito com a estreita base sobre a qual repousam as relações de consumo. Sobre essa base contraditória não há, de modo algum, nenhuma contradição no fato de que excesso de capital esteja ligado com crescente excesso de população; pois mesmo que se juntassem ambos, a massa de mais-valia produzida iria aumentar, aumentando com isso a contradição entre as condições em que essa mais-valia é produzida e as condições em que é realizada.*⁸²

⁸¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 184. "Da nicht Befriedigung der Bedürfnisse, sondern Produktion von Profit Zweck des Kapitals, und da es diesen Zweck nur durch Methoden erreicht, die die Produktionsmasse nach der Stufenleiter der Produktion einrichten, nicht umgekehrt, so muß beständig ein Zwiespalt eintreten zwischen den beschränkten Dimensionen der Konsumtion auf kapitalistischer Basis und einer Produktion, die beständig über diese ihre immanente Schranke hinausstrebt. Übrigens besteht das Kapital ja aus Waren, und daher schließt die Überproduktion von Kapital die von Waren ein". MEW 25, p. 267.

⁸² *Ibid.*, p. 176. "Je mehr sich aber die Produktivkraft entwickelt, um so mehr gerät sie in Widerstreit mit der engen Basis, worauf die Konsumtionsverhältnisse beruhen. Es ist auf dieser widerspruchsvollen Basis durchaus kein Widerspruch, daß Übermaß von Kapital verbunden ist mit wachsendem Übermaß von Bevölkerung; denn obgleich, beide zusammengebracht, die Masse des produzierten Mehrwerts sich steigern

Pois, ao capital não basta apenas produzir as mercadorias e junto dela a mais-valia, para ele é fundamental realizá-las na esfera das trocas. Porém, não basta ao capital apenas encontrar compradores solventes para suas mercadorias, é fundamental para ele, encontrar compradores que estejam dispostos a pagar por suas mercadorias o seu preço de produção, isto é, um preço que lhes garanta uma taxa de lucro média. Se num mercado congestionado de mercadorias, tiver que vendê-las abaixo destes preços, as venderá abaixo desta taxa de lucro médio, se as vender muito abaixo, as venderá com prejuízo. Como não está no horizonte do capitalista produzir para satisfazer as necessidades humanas, mas sim, satisfazer suas necessidades enquanto capitalista, ampliar a produção e o consumo sem garantias de que seu capital continuará sendo valorizado, é para ele, um absurdo. Ele preferirá paralisar a produção e lançar seu capital monetário na esfera da especulação financeira.

3.3. ATRASO DO MERCADO EM RELAÇÃO À PRODUÇÃO CRESCENTE

A superprodução pode ser apenas relativa, pode ocorrer apenas em um ramo particular da produção. Para que ocorra superprodução basta que ela ocorra primeiro nas indústrias indutoras da acumulação, como é a indústria de tecidos para a de fiação de algodão e linho p.ex. Uma perturbação da reprodução na indústria de tecidos, devido ao congestionamento de tecidos no mercado, atingirá em primeiro lugar as condições de existência dos trabalhadores desta indústria. Estes, devido à demissão e à redução salarial que acompanha a crise, passarão a consumir em proporção menor ou até deixarão de ser consumidores, tanto de tecidos quanto de outros meios de subsistência. Surge assim, devido à redução do consumo das massas um novo elemento que amplia a crise na indústria de tecidos e a expande para outras esferas, diretamente para aquelas que produzem meios de subsistência aos operários e indiretamente às que lhe fornecem meios de produção. Para os ramos da produção que dependem do consumo dos operários fabricantes de tecidos, apesar

würde, steigert sich eben damit der Widerspruch zwischen den Bedingungen, worin dieser Mehrwert produziert, und den Bedingungen, worin er realisiert wird". MEW 25, p. 255.

da crise ser originariamente uma crise de superprodução de tecidos, aparece para eles como um caso de crise que se origina do subconsumo das massas. Esses operários,

*sem dúvida necessitam de tecidos, mas não os podem comprar porque não dispõem dos meios; estes lhes faltam porque não podem continuar a produzir, e não podem continuar a produzir porque se produziu demais, porque tecidos de algodão em excesso congestionam o mercado. (...) Representam agora parte da superpopulação transitória, da superprodução de trabalhadores, no caso produtores de tecidos de algodão, pois há superprodução desses tecidos no mercado.*⁸³

Além do consumo dos trabalhadores diretamente ocupados pelo capital investido na tecelagem de algodão, essa paralisia na reprodução dos tecidos de algodão atinge também o consumo de muitos outros operários e capitalistas: os de fios, os comerciantes e os plantadores de algodão, os construtores de máquinas, de fusos e teares, os produtores de ferro, de carvão etc. Todos estes ramos também teriam a reprodução estorvada, uma vez que a reprodução dos tecidos de algodão é condição de sua própria reprodução. Isso ocorreria mesmo que não tivessem produzido demais, além da medida que a indústria têxtil algodoeira exigia e justificava na prosperidade. Todos os capitalistas desses ramos estorvados têm em comum a circunstância de consumirem sua renda não nos seus próprios produtos mas, sim, nos produtos das esferas que produzem artigos de consumo, entre os quais figuram tecidos de algodão. Por isso, *“caem o consumo e a procura desses tecidos, justamente por haver quantidade excessiva deles no mercado. E também a procura de todas as outras mercadorias em que, como artigos de consumo, se gasta a renda daqueles produtores indiretos de tecidos de algodão. Limitam-se, contraem-se seus meios de comprar tecidos de algodão e outros artigos de consumo, por haver demasiada abundância deles no mercado”*.⁸⁴

⁸³ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 957. “Sie haben allerdings Bedürfnis nach cottons, können sie aber nicht kaufen, weil sie nicht die means haben, und sie haben nicht die means, weil sie nicht fortproduzieren können, und sie können nicht fortproduzieren, weil zuviel produziert worden, too many cottons glut the market. (...) Sie stellen jetzt Teil der momentanen Überpopulation vor, Surplusproduktion of labourers, in diesem case cotton producers, weil surplus production of cottons upon the market”. MEW 26, p. 523.

⁸⁴ Ibid., p. 957/58. “So fällt der Konsum und die Nachfrage nach calicoes, eben weil sich deren zu viel auf dem Markt befinden. Aber auch die aller andren Waren, in denen als Konsuntionsartikel die Revenue dieser

A distribuição irregular do trabalho social, sua aplicação excessiva num determinado ramo da produção leva à desorganização do mercado. Se fosse possível controlar o espírito impulsivo do capital individual seria, sem dúvida, possível controlar também a ação irregular do capital social. Ocorre que o capital é por natureza incontrolável, ele se apresenta frente ao capitalista como um poder autônomo e social que lhe escapa diretamente das mãos. O capitalista funciona no processo de valorização apenas como funcionário e personificação desse poder social e autônomo que é o capital.

Com o crescimento exagerado da indústria de tecidos, surge de súbito nas indústrias dependentes dela *“superprodução relativa delas por se terem contraído os meios de comprá-las e em consequência sua procura. Mesmo que nessas esferas não se produzisse demais, há nelas agora superprodução. Se a superprodução ocorreu não só em tecidos de algodão, mas também em linhos, sedas e artigos de lã, compreende-se como a superprodução desses poucos artigos indutores gera maior ou menor superprodução (relativa) geral no mercado todo”*.⁸⁵ Se fosse possível ao capitalista controlar as forças sociais que ele representa, seria também possível evitar que o feitiço virasse contra o feiticeiro, que surgisse de um lado, *“superabundância de todas as condições de reprodução e de todas as espécies de mercadorias encalhadas no mercado. Do outro, capitalistas insolventes e massas de trabalhadores desprovidos de tudo, na indigência”*.⁸⁶ Aqui, novamente se evidencia que as contradições manifestadas na esfera do consumo, evidenciam as absurdas contradições contidas na relação entre capital e trabalho assalariado.

Se fosse possível ao capitalista individual, desprender-se da relação de produção na qual ele constitui o pólo dominante, se fosse possível evitar a alienação dos agentes reais da produção frente ao processo autônomo do capital, seria possível evitar as contradições

mittelbaren Produzenten des cotton verausgabt wird. Ihre means, calico und andre Konsumtionsartikel zu kaufen, beschränken, kontrahieren sich, weil zu viel calicoes auf dem Markt sind”. MEW 26, p. 523.

⁸⁵ Ibid., p. 958. *“Sie sind jetzt plötzlich relativ überproduziert, weil die Mittel, sie zu kaufen und damit die Nachfrage nach ihnen sich kontrahiert hat. Selbst wenn in diesen Sphären nicht überproduziert wurde, ist jetzt in ihnen überproduziert. Sind es nun nicht nur calicoes, sondern linens, silks, und woollens, worin Überproduktion stattgefunden, so begreift man, wie die Überproduktion in diesem wenigen, aber leitenden Artikeln eine mehr oder minder allgemeine (relative) Überproduktion auf dem ganzen Markt hervorruft”*. MEW 26, p. 523/24.

⁸⁶ Ibid., p. 958. *“Auf der einen Seite Übermasse aller Reproduktionsbedingungen und Übermasse aller Sorten unverkaufter Waren auf dem Markt. Auf der andren Seite bankrotte Kapitalisten und von allem entblößte, darbenende Arbeitermassen”*. MEW 26, p. 524.

absurdas do capitalismo. Se o sujeito efetivo e dotado de vontade da produção capitalista fosse o próprio capitalista e não o capital, se o capitalista não fosse um mero predicado do capital, se ele não funcionasse no processo incessante e desmedido de valorização do valor como mero agente e funcionário do capital, então seria possível evitar a crise e todas as contradições mais violentas do capital. Como isso não é possível, tais contradições continuam impossíveis de serem abolidas enquanto não se abole a base real de sua origem: a propriedade privada dos meios de produção e a separação forçada do verdadeiro produtor frente a todo o processo de trabalho. Como não é possível existir capital sem classe trabalhadora e sem exploração, também não é possível abolir os antagonismos de classe e sua irrupção nas crises sem abolir o capital.

Se fosse possível ao capital individual prever não apenas o ritmo de crescimento do capital global, mas se fosse possível a ele conhecer *a priori* os horizontes da demanda, seria possível adequar a produção aos limites da demanda. “*Se a expansão do mercado tivesse seguido o mesmo ritmo da produção, não haveria nele superabundância, superprodução*”.⁸⁷ Porém, mesmo que se admita que a produção social ampliada estenda ao mesmo tempo os limites do mercado, estes tendem a continuar desconhecidos. Prever que o mercado será ampliado não significa que seja possível *a priori*, conhecer os limites desta ampliação. Como o capitalista não é um agente onisciente, ele não pode conhecer *a priori* qual a verdadeira dimensão da demanda dos consumidores, não pode conhecer nem mesmo a qualidade dos produtos que os consumidores esperam que sejam produzidos, não pode também, prever com exatidão científica qual o volume e a qualidade dos produtos que serão lançados no mercado por seus concorrentes. A verdadeira dimensão e conteúdo da demanda, continuarão sendo conhecidos somente *a posteriori*, quando as mercadorias forem vendidas. “*Todavia, basta admitir-se que o mercado tem de crescer com a produção, para, em contrapartida, admitir-se mais uma vez a possibilidade de superprodução, pois o mercado tem um espaço geograficamente definido, o mercado interno evidencia seus limites em confronto com o mercado que, além de interno, é externo,*

⁸⁷ Ibid., p. 959. “*Hätte die Erweiterung des Markts Schritt gehalten mit der Erweiterung der Produktion, there would be no glut of markets, no overproduction*”. MEW 26, p. 525.

e este, por sua vez, patenteia-se limitado em confronto com o mercado mundial, por si mesmo capaz de expandir-se, mas, por sua vez, limitado a cada momento.”⁸⁸

Como a prática de exorcizar contradições, expressa o reconhecimento da existência real de tais contradições, o mesmo ocorre com aqueles que admitem a necessidade de um mercado sempre crescente para evitar a superprodução. Reconhecer a possibilidade desta, é uma confissão expressa de que produção e mercado constituem-se em dois fatores reciprocamente autônomos. *“Admitir portanto que o mercado tem de se ampliar para não ocorrer superprodução, é admitir também que ela pode suceder, pois é então possível — uma vez que mercado e produção são dois fatores com autonomia recíproca — que a expansão de um não corresponda à do outro, que os limites do mercado não se dilatam com rapidez bastante para a produção, ou que esta possa com rapidez ultrapassar novos mercados, novas expansões do mercado, e assim o mercado acrescido se revela por igual uma barreira como antes o mais estreito.*”⁸⁹

Como o produto da sociedade capitalista é essencialmente mais-valia, apesar dela aparecer revestida na forma de mercadorias, ela só pode se realizar efetivamente para o capitalista, na medida em que encontra compradores dispostos a pagarem não apenas seu valor mas, fundamentalmente, seu preço de produção, que dá ao capitalista a garantia de receber uma taxa de lucro média pelo investimento realizado. O produto deve circular não apenas como mercadoria mas, essencialmente, como mais-valia, a circulação não deve se encerrar com a venda da mercadoria mas, antes, a venda deve constituir-se unicamente como um novo ponto de partida para a reprodução do capital em escala mais ampliada.

O mercado expande-se mais lentamente que a produção, ou no ciclo que o capital percorre durante sua reprodução — um ciclo em que não se reproduz simplesmente

⁸⁸ Ibid., p. 959. *“Indessen, mit dem bloßen Zugeständnis, daß der Markt mit der Produktion sich erweitern muß, wäre anderseits auch schon wieder die Möglichkeit einer Überproduktion zugegeben, indem der Markt äußerlich geographisch umschrieben ist, der inländische Markt als beschränkt erscheint gegen einen Markt, der inländisch uns ausländisch ist, der letzte wieder gegen den Weltmarkt, der aber in jedem Augenblick wieder beschränkt ist, an sich der Erweiterung fähig”.* MEW 26, p. 525.

⁸⁹ Ibid., p. 959. *“Ist daher zugegeben, daß der Markt sich erweitern muß, soll keine Überproduktion stattfinden, so ist auch zugegeben, daß Überproduktion stattfinden kann, denn es ist dann möglich, da Markt und Produktion zwei gegeneinander gleichgültige [Momente sind], daß die Erweiterung des einen der Erweiterung der andren nicht entspricht, daß die Schranken des Markts sich nicht rasch genug für die Produktion ausdehnen oder daß neue Märkte – neue Ausdehnungen des Markts – von der Produktion rasch überholt werden können, so daß der erweiterte Markt nun ebensosehr als eine Schranke erscheint wie früher der engere”.* MEW 26, p. 525.

*e sim em escala ampliada, não descreve um círculo e sim uma espiral —, surge um momento em que o mercado se revela estreito demais para a produção. Isto se dá no fim do ciclo. Significa apenas: o mercado está congestionado. Patenteia-se a superprodução.*⁹⁰

3.4. AS DESPROPORÇÕES INTERSETORIAIS⁹¹

Tugán e Hilferding não negam a contradição existente entre a esfera da produção e a do consumo. Para eles, porém, tal contradição não emana da condição proletária do produtor, mas sim, unicamente da desproporção que existe na esfera da distribuição do investimento entre os diferentes capitais. Para ambos autores as crises de superprodução resultam unicamente de um desequilíbrio na distribuição do trabalho social. A superprodução se formaria apenas em setores isolados da produção, porque o setor comprador que lhe corresponde não teria crescido na mesma proporção e não teria, portanto, absorvido na mesma proporção da oferta a massa crescente de mercadorias lançadas no mercado. Para Marx, *“é inegável que em ramos isolados se pode produzir a mais e por isso de menos em outros; crises parciais, por conseguinte, podem surgir de produção desproporcionada (contudo, a produção proporcionada resulta sempre da produção desproporcionada na base da concorrência), e uma forma geral dessa produção desproporcionada pode ser superprodução de capital fixo ou superprodução de capital circulante”*.⁹² Uma distribuição proporcional do trabalho social, dentro de uma sociedade

⁹⁰ Ibid., p. 959. *“Der Markt erweitert sich langsamer als die Produktion, oder im Zyklus, den das Kapital während seiner Reproduktion durchläuft – ein Zyklus, in dem es sich nicht einfach reproduziert, sondern auf erweiterter Stufenleiter, nicht einen Zirkel beschreibt, sondern eine Spirale –, tritt ein Augenblick ein, wo der Markt zu eng für die Produktion erscheint. Dies ist am Schluß des Zyklus. D. H. aber bloß: Der Markt ist glütet. Die Überproduktion ist manifest”*. MEW 26, p. 524/25.

⁹¹ Neste subcapítulo, para evitar-se confusão, convém esclarecer a não-contemporaneidade entre Marx, Tugán-Baranóvsky e Hilferding. Tugán é russo e foi um dos primeiros economistas, no ano de 1894, a se utilizar dos esquemas de reprodução social desenvolvidos por Marx no Livro II, na análise do desenvolvimento capitalista. Hilferding é alemão e foi um dos principais teóricos da II Internacional. Em certas passagens deste subcapítulo, tem-se a impressão da contemporaneidade entre eles, inclusive de que a polêmica foi realizada em vida dos autores. A polêmica entre os três autores, é apenas teórica, imaginária, já que Marx falecera em 1883 e os dois autores só escreverão posteriormente a este fato.

⁹² Karl MARX, *Teorias sobre a Mais-valia*, Tomo II, 955. *“Es soll nicht geleugnet werden, daß in einzelnen Sphären überproduziert und darum in andren zu wenig produziert [werden] kann; partielle Krisen also aus disproportionate production (die proportionate production ist aber immer nur das Resultat der disproportionate production auf Grundlage der Konkurrenz) entspringen können und eine allgemeine Form*

marcada pela contradição entre o interesse privado do capitalista individual com o conjunto dos capitais, com o capital social, só pode ocorrer, porém, sob a marca da desproporcionalidade, pois não são os interesses do capital global que orientam o investimento privado mas, ao contrário, é a distribuição do investimento privado quem determina a formação do capital global.

Na busca por encontrar o melhor emprego para seu capital, o capitalista individual o emprega onde considera ser o melhor lugar. Ao fazer isto, o raciocínio do capital individual aprofunda a contradição entre o interesse dos vários capitais individuais com o capital global, com os capitais já instalados e em pleno funcionamento que podem, porventura, achar melhor que os novos capitais sejam empregados em áreas em que estes não estão dispostos a investir, em áreas onde a taxa de lucro seja menos atraente. Ao mesmo tempo, os capitais individuais levam a cabo em suas fábricas a mais ferrenha planificação e controle da produção, porém, ao procederem assim, aumentam contraditoriamente a anarquia do conjunto do processo de produção e a desorganização do capital social. Sob o regime da livre concorrência, a proporcionalidade entre os diversos capitais é conseguida apenas mediante a constante desproporcionalidade e oposição geral dos capitais particulares entre si.

Uma distribuição justa do trabalho social dentro da sociedade, isto é, uma distribuição na exata medida da demanda social é fundamental para que as mercadorias sejam, na sua totalidade, vendidas a um preço que corresponda a seu valor. Se acaso um determinado ramo da produção elevar o investimento sem que, contudo, seja elevada na outra ponta a demanda por seus produtos, parte do trabalho social investido tornar-se-á trabalho inútil e as mercadorias por ele produzidas serão, também, socialmente inúteis e desprovidas de valor.

Para as mercadorias se venderem por seu valor, a condição é conterem apenas o tempo de trabalho socialmente necessário, e do mesmo modo, para um ramo inteiro de produção do capital, a condição é aplicar-se nesse ramo particular apenas a parte necessária da totalidade do trabalho da sociedade, somente o tempo de

*trabalho exigido para satisfazer a necessidade social (procura). Se se aplicar mais, mesmo que cada mercadoria isolada encerre apenas o tempo de trabalho socialmente necessário, o conjunto conterà mais que o tempo de trabalho socialmente necessário; da mesma maneira, a mercadoria isolada tem valor de uso, mas o conjunto das mercadorias, segundo os pressupostos estabelecidos, perde parte de seu valor de uso.*⁹³

Se os novos capitais, para não afetar os interesses dos capitais mais velhos plenamente instalados, optassem de boa vontade a empregarem-se em ramos menos vantajosos e não nos mais atraentes, se agissem de boa vontade com os capitais mais velhos, não os estorvando com excesso de investimentos e, portanto, com excesso de produção, certamente não haveria desproporção na distribuição do trabalho social, excesso de determinadas mercadorias no mercado, nem crise de superprodução nestes ramos. Porém, também não haveria produção capitalista, já que a base das desproporções é a concorrência e a anarquia da propriedade privada.

*Todavia, não falamos aqui da crise quando é consequência da produção desproporcionada, isto é, da desproporção na repartição do trabalho social pelos diversos ramos de produção. Só cabe falar dessa matéria ao se tratar da concorrência entre os capitais. Já se disse que alta ou baixa do valor de mercado em virtude dessa desproporção tem por consequência retirar-se capital de um ramo e transferir-se para outro, migrar capital de um ramo para outro. Contudo, esse nivelamento já supõe como précondição o contrário de si mesmo e pode incluir portanto crise, e a própria crise pode ser formada da nivelação. Ricardo e outros admitem essa espécie de crise.*⁹⁴

⁹³ Ibid., p. 955/56. "Wie es Bedingungen für die Waren, daß sie zu ihrem Wert verkauft werden, daß nur die gesellschaftlich notwendige Arbeitszeit in ihnen enthalten, so für eine ganze Produktionssphäre des Kapitals, daß von der Gesamtarbeitszeit der Gesellschaft nur der notwendige Teil auf diese besondere Sphäre verwandt sei, nur die Arbeitszeit, die zur Befriedigung des gesellschaftlichen Bedürfnisses (demand) erheischt. Wenn mehr, so mag zwar jede einzelne Ware nur die notwendige Arbeitszeit enthalten; die Summe enthält mehr als die gesellschaftlich notwendige Arbeitszeit, ganz wie die einzelne Ware zwar Gebrauchswert hat, die Summe aber, unter den gegebenen Voraussetzungen, einen Teil ihres Gebrauchswerts verliert". MEW 26, p. 521.

⁹⁴ Ibid., p. 956. "Indes sprechen wir hier nicht von der Krise, soweit sie aus disproportionate production, d. h. disproportion zwischen der Verteilung der gesellschaftlichen Arbeit unter die einzelnen Produktionssphären beruht. Davon kann nur die Rede sein, soweit von der Konkurrenz der Kapitalien die Rede ist. Da ist schon

Ao contrário de Marx, que parecia ver na desproporção um elemento real da concorrência intercapitalista e a “proporção” como um sonho romântico, para Tugán-Baranovski e Hilferding se a economia capitalista não sofresse do mal da desproporção e da concorrência, se pudesse ser regulada conscientemente, não haveria crises. Ambos admitem unicamente essa espécie de crise.⁹⁵

Marx vê na crise, porém, um momento de recomposição da proporcionalidade intersetorial (autonomizada durante a fase de prosperidade), necessária para o andamento regular da produção capitalista. A exacerbação do interesse privado do capital individual às expensas do capital global, seu movimento particular descolado do movimento do capital global é religado a força através da crise.

Ao contrário da antiga produção artesanal-corporativa medieval, em que a demanda era conhecida *a priori*, pois destinava-se normalmente a clientes conhecidos e sob o regime de encomendas, na sociedade capitalista baseada na produção em larga escala para clientes desconhecidos, para o mercado mundial, onde a extensão e a qualidade da demanda real só é conhecida *a posteriori*, após a venda, onde a conexão entre os diversos circuitos particulares de troca rege-se pela casualidade, onde impera a anarquia, “*não existe conexão necessária, mas apenas casual, entre o quantum global do trabalho social aplicado num artigo social, isto é, entre a parte alíquota de sua força global de trabalho que a sociedade emprega na produção desse artigo, portanto entre o volume que a produção desse artigo*

gesagt worden, daß Steigen oder Sinken des Marktwerts infolge dieser disproportion transfer und withdrawal of capital from one trade to the other, migration of capital of one trade to the other zur Folge hat. Indes, in dieser Ausgleichung selbst ist schon vorhanden, daß sie das Gegenteil der Ausgleichung voraussetzt und also Krise einschließen kann, die Krise selbst eine Form der Ausgleichung sein kann. Diese Art Krise gibt aber Ricardo etc. zu”. MEW 26, p. 521/22.

⁹⁵ Conforme as palavras de Tugán: “A contradição fundamental do capitalismo consiste na falta de um controle do consumo social sobre a produção social. A produção capitalista se converte de meio em fim em si mesmo. Daí emanam as crises da economia capitalista (...), se a produção social estivesse planificadamente organizada, se os diretores da produção tivessem um conhecimento perfeito da demanda e o poder de transladar livremente o trabalho e o capital de um ramo da produção a outro, então por baixo que fosse o nível de consumo social a oferta de mercadorias não poderia superar a demanda. Porém a acumulação de capital com uma falta total de planificação da produção, com a anarquia que impera no mercado mundial, leva inevitavelmente às crises”. Mijail I. TUGÁN-BARANOVSKI, op. cit., p. 261. Na mesma linha raciocina Hilferding. Para ele os esquemas do Livro II de Marx, “...demonstram que, na produção capitalista, pode ocorrer tranqüilamente uma reprodução, tanto em escala simples como em escala ampliada, contanto que sejam mantidas essas proporções (...) portanto, com isso, a consequência não é que a crise tem sua causa necessariamente no subconsumo das massas, imanente à produção capitalista. Uma expansão demasiado rápida do consumo leva necessariamente, de per si, à crise, da mesma forma como a produção invariável ou reduzida da produção dos meios produtivos. Dos esquemas em si tampouco decorre a possibilidade de uma superprodução generalizada de mercadorias; pelo contrário, torna-se possível toda a expansão da produção que pode ter lugar com as forças produtivas existentes”. Rudolf HILFERDING, op. cit., ps. 234 e 243

ocupa na produção global, por um lado, e o volume em que a sociedade exige satisfação da necessidade mediante aquele determinado artigo, por outro".⁹⁶

Sob o regime da livre concorrência e da propriedade privada é impossível que o trabalho social seja racionalmente distribuído, de forma que possa evitar-se todo e qualquer desperdício de trabalho útil. Sob o capitalismo, *"toda idéia de controle comum, compreensivo e providente da produção das matérias-primas, controle que em geral, é absolutamente inconciliável com as leis da produção capitalista (...) nunca passa de desejo piedoso ou se limita a medidas excepcionalmente conjuntas em momentos de grave perigo imediato e perplexidade..."*.⁹⁷ A idéia de que é possível sob o capitalismo, em particular em sua fase monopolista-imperialista, eliminar a oposição entre os diversos capitais unificando-os num grande truste, eliminando a concorrência, o desperdício de trabalho social e a contradição entre oferta e procura, parece-nos inconcebível para Marx.

Em uma passagem do Livro I, ele expressa-se assim sobre a função da concorrência no regime capitalista: *"A livre concorrência impõe a cada capitalista individualmente, como leis externas inexoráveis, as leis imanentes da produção capitalista"*.⁹⁸ Não é possível imaginarmos uma sociedade capitalista desenvolvida sem a livre concorrência pois, ela tem uma função fundamental na realização das leis internas do capital. Não depende da boa ou da má vontade do capitalista individual investir em tal ou qual ramo da produção, em vender abaixo ou acima do valor médio, em substituir ou não trabalho vivo por trabalho morto etc. Apesar das aparências, não depende da consciência do capitalista individual a aplicação da lei do valor e da luta de classes no dia a dia dos negócios. Esta determinação lhe é imposta externamente pela livre concorrência.

⁹⁶ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 137. *"Aber es existiert kein notwendiger, sondern nur zufälliger Zusammenhang zwischen dem Gesamtquantum der gesellschaftlichen Arbeit, das auf einen gesellschaftlichen Artikel verwandt ist, d. h. zwischen dem aliquoten Teil ihrer Gesamtarbeitskraft, den die Gesellschaft auf die Produktion dieses Artikels verwendet, also zwischen dem Umfang, den die Produktion dieses Artikels in der Gesamtproduktion einnimmt, einerseits, und zwischen dem Umfang andererseits, worin die Gesellschaft Befriedigung des durch jenen bestimmten Artikel gestillten Bedürfnisses verlangt"*. MEW 25, p.197.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 89. *"Aller Gedanke an gemeinsame, übergreifende und vorsehende Kontrolle der Produktion der Rohstoffe – eine Kontrolle, die im ganzen und großen auch durchaus unvereinbar ist mit den Gesetzen der kapitalistischen Produktion, und daher immer frommer Wunsch bleibt oder sich auf ausnahmsweise gemeinsame Schritte in Augenblicken großer unmittelbarer Gefahr und Ratlosigkeit beschränkt – macht Platz dem Glauben, daß Nachfrage und Zufuhr sich gegenseitig regulieren werden"*. MEW 25, p.130.

⁹⁸ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. I, p. 206. *"Die freie Konkurrenz macht die immanenten Gesetze der kapitalistischen Produktion dem einzelnen Kapitalisten gegenüber als äußerliches Zwangsgesetz geltend"*. MEW 23, p. 286.

Se não houvesse a livre concorrência e a coação externa do capital global sobre o capital individual, este poderia investir seu capital na esfera que melhor lhe agradasse, poderia livremente fixar os preços, a taxa de lucro etc., sem submeter-se às leis do valor. A concorrência, porém, obriga o capital a seguir as diretrizes médias seguidas por qualquer capital individual. Ele é coagido a aplicá-las naturalmente, pois está pressionado pela oposição recíproca existente entre os diferentes capitais, é obrigado a seguir as diretrizes de vender e comprar pelo valor (ou pelo preço de produção) como qualquer outro capital. Porém, apesar das leis imanentes da produção capitalista imporem-se através da concorrência, esta, contraditoriamente, esconde e ofusca a visualização destas leis, que emanam diretamente da lei do valor e da luta de classes.

Na medida em que o truste e o fim da livre concorrência imaginados por Hilferding, devem pressupor, por coerência, o fim de todo tipo de mercado, parece-nos uma contradição inexplicável a idéia de que os trustes possam planificar o mercado de seus próprios produtos, mantendo o mercado de trabalho sob o regime da livre concorrência. Somente onde o mercado tenha sido abolido de fato pela expropriação da propriedade privada e sua conversão em propriedade social, somente onde a contradição de classe tenha sido abolida e os antigos produtores assalariados convertidos em produtores livremente associados, é possível uma planificação racional do trabalho social: *“apenas onde a produção está sob controle real e pré determinante da sociedade, esta estabelece a conexão entre a extensão de tempo do trabalho social empregado na produção de determinados artigos e a extensão da necessidade social a ser satisfeita por esses artigos”*.⁹⁹ Somente onde a produção destinada à acumulação do valor de troca seja substituída pela produção destinada à satisfação das necessidades humanas, é possível uma planificação econômica global consciente.

Tugán-Baranowski e Hilferding consideram que se a sociedade burguesa fosse planejada racionalmente, se entre o departamento produtor de meios de produção e o de meios de subsistência fossem guardadas determinadas proporções, a acumulação poderia prosseguir eternamente sem sobressaltos. Tais autores consideram a superprodução como

⁹⁹ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 137/38. *“Nur wo die Produktion unter wirklicher vorherbestimmender Kontrolle der Gesellschaft steht, schafft die Gesellschaft den Zusammenhang zwischen dem Umfang der gesellschaftlichen Arbeitszeit, verwandt auf die Produktion bestimmter Artikel, und dem Umfang des durch diese Artikel zu befriedigenden gesellschaftlichen Bedürfnisses”*. MEW 25, p.197.

resultado unicamente da desproporção entre os dois departamentos, não a consideram como um fenômeno imanente à produção burguesa. Se fosse possível, segundo a concepção desses autores, regular a produção proporcionalmente à demanda, as crises de superprodução seriam eliminadas e nenhum obstáculo se levantaria ao progresso capitalista. Como essa regulação não é possível de ser realizada conscientemente sem a abolição da lei do valor, ela permanecerá sendo impossível enquanto existir a propriedade privada e o regime do capital.

Para Marx, toda objeção contra a superprodução como um fenômeno imanente ao capitalismo, *“baseia-se em considerarem a produção burguesa como modo de produção onde não existe diferença entre compra e venda, troca direta de produtos, ou como produção social, como se a sociedade, de acordo com um plano, repartisse os meios de produção e forças produtivas no nível e na medida do requerido para satisfazer suas diferentes necessidades, e assim se desloca para cada ramo de produção a cota exigida do capital social para satisfazer a necessidade a que ele corresponde”*.¹⁰⁰

Estas objeções resumem-se na idéia de que *“as barreiras à produção capitalista não são barreiras à produção em geral e, portanto, também não são barreiras a esse modo específico de produção, o modo capitalista”*.¹⁰¹ Para Tugán-Hilferding as crises de superprodução e as barreiras à produção capitalista não emanam diretamente do modo de organização da produção capitalista, da propriedade privada e do trabalho assalariado, mas sim, emanam de fatores externos a ela que podem ser controlados racionalmente. *“Essa ficção [segundo Marx] origina-se sobretudo da incapacidade de conceber a forma específica da produção burguesa, o que, por sua vez, decorre do preconceito que se aferra*

¹⁰⁰ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 963. *“Alle Schwierigkeiten, die Ricardo etc. gegen Überproduktion etc. aufwerfen, beruhen darauf, daß sie die bürgerliche Produktion als eine Produktionsweise betrachten, worin entweder kein Unterschied von Kauf und Verkauf existiert – unmittelbarer Tauschhandel – oder als gesellschaftliche Produktion, so daß die Gesellschaft, wie nach einen Plan, ihre Produktionsmittel und Produktivkräfte verteilt in dem Grad und Maß wie nötig zur Befriedigung ihrer verschiedenen Bedürfnisse, so daß auf jede Produktionssphäre das zur Befriedigung des Bedürfnisses, dem sie entspricht, erheischte Quotum des gesellschaftlichen Kapitals falle”*. MEW 26, p. 529.

¹⁰¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 184/85. *“Kurz, alle die Einwände gegen die handgreiflichen Erscheinungen der Überproduktion (Erscheinungen, die sich nicht um diese Einwände kümmern) laufen darauf hinaus, daß die Schranken der kapitalistischen Produktion keine Schranken der Produktion überhaupt sind und daher auch keine Schranken dieser spezifischen, der kapitalistischen Produktionsweise”*. MEW 25, p. 268.

*à produção burguesa como a produção por excelência. É como o sujeito que acredita em determinada religião e considera a sua a religião por excelência, e as demais, falsas".*¹⁰²

Além da incapacidade de conceber a forma específica da produção burguesa e das contradições do valor, a concepção de Tugán-Hilferding tem origem também na idéia de que a ordem monopolista do capitalismo, baseia-se não mais na existência de relações contraditórias entre os diversos capitais sob a concorrência, mas, sim, que esta foi abolida cedendo lugar a ordem monopolista do capital. Baseia-se na ficção de que a lei do valor-trabalho foi abolida na determinação dos preços e que estes, são agora definidos politicamente, pelo poder que cada monopólio tem no mercado, na ficção de que o trabalho abstrato contido na mercadoria perdeu sua capacidade de determinar as contradições oriundas da circulação. Porém, se o produto continua existindo na forma de mercadoria e, portanto, como unidade de valor de uso e valor, de trabalho concreto e abstrato, necessitando obrigatoriamente ser convertido em dinheiro, como pode essa conversão ocorrer harmonicamente, sem sobressaltos, como querem Tugán-Hilferding, numa formação sócio-econômica em que o trabalho continua existindo na forma assalariada e a força de trabalho como mercadoria?

*Ao revés, caberia antes perguntar: como, na base da produção capitalista, onde cada um trabalha para si e o trabalho específico tem de se configurar ao mesmo tempo em seu oposto, trabalho abstrato, geral e, nessa forma, trabalho social, pode ser possível que surjam as necessárias compensações e correspondências entre os diferentes ramos de produção, suas dimensões e as proporções entre eles, a não ser mediante superação contínua de uma desarmonia constante? Isso ainda se admite quando se trata dos nivelamentos da concorrência, pois estes supõem haver algo a ajustar, e que portanto a harmonia sempre resulta apenas do movimento que supera a desarmonia existente.*¹⁰³

¹⁰² Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 963. "Diese Fiktion entspringt überhaupt aus der Unfähigkeit, die spezifische Form der bürgerlichen Produktion aufzufassen und letztere wiederum aus dem Versenktsein in die bürgerliche Produktion als die Produktion schlechthin. Ganz wie ein Kerl, der an eine bestimmte Religion glaubt, in ihr die Religion schlechthin sieht und außerhalb derselben nur falsche Religionen". MEW 26, p. 529.

¹⁰³ Ibid., p. 963/64. "Umgekehrt wäre vielmehr zu fragen: Wie, auf Grundlage der kapitalistischen Produktion, wo jeder für sich arbeitet und die besondere Arbeit zugleich als ihr Gegenteil, abstrakt allgemeine Arbeit, und in dieser Form gesellschaftliche Arbeit sich darstellen muß, die notwendige Ausgleichung und

Como podem Tugán-Hilferding abolirem as desproporções reais entre as diversas indústrias mantendo-as, porém, na forma capitalista? Como podem ser abolidas a desarmonia constante e a distribuição irregular do trabalho social, numa economia com vistas à valorização do valor, em que se conserva a propriedade privada e a separação dos verdadeiros produtores dos meios de produção? A harmonia conseguida transitoriamente sob o regime do valor de troca, só pode ser obtida mediante a constante desarmonia. A harmonia entre os setores só pode ser conquistada verdadeiramente, na medida em que o produtor conquiste para si próprio a posse dos meios de produção. Se estes estão separados do verdadeiro produtor na forma de elementos do capital e se a direção dos negócios se aliena nas mãos do capitalista, a harmonia só pode ser conseguida superando a desarmonia existente, isto é, recolocando na forma de espiral, em escala progressivamente mais elevada, a separação entre produtor e meios de produção, entre produção e consumo, entre execução e direção dos negócios e a desarmonia na distribuição do trabalho social entre as diversas esferas da produção.

A concepção harmonicista do mercado prega que se não houvesse desproporção entre os departamentos da produção, não haveria superprodução. Esta concepção, porém, se pretende ser marxista, deveria agregar que sem a desproporção também não haveria produção capitalista, que esta é impossível de ser regulada conscientemente, que o produtor direto está separado da direção do processo, que o capitalista, enquanto personificação do capital, só expressa conscientemente um movimento que está fora de seu controle, pois em seu peito bate o coração do capital, sua alma é a alma do capital.

Noutras palavras, isso significa apenas: não se daria superprodução se procura e oferta se correspondessem, se o capital se repartisse em todos os ramos de produção em proporção tal que a produção de um artigo implicasse o consumo do outro, seu próprio consumo, portanto. Não haveria superprodução se não houvesse superprodução. Mas, uma vez que a produção capitalista só pode expandir-se à solta em certos ramos e em dadas condições, seria de todo impossível produção

Zusammengehörigkeit der verschiedenen Produktionssphären, das Maß und die Proportion zwischen denselben, anders als durch beständige Aufhebung einer beständigen Disharmonie möglich sein soll? Dies ist noch zugegeben, wenn von den Ausgleichungen der Konkurrenz gesprochen wird, denn diese Ausgleichungen

*capitalista se a produção tivesse de se desenvolver em todos os ramos de maneira simultânea e proporcionada. Por ocorrer superprodução absoluta naqueles ramos, ocorre também superprodução relativa nos ramos onde não se produziu em excesso.*¹⁰⁴

Os economistas que negam a superprodução geral do capital para a admitirem somente na forma de uma desproporção intersetorial, esquecem que as proporções adequadas dentro de uma economia capitalista, só existem a partir da permanente desproporção. A harmonia entre os Departamentos I e II só existe nos esquemas do Livro II porque, na realidade, o que impera na ordem capitalista é a desordem. As proporções adequadas, sejam elas intersetorial, entre produção e consumo etc., só existem enquanto pólos que se contradizem mutuamente. Imaginar uma economia capitalista regulada conscientemente significa desconhecer que o capital só pode ser compreendido enquanto multiplicidade de capitais, que o verdadeiro sujeito do processo de valorização do valor é o capital e não o capitalista. Imaginar a existência de um único capital monopolista, ou um grande truste adequando a produção à demanda e distribuindo, portanto, o trabalho social entre os diferentes ramos da produção na exata medida da demanda social, é cair na ilusão de que se pode criar numa sociedade regulada pelo interesse privado, uma justa distribuição do trabalho social de forma que elimine a desproporção entre oferta e demanda e assim, as crises de superprodução.

O fascínio de Tugán-Hilferding com a brilhante análise de Marx sobre a reprodução do capital social feita no Livro II de *O Capital*, tem suas razões. A primeira é que as “proporções adequadas” para a acumulação já estão dadas no esquema, o esquema não exige que para compreendê-lo, seja necessário descobrir como se formaram historicamente as adequadas proporções ao estabelecimento e ulterior desenvolvimento do modo de

setzen stets voraus, daß etwas auszugleichen ist, also die Harmonie stets nur ein Resultat der Bewegung der Aufhebung der existierenden Disharmonie ist”. MEW 26, p. 529/30.

¹⁰⁴ Ibid., p. 966. “... in andren Worten nichts [anderes als]: Es fände keine Überproduktion statt, wenn Nachfrage und Zufuhr sich entsprächen, wenn das Kapital so verhältnismäßig in allen Produktionssphären verteilt wäre, daß die Produktion des einen Artikels die Konsumtion des andern, also seine eigne Konsumtion einschloße. Es gäbe keine Überproduktion, wenn es keine Überproduktion gäbe. Da aber die kapitalistische Produktion sich nur in gewissen Sphären, unter gegebenen Bedingungen, Zügel schießen lassen kann, so wäre überhaupt keine kapitalistische Produktion möglich, wenn sie in allen Sphären gleichzeitig und gleichmäßig sich entwickeln müßte. Weil Überproduktion in diesen Sphären absolut stattfindet, findet sie relativ auch in den Sphären statt, wo nicht überproduziert worden ist”. MEW 26, p. 532.

produção capitalista. A segunda é que no esquema reina a harmonia entre as classes, isto é, não há luta de classes no esquema. Por questões puramente metodológicas, Marx abstrai da análise, entre outros elementos, a origem histórica das proporções entre os departamentos I e II e a luta de classes. Marx, porém, não era e nem pretendia ser um “economista”, pelo menos no sentido que Tugán-Baranovsky emprega. Sabemos que Marx rejeitou ser chamado até mesmo de marxista.

No capítulo XXIV do Livro I de *O Capital*, intitulado A Assim Chamada Acumulação Primitiva, Marx descreve como o capital inglês conquistou em sua fase de formação, a devida proporção entre os departamentos I e II da produção. Os métodos levados a cabo pelo nascente capital inglês descritos por Marx constituem toda uma *“série de pilhagens, horrores e tormentos do povo, que acompanham a violenta expropriação do povo, do último terço do século XV até o fim do século XVIII...”*.

Para ilustrar como a própria formação de um departamento produtor de meios de produção no campo, adequado às exigências da expansão da indústria têxtil nas cidades se formou a partir da luta de classes e da separação dos antigos produtores diretos de seus próprios meios de produção, Marx cita as palavras de um tal Sir. F. M. Éden, que, para ele, além de tudo, apresentava matiz tory e era filantropo: *“a proporção correta (due) entre terras para lavoura e para criação de gado tinha de ser estabelecida. Ainda no decorrer do século XIV e na maior parte do século XV, havia um acre de pastagem para 2, 3 e mesmo 4 acres de terra para lavoura. Em meados do século XVI, a proporção transformou-se em 2 acres de pastagem para 2 acres de lavoura, mais tarde, 2 acres de pastagem para 1 acre de lavoura, até que finalmente se estabeleceu a proporção correta de 3 acres de pastagem para 1 acre de lavoura”*.¹⁰⁵ Esta é a época em que os camponeses vagueavam como miseráveis por toda Inglaterra e, no dizer de Thomas Morus, as ovelhas comiam os homens.

¹⁰⁵ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 261. *“Die stoische Seelenruhe, womit der politische Ökonom frechste Schändung des „heiligen Rechts des Eigentums“ und grösste Gewalttat wider Personen betrachtet, sobald sie erheischt sind, um die Grundlage der kapitalistischen Produktionsweise herzustellen, zeigt uns u.a. der überdem noch toryistisch gefärbte und „philanthropische“ Sir F.M. Eden. Die ganze Reihe von Raubtaten, Greueln und Volksdrangsalen, welche die gewaltsame Volksexpropriation vom letzten Drittel des 15. bis zum Ende des 18. Jahrhunderts begleiten, treibt ihn nur zur „komfortablen“ Schlußreflexion: „Die richtige (due) proportion zwischen Acker-und Viehland mußte hergestellt werden. Noch im ganzen 14. und größtem Teil des 15. Jahrhunderts kam 1 Acre Viehweide auf 2, 3 und selbst 4 Acres Ackerland. In Mitte des 16. Jahrhunderts verwandelte sich die Proportion in 2 Acres Viehland auf 2, später von 2 Acres Viehweide auf 1 Acre Ackerland, bis endlich die richtige Proportion von 3 Acres Viehland auf 1 Acre Ackerland herauskam.“ Im 19. Jahrhundert verlor sich natürlich selbst die Erinnerung des Zusammenhangs zwischen Ackerbauer und Gemeindeeigentum. Von späterer Zeit gar nicht zu reden, welchen Farthing Ersatz erhielt das Landvolk*

As adequadas proporções no campo foram conquistadas graças à pilhagem das pastagens comunais e a expulsão dos camponeses de suas terras. A formação da correta proporcionalidade entre agricultura e indústria capitalista gera, simultaneamente, a própria desproporcionalidade, pois, no princípio, conforme Sir. Éden, também havia uma determinada proporcionalidade entre terras de pastagem e de lavoura. Porém, era uma proporcionalidade adequada a um modo de produção que, apesar de ser também um regime de divisão de classes, tinha vistas apenas para o valor de uso e não ao de troca. Quando se tornou lucrativo produzir tecidos para o mercado mundial em expansão, e não mais, produzir alimentos para o mercado regional, as lavouras de trigo tiveram que ceder espaço às pastagens de ovelha, que forneceriam a lã para a indústria têxtil. O campo transformou-se numa extensão da indústria têxtil e uma nova proporcionalidade, entre terras de pastagem e de lavoura, teve de ser estabelecida. Uma proporcionalidade tal, que fez com que as ovelhas obtivessem mais terra e importância econômica que os antigos camponeses.

Como no século XIX, os estóicos e serenos economistas políticos ingleses haviam perdido toda “a lembrança da conexão entre lavoura e propriedade comunal (...) [que na concepção de Marx fora roubada dos camponeses] e parlamentarmente presenteados aos *landlords* pelos *landlords* (...) [Marx convida a economia política burguesa a olhar para a] terra prometida da moderna literatura de romance, na alta Escócia. Lá, o procedimento se distingue por seu caráter sistemático, pela grandeza da escala em que é executado com um só golpe (na Irlanda, os senhores fundiários conseguiram varrer várias aldeias ao mesmo tempo; na alta Escócia trata-se de áreas de tamanho de ducados alemães) - e finalmente pela forma especial da propriedade fundiária usurpada.”¹⁰⁶ A Irlanda e a Escócia do século XVIII, constituíram-se nas primeiras colônias agrícolas da indústria inglesa e aí, por seu atraso em relação à Inglaterra, poderia ver-se *in loco*, repetir-se toda a história da formação do capital primitivo inglês. A Irlanda e a Escócia forneciam aos economistas ingleses, um

jemals für die 3.511.770 Acres Gemeindeland, die ihm zwischen 1810 und 1831 geraubt und parlamentarisch den Landlords von den Landlords geschenkt wurden?” MEW 23, p. 756.

¹⁰⁶ Ibid., p. 261. “Was aber „Clearing of Estates“ im eigentlichen Sinne bedeutet, das lernen wir nur kennen im gelobten Lande der modernen Romanliteratur, in Hochschottland. Dort zeichnet sich der Vorgang aus durch seinen systematischen Charakter, durch die Größe der Stufenleiter, worauf er mit einem Schlag vollzogen wird (in Irland haben Grundherrschaften es dahin gebracht, mehrere Dörfer gleichzeitig wegzufügen; in Hochschottland handelt es sich um Bodenflächen von der Größe deutscher Herzogtümer) – und endlich durch die besondere Form des unterschlagenen Grundeigentums”. MEW 23, p. 756.

laboratório vivo onde poderiam inclusive, conhecer melhor a gênese histórica de seu próprio modo de produção.

Assim como “*o movimento histórico, que transforma os produtores em trabalhadores assalariados, aparece, por um lado, como sua libertação da servidão e da coação corporativa...*”,¹⁰⁷ assim também, a formação das adequadas proporções para a acumulação capitalista aparece, por outro lado, como a libertação conquistada pela terra frente às pessoas, que fica apta a ser ocupada pelo capital. E “*esse aspecto [na concepção de Marx] é o único que existe para nossos escribas burgueses da História*”.¹⁰⁸

A exposição feita por Marx no capítulo XXIV evidenciara, como por trás da aparente e natural anarquia do mercado, esconde-se todo o processo da luta de classes travada pelo capital contra todo o povo camponês da Inglaterra. Se a luta de classes está na origem das adequadas proporções entre os vários ramos da produção capitalista, ela permanece contemporaneamente determinando toda a ordem do capital, já que não existe capital sem a permanente reprodução da classe trabalhadora como classe expropriada de todo e qualquer meio de produção. Por isso, da mesma forma que o dinheiro “*vem ao mundo com manchas naturais de sangue sobre uma de suas faces, então o capital [e também suas corretas proporções J.A] nasce escorrendo por todos os poros sangue e sujeira da cabeça aos pés*”.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Ibid., p. 252.

¹⁰⁸ Ibid., p. 252. “*Somit erscheint die geschichtliche Bewegung, die die Produzent in Lohnarbeiter verwandelt, einerseits als ihre Befreiung von Dienstbarkeit und Zunftzwang; und diese Seite allein existiert für unsre bürgerlichen Geschichtschreiber*”. MEW 23, p. 743.

¹⁰⁹ Ibid., p. 282. “*Wenn das Geld, nach Augier, „mit natürlichen Blutflecken auf einer Backe zur Welt kommt“ so das Kapital von Kopf bis Zeh, aus allen Poren, blut- und schmutztriefend*”. MEW 23, p. 788.

IV A LEI DA QUEDA TENDENCIAL DA TAXA DE LUCRO

4.1. A LEI ENQUANTO TAL

Na concepção de Marx a lei da queda tendencial da taxa de lucro, decorrente da tendência de aumento da composição orgânica do capital no curso do desenvolvimento capitalista, é uma lei muito simples e *“pode-se dizer que constitui o mistério em torno de cuja solução toda a Economia Política gira desde Adam Smith e que a diferença entre as diversas escolas desde Adam Smith consiste nas diferentes tentativas de solucioná-la”*.¹¹⁰

A essência da lei consiste no seguinte: de todos os elementos que compõem o capital, o único que o valoriza por meio da criação de mais-valia é a parte formada pelo emprego da classe trabalhadora e representada pelo capital variável. O capital constante, por ser trabalho morto, não cria valor e, por isso, não cria ,também, mais-valia. Como no

¹¹⁰ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 155. A Economia Política burguesa não soube desvendar a lei, apesar de tateá-la muitas vezes por que segundo Marx, nunca soube a *“diferença entre capital constante e variável... [porque] nunca apresentou a mais-valia separada do lucro e o lucro em forma pura, separadamente de suas partes constantes autonomizadas entre si – como lucro industrial, lucro comercial, juros, renda fundiária; que ela nunca analisou a fundo a diversidade na composição orgânica do capital e, portanto, tampouco a formação da taxa geral de lucro -, então deixa de ser enigmático que nunca lhe foi possível decifrar esse enigma”*. Ibid., p. 155/56. *“So einfach das Gesetz nach den bisherigen Entwicklungen erscheint, sowenig ist es aller bisherigen Ökonomie gelungen (...), es zu entdecken. Sie sah das Phänomen und quälte sich in widersprechenden Versuchen ab, es zu deuten. Bei der großen Wichtigkeit aber, die dies Gesetz für die kapitalistische Produktion hat, kann man sagen, daß es das Mysterium bildet, um dessen Lösung sich die ganze politische Ökonomie seit Adam Smith dreht, und daß der Unterschied zwischen den verschiedenen Schulen seit Adam Smith in den verschiedenen Versuchen zu seiner Lösung besteht. Erwägt man aber andererseits, daß die bisherige politische Ökonomie um den Unterschied von konstantem und variablem Kapital zwar herumtappte, ihn aber nie bestimmt zu formulieren verstand; daß sie den Mehrwert nie getrennt vom Profit und den Profit überhaupt nie rein, im Unterschied von seinen verschiedenen gegeneinander verselbständigten Bestandteilen – wie industrieller Profit, kommerzieller Profit, Zins, Grundrente – darstellte; daß sie nie gründlich die Verschiedenheit in der organischen Zusammensetzung des Kapitals,*

curso do desenvolvimento capitalista, predomina a substituição da força de trabalho viva do operário pelo trabalho morto das máquinas e dos instrumentos de trabalho, em algum momento do ciclo econômico esta substituição deve se manifestar na forma de uma queda na massa de mais-valia produzida, em relação com o volume acrescido do capital global empregado, deve se expressar na forma de uma queda na taxa de lucros.

4.1.1. DECRÉSCIMO RELATIVO DO CAPITAL VARIÁVEL EM RELAÇÃO AO CAPITAL CONSTANTE.

Marx inicia a apresentação da lei elaborando uma série hipotética onde procura expressar que com o progressivo decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante, uma taxa de mais-valia constante ou mesmo em ascensão, deveria expressar-se numa taxa de lucro em queda contínua.

Com salário e jornada de trabalho dados, uma dada taxa de mais-valia deve se expressar sempre em taxas de lucros muito diferentes, de acordo com o diferente volume do capital constante c empregado e, com isso, do volume do capital global C , já que a taxa de lucro é $= m/C$. Supondo uma taxa de mais-valia de 100%, no esquema abaixo elaborado por Marx, a taxa de lucro evoluiria da seguinte forma:¹¹¹

Se $c = 50$, $v = 100$, então $l' = 100/150 = 66 \frac{2}{3}\%$.

Se $c = 100$, $v = 100$, então $l' = 100/200 = 50\%$.

Se $c = 200$, $v = 100$, então $l' = 100/300 = 33 \frac{1}{3}\%$.

Se $c = 300$, $v = 100$, então $l' = 100/400 = 25\%$.

Se $c = 400$, $v = 100$, então $l' = 100/500 = 20\%$.

Supondo, além disso, que essa mudança gradual na composição do capital não ocorra apenas em ramos isolados da produção mas, que se estenda a todos ou, pelo menos, aos mais importantes e que isto implique modificações na composição orgânica média do

daher ebensowenig die Bildung der allgemeinen Profitrate analysiert hat – so hört es auf, rätselhaft zu sein, daß ihr die Lösung dieses Rätsels nie gelang". MEW 25, p. 223/24.

¹¹¹ c = capital constante, v = capital variável, l' = taxa de lucro, C = capital global ($c+v$), m = mais-valia

capital global pertencente a determinada sociedade, então, “*esse crescimento paulatino do capital constante precisa em relação ao capital variável, ter necessariamente por resultado uma queda gradual na taxa de lucro geral, com taxa constante de mais-valia ou grau constante de exploração do trabalho pelo capital*”.¹¹²

Marx procura expressar no esquema que com o progresso do modo de produção capitalista, ocorre um decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante e, com isso, em relação ao capital global posto em movimento. Devido aos métodos de produção peculiares que se desenvolvem dentro da produção capitalista, uma quantidade constante de trabalhadores está capacitada a colocar em movimento uma massa sempre crescente de meios de trabalho e um capital constante de volume de valor sempre crescente. Esse progressivo decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital global, “*é, igualmente, apenas outra expressão para o progressivo desenvolvimento da força produtiva social de trabalho, que se mostra exatamente no fato de que, por meio do crescente emprego de maquinaria e de capital fixo, de modo geral, mais matérias-primas e auxiliares são transformadas pelo mesmo número de trabalhadores no mesmo tempo, ou seja, com menos trabalho, em produtos*”.¹¹³

A queda do capital variável em relação ao capital constante é cuidadosamente considerada por Marx como uma queda relativa e não absoluta. Isto é, o capital variável empregado e a soma de trabalhadores por ele representado, caem apenas em relação ao volume de valor representado pelo capital constante. Marx evita o erro de considerar a queda do capital variável em relação ao constante, como uma queda absoluta do número de trabalhadores empregados pelo capital social, o que pode eventualmente ocorrer na realidade. Ele observa também, que o aumento da composição de valor não se dá no mesmo

¹¹² Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 154. “... so muß dies allmähliche Anwachsen des konstanten Kapitals, im Verhältnis zum variablen, notwendig zum Resultat haben einen graduellen Fall in der allgemeinen Profitrate bei gleichbleibender Rate des Mehrwerts oder gleichbleibendem Exploitationsgrad der Arbeit durch das Kapital”. MEW 25, p. 222.

¹¹³ Ibid., p. 155. “Diese fortschreitende relative Abnahme des variablen Kapitals im Verhältnis zum konstanten und daher zum Gesamtkapital ist identisch mit der fortschreitend höhern organischen Zusammensetzung des gesellschaftlichen Kapitals in seinem Durchschnitt. Es ist ebenso nur ein anderer Ausdruck für die fortschreitende Entwicklung der gesellschaftlichen Produktivkraft der Arbeit, die sich grade darin zeigt, daß vermittelt der wachsenden Anwendung von Maschinerie und fixem Kapital überhaupt mehr Roh – und Hilfsstoffe von derselben Anzahl Arbeiter in derselben Zeit, d.h. mit weniger Arbeit in Produkte verwandelt werden”. MEW 25, p. 222.

grau em que se dá o aumento da composição técnica do capital, da quantidade de meios de produção colocados em funcionamento por determinado quantum de trabalhadores.

Esta tendência progressiva de queda na taxa geral de lucro, mesmo com taxa e massa de mais-valia em ascensão, representa “*apenas uma expressão peculiar ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento progressivo da força produtiva social de trabalho*”.¹¹⁴ A taxa de lucro tende a cair porque o elemento vivo criador de mais-valia, é substituído paulatinamente no curso da reprodução do capital por capital constante, que não valoriza o valor. Porém, “*com isso não está dito que a taxa de lucro não possa cair transitoriamente por outras razões, mas está provado, a partir da essência do modo de produção capitalista, como uma necessidade óbvia, que em seu progresso a taxa média geral de mais-valia tem de expressar-se numa taxa geral de lucro em queda*”.¹¹⁵

Em relação ao aspecto quantitativo lucro e mais valia são idênticos, a massa de lucro sempre será idêntica à massa de mais-valia. A diferença entre elas consiste apenas numa diferença entre taxas, pois a taxa de mais-valia é encontrada mediante a relação da mais-valia total com o capital variável total, enquanto que a taxa de lucro é encontrada mediante a relação da mais-valia total com o capital global. Por isso,

*... como a massa de trabalho vivo empregado diminui sempre em relação à massa de trabalho objetivado, posta por ele em movimento, isto é, o meio de produção consumido produtivamente, assim também a parte desse trabalho vivo que não é paga e que se objetiva em mais-valia tem de estar numa proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital global empregado. Essa relação da massa de mais-valia com o valor do capital global empregado constitui, porém, a taxa de lucro, que precisa, por isso, cair continuamente.*¹¹⁶

¹¹⁴ Ibid., p. 155. “Die progressive Tendenz der allgemeinen Profitrate zum Sinken ist also nur ein der kapitalistischen Produktionsweise eigentümlicher Ausdruck für die fortschreitende Entwicklung der gesellschaftlichen Produktivkraft der Arbeit”. MEW 25, p. 223.

¹¹⁵ Ibid., p. 155. “Es ist damit nicht gesagt, daß die Profitrate nicht auch aus andren Gründen vorübergehend fallen kann, aber es ist damit aus dem Wesen der kapitalistischen Produktionsweise als eine selbstverständliche Notwendigkeit bewiesen, daß in ihrem Fortschritt die allgemeine Durchschnittsrate des Mehrwerts sich in einer fallenden allgemeinen Profitrate ausdrücken muß”. MEW 25, p. 223.

¹¹⁶ Ibid., p. 155. “Da die Masse der angewandten lebendigen Arbeit stets abnimmt im Verhältnis zu der Masse der von ihr in Bewegung gesetzten vergegenständlichten Arbeit, der produktiv konsumierten Produktionsmittel, so muß auch der Teil dieser lebendigen Arbeit, der unbezahlt ist und sich in Mehrwert vergegenständlicht, in einem stets abnehmenden Verhältnis stehn zum Wertumfang des angewandten

Se adotarmos como pressuposto que no curso do progresso capitalista ambos, massa de mais-valia e capital global cresçam e que este cresça mais rapidamente que a primeira, a taxa de lucro deve necessariamente cair. Se esta expressa a massa de mais-valia em relação ao capital global, m/C , então, toda vez que o denominador C subir em relação ao numerador m , a razão entre eles deve cair. A lei da taxa decrescente de lucro, na qual pode se expressar uma taxa igual ou até mesmo ascendente de mais-valia, significa para Marx que:

... dado um quantum determinado do capital social médio, tomando-se por exemplo um capital de 100, representam-se numa parte sempre maior do mesmo os meios de trabalho e numa parte sempre menor o trabalho vivo. Como, portanto, a massa global de trabalho vivo agregado aos meios de produção cai em relação ao valor desses meios de produção, assim também caem o trabalho não-pago e a parte de valor em que ela se representa, em relação ao valor do capital global adiantado.¹¹⁷

Como o capital procura resolver a contradição imanente entre ele e a classe trabalhadora substituindo esta por maquinaria, substituindo o trabalho vivo do operário por trabalho já objetivado, a taxa de lucro tende a cair porque a nova massa de trabalho não pago é insuficiente para valorizar o capital acrescido com a mesma taxa do passado.

Ou: uma parte aliquota cada vez menor do capital global despendido se converte em trabalho vivo, e esse capital global absorve portanto, em proporção à sua grandeza, sempre menos mais-valia, embora a proporção da parte não-paga do trabalho empregado, em relação à parte paga do mesmo, possa simultaneamente crescer. O decréscimo proporcional do capital variável e o aumento do capital

Gesamtkapitals. Dies Verhältnis der Mehrwertsmasse zum Wert des angewandten Gesamtkapitals bildet aber die Profitrate, die daher beständig fallen muß". MEW 25, p. 223.

¹¹⁷ Ibid., p. 157. "Das Gesetz von der fallenden Rate des Profits, worin dieselbe oder selbst eine steigende Rate des Mehrwerts sich ausdrückt, heißt in andern Worten: Irgendein bestimmtes Quantum des gesellschaftlichen Durchschnittskapitals, z.B. ein Kapital von 100 genommen, stellt sich ein stets größerer Teil desselben in Arbeitsmitteln und ein stets geringerer Teil desselben in lebendiger Arbeit dar. Da also die Gesamtmasse der den Produktionsmitteln zugesetzten lebendigen Arbeit fällt im Verhältnis zum Wert dieser Produktionsmittel, so fällt auch die unbezahlte Arbeit und der Wertteil, worin sie sich darstellt, im Verhältnis zum Wert des vorgeschossenen Gesamtkapitals". MEW 25, p. 225/26.

*constante, embora ambas as partes cresçam absolutamente, é, como se disse, apenas outra expressão para a produtividade aumentada do trabalho.*¹¹⁸

Marx considera um absurdo as concepções de Ricardo e sua escola, que viam na elevação dos salários provocada pelas elevações de preço dos meios de subsistência dos trabalhadores, a causa real para a queda na taxa de lucro. Ricardo explicava a elevação de salários e a conseqüente queda na taxa de lucro, pela impossibilidade de se encontrar terras mais férteis e mais próximas dos centros de consumo, capazes de serem utilizadas para o cultivo do trigo. Como a demanda aumentada por este produto empurrava o cultivo às terras mais distantes e menos férteis da Inglaterra, a força produtiva média do trabalho empregado no cultivo de trigo tendia a cair e, portanto, a encarecer o produto e a força de trabalho, visto que o trigo era o principal componente dos salários ingleses.

*O decréscimo tendencial da taxa de lucro está ligado a uma elevação tendencial da taxa de mais-valia, portanto do grau de exploração do trabalho. Nada mais absurdo do que explicar a queda da taxa de lucro a partir de uma elevação da taxa de salário, embora também isso possa excepcionalmente ser o caso. (...) A taxa de lucro não cai porque o trabalho se torna mais improdutivo, mas porque se torna mais produtivo. Ambas, elevação da taxa de mais-valia e queda da taxa de lucro, são apenas formas específicas em que se expressa de maneira capitalista a crescente produtividade do trabalho.*¹¹⁹

¹¹⁸ Ibid., p. 157. "Oder: Ein stets geringerer aliquoter Teil des ausgelegten Gesamtkapitals setzt sich in lebendige Arbeit um, und dies Gesamtkapital saugt daher, im Verhältnis zu seiner Größe, immer weniger Mehrarbeit auf, obgleich das Verhältnis des unbezahlten Teils der angewandten Arbeit zum bezahlten Teil derselben gleichzeitig wachsen mag. Die verhältnismäßige Abnahme des variablen und Zunahme des konstanten Kapitals, obgleich beide Teile absolut wachsen, ist, wie gesagt, nur ein anderer Ausdruck für die vermehrte Produktivität der Arbeit". MEW 25, p. 226.

¹¹⁹ Ibid., p. 173. "Das tendenzielle Sinken der Profitrate ist verbunden mit einem tendenziellen Steigen in der Rate des Mehrwerts, also im Exploitationsgrad der Arbeit. Nichts albernere daher, als das Sinken der Profitrate aus einem Steigen in der Rate des Arbeitslohns zu erklären, obgleich auch dies ausnahmsweise der Fall sein mag. (...) Die Profitrate fällt nicht, weil die Arbeit unproduktiver, sondern weil sie produktiver wird. Beides, Steigen der Rate des Mehrwerts und Fallen der Rate des Profits, sind nur besondere Formen, worin sich wachsende Produktivität der Arbeit kapitalistisch ausdrückt". MEW 25, p. 250.

4.1.2. DECRÉSCIMO RELATIVO DA MASSA GERAL DE MAIS-VALIA EM RELAÇÃO AO CAPITAL GLOBAL

A massa global de mais-valia é idêntica à massa global de lucro. Em relação com o capital variável, constitui a taxa de lucro ou de exploração. Vista, porém, em relação com o capital global, constitui a taxa de lucro. Nada aqui impede que esta massa de mais-valia quando analisada em relação ao capital global, mesmo quando expressa uma massa ou uma taxa em ascensão, expresse uma taxa de lucro em queda. Para isto, basta que o capital global cresça mais rapidamente que a massa de mais-valia por ele criada.

Assim como a queda da massa de capital variável empregado é uma queda relativa, também a queda da massa de lucro é uma queda relativa, ela cai apenas em relação à massa do capital total empregado para se conseguir a mesma massa de lucro. A lei diz respeito à queda da mais-valia em relação ao capital total empregado para produzi-la, a queda é portanto relativa e não absoluta. A formulação da lei não exclui o aumento absoluto da mais-valia social, a lei enuncia-se apenas como uma queda relativa.

*A lei da queda progressiva da taxa de lucro ou da diminuição relativa do mais-trabalho apropriado em comparação com a massa de trabalho objetivado posta em movimento pelo trabalho vivo não exclui, de maneira alguma, que a massa absoluta de trabalho posto em movimento e explorado pelo capital social cresça, que, portanto, a massa absoluta de mais-trabalho por ele apropriado também cresça, tampouco que os capitais que se encontram sob o comando dos capitalistas individuais comandem uma massa crescente de trabalho, e portanto de mais-trabalho, este último mesmo se o número de trabalhadores comandados por eles não crescer.*¹²⁰

¹²⁰ Ibid., p. 157. "Das Gesetz des fortschreitenden Falls der Profitrate oder der relativen Abnahme der angeeigneten Mehrarbeit im Vergleich mit der von der lebendigen Arbeit in Bewegung gesetzten Masse vergegenständlichter Arbeit schließt in keiner Weise aus, daß die absolute Masse der vom gesellschaftlichen Kapital in Bewegung gesetzten und exploitierten Arbeit, daher auch die absolute Masse der von ihm angeeigneten Mehrarbeit wächst; ebensowenig, daß die unter dem Kommando der einzelnen Kapitalisten stehenden Kapitale eine wachsende Masse von Arbeit und daher von Mehrarbeit kommandieren, letztere selbst, wenn die Anzahl der von ihnen kommandierten Arbeiter nicht wächst". MEW 25, p. 226.

A relação entre mais-valia e capital global e entre capital variável e capital constante se modifica, não porque a massa de trabalho vivo posto em movimento pelo capital global cai de forma absoluta mas, sim, porque a massa de trabalho já objetivado nos meios de produção que a força de trabalho põe em movimento, sobe mais rapidamente que esse quantum de força de trabalho, sobe relativamente. A taxa de lucro cai, não porque a massa de mais-valia cai de forma absoluta, mas porque a massa de capital global empregada para produzi-la, aumenta mais rapidamente que ela.

*... com a massa crescente de capital constante, fixo e circulante, que põe esse trabalho em movimento, cai a relação dessa grandeza de valor com o valor desse capital, que cresce com sua massa, ainda que não na mesma proporção. Essa relação, e portanto a taxa de lucro, cai, embora depois como antes a mesma massa de trabalho vivo seja comandada e a mesma massa de mais-trabalho seja absorvida pelo capital. A relação se modifica não porque a massa de trabalho vivo cai, mas porque a massa de trabalho já objetivado que ela põe em movimento sobe. A diminuição é relativa, não absoluta, e de fato nada tem a ver com a grandeza absoluta do trabalho e do mais-trabalho postos em movimento. A queda da taxa de lucro não nasce de uma diminuição absoluta, mas de uma diminuição relativa do componente variável do capital global, de sua diminuição comparada com o componente constante.*¹²¹

Para demonstrar matematicamente a possibilidade da taxa de lucro cair mesmo com aumento absoluto da massa de mais-valia, Marx elabora uma nova série hipotética:¹²²

¹²¹ Ibid., p. 158. "Aber es fällt mit der wachsenden Masse des konstanten – fixen und zirkulierenden – Kapitals, das diese Arbeit in Bewegung setzt, das Verhältnis dieser Wertgröße zum Wert dieses Kapitals, der mit seiner Masse, wenn auch nicht im selben Verhältnis, wächst. Dies Verhältnis und daher die Profitrate fällt, obgleich nach wie vor dieselbe Masse lebendiger Arbeit kommandiert und dieselbe Masse Mehrarbeit vom Kapital aufgesaugt wird. Das Verhältnis ändert sich, nicht weil die Masse der lebendigen Arbeit fällt, sondern weil die Masse der von ihr in Bewegung gesetzten bereits vergegenständlichten Arbeit steigt. Die Abnahme ist relativ, nicht absolut, und hat in der Tat mit der absoluten Größe der in Bewegung gesetzten Arbeit und Mehrarbeit nichts zu schaffen. Der Fall der Profitrate entsteht nicht aus einer absoluten, sondern aus einer nur relativen Abnahme des variablen Bestandteils des Gesamtkapitals, aus ihrer Abnahme, verglichen mit dem konstanten Bestandteil". MEW 25, p. 227.

¹²² c = capital constante, v = capital variável, m = mais-valia, C = capital global (c + v), l' = taxa de lucro (m/C).

Capital I.	$4c + 2v + 2m;$	$C = 6,$	$l' = 33 \frac{1}{3}\%.$
Capital II.	$15c + 3v + 3m;$	$C = 18,$	$l' = 16 \frac{2}{3}\%.$

Enquanto a massa de mais-valia aumentou metade, de 2 para 3, a taxa de lucro l' , inversamente, caiu para metade da anterior, de $33 \frac{1}{3}\%$ para $16 \frac{2}{3}\%$. A grandeza absoluta do lucro, sua massa global, cresce 50% no esquema, apesar da enorme diminuição na proporção entre essa massa de lucro e o capital global adiantado ou, apesar do enorme decréscimo na taxa geral de lucro. A queda na taxa de lucro não impede, até certo ponto, que a acumulação de capital prossiga em escala sempre maior. A acumulação se interrompe apenas quando esta queda atinge um nível crítico, insuportável para as condições médias em que opera o capital.

*O número dos trabalhadores empregados pelo capital, portanto a massa absoluta de trabalho posta em movimento por ele, portanto a massa absoluta de mais-trabalho absorvida por ele, portanto a massa de mais-valia produzida por ele, portanto a massa absoluta de lucro produzida por ele pode, por conseguinte crescer, e crescer progressivamente, apesar da progressiva queda da taxa de lucro. Isso não apenas pode ser o caso. Tem de ser o caso, descontadas oscilações transitórias, na base da produção capitalista.*¹²³

A marcha normal da acumulação e do desenvolvimento da força produtiva do trabalho social que a acompanha, eleva a seu lado, a capacidade da força de trabalho em gerar mais-valia. Isto significa que a queda na taxa de lucro, pode ser normalmente acompanhada de um aumento da taxa e da massa de mais-valia produzida.

O mesmo desenvolvimento da força produtiva de trabalho social, as mesmas leis que se apresentam na queda relativa do capital variável em relação ao capital

¹²³ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 158. "Die Anzahl der vom Kapital angewandten Arbeiter, also die absolute Masse der von ihm in Bewegung gesetzten Arbeit, daher die absolute Masse der von ihm aufgesaugten Mehrarbeit, daher die Masse des von ihm produzierten Mehrwerts, daher die absolute Masse des von ihm produzierten Profits kann also wachsen, und progressiv wachsen, trotz des progressiven Falls der Profitrate. Dies kann nicht nur der Fall sein. Es muß der Fall sein – vorübergehende Schwankungen abgerechnet – auf Basis der kapitalistischen Produktion". MEW 25, p. 228.

*global e na acumulação assim acelerada, enquanto, por outro lado, a acumulação se torna, como repercussão, ponto de partida de desenvolvimento ulterior da força produtiva e de diminuição relativa ulterior do capital variável, o mesmo desenvolvimento se expressa — abstraindo oscilações temporárias — no crescente aumento da força de trabalho global empregada, no crescimento cada vez maior da massa absoluta de mais-valia, e portanto do lucro.*¹²⁴

Porém, sob que forma há de se apresentar essa lei dúplice, oriunda das mesmas causas, da diminuição da taxa de lucro e do simultâneo aumento da massa absoluta de lucro? Marx utiliza o seguinte raciocínio para apresentá-la: com a diminuição relativa da parte variável do capital em relação à sua parte constante e, portanto, em relação ao capital global, a taxa de lucro cai com grau de exploração do trabalho constante e mesmo crescente, cai a grandeza relativa da mais-valia, isto é, sua relação com o valor do capital global adiantado. Mas não só essa grandeza relativa cai. A grandeza da mais-valia ou do lucro absorvido pelo capital global pode cair de modo absoluto.

Se com taxa de mais-valia de 100%, um capital de $60c + 40v$ produz uma massa de mais-valia de 40; um capital de $70c + 30v$ produz uma massa de lucro de 30; com um capital de $80c + 20v$ o lucro cai para 20. Como essa queda se refere à massa de mais-valia e, portanto, do lucro, como este capital global (de 100) põe em geral menos trabalho vivo em movimento, ele põe, com grau de exploração constante, também menos mais-trabalho em movimento e, portanto, produz menos mais-valia. A taxa de lucro cai nos casos acima, de 40% para 30% e para 20% pois, de fato, a massa de mais-valia produzida pelo mesmo capital cai de modo absoluto, de 40 para 30 e para 20. Como a grandeza de valor do capital sobre a qual a mais-valia é medida é $= 100$, uma queda da mais-valia como proporção dessa grandeza constante, só pode ser outra expressão para a diminuição da grandeza absoluta da mais-valia e do lucro.

¹²⁴ Ibid., p.159/60. “*Dieselbe Entwicklung der Produktivkraft der gesellschaftlichen Arbeit, dieselben Gesetze, welche im relativen Fall des variablen Kapitals gegen das Gesamtkapital und der damit beschleunigten Akkumulation sich darstellen, während andererseits die Akkumulation rückwirkend Ausgangspunkt weiterer Entwicklung der Produktivkraft und weiterer relativer Abnahme des variablen Kapitals wird, dieselbe Entwicklung drückt sich, von zeitweiligen Schwankungen abgesehen, aus in der steigenden Zunahme der angewandten Gesamtarbeitskraft, im steigenden Wachstum der absoluten Masse des Mehrwerts und daher des Profits*”. MEW 25, p. 230.

A solução para o problema já está contida na própria contradição. Para que a massa global de mais-valia produzida possa crescer, mesmo supondo as condições de exploração constantes, o capital global deve crescer a uma taxa inversa à taxa de queda do lucro. Se o lucro cair pela metade, para um determinado capital continuar produzindo a mesma massa de mais-valia, ele deve crescer o dobro. Caso cair para um terço, o capital deve triplicar, se cair para um quarto, deve quadruplicar e assim por diante. Se um capital global de 100 gera uma mais-valia de 20, ele se valoriza a uma taxa de 20%. Se a taxa de lucro cair para metade, para 10%, em decorrência da diminuição absoluta da mais-valia gerada, de 20 para 10, então para este capital produzir a mesma massa de mais-valia que antes, de 20, com a nova taxa de lucro de 10%, ele deve duplicar, deve subir de 100 para 200. 10% sobre 200 resulta na mesma massa de lucro que a anterior, a de 20. Se crescer menos que o dobro, então, com a nova taxa de lucro de 10% gerará uma mais-valia menor que a inicial de 20. Para gerar uma massa de mais valia acima de 20, deverá crescer mais que o dobro.

*Para que a massa de lucro permaneça a mesma com taxa decrescente de lucro, o multiplicador, que indica o crescimento do capital global, tem de ser igual ao divisor, que indica a queda da taxa de lucro. Se a taxa de lucro cai de 40 para 20, o capital global precisa, inversamente, subir na proporção de 20:40 para que o resultado permaneça o mesmo. Se a taxa de lucro tivesse caído de 40 para 8, então o capital teria de crescer na proporção de 8:40, ou seja, quintuplicar. Um capital de 1 milhão a 40% produz 400 mil e um capital de 5 milhões a 8% produz igualmente 400 mil. Isso vale para que o resultado permaneça o mesmo. Se, no entanto, ele deve crescer, então o capital deve crescer em proporção maior do que aquela em que cai a taxa de lucro.*¹²⁵

¹²⁵ Ibid., p. 161. "Damit die Profitmasse bei abnehmender Profitrate gleichbleibe, muß der Multiplikator, der das Wachstum des Gesamtkapitals anzeigt, gleich sein dem Divisor, der das Fallen der Profitrate anzeigt. Wenn die Profitrate von 40 auf 20 fällt, muß das Gesamtkapital umgekehrt im Verhältnis von 20:40 steigen, damit das Resultat dasselbe bleibe. Wäre die Profitrate gefallen von 40 auf 8, so müßte das Kapital wachsen im Verhältnis von 8:40, d.h. auf das Fünffache. Ein Kapital von 1.000.000 zu 40% produziert 400.000 und ein Kapital von 5.000.000 zu 8% produziert ebenfalls 400.000. Dies gilt, damit das Resultat dasselbe bleibe. Soll es dagegen wachsen, so muß das Kapital in größerer Proportion wachsen, als die Profitrate fällt". MEW 25, p. 232.

Esta possibilidade parece significar para Marx, que a lei da queda na taxa de lucro é uma lei contraditória pois, assim como representa um perigo imediato para a acumulação capitalista, representa, ao mesmo tempo, as possibilidades de um desenvolvimento rápido e vertiginoso da acumulação, devido ao estímulo que essa queda (até um certo limite) descarrega sobre os capitais individuais para recuperarem as antigas massas de lucro. A lei expressa o fato de que o processo de acumulação capitalista, constitui-se num processo profundamente dialético, um processo contraditório e não linear pois, ao mesmo tempo que a queda na taxa de lucro levanta barreiras imensas à continuidade normal da ordem capitalista, estimula e acelera contraditoriamente, a acumulação e a formação de novos e mais extensos capitais.

Assim como o capital se enfrenta constantemente consigo mesmo, retira dialeticamente de seu próprio interior, a energia e a potencialidade necessária para continuar se reproduzindo. Se ele próprio contém em seu interior, toda a potencialidade negativa para um colapso histórico e a abolição violenta de todas as suas contradições internas, contém também, contraditoriamente, os elementos positivos para sua própria autossuperação e alargamento de suas bases de existência. O mesmo parece compreender Jorge Grespan, que acredita ser errada a interpretação de que Marx enunciara na lei da queda da taxa de lucro, a sua teoria do colapso inevitável do capitalismo. Para ele, “*o capital é igualmente o processo de criação e destruição da totalidade de relações sociais, é o movimento de possibilidades opostas cuja contradição igualmente se soluciona e repõe, é o “sujeito” que ao refletir sobre si, igualmente se institui e se resolve*”.¹²⁶ Conclusão inteiramente oposta parece ter José A. Giannotti, para quem “*os dois últimos volumes d’O Capital, arredondados por Engels, tratam em linhas gerais de apontar para o colapso do modo de produção capitalista. Para esse propósito a lei da taxa declinante de lucro serve às mil maravilhas*”.¹²⁷

¹²⁶ Jorge L. S. GRESPAN. *O Negativo do Capital*. p. 283.

¹²⁷ José A. GIANNOTTI. *Certa Herança Marxista*. p. 232.

4.2. A FORMAÇÃO DE UMA SUPERPOPULAÇÃO RELATIVA EXCEDENTE

O processo de produção capitalista é, essencialmente e simultaneamente, um processo de reprodução do capital em escala ampliada. Como com o progresso da produção capitalista, a massa de valor que precisa simplesmente ser reproduzida e conservada, aumenta e cresce com a elevação da produtividade do trabalho, mesmo se a força de trabalho empregada permanece constante; como com o desenvolvimento da força produtiva social do trabalho, cresce ainda mais a massa de valores de uso produzidos, dos quais os meios de produção constituem uma parte; como o trabalho adicional, por meio de cuja apropriação essa riqueza adicional pode ser retransformada em capital não depende do valor, mas da massa desses meios de produção, então, a própria acumulação e a concentração de capital que ela implica é, em si mesma, um meio material de elevação da força produtiva e da formação de uma população excedente às necessidades da acumulação. *“Nesse crescimento dos meios de produção está, porém, implícito o crescimento da população trabalhadora, a criação de uma população correspondente ao capital excedente e que em linhas gerais sempre sobrepasse suas necessidades, portanto uma superpopulação de trabalhadores”.*¹²⁸ A elevação da força produtiva do trabalho e a substituição de trabalho vivo por trabalho morto, gera um excedente de trabalhadores que não poderá ser empregado pelo capital, porque a massa de mais-valia por eles fornecida, não será suficiente para valorizar o capital a uma taxa de lucro satisfatória.

De outra forma, um excedente momentâneo de capital em relação à população trabalhadora, resultante de um rápido progresso da acumulação e, portanto, de uma demanda crescente por trabalhadores, teria um duplo efeito sobre a classe trabalhadora. Por um lado, *“por meio da elevação de salário, atenuando por conseguinte as influências dizimadoras, aniquiladoras da descendência dos trabalhadores e facilitando os*

¹²⁸ Karl MARX. *O Capital*, Livro III, vol. V, p.158/59. *“In diesem Wachstum der Produktionsmittel ist aber eingeschlossen das Wachstum der Arbeiterbevölkerung, die Schöpfung einer dem Surpluskapital entsprechenden und sogar seine Bedürfnisse im ganzen und großen stets überflutenden Bevölkerung, und daher Überbevölkerung, von Arbeitern”*. MEW 25, p. 228.

*casamentos, ele iria aumentar paulatinamente a população trabalhadora”.*¹²⁹ Porém, como no curso da acumulação o capital tende a substituir trabalho em fluxo por trabalho já objetivado, as mesmas causas que favorecem a reprodução da classe trabalhadora tendem, contraditoriamente, a ampliar sua miséria. Assim, por outro lado, “*por meio da aplicação dos métodos que geram a mais-valia relativa (introdução e aperfeiçoamento na maquinaria), ele geraria ainda muito mais rapidamente uma superpopulação relativa, artificial, que, por sua vez — já que na produção capitalista a miséria gera população —, seria de novo a incubadeira de um aumento realmente rápido do tamanho da população*”.¹³⁰

De qualquer forma, se positiva ou negativa para os trabalhadores, a elevação da força produtiva do trabalho tende, constantemente, a elevar junto com ela a oferta de trabalhadores dispostos a serem esfolados pelo capital.

*Da natureza do processo capitalista de acumulação — que é apenas um momento do processo de produção capitalista — segue, portanto, por si, que a massa aumentada de meios de produção destinada a ser transformada em capital encontra sempre à mão uma população trabalhadora, correspondentemente elevada e mesmo excedente, explorável. Com o progresso do processo de produção e de acumulação a massa de mais-trabalho apropriável e apropriado tem de crescer, e portanto a massa absoluta de lucro apropriado pelo capital social.*¹³¹

Como, porém, essa massa aumentada de mais-valia total a ser dividida entre o capital global é conseguida mediante um aumento nas despesas com capital constante, no

¹²⁹ Ibid., p. 159. “*Er würde einerseits durch Steigerung des Arbeitslohns, daher Milderung der den Nachwuchs der Arbeiter dezimierenden, vernichtenden Einflüsse und Erleichterung der Heiraten die Arbeiterbevölkerung allmählich vermehren...*” MEW 25, p. 228.

¹³⁰ Ibid., p. 159. “*... andererseits aber durch Anwendung der Methoden, die den relativen Mehrwert schaffen (Einführung und Verbesserung von Maschinerie) noch weit rascher eine künstliche, relative Übervölkerung schaffen, die ihrerseits wieder – da in der kapitalistischen Produktion das Elend Bevölkerung erzeugt – das Treibhaus einer wirklichen raschen Vermehrung der Volkszahl ist*”. MEW 25, p. 228.

¹³¹ Ibid., p. 159. “*Aus der Natur des kapitalistischen Akkumulationsprozesses – der nur ein Moment des kapitalistischen Produktionsprozesses ist – folgt daher von selbst, daß die gesteigerte Masse der Produktionsmittel, die bestimmt sind, in Kapital verwandelt zu werden, eine entsprechend gesteigerte und selbst überschüssige, exploitierbare Arbeiterbevölkerung stets zur Hand findet. Im Fortschritt des Produktions – und Akkumulationsprozesses muß also die Masse der aneignungsfähigen und angeeigneten*

curso da acumulação a taxa de lucro tende a cair mesmo sob a hipótese de uma massa e de uma taxa de mais-valia em alta. *“Mas as mesmas leis da produção e da acumulação elevam, com a massa, o valor do capital constante em progressão crescente de modo mais rápido do que o da parte de capital variável convertida em trabalho vivo. As mesmas leis produzem, portanto, para o capital social uma massa absoluta crescente de lucro e uma taxa decrescente de lucro”*.¹³²

A formação de uma massa de trabalhadores excedentes não empregados pelo capital, não resulta de uma baixa produtividade do trabalho, de uma queda em sua taxa de exploração, ao contrário, ela se forma porque o trabalho se torna mais produtivo, porque sua exploração se eleva ao máximo. Porém, contraditoriamente, essa elevação da produtividade do trabalho não consegue valorizar à taxa anterior o volume acrescido de capital ora empregado. A taxa de lucro cai, acompanhada de uma elevação tanto da massa quanto da taxa de mais-valia, porque o trabalho se torna mais produtivo e não menos, como pensava Ricardo.

*... na mesma proporção em que se desenvolve a produção capitalista, desenvolve-se a possibilidade de uma população trabalhadora relativamente redundante, não porque a força produtiva do trabalho social diminui, mas porque ela aumenta, portanto não por uma desproporção absoluta entre trabalho e meios de subsistência ou meios para a produção de tais meios de subsistência, senão por uma desproporção que se origina da exploração capitalista do trabalho, pela desproporção entre o crescimento cada vez maior do capital e sua necessidade relativamente decrescente de uma população crescente.*¹³³

Mehrarbeit und daher die absolute Masse des vom Gesellschaftskapital angeeigneten Profits wachsen”. MEW 25, p. 229.

¹³² Ibid., p. 159. *“Aber dieselben Gesetze der Produktion und Akkumulation steigern, mit der Masse, den Wert des konstanten Kapitals in zunehmender Progression rascher als den des variablen, gegen lebendige Arbeit umgesetzten Kapitalteils. Dieselben Gesetze produzieren also für das Gesellschaftskapital eine wachsende absolute Profitmasse und eine fallende Profitrate”.* MEW 25, p. 229.

¹³³ Ibid., p. 161. *“Im selben Verhältnis daher, wie sich die kapitalistische Produktion entwickelt, entwickelt sich die Möglichkeit einer relativ überzähligen Arbeiterbevölkerung, nicht weil die Produktivkraft der gesellschaftlichen Arbeit abnimmt, sondern weil sie zunimmt, also nicht aus einem absoluten Mißverhältnis zwischen Arbeit und Existenzmitteln oder Mitteln zur Produktion dieser Existenzmittel, sondern aus einem Mißverhältnis, entspringend aus der kapitalistischen Exploitation der Arbeit, dem Mißverhältnis zwischen dem steigenden Wachstum des Kapitals und seinem relativ abnehmenden Bedürfnis nach wachsender Bevölkerung”.* MEW 25, p. 232.

Como o desenvolvimento da força produtiva social do trabalho e a diminuição relativa do trabalho vivo durante o processo de produção, impulsiona a produção à escalas sempre crescentes, para que o capital possa manter a mesma quantidade de força de trabalho empregada é necessário empregar uma massa cada vez mais crescente do capital global. Para um capital empregar uma massa de trabalhadores acrescida em termos absolutos, com uma composição superior ou um aumento relativo mais intenso do capital constante, o capital global precisa crescer não só na proporção da composição superior, mas, ainda, de maneira mais rápida.

Em outras palavras: para que o componente variável do capital global não só permaneça o mesmo de modo absoluto, mas cresça absolutamente embora sua percentagem enquanto parte do capital global caia, o capital global tem de crescer em proporção maior do que aquela em que cai a percentagem do capital variável. Ele tem de crescer tanto que, em sua nova composição, necessite não só da antiga parte variável do capital, mas ainda mais do que esta para a aquisição de força de trabalho. Se a parte variável de um capital = 100 cai de 40 para 20, então o capital global tem de subir para mais de 200, a fim de poder empregar um capital variável maior do que 40.¹³⁴

Se após um intenso desenvolvimento das forças produtivas, determinado volume de capital constante necessitar apenas metade dos trabalhadores originariamente empregados para ser movimentado e, se acaso queira manter o mesmo número de trabalhadores empregados, ele será obrigado a dobrar o volume de dado capital. Se passar a necessitar de apenas um terço, para empregar a mesma massa anterior de operários, terá de triplicar o capital, se empregar apenas um quarto terá de quadruplicar o investimento em capital e assim por diante. Desta lei geral resulta que, “quanto mais o modo de produção capitalista se desenvolve, uma quantidade cada vez maior de capital se torna necessária para

¹³⁴ Ibid., p. 161. “In andren Worten: Damit der variable Bestandteil des Gesamtkapitals nicht nur absolut derselbe bleibe, sondern absolut wachse, obgleich sein Prozentsatz als Teil des Gesamtkapitals fällt, muß das Gesamtkapital in stärkrem Verhältnis wachsen, als der Prozentsatz des variablen Kapitals fällt. Es muß so sehr wachsen, daß es in seiner neuen Zusammensetzung nicht nur den alten variablen Kapitalteil, sondern noch mehr als diesen zum Ankauf von Arbeitskraft bedarf. Fällt der variable Teil eines Kapitals = 100 von 40

*empregar a mesma força de trabalho, e ainda maior para uma força de trabalho crescente. A força produtiva crescente de trabalho gera, portanto, na base capitalista, necessariamente uma superpopulação trabalhadora permanente e aparente”.*¹³⁵ Essa lei evidencia que sob as relações capitalistas de produção, o desespero e a miséria entre os trabalhadores é um destino naturalmente criado pelo capital.

4.3. A LEI E AS RELAÇÕES DE VALOR NO INTERIOR DAS MERCADORIAS

A lei de que a queda da taxa de lucro causada pelo desenvolvimento da força produtiva é acompanhada por um aumento na massa de lucro, também se exprime no fato de que a queda do preço das mercadorias produzidas pelo capital, é acompanhada por um aumento relativo da massa de lucro contida nelas e realizada mediante sua venda.

Como o aumento da força produtiva do trabalho põe uma massa cada vez maior de meios de produção em movimento com uma massa cada vez menor de trabalho, cada mercadoria individual absorve menos trabalho vivo e objetivado, tanto na depreciação do capital fixo absorvido quanto nas matérias-primas e auxiliares utilizadas. Cada mercadoria individual contém, portanto, uma soma menor de trabalho objetivado nos meios de produção e de trabalho novo agregado durante a produção, caindo seu preço individual. A massa de lucro que está contida nesta mercadoria individual pode, apesar disso, aumentar, se a taxa de mais-valia absoluta ou relativa crescer. Esta nova mercadoria poderá conter menos trabalho novo agregado, mas a parte não-paga, porém, poderá crescer em relação à parte paga.

Porém, com a diminuição absoluta enormemente incrementada no curso da reprodução da soma de trabalho vivo recém-agregado à mercadoria individual, também diminuirá absolutamente a massa de trabalho não-pago nela contido, por mais que tenha

auf 20, so muß das Gesamtkapital auf mehr als 200 steigen, um ein größeres variables Kapital als 40 verwenden zu können”. MEW 25, p. 232/33.

¹³⁵ Ibid., p. 162. *“Es folgt hieraus, daß, je mehr die kapitalistische Produktionsweise sich entwickelt, eine immer größere Kapitalmenge nötig ist, um dieselbe und mehr noch eine wachsende Arbeitskraft zu beschäftigen. Die steigende Produktivkraft der Arbeit erzeugt also, auf kapitalistischer Grundlage, mit Notwendigkeit eine permanente scheinbare Arbeiterübevölkerung”.* MEW 25, p. 233.

crescido relativamente em proporção à parte paga. A massa de lucro contida em cada mercadoria individual irá diminuir muito com o desenvolvimento da força produtiva, apesar do crescimento da taxa de mais-valia. Se a taxa de lucro, porém, fosse calculada apenas sobre os elementos que formam o preço da mercadoria individual, ela se apresentaria de um modo diferente do que ela realmente é. E isso pela seguinte razão:¹³⁶

A taxa de lucro deve ser calculada sempre sobre o capital global empregado para determinado tempo, na prática dos negócios ela é, de fato, calculada para 1 ano. A relação entre a mais-valia ou lucro feito e realizado em 1 ano e o capital global calculado percentualmente, é a taxa de lucro. Ela não é, portanto, necessariamente igual a uma taxa de lucro para cujo cálculo a base não é o ano, mas o período de rotação do capital em questão; só quando esse capital rota exatamente 1 vez por ano é que ambas coincidem. O lucro feito ao longo de 1 ano é apenas a soma dos lucros sobre as mercadorias produzidas e vendidas no decorrer desse mesmo ano. Se agora calcularmos o lucro sobre o preço de custo das mercadorias, então obtemos uma taxa de lucro $= l/k$, em que l é o lucro realizado no decorrer do ano e k é a soma dos preços de custo das mercadorias produzidas e vendidas no mesmo período de tempo. É evidente que essa taxa de lucro l/k só pode coincidir com a verdadeira taxa de lucro l/C , massa de lucro dividida pelo capital global, se $k = C$, ou seja, se o capital rota exatamente 1 vez por ano.

Tomemos três situações diferentes de um capital industrial:

I O capital de 8 mil libras esterlinas produz e vende anualmente 5 mil unidades de mercadoria, por 30 xelins a unidade, tendo, portanto, uma rotação anual de 7.500 libras esterlinas. Sobre cada unidade de mercadoria ele faz um lucro de 10 xelins = 2.500 libras esterlinas ao ano. Em cada unidade estão contidos, portanto, 20 xelins de adiantamento de capital e 10 xelins de lucro, assim a taxa de lucro por unidade é $10/20 = 50\%$. Da soma rotada de 7.500 libras esterlinas, 5 mil libras esterlinas correspondem ao adiantamento de capital e 2.500 libras esterlinas ao lucro; taxa de lucro sobre a rotação, l/k , também = 50%. No entanto, calculada sobre o capital global, a taxa de lucro l/C é $2.500/8.000 = 31 \frac{1}{4}\%$.

¹³⁶ Ibid., p. 165. Reproduzimos aqui, literalmente, o esquema completado por Engels na redação de *O Capital*.

II Suponhamos que o capital suba para 10 mil libras esterlinas. Em decorrência da força produtiva de trabalho aumentada, está capacitado a produzir anualmente 10 mil unidades. Ele as vende com 4 xelins de lucro, portanto por 24 xelins a unidade de mercadoria ao preço de custo de 20 xelins cada uma. Então o preço do produto anual é = 12 mil libras esterlinas, das quais 10 mil libras esterlinas de adiantamento de capital e 2 mil libras esterlinas de lucro. l/k é = $4/20$ por unidade, para a rotação anual = $2.000/10.000$ portanto ambas as vezes = 20%, e como o capital global é igual à soma dos preços de custo, ou seja, 10 mil libras esterlinas, então dessa vez também l/C , a taxa de lucro real, é = 20%.

III Suponhamos que o capital aumente, com uma força produtiva de trabalho sempre crescente, para 15 mil libras esterlinas e produza agora anualmente, 30 mil unidades de mercadoria ao preço de custo de 13 xelins cada, que são vendidas com 2 xelins de lucro, portanto a 15 xelins por unidade. Rotação anual = 30.000×15 xelins = 22.500 libras esterlinas, das quais 19.500 de adiantamento de capital e 3 mil libras esterlinas de lucro. l/k é, portanto, = $2/13 = 3.000/19.500 = 15 \text{ } 5/13\%$. Por outro lado $l/C = 3.000/15.000 = 20\%$.

De acordo com Engels, “... só no caso II, onde o valor do capital rotado é igual ao capital global, a taxa de lucro sobre a unidade de mercadoria ou sobre a soma de rotação é a mesma que a taxa de lucro calculada sobre o capital global. No caso I, onde o preço de custo da mercadoria, é mais elevada; no caso III, onde o capital global é menor do que a soma de rotação, ela é inferior à taxa de lucro real, calculada sobre o capital global”.¹³⁷

Embora, pois, a taxa de lucro tenha de ser calculada mediante a mensuração da massa de mais-valia produzida e realizada, não só em relação à parte do capital consumido que reaparece nas mercadorias mas, em relação a essa parte mais a parte de capital não-consumido, porém, empregado e que continua a servir na produção, ainda assim, a massa

¹³⁷ Ibid., p.165. “Nur in Fall II, wo der umgeschlagne Kapitalwert gleich dem Gesamtkapital, ist die Profitrate aufs Stück Ware oder auf die Umschlagssumme dieselbe wie die aufs Gesamtkapital berechnete Profitrate. Im Fall I, wo die Umschlagssumme Kleiner als das Gesamtkapital, ist die Profitrate, auf den Kostpreis der Ware berechnet, höher; im Fall III, wo das Gesamtkapital Kleiner als die Umschlagssumme, ist sie niedriger als die wirkliche, aufs Gesamtkapital berechnete Profitrate.” MEW 25, p. 238.

de lucro só pode mesmo ser igual à massa de mais-valia contida nas próprias mercadorias e a ser realizada mediante sua venda.

Se a produtividade do trabalho social aumenta, então deverá cair o preço individual das mercadorias e nelas estará contido menos trabalho pago e não-pago. Como o lucro só pode constituir parte dessa massa de trabalho em queda, a massa de lucro por mercadoria individual tem de cair. Se o capital, porém, continuar empregando a mesma massa de trabalhadores e com o mesmo grau de exploração, poderá produzir a mesma massa de mais-valia global que antes, pois, junto com a queda do valor individual das mercadorias, acompanhará um aumento no volume de mercadorias totais produzidas. Na mesma proporção em que cair a massa de lucro por mercadoria individual, deverá aumentar o número de mercadorias produzidas e a massa de lucro poderá continuar a mesma, porém, agora, distribuída de outro modo sobre a nova soma multiplicada das mercadorias individuais.

A taxa de lucro poderá permanecer a mesma, se o aumento da força produtiva atuar de modo uniforme e simultâneo sobre todas as partes componentes das mercadorias, de modo que o preço global da mercadoria caia na mesma proporção em que aumentou a produtividade do trabalho e se a relação recíproca dos diversos componentes do preço da mercadoria permanecer a mesma. A taxa de lucro poderia até mesmo subir se com a elevação da taxa de mais-valia, acompanhasse uma diminuição significativa de valor dos elementos do capital constante, especialmente do fixo.

Como na realidade a taxa de lucro só irá cair a longo prazo, a queda de preço da mercadoria individual não permite tirar por si só uma conclusão sobre a taxa de lucro. Tudo depende de quão grande é a soma global do capital que participa de sua produção e da relação das partes componentes do capital global entre si.

O fenômeno que se origina da natureza do modo de produção capitalista, de que, com produtividade crescente do trabalho, o preço da mercadoria individual ou de dada cota de mercadorias cai, o número de mercadorias sobe, a massa de lucro sobre a mercadoria individual e a taxa de lucro sobre a soma de mercadorias caem, a massa de lucro porém sobre a soma global das mercadorias sobe — esse fenômeno na superfície só apresenta queda da massa de lucro sobre a mercadoria

*individual, queda de seu preço, crescimento da massa de lucro sobre o número global aumentado das mercadorias que o capital global da sociedade ou o capitalista individual produz.*¹³⁸

Como na concorrência tudo se apresenta de modo falso e invertido, o capitalista individual imagina que pode conscientemente rebaixar seu lucro sobre a mercadoria individual mediante sua diminuição de preço, mas que, porém, se autocompensa fazendo um lucro maior por causa da massa maior de mercadorias que vende. Imagina que ao fixar o preço das mercadorias individuais, pode determinar por multiplicação o preço e o lucro global. *“Isso é, então, interpretado como se o capitalista, por sua livre vontade, adicionasse menos lucro à mercadoria individual, compensando-se, porém, pelo número maior de mercadorias que ele produz. Essa visão baseia-se na concepção de lucro sobre a alienação (profit upon alienation) que, por sua vez, foi abstraída da concepção do capital comercial”.*¹³⁹

¹³⁸ Ibid., p. 166. *“Das aus der Natur der kapitalistischen Produktionsweise hervorgehende Phänomen, daß bei wachsender Produktivität der Arbeit der Preis der einzelnen Ware oder eines gegebenen Warenquotums sinkt, die Anzahl der Waren steigt, die Profitmasse auf die einzelne Ware und die Profitrate auf die Warensomme sinkt, die Profitmasse aber auf die Gesamtsumme der Waren steigt – dies Phänomen stellt auf der Oberfläche nur dar: Fallen der Profitmasse auf die einzelne Ware, Fallen ihres Preises, Wachsen der Profitmasse auf die vermehrte Gesamtzahl der Waren, die das Gesamtkapital der Gesellschaft oder auch der einzelne Kapitalist produziert”.* MEW 25, p. 240.

¹³⁹ Ibid., p. 167. *“Es wird dies dann so aufgefaßt, daß der Kapitalist aus freiem Belieben weniger Profit auf die einzelne Ware schlägt, aber sich entschädigt durch die größere Anzahl Waren, die er Produziert. Diese Anschauung beruht auf der Vorstellung des Veräußerungsprofits (profit upon alienation), die ihrerseits wieder abstrahiert ist aus der Anschauung des Kaufmannskapitals”.* MEW 25, p. 240.

V CAUSAS CONTRARIANTES DA LEI

Se a lei da queda tendencial da taxa de lucro se apresentava como uma das maiores dificuldades aos economistas contemporâneos de Marx, ele agora agrega uma nova dificuldade: a de explicar por que essa queda não se realiza de forma linear e em períodos mais curtos de tempo. Assim, *“no lugar da dificuldade que até agora ocupou os economistas, isto é, explicar a queda da taxa de lucro, aparece a dificuldade inversa ou seja, explicar por que essa queda não é maior ou mais rápida. Deve haver influências contrariantes em jogo, que cruzam e superam os efeitos da lei geral, dando-lhe apenas o caráter de uma tendência, motivo pelo qual também designamos a queda da taxa geral de lucro como uma queda tendencial”*.¹⁴⁰

Marx procura aqui, demonstrar porque considera a lei como uma tendência contraditória, uma lei que em seu curso é atenuada, mas não anulada, por diversos fatores. Os mais genéricos são os seguintes:

5.1. ELEVAÇÃO DO GRAU DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

Supondo uma composição orgânica constante do capital, o grau de exploração do trabalho condiciona-se por dois fatores: pela extensão e intensificação da jornada de

¹⁴⁰ Ibid., p. 168. *“... so tritt an die Stelle der Schwierigkeit, welche bisher die Ökonomen beschäftigt hat, nämlich den Fall der Profitrate zu erklären, die umgekehrte, nämlich zu erklären, warum dieser Fall nicht größer oder rascher ist. Es müssen gegenwirkende Einflüsse im Spiel sein, welche die Wirkung des allgemeinen Gesetzes durchkreuzen und aufheben und ihm nur den Charakter einer Tendenz geben, weshalb wir auch den Fall der allgemeinen Profitrate als einen tendenziellen Fall bezeichnet haben”*. MEW 25, p. 242.

trabalho. Há muitos momentos da intensificação do trabalho que implicam um aumento da taxa de exploração sem aumento da composição orgânica do capital, como *“por exemplo velocidade acelerada da maquinaria, que, ao mesmo tempo, consomem mais matéria-prima, mas no que tange ao capital fixo, desgastam, é certo, mais rapidamente a maquinaria, não afetando, entretanto, de modo algum, a relação de seu valor com o preço do trabalho que ela põe em movimento”*.¹⁴¹

Também *“o prolongamento da jornada de trabalho, essa invenção da indústria moderna, aumenta a massa de mais-trabalho apropriado, sem modificar essencialmente a relação entre a força de trabalho empregada e o capital constante que ela põe em movimento, e, de fato, antes diminui relativamente esta última”*.¹⁴²

O mesmo efeito é conseguido com *“a introdução em massa do trabalho feminino e infantil, à medida que toda a família deve fornecer ao capital uma massa de mais-trabalho maior do que antes, mesmo que a soma global do salário que lhe é dado cresça, o que de forma alguma é o caso geral”*.¹⁴³

Também *“tudo o que promove a produção de mais-valia relativa mediante mera melhoria dos métodos”*,¹⁴⁴ sem, contudo, elevar a grandeza do capital empregado, como na agricultura, tem o efeito de elevar a mais-valia produzida.

Quando a força produtiva do trabalho *“é libertada de empecilhos de intercâmbio, de limitações arbitrárias ou que com o tempo se tornaram perturbadoras, de maneira geral de entraves de toda espécie, sem que por isso a relação entre capital variável e constante seja*

¹⁴¹ Ibid., p. 168. *“Aber es gibt andre Momente der Intensifikation, wie z.B. beschleunigte Geschwindigkeit der Maschinerie, die in derselben Zeit zwar mehr Rohmaterial vernutzen, aber was das fixe Kapital angeht, die Maschinerie zwar schneller aufnutzen, das Verhältnis ihres Werts zum Preis der Arbeit, die sie in Bewegung setzt, indes keineswegs affizieren.”* MEW 25, p. 242/243.

¹⁴² Ibid., p. 168. *“Namentlich aber ist es die Verlängerung des Arbeitstags, diese Erfindung der modernen Industrie, welche die Masse der angeeigneten Mehrarbeit vermehrt, ohne das Verhältnis der angewandten Arbeitskraft zu dem von ihr in Bewegung gesetzten konstanten Kapital wesentlich zu verändern, und welch in der Tat eher das letztere relativ vermindert.”* MEW 25, p.243.

¹⁴³ Ibid., p. 169. *“Ebenfalls ist die massenhafte Einführung von Weiber – und Kinderarbeit soweit hier zu erwähnen, als die ganze Familie dem Kapital eine größere Masse Mehrarbeit liefern muß als vorher, selbst wenn die Gesamtsumme des ihr gegebenen Arbeitslohns wächst, was keineswegs allgemein der Fall.”* MEW 25, p.243.

¹⁴⁴ Ibid., p. 169. *“Alles was die Produktion des relativen Mehrwerts fördert durch bloße Verbesserung der Methoden, wie in der Agrikultur, bei unveränderter Größe des angewandten Kapitals, hat dieselbe Wirkung.”* MEW 25, p.243.

de imediato afetada”,¹⁴⁵ favorece o aumento da taxa de exploração sobre os trabalhadores, sem aumentar as despesas relativas com capital constante.

Marx considera ainda nesta questão, que também as elevações temporárias da mais-valia acima do nível geral, que surgem em diversos ramos da produção em benefício do capitalista que primeiro utiliza as invenções antes de terem se generalizado, inibem a queda da taxa de lucro por elevarem sua massa. Também nos casos em que o trabalho racionalmente executados por dois trabalhadores é imposto por exemplo, a apenas um trabalhador, ou o de dois trabalhadores a três, influenciam no aumento da exploração e na compensação da queda na taxa de lucro, mesmo admitindo que este número reduzido de trabalhadores não possa executar o mesmo quantum de trabalho que a maioria de antes mas, que possa realizar um quantum maior do que realizava antes o mesmo número reduzido de agora. Essa queda no volume de trabalho total realizado terá que ser, porém, *“compensada ou restringida pela elevação da taxa de mais-valia”*¹⁴⁶ daqueles que se submeterem à carga superior de trabalho.

Todos os procedimentos utilizados para elevar a taxa de exploração que estão, porém, sustentados na diminuição relativa do número de trabalhadores empregados, tendem contraditoriamente, a diminuir a massa de lucro e, portanto, também sua taxa. Daí serem estes métodos impotentes, na concepção de Marx, para impedirem a ação da lei da queda tendencial da taxa de lucro, atuando muito mais como inibidores desta queda, como freios que a impedem de manifestarem-se em prazos mais estreitos.

5.2. COMPRESSÃO DO SALÁRIO ABAIXO DE SEU VALOR

Marx alerta que esta forma de ampliação da taxa de exploração, por não elevar as despesas com capital constante, constitui-se numa das causas mais significativas de contenção da tendência à queda da taxa de lucro. Porém, este fenômeno não poderia ser

¹⁴⁵ Ibid., p. 169. *“Dasselbe findet statt, wenn die Produktivkraft der Arbeit (einerlei ob ihr Produkt in die Konsumtion der Arbeiter eingeht oder in die Elemente des konstanten Kapitals) befreit wird von Verkehrshemmungen, willkürlichen oder im Lauf der Zeit störend gewordenen Einschränkungen, überhaupt von Fesseln aller Art, ohne daß dadurch zunächst das Verhältnis des variablen zum konstanten Kapital berührt wird.”* MEW 25, p.243.

analisado neste momento de sua obra, visto que ele opera toda sua exposição pressupondo que a compra e venda da força de trabalho se realiza pelo seu valor. Esse fenômeno assim, nada teria a ver com a análise geral do capital mas, sim, com a análise geral da concorrência no mercado de trabalho que não seria tratada neste caso.

5.3. BARATEAMENTO E DESVALORIZAÇÃO DOS ELEMENTOS DO CAPITAL CONSTANTE

Marx aqui, não desenvolve nenhum novo argumento e indica a releitura da Seção I do Livro III, onde analisa as causas que elevam a taxa de lucro, com taxa constante, ou não, de mais-valia. Rapidamente argumenta que o mesmo desenvolvimento da força produtiva que eleva a massa do capital constante em relação ao variável, diminui o valor de seus elementos e impede que o valor do capital constante, embora crescendo continuamente, cresça na mesma proporção que o volume material dos meios de produção postos em movimento pela mesma quantidade de força de trabalho. O mesmo movimento que eleva a composição técnica do capital eleva a composição de valor, porém, a um grau sempre menor que a composição técnica. Isto se vincula com a desvalorização dos elementos materiais do capital existente, dados com o desenvolvimento da força produtiva social e que pode conter a queda da taxa de lucro, embora possa contraditoriamente, sob certas circunstâncias, restringir a massa de lucro por meio da restrição da massa de capital que proporciona lucros. *“Aqui se mostra novamente que as mesmas causas que geram a tendência à queda da taxa de lucro também moderam a realização dessa tendência”*.¹⁴⁷

Aqui também, mais uma vez, se demonstra como o capital entra em contradição consigo mesmo. Todo o capital individual aspira apaixonadamente, a ampliar e se apropriar eternamente da maior massa de valor permitida pelas suas forças produtivas. Contraditoriamente, porém, durante as crises se vê na ingrata obrigação de desvalorizar seu próprio capital para permanecer atuando como capital. O capital é a pura contradição em

¹⁴⁶ Ibid., p. 170. *“Ihr Fall ist aber kompensiert oder beschränkt durch das Steigen der Rate des Mehrwerts.”* MEW 25, p.245.

¹⁴⁷ Ibid., p. 171. *“Es zeigt sich hier wieder, daß dieselben Ursachen, welche die Tendenz zum Fall der Profitrate erzeugen, auch die Verwirklichung dieser Tendenz mäßigen.”* MEW 25, p.246.

processo. Contradição que ele gostaria de desvencilhar-se mas, que as correntes da lei do valor lhe impõem ferreamente sob pena de ir à ruína.

5.4. SUPERPOPULAÇÃO RELATIVA

Sua geração é, ao mesmo tempo, inseparável e acelerada pelo desenvolvimento da força produtiva do trabalho, que se expressa na diminuição da taxa de lucro. Ela se manifesta mais intensamente nos países em que o modo de produção capitalista está plenamente desenvolvido e é, por sua vez, a causa de manter em muitos ramos da produção a subordinação mais ou menos incompleta do trabalho ao capital e de mantê-la por mais tempo do que corresponderia, à primeira vista, ao estágio geral do desenvolvimento. Isso é consequência da barateza e da quantidade de trabalhadores assalariados disponíveis ou liberados pela maquinaria e da maior resistência que alguns ramos da produção, por sua natureza, contrapõem à transformação de trabalho manual em trabalho mecanizado.

Os ramos da produção que tomam como base essa população relativa, mantendo uma composição orgânica do capital inferior ao restante da economia e, portanto, gerando uma massa de mais valia relativamente maior que os outros ramos, favorece a elevação da taxa geral de lucro. Como a taxa geral de lucro é formada mediante a equalização das taxas de lucro entre os diversos ramos da produção, a mesma causa que gera a tendência decrescente da taxa de lucro, a elevação da força produtiva e o uso da maquinaria, faz surgir um contrapeso a essa tendência, a superpopulação excedente e a superexploração por ela sofrida, que eleva relativamente a taxa de lucro e paralisa mais ou menos sua queda. *“Aqui, mais uma vez, a mesma causa que gera a tendência decrescente da taxa de lucro faz surgir um contrapeso a essa tendência, que paralisa mais ou menos seu efeito”.*¹⁴⁸

¹⁴⁸ Ibid., p. 171. *“Da nun die allgemeine Profitrate durch die Ausgleichung der Profitraten in den besondren Produktionszweigen gebildet wird, bringt hier wieder dieselbe Ursache, die die fallende Tendenz der Profitrate erzeugt, ein Gegengewicht gegen diese Tendenz hervor, das ihre Wirkung mehr oder minder paralysiert.”* MEW 25, p.247.

5.5. COMÉRCIO EXTERIOR

À medida que o comércio exterior barateia em parte os elementos do capital constante e os meios de subsistência necessários em que o capital variável se converte, ele atua de forma a fazer crescer a taxa de lucro ao elevar a taxa de mais-valia ou, por reduzir o valor do capital constante.

A queda da taxa geral de lucro pode ser contida por uma taxa de lucro mais alta, feita pelo capital investido no comércio exterior e, especialmente, no comércio colonial. Como no comércio exterior o capital da metrópole concorre com mercadorias que são produzidas por países com menores facilidades de produção, ele vende suas mercadorias neste mercado por um preço acima de seu valor individual, embora, mais baixo do que os países concorrentes.

O mesmo pode ocorrer no caso de países que se trocam mercadorias, onde um entrega mais trabalho objetivado *in natura* do que recebe e que, não obstante, obtenha assim a mercadoria a preço mais baixo do que ele mesmo poderia produzir. É o caso quando um país compra produtos de outro pagando um preço acima de seu valor real, porém, abaixo do valor se acaso resolvesse ele próprio produzir internamente tais produtos. Exatamente como o fabricante que usa uma nova invenção antes de sua generalização, vendendo mais barato do que seus concorrentes, mas, mesmo assim, acima do valor individual de sua mercadoria, aproveitando como mais-trabalho a força produtiva de trabalho mais elevada por ele empregada.

Os capitais investidos em colônias podem proporcionar também taxas de lucro mais elevadas porque nestas, em geral, por causa do menor desenvolvimento das forças produtivas, a taxa de lucro é mais alta, assim como é mais alta a exploração do trabalho graças ao emprego de escravos, cules etc. *“O mesmo comércio exterior porém desenvolve no interior o modo de produção capitalista, e com isso a diminuição do capital variável em relação ao constante, e produz, por outro lado, superprodução em relação ao exterior, tendo por conseguinte no decurso posterior, também o efeito contrário”*.¹⁴⁹

¹⁴⁹ Ibid., p. 172. *“Derselbe auswärtige Handel aber entwickelt im Inland die kapitalistische Produktionsweise, und damit die Abnahme des variablen Kapitals gegenüber dem konstanten, und produziert auf der andern Seite Überproduktion mit Bezug auf das Ausland, hat daher auch wieder im weiteren Verlauf die entgegengesetzte Wirkung.”* MEW 25, p.249.

5.6. AUMENTO DO CAPITAL POR AÇÕES

Marx desenvolve aqui o caso em que grandes capitais com uma composição orgânica muito superior à composição média (capitais por exemplo, investidos nas estradas de ferro, que normalmente só fornecem uma taxa de lucro próxima à taxa de juros, os chamados dividendos), poderiam ficar de fora do cálculo da taxa de lucro média, já que se estes capitais entrassem no cálculo a taxa cairia muito mais. Na prática dos negócios estes capitais não entram na equalização da taxa geral de lucro, já que proporcionam uma taxa de lucro muito abaixo da média. Caso entrassem, esta então cairia muito mais. *“Do ponto de vista teórico porém, pode-se incluí-los no cálculo e então se obtém uma taxa de lucro menor do que a que existe aparentemente e que é na realidade determinante para os capitalistas, já que exatamente nessas empresas o capital constante é máximo em relação ao variável”*.¹⁵⁰

VI POR QUE AUMENTA A COMPOSIÇÃO ORGÂNICA DO CAPITAL?

Antes de discutirmos porque aumenta a composição orgânica do capital, pensamos ser necessário recolocar para evitar mal-entendidos, duas proposições já desenvolvidas anteriormente por Marx.

Primeiro: o mesmo processo que gera o barateamento das mercadorias, gera uma alteração na composição orgânica do capital social empregado na sua produção e, em decorrência disso, gera uma queda na taxa de lucro. Por isso, é preciso diferenciar a diminuição do custo relativo da mercadoria individual e a parte desse custo que contém a depreciação da maquinaria, com o valor ascendente do capital constante comparativamente com o variável, pois, a depreciação representa apenas uma parte do capital constante verdadeiramente empregado, não é possível ver em k , o custo de produção contido na mercadoria, o verdadeiro volume de C , o volume do capital global empregado na produção. Se calculássemos a taxa de lucro a partir dos componentes internos do valor da mercadoria, ela seria m/k e não m/C . Seria portanto maior que a taxa de lucro vista em relação ao capital global. Seria falsa, portanto.

Segundo: é preciso observar a circunstância de que, se nas mercadorias individuais o trabalho vivo adicionalmente contido está numa proporção decrescente em relação ao trabalho morto, se um quantum sempre decrescente de trabalho vivo adicional está objetivado nelas, se com o desenvolvimento da força de produção social menos trabalho é

¹⁵⁰ Ibid., p. 173. “*Theoretisch betrachtet, kann man sie einrechnen und erhält dann eine geringre Profitrate als die scheinbar existierende und die Kapitalisten wirklich bestimmende, da gerade in diesen Unternehmungen das konstante Kapital im Verhältnis zum variablen am größten*”. MEW 25, p. 250.

requerido para sua produção, isso não afeta a proporção em que o trabalho vivo contido na mercadoria se divide em trabalho pago e não-pago.

Pelo contrário. Embora o quantum global de trabalho vivo adicional nelas contido caia, a parte não-paga cresce em relação à parte paga mediante um decréscimo absoluto ou proporcional da parte paga; pois o mesmo modo de produção que diminui a massa global do trabalho vivo adicional em uma mercadoria é acompanhado pela elevação da parte não-paga contida nela. Porque o barateamento que ocorre no valor da mercadoria, não diz respeito unicamente a uma diminuição absoluta na quantidade de trabalho morto ou vivo que se incorpora à mercadoria. O barateamento que conta sob o ponto de vista do capital diz respeito, exclusivamente, àquele que ocorre em relação à parte paga contida na mercadoria e que, portanto, faz aumentar absolutamente a parte não-paga.

Marx chama de composição orgânica do capital, a relação existente entre o volume do capital constante e do capital variável aplicados na produção de mais-valia. A composição orgânica do capital *“é determinada pela proporção em que se reparte em capital constante ou valor dos meios de produção e capital variável ou valor da força de trabalho, soma global dos salários”*.¹⁵¹ A composição orgânica, porém, está determinada e espelha as modificações da composição técnica do capital, a proporção em que o capital divide seus elementos materiais em meios de produção e força de trabalho. A composição técnica assim, está *“determinada pela proporção entre, por um lado, a massa dos meios de produção utilizados e, por outro lado, o montante de trabalho exigido para seu emprego”*.¹⁵² É o aumento da composição orgânica que está na base da tendência de queda nas taxas de lucro do capital. É a tendência do capital a converter a força de trabalho em meios de produção, a substituir no curso da acumulação trabalho vivo por trabalho morto, capital variável por capital constante que conduz o capital a entrar em contradição consigo mesmo. Porém, por que o capital aumenta sua composição orgânica, por que ele prefere empregar maquinaria na produção, que não gera mais valia, e não a força de trabalho viva do operário que é a fonte da mais valia?

¹⁵¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 178. *“Nach der Seite des Werts bestimmt sie sich durch das Verhältnis, worin es sich teilt in konstantes Kapital oder Wert der Produktionsmittel und variables Kapital oder Wert der Arbeitskraft, Gesamtsumme der Arbeitslöhne”*. MEW 23, p. 640.

¹⁵² Ibid., p. 178. *“Nach der Seite des Stoffs, wie er im Produktionsprozeß fungiert, teilt sich jedes Kapital in Produktionsmittel und lebendige Arbeitskraft; diese Zusammensetzung bestimmt sich durch das Verhältnis*

É um fato inquestionável que os capitalistas utilizam a maquinaria como o meio mais eficaz de barateamento das mercadorias e sobrevivência na concorrência. Porém, para Marx as contradições presentes na concorrência manifestam exteriormente as contradições contidas no interior do próprio capital. Isto é, as contradições manifestadas na concorrência dos capitais entre si expressam as contradições entre capital e trabalho. As leis coercitivas externas da concorrência expressam as leis internas ao capital e as determinações do valor. Na concorrência os fenômenos imanentes e internos ao capital aparecem invertidos como se fossem fenômenos imanentes à concorrência. A luta do capitalista individual para baratear as mercadorias aparece como uma luta emanada da concorrência entre os diferentes capitais e não dos antagonismos de classe contidos no interior do próprio capital.

Como na concorrência aparece tudo invertido, aparece assim, também, o fenômeno de barateamento dos preços. Aparentemente os capitalistas tendem a baratear o preço de suas mercadorias porque estão pressionados pelos concorrentes. Para conquistar novos clientes barateiam o preço das mercadorias. Esta inversão leva os incautos a acreditarem que o objetivo do capital é realmente satisfazer sua clientela com preços baixos, ao mesmo tempo em que garante sua permanência no mercado satisfazendo-se com um lucro menor, que poderia ser compensado pela ampliação no volume das vendas.

Ao contrário, porém, dos enganos criados pela concorrência, a determinação dos preços das mercadorias deve em nossa concepção, ser analisada estudando-se as relações contidas no interior do próprio capital, nas contradições e antagonismos de classe. Como o valor de toda mercadoria está numa relação inversa com a força produtiva aplicada, como quanto mais desenvolvidos forem os métodos de produção menor será o valor das mercadorias, desavisadamente podemos concluir então, que menores serão os lucros do capital, já que cairão os preços das mercadorias. Na realidade porém, ocorre o contrário, quanto maior o desenvolvimento das forças produtivas maior será o lucro do capital, pois mais baixo será seu custo de aquisição com a força de trabalho do operário.

Como o desenvolvimento generalizado das forças produtivas leva ao barateamento dos meios de subsistência necessários ao operário, maior será a mais-valia na forma relativa apropriada pelos capitalistas em geral. Marx sintetiza assim esta lei emanada do interior da

zwischen der Masse der angewandten Produktionsmittel einerseits und der zu ihrer Anwendung erforderlichen Arbeitsmenge andererseits". MEW 23, p. 640.

relação capitalista de produção: *“O valor das mercadorias está na razão inversa da força produtiva do trabalho. Do mesmo modo, por ser determinado por valores de mercadorias, o valor da força de trabalho. A mais-valia relativa, ao contrário, está na razão direta da força produtiva do trabalho. Sobe com força produtiva em aumento e cai com força produtiva em queda”*.¹⁵³

A ilusão da concorrência leva-nos a acreditar que os impulsos do capital para baratear as mercadorias emanam da luta concorrencial dos diversos capitais entre si, das tendências civilizadoras do capital em servir bem ao cliente ofertando mercadorias melhores a preços mais baixos. Isto é o que aparece na superfície da concorrência. A verdadeira fonte de onde emanam estes impulsos não é a concorrência, esta é apenas o meio, o veículo por onde tais impulsos fluem e se manifestam. A verdadeira fonte de onde emana a necessidade de baratear as mercadorias é, na concepção de Marx, a oposição entre as classes. A necessidade capitalista de barateamento das mercadorias em geral, manifestado na superfície como impulso emanado da concorrência, expressa na verdade, a necessidade imanente ao capital de baratear o próprio trabalhador para daí extrair mais-valia na forma relativa. Expressa a necessidade imanente ao capital de encurtar a jornada de trabalho necessária para a reprodução do valor dos meios de subsistência do operário e assim, aumentar a jornada de trabalho excedente, gratuita, não-paga, para daí se apropriar de maior riqueza na forma de mais-valia relativa. Por isso na concepção de Marx, *“é impulso imanente e tendência constante do capital aumentar a força produtiva do trabalho para baratear a mercadoria e, mediante o barateamento da mercadoria, baratear o próprio trabalhador”*.¹⁵⁴

Para nosso problema, o de entender as origens do aumento da composição orgânica do capital, o fundamental a ser compreendido em nossa concepção é o seguinte: qual o critério utilizado pelo capitalista individual para substituir operários por máquinas, trabalho vivo por trabalho morto? Para isso temos que pressupor que o ganho obtido pelos capitais individuais com a mais-valia relativa é um processo complexo que passa por trás de suas

¹⁵³ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. I, p. 241/42. *“Der Wert der Waren steht in umgekehrtem Verhältnis zur Produktivkraft der Arbeit. Ebenso, weil durch Warenwerte bestimmt, der Wert der Arbeitskraft. Dagegen steht der relative Mehrwert in direktem Verhältnis zur Produktivkraft der Arbeit. Er steigt mit steigender und fällt mit fallender Produktivkraft”*. MEW 23, p. 338.

costas, isto é, a obtenção da mais valia relativa é um fenômeno social que passa por trás da consciência individual de cada capitalista. Porém, como isto se realiza para cada capitalista individual, como ele substitui homem por máquina barateando o preço da mercadoria sem afetar sua massa de lucro, mas ao contrário, aumentando-a imediatamente? Se considerarmos o uso da maquinaria *“exclusivamente como meio de baratear o produto, o limite para o uso da maquinaria está em que sua própria produção custe menos trabalho do que o trabalho que sua aplicação substitui”*.¹⁵⁵

Se considerarmos a maquinaria não como capital, mas como um simples instrumento de trabalho destinado à produção em geral, então sua viabilidade econômica se justifica se o custo de sua produção for menor que a quantidade de trabalho que ela substitui. Sabemos que o valor de uma mercadoria qualquer é sempre determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para produzi-la e que este valor pode ser decomposto em capital constante fixo depreciado, capital constante circulante, salários e mais-valia. É característico da crescente força produtiva do trabalho que a parte fixa do capital constante experimente um aumento muito forte e, com isso, também a parte de valor do mesmo que pela depreciação se transfere às mercadorias. Para que, pois, um novo método de produção em geral se comprove como elevação real da produtividade, tem de transferir à mercadoria individual uma parte do valor adicional sempre menor, pela depreciação de capital fixo, do que a parte de valor dedutível que é poupada em decorrência da diminuição de trabalho vivo.

Em suma, os aumentos com a transferência de trabalho morto devem ser mais do que compensados pela redução com o custo em trabalho vivo. Para que uma mercadoria qualquer seja barateada, qualquer aumento do valor (seja pela elevação do valor depreciado, seja pelo valor aumentado de alguma matéria prima ou auxiliar que entra no valor desta mercadoria), deve ser mais do que compensado pela diminuição de valor que decorre da redução do trabalho vivo empregado em sua produção.

¹⁵⁴ Ibid., p. 242. *“Es ist daher der immanente Trieb und die beständige Tendenz des Kapitals, die Produktivkraft der Arbeit zu steigern, um die Ware und durch die Verwohlfeilerung der Ware den Arbeiter selbst zu verwohlfeilern”*. MEW 23, p. 338.

¹⁵⁵ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 19. *“Ausschließlich als Mittel zur Verwohlfeilerung des Produkts betrachtet, ist die Grenze für den Gebrauch der Maschinerie darin gegeben, daß ihre eigne Produktion weniger Arbeit kostet, als ihre Anwendung Arbeit ersetzt”*. MEW 23, p. 414.

De acordo com o desenvolvimento dado por Engels no Livro III de *O Capital*, “essa diminuição do quantum de trabalho global que entra na mercadoria parece, de acordo com isso, ser a marca essencial de força produtiva de trabalho aumentada, não importa sob quais condições sociais se produz. Numa sociedade em que os produtores regulam sua produção de acordo com um plano previamente formulado, até mesmo na produção simples de mercadorias, a produtividade do trabalho também seria necessariamente medida de acordo com essa escala. Mas como se passa isso na produção capitalista?”¹⁵⁶

Ele próprio nos convida a analisar um exemplo lógico muito simples. Suponhamos que determinado ramo da produção capitalista produza sua mercadoria sob as seguintes condições: a depreciação do capital fixo = 0,5 xelim ou marco por peça; como matérias-primas e auxiliares entram 17,5 xelins; como salários; 2 xelins, e, com uma taxa de mais-valia de 100%, a mais-valia é = 2 xelins. Valor global da mercadoria individual = 22 xelins ou marcos. Para simplificar, devemos supor que nesse ramo da produção, o capital tenha a composição média do capital social, que, portanto, o preço de produção da mercadoria coincida com seu valor e o lucro do capitalista com a mais-valia produzida. Então o preço de custo da mercadoria é = $0,5 + 17,5 + 2 = 20$ xelins, sendo a taxa média de lucro $2/20 = 10\%$ e o preço de produção da peça de mercadoria igual a seu valor, = 22 xelins ou marcos.

Se acaso os capitalistas desse ramo resolvessem trocar a maquinaria velha (inteiramente depreciada pelo uso ou moralmente obsoleta) por novas mais eficazes, sua contabilidade aconselharia a aplicarem esta nova maquinaria com a seguinte condição: que ela barateie tanto a mercadoria quanto o trabalhador e que ao mesmo tempo, lhe forneça uma massa superior de mais-valia que antes. Suponhamos então, que se invente uma máquina que reduza à metade o trabalho vivo exigido para cada peça, mas, em compensação, triplique a parte de valor constituída pela depreciação do capital fixo. Então a coisa se apresenta assim: depreciação = 1,5 xelim, matérias-primas e auxiliares, como antes, 17,5 xelins, salário 1 xelim, mais-valia 1 xelim, ao todo 21 xelins ou marcos. Agora a

¹⁵⁶ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 187. “Diese Verminderung des in die Ware eingehenden Gesamtarbeitsquantums scheint hiernach das wesentliche Kennzeichen gesteigerter Produktivkraft der Arbeit zu sein, gleichgültig unter welchen gesellschaftlichen Bedingungen produziert wird. In einer Gesellschaft, worin die Produzenten ihre Produktion nach einem voraus entworfenen Plan regeln, ja selbst in der einfachen Warenproduktion würde die Produktivität der Arbeit auch unbedingt nach diesem Maßstab gemessen. Wie steht es aber in der kapitalistischen Produktion?” MEW 25, p. 271.

mercadoria caiu 1 xelim de valor; a nova máquina elevou decisivamente a força produtiva do trabalho.

Para o capitalista, porém, a coisa se apresenta assim: seu preço de custo é agora de 1,5 xelim de depreciação, 17,5 xelins de matérias-primas e auxiliares, 1 xelim de salário, ao todo 20 xelins, como antes. Como a taxa de lucro não se modifica sem mais devido à nova máquina, ele precisa receber 10% acima do preço de custo, perfazendo 2 xelins; o preço de produção continua, portando, inalterado, = 22 xelins, mas 1 xelim acima do valor. Sob condições capitalistas a mercadoria não barateou e a nova máquina, apesar de mais eficiente que a anterior, não é uma melhoria do ponto de vista da produção capitalista.

Nenhum capitalista substituiria a máquina velha por esta nova pois, a massa de lucro e sua taxa permaneceram iguais. Nenhum capitalista faria esta operação porque, diz Marx, *“para o capital, no entanto, esse limite se expressa de modo mais estreito. Como ele não paga o trabalho aplicado, mas o valor da força de trabalho aplicada, o uso da máquina lhe é delimitado pela diferença entre o valor da máquina e o valor da força de trabalho substituída por ela”*.¹⁵⁷

Engels desenvolve o mesmo raciocínio:

“Para uma sociedade que produz sob condições capitalistas, a mercadoria não barateou, a nova máquina não é uma melhoria. O capitalista não tem, portanto, interesse em introduzir a nova máquina. E como ele, mediante sua introdução, tornaria simplesmente sem valor sua máquina atual, ainda não depreciada, a transformaria em mero ferro-velho, e portanto sofreria um prejuízo positivo, ele se precavê muito de cometer tal asneira, para ele utópica. Portanto, para o capital, a lei da força produtiva de trabalho aumentada não vale em todas as condições. Para o capital, essa força produtiva é aumentada não quando se poupa trabalho vivo de modo geral, mas só quando se poupa mais na parte paga do trabalho vivo do que é acrescentado em trabalho pretérito (...)”.¹⁵⁸

¹⁵⁷ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 19. *“Für das Kapital jedoch drückt sich diese Grenze enger aus. Da es nicht die angewandte Arbeit zahlt, sondern den Wert der angewandten Arbeitskraft, wird ihm der Maschinengebrauch begrenzt durch die Differenz zwischen dem Maschinenwert und dem Wert der von ihr ersetzten Arbeitskraft”*. MEW 23, p. 414.

¹⁵⁸ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 187/88. *“Für eine unter kapitalistischen Bedingungen produzierende Gesellschaft hat sich die Ware nicht verwohlfeilert, ist die neue Maschine keine Verbesserung.*

Os capitalistas deste ramo estariam dispostos a substituírem a maquinaria velha por uma nova se esta diminuísse não apenas o valor em si, mas fundamentalmente, seu custo de produção, ao mesmo tempo que elevasse a massa de mais-valia por eles apropriada. O seguinte exemplo pode esclarecer em que condições isto poderia ocorrer sob o capitalismo. Imaginemos que a depreciação se mantenha triplicada em 1,5 xelins, que o custo com matérias primas e auxiliares se mantenha como antes em 17,5 xelins, que porém, o custo com salários caia para 0,5, a mais-valia suba para 2,5 e o valor/preço de produção permaneça em 22. Nestas condições a aplicação da maquinaria seria um tremendo sucesso para o capitalista e poderia ser rapidamente implantada neste ramo, pois ela possibilitou aos capitalistas quintuplicarem a taxa de exploração sobre seus operários e a elevar sua massa de mais-valia de 2 para 2,5 e sua taxa de lucro de 10% para 12,5%.

Com este raciocínio lógico, Marx e Engels demonstram a profunda importância de se diferenciar trabalho aplicado de força de trabalho. Como o capitalista não está interessado em diminuir apenas a quantidade de trabalho aplicado no processo de produção, isso de início lhe é indiferente, mas, está sim, interessado em ampliar a massa de mais-trabalho por ele apropriado, ele só aplicará a nova maquinaria se esta capacitar o operário a lhe fornecer mais trabalho excedente. Para Marx, em geral é somente esta segunda diferença “*que determina os custos de produção de mercadorias para o próprio capitalista e o influencia por meio das leis coercitivas da concorrência*”.¹⁵⁹

Der Kapitalist hat also kein Interesse daran, die neue Maschine einzuführen. Und da er durch ihre Einführung seine bisherige, noch nicht verschlissene Maschinerie einfach wertlos machen, sie in bloßes altes Eisen verwandeln, also positiven Verlust erleiden würde, hütet er sich sehr vor dieser, für ihn utopischen Dummheit. Für das Kapital also gilt das Gesetz der gesteigerten Produktivkraft der Arbeit nicht unbedingt. Für das Kapital wird diese Produktivkraft gesteigert, nicht wenn überhaupt an der lebendigen Arbeit, sondern nur wenn an dem bezahlten Teil der lebendigen Arbeit mehr erspart als an vergangener Arbeit zugesetzt wird (...).” MEW 25, p. 272.

¹⁵⁹ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 19/20. “... welche die Produktionskosten der Ware für den Kapitalisten selbst bestimmt und ihn durch die Zwangsgesetze der Konkurrenz beeinflusst”. MEW 23, p. 414. Isto porém, não é o que pensa Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo. Para ele, “as mudanças na composição orgânica do capital, ao contrário do que se supõe, usualmente não estão, senão em última instância, relacionadas com a necessidade de rebaixar os salários (...) O progresso técnico passa a fazer parte das virtudes do sujeito-capital e como tal só pode se exprimir enquanto arma de combate dos capitais individuais. Neste sentido, é indiferente para o capitalista induzir uma inovação que diretamente lhe rebaixe os custos salariais ou reduza o in put de matérias primas ou mesmo substitua uma máquina menos eficiente por uma mais eficiente. O importante é que a introdução da inovação confira ao capital individual capacidade de reduzir o valor de seu produto abaixo de seu valor social”. (*Valor e Capitalismo: um ensaio sobre a economia política*, p. 131.) Parece-nos que para Marx, a inovação técnica possui limites muito mais estreitos que os imaginados por Belluzzo e, se bem que é correto a afirmação de que o uso de maquinaria superior é um instrumento eficaz de combate dos capitais entre si, é também um instrumento fundamental na luta de classes.

Para Engels, *“aqui o modo de produção capitalista cai em nova contradição. Sua missão histórica é o desenvolvimento, inescrupuloso, impulsionado em progressão geométrica, da produtividade do trabalho humano. Ele se torna infiel a essa missão assim que, como aqui, se contrapõe ao desenvolvimento da produtividade, refreando-o. Com isso, só comprova novamente que se torna senil e que, cada vez mais, sobrevive a si mesmo”*.¹⁶⁰

Para esse movimento todo acontecer, será necessário em primeiro lugar, a construção de uma maquinaria que seja mais barata que a anterior e ao mesmo tempo mais produtiva, que seja, portanto, capaz de ser operada por qualquer trabalhador sem grandes qualificações, será necessário, portanto, um profundo desenvolvimento das forças produtivas. Em segundo lugar, a força de trabalho empregada terá que ser do ponto de vista capitalista, mais produtiva que a anterior, isto é, terá que capacitar o operário a produzir mais mais-valia do que antes e para isto, o capital terá também que revolucionar a composição da classe trabalhadora ativa.

Para modificar a composição da classe operária explorada pelo capital, este não hesitará em colocar na rua do desemprego uma massa de operários mais velhos, com mais exigências a serem satisfeitas, com famílias para serem sustentadas, com mais experiência de luta e resistência à exploração, menos tolerante à ideologia do capital e menos iludida com as promessas de ascensão na empresa, por jovens operários solteiros recém ingressados no mercado de trabalho, quando não por adolescentes estagiários mais tolerantes com a exploração, com menos experiência de luta, cheio de ilusões sobre as possibilidades de ascender na empresa e com menos necessidades sociais a serem satisfeitas.

Não sentirá remorsos em substituir trabalhadores plenamente capacitados para o trabalho por trabalhadores deficientes mais baratos, trabalhadores brancos mais bem pagos por negros mal pagos, homens por mulheres, nacionais por imigrantes estrangeiros sem amparo nenhum na legislação trabalhista e de amparo social, assim como não hesitará em

¹⁶⁰ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 188. *“Hier fällt die kapitalistische Produktionsweise in einen neuen Widerspruch. Ihr historischer Beruf ist die rücksichtslose, in geometrischer Progressive vorangetriebene Entfaltung der Produktivität der menschlichen Arbeit. Diesem Beruf wird sie untreu, sobald*

vir a público dizer que está contribuindo com a luta contra a discriminação, pelo emprego e oportunidade para todos. Como reclama metaforicamente um operário por meio das palavras de Marx, este capitalista poderá até *“ser um cidadão modelar, talvez seja membro da sociedade protetora dos animais, podes até estar em odor de santidade, mas a coisa que representas diante de mim é algo cujo peito não bate nenhum coração.”*¹⁶¹

Historicamente porém, o emprego de maquinaria em larga escala, surge como reação dos capitalistas frente à vitória conquistada pelos trabalhadores ingleses por meio da luta de classes nos anos de 1800 a 1850 e expressas na Lei da Jornada de Trabalho de 10 Horas. Quando se tornou impossível para o capital em geral, ampliar a exploração sobre os trabalhadores sob a forma absoluta, ampliando extensivamente a jornada de trabalho, *“o capital lançou-se com força total e plena consciência à produção de mais-valia relativa por meio do desenvolvimento acelerado do sistema de máquina”*.¹⁶² O capital em geral, lançou-se à produção da mais-valia relativa e à substituição do trabalhador pela máquina, para poder imprimir à classe trabalhadora uma vitória que fosse definitiva, uma vitória que submetesse realmente e não mais apenas formalmente, toda a classe trabalhadora inglesa sob o controle do capital em geral.

Marx expressara esta concepção sobre o uso da maquinaria e do desenvolvimento das forças produtivas impulsionadas pela contradição entre as classes, já em *A Miséria da Filosofia*. Diz ele sobre o princípio da oposição entre as classes como fundamento do desenvolvimento histórico: *“Desde o princípio mesmo da civilização, a produção começa a basear-se no antagonismo dos estamentos, das classes sociais, e por último, no antagonismo entre o trabalho acumulado e o trabalho direto. Sem antagonismo não há progresso. Tal é a lei a que se tem subordinado até nossos dias a civilização. As forças*

sie, wie hier, der Entfaltung der Produktivität hemmend entgegentritt. Sie beweist damit nur aufs neue, daß sie altersschwach wird und sich mehr und mehr überlebt”. MEW 25, p. 272/73.

¹⁶¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. I, p. 180/81. *“Du magst ein Musterbürger sein, vielleicht Mitglied des Vereins zur Abschaffung der Tierquälerei und obendrein im Geruch der Heiligkeit stehn, aber dem Ding, das du mir gegenüber repräsentierst, schlägt kein Herz in seiner Brust. Was darin zu pochen scheint, ist mein eigner Herzschlag”*. MEW 23, p. 248.

¹⁶² Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 31. *“Sobald die allmählich answellende Empörung der Arbeiterklasse den Staat zwang, die Arbeitszeit gewaltsam zu verkürzen und zunächst der eigentlichen Fabrik einen Normalarbeitstag zu diktieren, von diesem Augenblick also, wo gesteigerte Produktion von Mehrwert durch Verlängerung des Arbeitstags ein für allemal abgeschnitten war, warf sich das Kapital mit aller Macht und vollem Bewußtsein auf die Produktion von relativem Mehrwert durch beschleunigte Entwicklung des Maschinensystems”*. MEW 23, p. 432.

produtivas tem se desenvolvido até o presente graças a este regime de antagonismo entre as classes".¹⁶³

Para o capitalismo inglês, o uso da maquinaria como resultado da luta de classes manifesta-se abertamente a partir do ano de 1825, data da primeira grande crise mundial e das primeiras insurreições operárias com caráter revolucionário: *"a partir de 1825, quase todas as novas invenções foram o resultado de colisões entre operários e patrões, que tratavam a todo custo de depreciar a especialidade dos operários. Depois de cada nova greve de alguma importância surgia uma nova máquina"*.¹⁶⁴ Mais adiante é exposta a mesma concepção para explicar como os capitalistas da manufatura têxtil, venceram a luta contra os fiandeiros e os substituíram por maquinaria e trabalho simples: *"Na Inglaterra as greves tem servido constantemente de motivo para inventar e aplicar novas máquinas. As máquinas eram, por assim dizer, a arma que empregavam os capitalistas para sufocar a rebeldia dos operários qualificados. A invenção mais grande da indústria moderna – o selfacting mule – pôs fora de combate os fiandeiros sublevados"*.¹⁶⁵

Por isso, a máquina capitalista *"transforma-se no meio objetivo e sistematicamente aplicado de espremer mais trabalho no mesmo espaço de tempo"*,¹⁶⁶ *"num meio de exaurir ainda mais a força de trabalho"*.¹⁶⁷ E a máquina capitalista consegue espremer mais trabalho do operário mediante duas maneiras: *"mediante aceleração das máquinas e*

¹⁶³ Karl MARX, *Miseria de la Filosofia*, p. 50.

¹⁶⁴ Ibid., p. 114.

¹⁶⁵ Ibid., p. 137. Anteriormente ainda à publicação de *A Miséria da Filosofia*, Marx já expor estas idéias em carta à Annenkov, que pedira-lhe para relatar suas opiniões sobre a obra *Filosofia da Miséria* de Proudhon. *"Pode dizer-se que até 1825 – período da primeira crise universal- as necessidades de consumo, em geral, cresceram mais rapidamente que a produção, e o desenvolvimento das máquinas foi uma consequência forçada das necessidades de mercado. A partir de 1825, a invenção e a aplicação das máquinas, não tem sido mais que um resultado da guerra entre patrões e operários. Porém, isto só pode ser dito para a Inglaterra. As outras nações européias, viram-se forçadas a empregar máquinas devido à concorrência que lhes faziam os ingleses, tanto em seus próprios mercados quanto no mercado mundial. Por último, na América do Norte a introdução da maquinaria se deveu tanto à concorrência com outros países como à escassez de mão de obra, isto é, a desproporção entre a população do país e suas necessidades industriais"*. Ibid., p. 151/52.

¹⁶⁶ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 33. *"Sobald die Verkürzung des Arbeitstags, welche zunächst die subjektive Bedingung der Kondensation der Arbeit schafft, nämlich die Fähigkeit des Arbeiters, mehr Kraft in gegebener Zeit flüssig zu machen, zwangsgesetzlich wird, wird die Maschine in der Hand des Kapitals zum objektiven und systematisch angewandten Mittel, mehr Arbeit in derselben Zeit zu erpressen"*. MEW 23, p. 434.

¹⁶⁷ Ibid., p. 37. *"Es unterliegt nicht dem geringsten Zweifel, daß die Tendenz des Kapitals, sobald ihm Verlängerung des Arbeitstags ein für allemal durch das Gesetz abgeschnitten ist, sich durch systematische Steigerung des Intensitätsgrads der Arbeit gütlich zu tun und jede Verbeßerung der Maschinerie in ein Mittel zu größrer Aussaugung der Arbeitskraft zu verkehren..."* MEW 23, p. 440.

*ampliação da maquinaria a ser supervisionada pelo mesmo operário ou de seu campo de trabalho”.*¹⁶⁸

Com a introdução da maquinaria e de um sistema mecânico no interior das fábricas, o trabalhador se converte de sujeito em objeto e apêndice vivo de um mecanismo morto. *“Na fábrica, há um mecanismo morto, independente deles [os operários], ao qual são incorporados como um apêndice vivo (...), não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador”.*¹⁶⁹ O processo todo de trabalho se inverte e o trabalhador converte-se de sujeito do processo de trabalho em apêndice vivo da máquina, de um *“monstro mecânico, cujo corpo enche prédios fabris inteiros e cuja força demoníaca, de início escondida pelo movimento quase festivamente comedido de seus membros gigantescos, irrompe no turbilhão febril de seus inúmeros órgãos de trabalho propriamente ditos”.*¹⁷⁰

Assim como o trabalho em fluxo do operário é a fonte viva do valor e da mais-valia, o sistema de maquinaria e de trabalho morto representado por ela no interior da fábrica capitalista, constituem os ductos por onde o sangue do trabalhador é jorrado até a nova mercadoria, onde se deposita o sangue coagulado do trabalhador na forma de trabalho já objetivado. *“O capital [diz Marx] tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou”.*¹⁷¹

¹⁶⁸ Ibid., p. 33. *“Es geschieht dies in doppelter Weise: durch erhöhte Geschwindigkeit der Maschinen und erweiterten Umfang der von demselben Arbeiter zu überwachenden Maschinerie oder seines Arbeitsfeldes”.* MEW 23, p. 434.

¹⁶⁹ Ibid., p. 41. *“In der Fabrik existiert ein toter Mechanismus unabhängig von ihnen, und sie werden ihm als lebendige Anhängsel einverleibt”.* MEW 23, p. 445.

¹⁷⁰ Ibid., p. 12. *“An die Stelle der einzelnen Maschine tritt hier ein mechanisches Ungeheuer, dessen Leib ganze Fabrikgebäude füllt und dessen dämonische Kraft, erst versteckt durch die fast feierlich gemeßne Bewegung seiner Riesenglieder, im fieberhaft tollen Wirbeltanz seiner zahllosen eigentlichen Arbeitsorgane ausbricht”.* MEW 23, p. 402.

¹⁷¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. I, p. 179/80. *“Das Kapital hat aber einen einzigen Lebenstrieb, den Trieb, sich zu verwerten, Mehrwert zu schaffen, mit seinem konstanten Teil, den Produktionsmitteln, die größtmögliche Masse Mehrarbeit einzusaugen. Das Kapital ist verstorbne Arbeit, die sich nur vampyrmäßig belebt durch Einsaugung lebendiger Arbeit und um so mehr lebt, je mehr sie davon einsaugt. Die Zeit, während deren der Arbeiter arbeitet, ist die Zeit, während deren der Kapitalist die von ihm gekaufte Arbeitskraft konsumiert”.* MEW 23, p. 247.

Com a substituição de trabalho qualificado por desqualificado patrocinado pela máquina capitalista, com a formação de um exército de reserva industrial sempre crescente e com as dificuldades do operário substituído pela máquina para encontrar um novo emprego, por ter que disputar as novas vagas não apenas com outros operários desempregados mas, também, com a própria maquinaria, o próprio trabalhador converte-se de livre vendedor de si próprio em vendedor de pessoas ao capital. Com o desemprego e a miséria que assolam as famílias operárias, o próprio trabalhador converte-se “*em mercador de escravos*”¹⁷² ao oferecer a mulher e os filhos para serem explorados pelo capital. O próprio trabalhador passa a partilhar da moralidade burguesa ao se converter ele próprio em mercador de gente, ao viver ele próprio da venda da mulher e dos filhos para o capital, que com prazer os acolhe, para terem suas energias sugadas pelos monstros mecânicos instalados nas fábricas.

A maquinaria, no entanto, não atua “*apenas como concorrente mais poderoso, sempre pronto para tornar o trabalhador assalariado ‘superfluo’*”. Aberta e tendencialmente, o capital a proclama e maneja como uma potência hostil ao trabalhador. Ela se torna a arma mais poderosa para reprimir as periódicas revoltas operárias, greves etc., contra a autocracia do capital”.¹⁷³ Nas mãos do capital a ciência e a maquinaria que dela se origina transformam-se em instrumentos de guerra contra o proletariado. Como numa guerra campal entre exércitos, onde o mais forte e desenvolvido pode contar com o auxílio da ciência e da engenharia de guerra, também na luta de classes a burguesia conta com o auxílio da ciência e da engenharia industrial para fabricar máquinas mais modernas e potentes, capazes de calarem a voz e a rebeldia dos trabalhadores em luta por melhores salários e condições dignas de trabalho.

Sob qualquer pressão do movimento operário, além do Estado e suas instituições, a burguesia busca na ciência e na maquinaria desenvolvida o meio mais eficaz e “pacífico” para coagir os trabalhadores a permanecerem trabalhando quietos e submissos. A ameaça da substituição da força de trabalho viva empregada pelo capital por maquinaria mais

¹⁷² Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol. II, p. 21. “*Aber jetzt kauft das Kapital Unmündige oder Halbmündige. Der Arbeiter verkaufte früher seine eigne Arbeitskraft, worüber er als formell freie Person verfügte. Er verkauft jetzt Weib und Kind. Er wird Sklavenhändler*”. MEW 23, p. 418.

¹⁷³ Ibid., p. 49. “*Die Maschinerie wirkt jedoch nicht nur als übermächtiger Konkurrent, stets auf dem Sprung, den Lohnarbeiter ‘überflüssig’ zu machen. Als ihm feindliche Potenz wird sie laut und tendenziell vom*

produtiva no interior da fábrica, o risco da demissão e de enfrentar a dura situação de um trabalhador desempregado, se torna nas mãos dos capitalistas a arma mais potente frente os motins organizados da classe trabalhadora contra o capital.

Aqui ainda cabe um esclarecimento importante. A maquinaria em si não tem nenhuma culpa na sorte da classe trabalhadora sob o capitalismo. As contradições da sociedade capitalista e a miséria dos trabalhadores não decorrem do uso da maquinaria em si na produção. Estes fenômenos decorrem unicamente do uso da maquinaria enquanto elemento do capital, de seu uso como instrumento de exploração do homem pelo homem, como meio de coação de uma classe social por outra.

*“As contradições e os antagonismos inseparáveis da utilização capitalista da maquinaria não existem porque decorrem da própria maquinaria, mas de sua utilização capitalista. Já que, portanto, considerada em si, a maquinaria encurta o tempo de trabalho, enquanto utilizada como capital aumenta a jornada de trabalho; em si, facilita o trabalho, utilizada como capital aumenta sua intensidade; em si, é uma vitória do homem sobre a força da Natureza, utilizada como capital submete o homem por meio da força da Natureza; em si, aumenta a riqueza do produtor, utilizada como capital o pauperiza etc.”.*¹⁷⁴

Kapital proklamiert und gehandhabt. Sie wird das machtvollste Kriegsmittel zur Niederschlagung der periodischen Arbeiteraufstände, strikes usw. wider die Autokratie des Kapitals”. MEW 23, p. 459.

¹⁷⁴ Ibid., p. 54/55. *“Die von der kapitalistischen Anwendung der Maschinerie untrennbaren Widersprüche und Antagonismen existieren nicht, weil sie nicht aus der Maschinerie selbst erwachsen, sondern aus ihrer kapitalistischen Anwendung! Da also die Maschinerie an sich betrachtet die Arbeitszeit verkürzt, während sie kapitalistisch angewandt den Arbeitstag verlängert, an sich die Arbeit erleichtert, kapitalistisch angewandt ihre Intensität steigert, an sich ein Sieg des Menschen über die Naturkraft ist, kapitalistisch angewandt den*

VII O CARÁTER RELATIVO DA LEI

Marx procura demonstrar com a exposição das contratendências, que a lei da queda nas taxas de lucro atua muito mais como uma tendência de longo prazo. Procura demonstrar que as mesmas causas que geram a tendência à queda da taxa de lucro, podem também, contraditoriamente, moderar seus efeitos, enfraquecê-la, retardar sua realização, diminuir seu impacto. Seu caráter contraditório *“faz com que ela atue mais como tendência, isto é, como uma lei cuja realização absoluta passa a ser impedida, retardada, enfraquecida por circunstâncias contrariantes”*.¹⁷⁵ Assim como Marx admite que a lei só se manifesta em prazos relativamente longos, ao mesmo tempo, considera que a lei se manifesta transitoriamente, isto é, sua duração tem um prazo curto e não longo. As crises são sempre manifestações temporárias e não permanentes. Não existem crises permanentes, mas sim, a alternância sucessiva de períodos de auge e crise. Não é possível haver um ciclo inteiro de crises, isto seria o mesmo que abolir o caráter cíclico da acumulação de capital. Em nota de rodapé no Livro *Teorias da Mais-Valia* Marx anota: *“Quando Smith explica a queda da taxa de lucro pela superabundância de capital, pela acumulação de capital, refere-se a efeito permanente, o que é falso. Em contrapartida, essa superabundância transitória de capital, superprodução, crise são outra coisa. Não há crises permanentes”*.¹⁷⁶

Menschen durch die Naturkraft unterjocht, an sich den Reichtum des Produzenten vermehrt, kapitalistisch angewandt ihn verpaupert usw...” MEW 23, p. 465.

¹⁷⁵ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 170. *“Er hebt nicht das allgemeine Gesetz auf. Aber er macht, daß es mehr als Tendenz wirkt, d.h. als ein Gesetz, dessen absolute Durchführung durch gegenwirkende Umstände aufgehalten, verlangsamt, abgeschwächt wird.”* MEW 25, p.244.

¹⁷⁶ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 932. *“Wenn Smith den Fall der Profitrate aus superabundance of capital, accumulation of kapital erklärt, so handelt es sich um permanente Wirkung und*

O caráter contraditório da lei não impede, porém, segundo Marx, que no curso da acumulação os elementos favoráveis à queda se imponham sobre os elementos que a negam. O caráter contraditório da lei não pode ser entendido como uma simples relação de elementos que se contrariam pura e simplesmente, como uma relação de contrariedade. Existe uma relação hierárquica entre os pólos que tendem à realização da lei e os que se opõem a ela, na qual os elementos que compõem a tendência (os elementos que provocam um aumento mais acelerado do capital constante em relação ao variável e, ao mesmo tempo, um aumento mais acelerado do capital global em relação à massa total de mais-valia por ele criada), se impõem no curso da acumulação sobre os elementos que compõem a contratendência.

*E assim mostrou-se, de modo geral, que as mesmas causas que acarretam a queda da taxa geral de lucro provocam efeitos contrários, que inibem, retardam e em parte paralisam essa queda. Eles não anulam a lei, mas debilitam seu efeito. Sem isso, seria incompreensível não a queda da taxa geral de lucro, mas, pelo contrário, a relativa lentidão dessa queda. Assim, a lei só opera como tendência cujos efeitos só se manifestam de forma contundente sob determinadas circunstâncias e no decorrer de períodos prolongados.*¹⁷⁷

Apesar de Marx considerar a descoberta da lei uma coisa muito evidente, ela não deixou de ser criticada pelos herdeiros do pensamento de Ricardo. A mais popular delas parece ser a de Sweezy, que acredita que ao se deslocar a ordem hierárquica dos pólos da lei, sobrepondo o aumento da taxa de mais-valia relativa sobre o aumento da composição orgânica do capital, destrói-se todo o sistema teórico marxiano elaborado para explicar a queda nas taxas de lucro. Com a inversão de posição dos pólos da lei marxiana, esta, transforma-se para Sweezy, num mero sistema de indeterminações, onde os pólos

dies falsch. Dagegen transitorisch superabundance of capital, Überproduktion, Krise ist was anders. Permanente Krisen gibt es nicht". MEW 26, p. 497.

¹⁷⁷ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 172. "Und so hat sich denn im allgemeinen gezeigt, daß dieselben Ursachen, die das Fallen der allgemeinen Profitrate hervorbringen, Gegenwirkungen hervorrufen, die diesen Fall hemmen, verlangsamen und teilweise paralysieren. Sie heben das Gesetz nicht auf, schwächen aber seine Wirkung ab. Ohne das wäre nicht das Fallen der allgemeinen Profitrate unbegreiflich, sondern umgekehrt die relative Langsamkeit dieses Falls. So wirkt das Gesetz nur als Tendenz, dessen

intercondicionam-se mutuamente, abolindo assim, a determinação hierárquica do aumento da composição orgânica sobre a formação e queda da taxa de lucro. O aumento da taxa de mais-valia, visto na lei marxiana como uma contratendência à tendência de queda nas taxas de lucro, no sistema de Sweezy é deslocado para a posição determinante e a tendência real do desenvolvimento capitalista passa a se manifestar através de um aumento crescente na taxa de mais-valia com crescente composição orgânica do capital, capaz de anular qualquer queda nas taxas de lucro. As contratendências à queda nas taxas de lucro, especialmente as derivadas do aumento da taxa de mais-valia, no esquema de Sweezy são elevadas à condição de tendências, que se sobrepõem a qualquer aumento na composição orgânica do capital e nas quedas das taxas de lucro.¹⁷⁸

Em nossa opinião, Sweezy não compreendeu que apesar de Marx não expor esquematicamente a lei da queda da taxa de lucro acompanhada de um aumento da taxa de mais-valia, ele a pressupõe constantemente. E na exposição das contratendências à lei, Marx considera como contratendência apenas os casos em que a taxa de exploração dos trabalhadores cresce sem que ocorra nenhum dispêndio adicional de capital constante.

Wirkung nur unter bestimmten Umständen und im Verlauf langer Perioden schlagend hervortritt". MEW 25, p. 249.

¹⁷⁸ Sweezy, se expressa assim: "... a tendência decrescente da taxa de lucro é deduzida por Marx na suposição de que a composição orgânica do capital se eleva, ao passo que a taxa de mais-valia permanece constante. [Porém, se ao contrário J.A.]... tanto a composição orgânica do capital como a taxa de mais-valia forem consideradas variáveis, como acreditamos que devam, então a direção na qual a taxa de lucro se modifica se torna indeterminada". (p. 89). Como a elevação da força produtiva do trabalho aumenta não apenas a composição orgânica do capital mas também a mais valia-relativa, "...tudo o que se pode observar é a modificação líquida na composição orgânica (e não o predomínio de uma sobre a outra) que resulta de ambas as forças, [assim]..., não há uma suposição geral de que as modificações na composição orgânica do capital sejam relativamente tão maiores do que as modificações na taxa de mais-valia, a ponto de dominarem os movimentos na taxa de lucro. Pelo contrário, parece que devemos considerar as duas variáveis como de importância mais ou menos equivalente. Por esse motivo, a formulação marxista da lei da tendência decrescente da taxa de lucro não é muito convincente". (p. 90). O autor porém, ao negar o sistema de explicação marxiano da lei, não nega porém, a existência dela nos movimentos reais do desenvolvimento capitalista. Ele a apresenta contudo, à moda de Ricardo, como resultante da tendência inerente à acumulação "de elevar a procura de força de trabalho e, portanto, o nível de salários".(p. 124) Ao mesmo tempo, Sweezy acredita que haveria sob o capitalismo, um outro tipo de crise, a de subconsumo, baseada na "tendência inerente [ao capital] de expandir a capacidade de produzir bens de consumo mais rapidamente do que a procura desses bens". (p. 144). Paul M. SWEEZY, *Teoria do Desenvolvimento Capitalista: Princípios de Economia Política Marxista*.

VIII DESDOBRAMENTO DAS CONTRADIÇÕES INTERNAS DA LEI

8.1. GENERALIDADES

Vimos anteriormente que a queda na taxa geral de lucro aparecia, contraditoriamente, como um elemento de risco e, ao mesmo tempo, de estímulo para a acumulação capitalista, já que para o capital prosseguir produzindo massas cada vez maiores de mais-valia, ele necessitava expandir o capital a uma taxa pelo menos igual ao inverso da queda na taxa de lucro. Assim,

... queda da taxa de lucro e acumulação acelerada são, nessa medida, apenas expressões diferentes do mesmo processo, já que ambas expressam o desenvolvimento da força produtiva. A acumulação, por sua vez, acelera a queda da taxa de lucro, à medida que com ela está dada a concentração dos trabalhos em larga escala e, com isso, uma composição mais elevada do capital. Por outro lado, a queda da taxa de lucro acelera novamente a concentração do capital e sua centralização mediante a desapropriação dos pequenos capitalistas, mediante a expropriação do resto dos produtores diretos, entre os quais ainda haja algo a expropriar. Por meio disso por outro lado, a acumulação é acelerada em sua massa, embora caia com a taxa de lucro, a taxa de acumulação.¹⁷⁹

¹⁷⁹ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 174. “Fall der Profitrate und beschleunigte Akkumulation sind insofern nur verschiedene Ausdrücke desselben Prozesses, als beide die Entwicklung der Produktivkraft ausdrücken. Die Akkumulation ihrerseits beschleunigt den Fall der Profitrate, sofern mit ihr die Konzentration der Arbeiten auf großer Stufenleiter und damit eine höhere Zusammensetzung des Kapitals ge-

O movimento da acumulação e reprodução do capital realiza-se em espiral. A queda da taxa de lucro estimula até certo ponto a acumulação, a concentração e a centralização do capital. Ao atingir determinado nível, porém, ela converte-se em freio à acumulação, em freio à formação de novos capitais. Por isso, *“sua queda retarda a formação de novos capitais autônomos, e assim aparece como ameaça para o desenvolvimento do processo de produção capitalista; ela promove superprodução, especulação, crises, capital supérfluo, ao lado de população supérflua”*.¹⁸⁰

Na medida em que o aguilhão da produção capitalista e seus estímulos frenéticos se esvaem, na medida em que o fluxo normal da acumulação se esfria, na medida em que a mais-valia não mais se converte em capital com a mesma intensidade que antes, forma-se um mercado de meios de produção e subsistência excedente em relação às novas taxas de acumulação em queda, forma-se uma superprodução de mercadorias e de capitais. Na medida em que a acumulação se retrai, em que fábricas ou setores inteiros da produção paralisam suas atividades em virtude da queda nas taxas de lucro, gera-se uma abundância de capital, tanto constante quanto variável, excedente às novas condições de valorização. Por isso, os economistas burgueses como Ricardo que

... consideram o modo de produção capitalista como absoluto, sentem aqui que esse modo de produção cria uma barreira para si mesmo e, portanto, atribuem essa barreira não à produção, mas à Natureza (na doutrina da renda). O importante, porém, em seu horror ante a taxa de lucro em queda, é a sensação de que o modo de produção capitalista encontra no desenvolvimento das forças produtivas uma barreira que nada tem a ver com a produção da riqueza enquanto tal; e essa barreira popular testemunha a limitação e o caráter tão-somente histórico e transitório do modo de produção capitalista; testemunha que ele não é um modo de

geben ist. Andererseits beschleunigt der Fall der Profitrate wieder die Konzentration des Kapitals und seine Zentralisation durch die Enteignung der kleinern Kapitalisten, durch die Expropriation des letzten Rests der unmittelbaren Produzenten, bei denen noch etwas zu expropriieren ist. Dadurch wird andererseits die Akkumulation, der Masse nach, beschleunigt, obgleich mit der Profitrate die Rate der Akkumulation fällt”. MEW 25, p. 251.

¹⁸⁰ Ibid., p. 174. *“... soweit die Rate der Verwertung des Gesamtkapitals, die Profitrate, der Stachel der kapitalistischen Produktion ist (wie die Verwertung des Kapitals ihr einziger Zweck), verlangsamt ihr Fall die Bildung neuer selbständiger Kapitale und erscheint so als bedrohlich für die Entwicklung des kapitalistischen Produktionsprozesses; er befördert Überproduktion, Spekulation, Krisen, überflüssiges Kapital neben überflüssiger Bevölkerung”.* MEW 25, p. 251/52.

*produção absoluto para a produção da riqueza, mas que antes entra em conflito com seu desenvolvimento, em certo estágio.*¹⁸¹

A queda na taxa de lucro e a crise que dela emana é o maior testemunho de que a substância do capital é uma substancia social e em movimento, que em certo estágio de seu desenvolvimento as forças produtivas chocam-se frontalmente com as limitadas relações assalariadas de distribuição e consumo, que para poderem continuar se desenvolvendo precisam romper o envólucro destas relações e viverem plenamente sob relações sociais livres dos imperativos da lei do valor, da mais-valia e da propriedade privada do meios de produção. Apesar da aparente eternidade do capitalismo, a eclosão das crises evidencia que em seu interior se gestam e se desenvolvem poderosas forças que atuam contra sua continuidade exigindo novas formas de organização da produção e de relações entre os homens.

A lei da queda tendencial da taxa de lucro de Marx procura explicar suas causas a partir da natureza contraditória do próprio capital, de suas relações internas presentes já na contradição entre valor de uso e valor contida na mercadoria, em seu desdobramento externo entre a mercadoria e o dinheiro, entre trabalho concreto e abstrato, entre o processo de trabalho e o processo de valorização etc. As causas da crise não possuem uma origem externa ao capital, como imaginava Ricardo com sua teoria dos custos crescentes da força de trabalho provocados pela baixa fertilidade dos solos cultivados com trigo na Inglaterra. As causas não são de ordem natural, mas sim, são de ordem puramente social, histórica, dizem respeito unicamente à existência da relação capitalista de produção e seus impulsos frenéticos, sem limites, à valorização acelerada do valor.

Essa superprodução de mercadorias aparece aqui como resultado de uma diminuição da taxa de acumulação, da taxa de conversão de mais-valia em novo capital. Os capitalistas almejam meramente com a conversão em novo capital da mais-valia já produzida, a

¹⁸¹ Ibid., p. 174/75. *“Die Ökonomen also, die wie Ricardo die kapitalistische Produktionsweise für die absolute halten, fühlen hier, daß diese Produktionsweise sich selbst eine Schranke schafft, und schieben daher diese Schranke nicht der Produktion zu, sondern der Natur (in der Lehre von der Rente). Das Wichtige aber in ihrem Horror vor der fallenden Profitrate ist das Gefühl, daß die kapitalistische Produktionsweise an der Entwicklung der Produktivkräfte eine Schranke findet, die nichts mit der Produktion des Reichtums als solcher zu tun hat; und diese eigentümliche Schranke bezeugt die Beschränktheit und den nur historischen, vorübergehenden Charakter der kapitalistischen Produktionsweise; bezeugt, daß sie keine für die Produktion*

ampliação de seu próprio capital e de sua massa de mais-valia futura. Não estão eles envolvidos no processo de acumulação porque almejam ampliar suas satisfações ou seu bem-estar. Não buscam eles alcançar esta satisfação através da ampliação do consumo pessoal, da transformação da mais-valia em renda. Eles buscam esta satisfação no próprio processo de acumulação, divertem-se e se satisfazem vendo seu capital crescer, transformando sua mais-valia em capital e não em rendas. Por isso, os receiptuários que buscam compensar esta superprodução pregando um aumento do consumo pessoal dos capitalistas, pregando a fruição e o desfrute, caem no erro de não compreender qual é a substância que move o modo de produção capitalista. Não compreendem que,

... o processo de produção capitalista consiste essencialmente na produção de mais-valia, representada no mais-produto ou na parte alíquota das mercadorias produzidas em que trabalho não-pago está objetivado. Nunca se deve esquecer que a produção dessa mais-valia — e a retransformação de parte da mesma em capital, ou a acumulação, constitui parte integrante dessa produção de mais-valia — é o objetivo imediato e o motivo determinante da produção capitalista. Nunca se deve apresentá-la, portanto, como algo que ela não é, ou seja, como produção que tem por finalidade imediata a satisfação ou a criação de meios de satisfação para os capitalistas. Ao fazer isso, abstrai-se completamente seu caráter específico, que se apresenta em toda a sua configuração medular interior.¹⁸²

des Reichtums absolute Produktionsweise ist, vielmehr mit seiner Fortentwicklung auf gewisser Stufe in Konflikt tritt". MEW 25, p. 252.

¹⁸² *Ibid.*, p. 176. "Und der kapitalistische Produktionsprozeß besteht wesentlich in der Produktion von Mehrwert, dargestellt in dem Mehrprodukt oder dem aliquoten Teil der produzierten Waren, worin unbezahlte Arbeit vergegenständlicht ist. Man muß es nie vergessen, daß die Produktion dieses Mehrwerts — und die Rückverwandlung eines Teils desselben in Kapital, oder die Akkumulation, bildet einen integrierenden Teil dieser Produktion des Mehrwerts — der unmittelbare Zweck und das bestimmende Motiv der kapitalistischen Produktion ist. Man darf diese daher nie darstellen als das, was sie nicht ist, nämlich als Produktion, die zu ihrem unmittelbaren Zweck den Genuß hat oder die Erzeugung von Genußmitteln für den Kapitalisten. Man sieht dabei ganz ab von ihrem spezifischen Charakter, der sich in ihrer ganzen innern Kerngestalt darstellt". MEW 25, p. 253/54.

8.2. CONFLITO ENTRE PROCESSO IMEDIATO DE PRODUÇÃO E PROCESSO DE REALIZAÇÃO DA MAIS-VALIA

A produção da mais-valia constitui o processo imediato da produção capitalista. Sua medida consiste unicamente no tamanho da população trabalhadora explorada e na taxa de exploração sofrida por ela. Não basta, porém, produzir a mais-valia dentro da fábrica, ela precisa ser lançada no mercado e sair em busca de compradores para ter seu valor realizado. A produção pura e simples da mais-valia constitui apenas o primeiro ato da produção, ela precisa ainda ser realizada. Aos capitalistas, ela só interessa de fato na forma fluída, líquida e solvível do dinheiro. Não lhes interessa na forma de produto, de trabalho objetivado. A busca destes compradores constitui o segundo ato, decisivo para o sucesso do processo imediato de produção. *“Assim que o quantum de mais-trabalho extraível está objetivado em mercadorias, a mais-valia está produzida. Mas com essa produção de mais-valia está concluído apenas o primeiro ato do processo de produção capitalista, o processo direto de produção. O capital absorveu tanto e tanto de trabalho não-pago. Com o desenvolvimento do processo, que se expressa na queda da taxa de lucro, a massa de mais-valia assim produzida se infla enormemente”*.¹⁸³

Concluído o primeiro ato, a produção imediata da mais-valia, a exploração direta dos trabalhadores e a absorção de suas energias pelos meios de produção, cabe agora ao capital para ser capital, constituir o segundo ato da produção, transformar em certa quantidade de dinheiro o tempo de trabalho despendido coletivamente pelos trabalhadores. O capital não necessita apenas realizar a mais-valia, é fundamental também reconverter na forma de dinheiro as despesas com capital constante e variável, agora na forma de produto. Do ponto de vista do operário o processo se encerra junto com o processo imediato de produção, do ponto de vista do capitalista, porém, o processo de produção é apenas um elo da cadeia de valorização do valor, devendo prosseguir na esfera da circulação e, assim, sucessivamente.

¹⁸³ Ibid., p. 176. *“Sobald das auspreßbare Quantum Mehrarbeit in Waren vergegenständlicht ist, ist der Mehrwert produziert. Aber mit dieser Produktion des Mehrwerts ist nur der erste Akt des kapitalistischen Produktionsprozesses, der unmittelbare Produktionsprozeß beendet. Das Kapital hat soundsoviel unbezahlte*

*Agora vem o segundo ato do processo. O conjunto da massa de mercadorias, o produto global, tanto a parte que substitui o capital constante e o variável, quanto a que representa a mais-valia, precisa ser vendido. Se isso não acontece ou só acontece em parte ou só a preços que estão abaixo dos preços de produção, então o trabalhador é certamente explorado, mas sua exploração não se realiza enquanto tal para o capitalista, podendo estar ligada a uma realização nula ou parcial da mais-valia extorquida, e mesmo a uma perda parcial ou total de seu capital.*¹⁸⁴

No Livro I de *O Capital*, Marx analisa todo o conceito de capital abstraindo a esfera da circulação e realização da mais-valia, pressupõe ele que as mercadorias vendem-se pelo seu valor e que não encontram nenhuma barreira para isso na esfera da circulação. O capital é apresentado como um processo direto de criação de mais-valia, como um processo de valorização do valor que se realiza através do consumo das energias dos operários, é apresentado como uma relação social de exploração entre classes específicas, historicamente determinadas, de um lado os capitalistas exploradores e de outro o proletariado, a classe explorada.

No Livro II, porém, aparecem o capital comercial e o monetário, a esfera das trocas, do crédito e da realização da mais-valia. É o capital na esfera da circulação. Já em seus primeiros capítulos Marx inicia expondo as três formas adotadas pelo capital durante o processo de valorização: o capital produtivo, mercantil e monetário e demonstra que durante o processo de valorização do capital, os três elementos mudam continuamente de posição. Se na fórmula do capital produtivo a mercadoria e o dinheiro apareciam como elementos intermediários na produção da mais-valia, na fórmula do capital-mercadoria e do capital-monetário, o processo produtivo aparece não mais como ponto de partida e de chegada, mas, sim, como elo intermediário e necessário no processo de circulação e realização das mercadorias. Considerava capital produtivo todo o tipo de capital envolvido

Arbeit eingesaugt. Mit der Entwicklung des Prozesses, der sich im Fall der Profitrate ausdrückt, schwillt die Masse des so produzierten Mehrwerts ins Ungeheure". MEW 25, p. 254.

¹⁸⁴ Ibid., p. 176. *"Nun kommt der zweite Akt des Prozesses. Die gesamte Warenmasse, daß Gesamtprodukt, sowohl der Teil, der das konstante und variable Kapital ersetzt, wie der den Mehrwert darstellt, muß verkauft werden. Geschieht das nicht oder nur zum Teil oder nur zu Preisen, die unter den Produktionspreisen stehn, so ist der Arbeiter zwar exploitiert, aber seine Exploitation realisiert sich nicht als solche für den Kapitalisten, kann mit gar keiner oder nur teilweiser Realisation des abgepreßten Mehrwerts, ja mit teilweisem oder ganzem Verlust seines Kapitals verbunden sein". MEW 25, p. 254.*

diretamente na produção de mais-valia como as fábricas, as minas, a agricultura, a pecuária, assim como certo tipo de serviços como transportes e comunicações. E considerava como capital industrial a unidade dos capitais produtivos com o os capitais mercantil e monetário.

O conceito de capital parece-nos assim, compreender um processo de autovalorização do valor que deve necessariamente adotar em seu movimento as três formas do capital: produtiva, mercantil e monetária. Um movimento que, porém, não paira no ar na forma de conceitos puros e abstratos, ou na forma de coisas que se movimentam por si próprias, mas, de conceitos e coisas que assentam seus pés no terreno material da relação entre as classes. Não é possível coisas transformarem-se em capital apenas porque adotam formas ora produtiva, ora mercantil e ora monetária. Se assim fosse, o capital seria muito mais antigo do que os livros de história relatam, pois estes elementos considerados em si mesmos como meios de produção, mercadoria e dinheiro, existem há milhares de anos. Para que estas coisas possam tornar-se capital, é necessário que estejam colocadas numa relação de exploração assalariada. Em outras palavras, o capital não existe fora da relação entre capitalistas e proletários. O conceito de capital não pode compreender o processo de autovalorização do valor, da adoção e passagem de uma forma de capital à outra, sem considerá-las como relações sociais que se realizam por meio das coisas. As relações entre estas coisas, entre as formas diferentes de capital, expressam sempre, na esfera da produção ou da circulação, uma relação social entre as classes, entre capitalistas e proletários, entre exploradores e explorados.

Por isso, não é possível compreender o que é capital considerando-o apenas em sua forma de capital produtivo, apenas como um processo direto de produção de mais-valia. Ao acreditar-se nisto, cai-se no erro de acreditar que o capital é apenas capital em sua forma produtiva, que mercadoria e dinheiro não constituem capital, que na esfera da circulação não haveriam contradições explosivas capazes de interromperem a reprodução do capital. Para Marx, porém,

As condições de exploração direta e as de sua realização não são idênticas. Divergem não só no tempo e no espaço, mas também conceitualmente. Uma estão limitadas pela força produtiva da sociedade, outras pela proporcionalidade dos diferentes ramos da produção e pela capacidade de consumo da sociedade. Esta

*última não é, porém, determinada pela força absoluta de produção nem pela capacidade absoluta de consumo; mas pela capacidade de consumo com base nas relações antagônicas de distribuição, que reduzem o consumo da grande massa da sociedade a um mínimo só modificável dentro de limites mais ou menos estreitos. Além disso, ela está limitada pelo impulso à acumulação, pelo impulso à ampliação do capital e à produção de mais-valia em escala mais ampla.*¹⁸⁵

As condições de exploração, o processo imediato e direto de produção da mais-valia, estão condicionadas pelo desenvolvimento das forças produtivas materiais. As de realização da mais-valia, de venda da massa de mercadorias produzidas, estão condicionadas pela proporcionalidade dos diferentes ramos da produção e pela capacidade de consumo da sociedade, baseada em relações antagônicas de distribuição que reduzem o consumo da maioria assalariada ao mínimo necessário. Aqui é fundamental destacar o seguinte: ao contrário do que acreditam os partidários da concepção de que a crise de realização da mais-valia, possui sua causa exclusivamente na desproporção entre as diversas esferas da produção (que devido à anarquia e à concorrência não se desenvolvem nas mesmas proporções), Marx escreve com todas as letras, que tal realização sofre os impactos do caráter antagônico da distribuição da riqueza, que reduzem o consumo social da classe trabalhadora a um mínimo muito estreito. Com todas as letras, Marx escreve que o baixo consumo da classe trabalhadora, suas condições miseráveis de vida, seu baixo grau de exigências, seu baixo grau de salários e a lei da pauperização que atua sobre ela é, junto com a desproporção, um elemento que impede a venda normal de parte das mercadorias produzidas carentes de consumidores. É importante ressaltar também, que Marx não trata aqui de uma mera contradição entre capitalistas e trabalhadores na esfera da distribuição, mas sim, de um verdadeiro antagonismo entre eles. Por isso sua conclusão de que, ao longo

¹⁸⁵ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 176. “Die Bedingungen der unmittelbaren Exploitation und die ihrer Realisation sind nicht identisch. Sie fallen nicht nur nach Zeit und Ort, sondern auch begrifflich auseinander. Die einen sind nur beschränkt durch die Produktivkraft der Gesellschaft, die andren durch die Proportionalität der verschiedenen Produktionszweige und durch die Konsumtionskraft der Gesellschaft. Diese letztere ist aber bestimmt weder durch die absolute Produktionskraft noch durch die absolute Konsumtionskraft; sondern durch die Konsumtionskraft auf Basis antagonistischer Distributionsverhältnisse, welche die Konsumtion der großen Masse der Gesellschaft auf ein nur innerhalb mehr oder minder enger Grenzen veränderliches Minimum reduziert. Sie ist ferner beschränkt durch den Akkumulationstrieb, den Trieb nach Vergrößerung des Kapitals und nach Produktion von Mehrwert auf erweiterter Stufenleiter”. MEW 25, p. 254.

do processo de desenvolvimento capitalista, a classe trabalhadora tendia a cair na pauperização.

O inverso também precisa ser dito: ao contrário daqueles que acreditam que a realização da mais-valia é impedida no curso da reprodução devido apenas aos baixos salários da classe trabalhadora e sua baixa capacidade de consumo social, a crise de realização também se origina da desproporção intersetorial, da impossibilidade de distribuir o trabalho social de forma eqüitativa entre todos os ramos da produção, de forma que se eliminem os atritos entre oferta e demanda de mercadorias.

Além de tudo isso, a realização normal da mais-valia é impedida pelos impulsos dados pelos capitalistas à acumulação desenfreada, é impedida pela constante conversão de suas rendas em capital e, portanto, de uma diminuição relativa de sua própria capacidade de consumo pessoal e, inversamente, pela elevação absoluta da capacidade de ampliação do capital e da produção em larga escala. Essa conversão constante das rendas em capital,

*... é lei para a produção capitalista, dada pelas contínuas revoluções nos próprios métodos de produção, pela desvalorização sempre vinculada a elas do capital disponível, pela luta concorrencial geral e pela necessidade de melhorar a produção e de ampliar sua escala, meramente como meio de manutenção e sob pena de ruína. Por isso, o mercado precisa ser constantemente ampliado, de forma que suas conexões e as condições que as regulam assumam sempre mais a figura de uma lei natural independente dos produtores, tornando-se sempre mais incontroláveis. A contradição interna procura compensar-se pela expansão do campo externo da produção.*¹⁸⁶

Como as relações sociais sob o capitalismo realizam-se inteiramente mediadas pela forma luminosa do dinheiro, as leis econômicas que brotam dessas relações aparecem aos

¹⁸⁶ Ibid., p. 176. “Dies ist Gesetz für die kapitalistische Produktion, gegeben durch die beständigen Revolutionen in den Produktionsmethoden selbst, die damit beständig verknüpfte Entwertung von vorhandenem Kapital, den allgemeinen Konkurrenzkampf und die Notwendigkeit, die Produktion zu verbessern und ihre Stufenleiter auszudehnen, bloß als Erhaltungsmittel und bei Strafe des Untergangs. Der Markt muß daher beständig ausgedehnt werden, so daß seine Zusammenhänge und die sie regelnden Bedingungen immer mehr die Gestalt eines von den Produzenten unabhängigen Naturgesetzes annehmen, immer unkontrollierbarer werden. Der innere Widerspruch sucht sich auszugleichen durch Ausdehnung des äußern Feldes der Produktion”. MEW 25, p. 254/55.

olhos dos capitalistas, e claro que também da classe trabalhadora, como leis naturais e independentes dos homens, como leis que emanam da natureza das coisas, do dinheiro, da mercadoria, do capital etc., e não como leis que emanam de relações sociais historicamente dadas. Como o capitalista atua na produção como um mero funcionário do capital, como a personificação dominante destas relações sociais, a abertura frenética e incessante de novos mercados, a diminuição do tempo de rotação do capital e a aceleração do processo de circulação, aparecem aos olhos deste funcionário como necessidades naturais deste modo de produção, o que de fato é verdade para este modo de produção. Como a produção capitalista é essencialmente produção em larga escala, ela exige para a realização do valor, com a força de uma lei natural, escalas de mercados sempre crescentes, sempre além dos horizontes regionais ou nacionais, mercados mundiais cada vez mais amplos, capazes de absorverem a massa de mercadorias constantemente lançadas nele.

Porém, o que constitui um mercado externo na concepção de Marx? O que concebe ele como ampliação do campo externo da produção? Rosa Luxemburg com sua teoria das crises sustentada na concepção de que o problema fundamental da realização da mais-valia, consiste na ausência de um mercado interno amplo o suficiente para realizar a mais-valia destinada à acumulação, acredita que Marx aí está falando dos campos não-capitalistas que atuam apenas como compradores de mercadorias. Para Rosa o problema fundamental do capitalismo em sua era imperialista, é a ausência de um mercado comprador não-capitalista formado por terceiras pessoas que não o operário e o capitalista, capaz de realizar a massa da mais valia não consumida na forma de renda pelos capitalistas, a massa da mais-valia destinada a ser transformada em capital. A ausência destas terceiras pessoas constitui na concepção de Rosa, a base fundamental das crises e da tendência ao colapso do capitalismo. Para ela, o capital atingiria seu declínio ou colapso porque, contraditoriamente, através da conquista imperialista e da conversão dos povos atrasados em povos capitalistas, reduzia-se cada vez mais o quantum de mercados externos não-capitalistas, passíveis de servirem como escoadouros da mais-valia produzida no centro industrial.¹⁸⁷

¹⁸⁷ Para Rosa, “o ‘campo externo da produção é clara e indubitavelmente’ o consumo e não a produção que precisa continuamente ser aumentada” (p. 237), “... a realização da mais-valia para fins de acumulação em uma sociedade composta só por operários e capitalistas é, portanto, um problema sem solução. (...) O aspecto decisivo é que a mais-valia não pode ser realizada nem por operários, nem por capitalistas, mas por camadas sociais ou por sociedades que por si não produzam de modo capitalista” (p. 241). A existência destes compradores não capitalistas de mais-valia constituem-se, portanto, na “... condição vital para o

O recurso de Rosa às terceiras pessoas e a um mercado externo não capitalista para resolver o problema da realização do sobreproduto social, é uma idéia original que para nós porém, parece não ter sustentação nas concepções de Marx. Em várias passagens de sua obra, Marx enfatiza que a produção capitalista constitui-se numa produção pela produção, numa produção que tem uma finalidade em si mesma, numa produção para o capital e não para os homens, numa produção que tem o capital como ponto de partida e de chegada, como produtor e consumidor da maior parte dos produtos por ele criado. Os esquemas de reprodução social parecem expressar muito bem esta característica.

Para nós, o termo “*expansão do campo externo da produção*” não elimina o impulso do capital a se valorizar vendendo para essas esferas não capitalistas, porém, acreditamos que para Marx as contradições reais, quando não são abolidas e substituídas por novas contradições, só podem resolver-se transitoriamente ampliando e aprofundando a própria contradição existente em forma de espiral, conservando a contradição em escala progressivamente mais elevada. A expansão da produção capitalista gera, contraditoriamente, condições também capitalistas mais elevadas para a realização do produto social. A expansão das relações de produção capitalista gera e desenvolve ao

capital e para sua acumulação e constitui dessa forma o aspecto decisivo do problema da acumulação do capital. (...) De uma ou de outra forma, enquanto processo histórico, a acumulação de capital depende, sob todos os seus aspectos, das camadas e sociedades não-capitalistas” (p. 251). Estas esferas externas atuam, porém, não apenas como compradores e realizadores da mais-valia, mas atuam também, como fontes de meios de produção e reservatório de força de trabalho, resultando daí que, “...o capitalismo não pode existir sem os meios de produção e a força de trabalho dessas formações, nem sem a demanda destas de mais-produto capitalista” (p. 255). Rosa LUXEMBURG, *A Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. Numa direção totalmente oposta está Manuel Castells para quem uma explicação das crises baseada nos problemas da realização da mais-valia é típica do keynesianismo. Para ele “o específico do pensamento marxista é a relação entre o descenso da taxa de lucro e a dinâmica da acumulação capitalista” (p. 26). E mais adiante: “Se é verdade que a teoria das crises articula o processo de produção e o de circulação como dois momentos igualmente importantes na formação da taxa de lucro, somente (grifo nosso) as contradições que surgem no processo de produção parecem estar estruturalmente relacionados às características da acumulação capitalista, porque o lucro, apesar de ser realizado na circulação, depende em última instância da extração de mais-valia no processo de produção” (p. 39). Manuel CASTELLS, *A Teoria Marxista das Crises Econômicas e as Transformações do Capitalismo*. Se invertermos, porém, a ordem dos termos na frase de Castells, podemos argumentar com a mesma rigorosidade que se a mais-valia é produzida na esfera da produção, ela depende em última instância da realização na esfera da circulação já que a produção capitalista é essencialmente acumulação de capital e não existe acumulação de capital sem a realização do valor na esfera da circulação. Se é verdade que o fundamental na produção capitalista é a produção da mais-valia, ela mesma não pode se valorizar se não adentrar na esfera da circulação e enfrentar as contradições desta esfera. Da mesma forma podemos dizer que o processo de produção e de exploração da classe operária não é um processo que se realiza puramente no interior da produção já que tal exploração só é possível na medida em que o operário é ele próprio um mercador de força de trabalho, já que é o fato de estar obrigado a vender diariamente sua mercadoria a algum capitalista em particular, que o obriga a sujeitar-se à exploração no interior da fábrica.

mesmo tempo, ainda que de forma antitética e não harmoniosa, as relações de consumo também capitalistas, gera e desenvolve a forma dentro da qual a própria produção capitalista pode desenvolver-se.

As formas capitalistas de expandir o mercado externo constantemente expostas por Marx em *O Capital*, podem resumir-se no seguinte: ampliação da divisão social do trabalho e da formação de novos ramos da produção através do revolucionamento científico das condições de produção e o lançamento de novos produtos no mercado; aceleração da rotação do capital, acelerando tanto o tempo de circulação quanto o de produção das mercadorias, permitindo assim, que o mesmo capital possa atuar mais vezes como capital produtivo durante o mesmo ano; elevação da acumulação e do emprego em escala mais alta de todos os elementos da produção disponíveis; da introdução de mais e mais produtores independentes às relações de produção e consumo capitalista, convertendo o livre produtor em produtor assalariado e assim ampliando a massa de consumidores solventes etc. Em suma, o mercado externo é formado mediante o alargamento das relações de produção capitalista, por meio do desenvolvimento das forças produtivas do próprio capitalismo.

No Livro I de *O Capital*, Marx enfrentara-se com um problema semelhante quando precisara explicar a possibilidade do desenvolvimento acelerado das trocas sob a égide da contradição entre valor de uso e valor da mercadoria. No princípio das trocas, quando ainda imperava uma baixa divisão social do trabalho e a produção de mercadorias e as trocas eram ainda atos ocasionais, as trocas podiam realizar-se diretamente na forma de produto por produto, uma mercadoria poderia servir diretamente à outra de equivalente do valor. Porém, quando a divisão social do trabalho se ampliara e mais e mais produtos eram fabricados na forma de mercadoria, a antiga troca direta de produto por produto não mais favorecia o desenvolvimento das trocas. Tornou-se uma necessidade para a expansão das trocas, o surgimento do dinheiro como equivalente geral do valor de todas as mercadorias particulares. A contradição presente nas trocas simples entre valor de uso e valor, desdobrou-se historicamente na contradição externa entre valor de uso e valor de troca, entre mercadoria e dinheiro. A própria contradição gerara dialeticamente sua própria solução, ao transformar uma espécie particular de mercadoria, o ouro (e mais tarde o dinheiro) no equivalente geral e fluído das trocas. A contradição interna entre valor de uso e valor se desdobrara na contradição externa entre a mercadoria e o dinheiro. A contradição

entre valor de uso e valor foi “resolvida” transformando o ouro, um elemento interno da contradição que existia sob a forma particular de mercadoria, na forma de equivalente geral e universal das trocas. A contradição encontrou sua solução no desenvolvimento dialético da própria contradição, ela não buscou soluções em elementos externos a ela, mas desenvolveu unicamente um de seus elementos internos. *“Viu-se que o processo de troca das mercadorias encerram relações contraditórias e mutuamente exclusivas. O desenvolvimento da mercadoria não suprime essas contradições mas gera a forma [o dinheiro como equivalente geral J.A] dentro da qual elas podem mover-se. Esse é, em geral o método com o qual contradições reais se resolvem”*.¹⁸⁸

Rosa pelo contrário, para resolver as contradições da realização da mais-valia, refugiara-se nos elementos externos a ela, nas terceiras pessoas e nas áreas não-capitalistas. Acreditamos que Marx na passagem em discussão, não tinha em mente a idéia de Rosa, mas sim, a de que a expansão do campo externo da produção seria encontrada, não sem atritos, na expansão da própria produção e das correspondentes relações de distribuição, troca e consumo em bases capitalistas. Acreditamos que Marx estudara a solução para esta contradição, estudando como o próprio capital poderia, dialeticamente, do interior de suas próprias contradições, gerar sua própria solução.

Acreditamos que a resposta de Lênin ao problema dos mercados em sua polêmica com os populistas russos (que acreditavam que devido ao processo de expropriação camponesa, à destruição do mercado interno e às limitações do mercado exterior para um país atrasado como a Rússia, não haveria possibilidade de um desenvolvimento capitalista na Rússia no início do século XX) serve, em certa medida, como resposta à objeção de Rosa.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Karl MARX, *O Capital*, Livro I, vol I, p. 92. *“Die Entwicklung der Ware hebt diese Widersprüche nicht auf, schafft aber die Form, worin sie sich bewegen können. Dies ist überhaupt die Methode, wodurch sich wirkliche Widersprüche lösen”*. MEW 23, p.118.

¹⁸⁹ Diz Lênin: *“A necessidade do mercado externo para um país capitalista não é, em absoluto, determinada pelas leis da realização do produto social (e da mais-valia, em particular), mas, primeiramente, pelo fato de que o capitalismo resulta de uma circulação de mercadorias largamente desenvolvida, que ultrapassa os limites de um país (...), essa causa tem um caráter histórico (...) Em segundo lugar, a correspondência entre as partes isoladas da produção social (...) é incessantemente violada na sociedade capitalista, por causa do isolamento dos diferentes produtores que trabalham para um mercado desconhecido. Os diferentes ramos da indústria, que servem de ‘mercado’ uns para os outros, não se desenvolvem uniformemente, mas se ultrapassam reciprocamente, e o ramo mais desenvolvido procura um mercado externo. Mas isso não significa, absolutamente, que ‘é impossível, para um país capitalista, realizar a mais-valia’, como se dispõe a concluir o populista com ar profundo. Expressa apenas a desproporção que existe no desenvolvimento dos*

8.3. CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL

A compensação da queda na taxa de valorização do capital com uma intensificação da exploração, pode trazer uma compensação apenas relativa ao capital, pois, na medida em que a valorização do capital buscar se sustentar apenas numa elevada taxa de exploração, mantendo uma baixa produtividade do trabalho, ela, contraditoriamente, terá que se acumular a uma taxa menor, anulando a longo prazo a compensação.

Uma alta taxa de lucro, à medida que ela repousa sobre uma alta taxa de mais-valia, é possível, se a jornada de trabalho é muito longa, embora o trabalho seja

diferentes ramos industriais. (...) Em terceiro lugar (...) a empresa capitalista [ao contrário do artesanato medieval J.A.], ultrapassa inevitavelmente os limites da cidade, do mercado local, da região e, enfim do país. [E duas páginas adiante continua ele] O 'mercado interno' para o capitalismo é criado pelo próprio capitalismo em desenvolvimento, que aprofunda a divisão social do trabalho e decompõe os produtores diretos em capitalistas e operários. O grau de desenvolvimento do mercado interno é o grau de desenvolvimento do capitalismo no país". V. I. LÊNIN, *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, ps. 30 a 33. É necessário considerarmos a diferença entre o conceito de mercado externo para Rosa e Lênin. Para a primeira, mercado externo é sinônimo de mercado não-capitalista. Para Lênin contudo, o mercado externo se define pela sua localização geográfica, sem ater-se às determinações dadas por Rosa. Bernstein em sua polêmica com Rosa, utiliza um argumento empírico que consideramos relevante. Segundo ele, "na estatística do comércio dos grandes países industriais o papel mais importante é assumido indubitavelmente pela exportação para os tradicionais países importadores. O valor das exportações da Inglaterra para toda a Ásia austral (incluindo as colônias australianas, Nova Zelândia, etc.) não alcança nem sequer o valor de suas exportações somente para a França; o valor de suas exportações para a América do Norte britânica (Canadá, Columbia britânica, etc.) não alcança nem sequer o das exportações para a Rússia; e até os dois setores coloniais juntos, que sem embargo tem uma idade respeitável, o valor das exportações não chega a igualar o que corresponde ao comércio com a Alemanha. O comércio exterior da Inglaterra com todas as suas colônias, incluído o enorme império da Índia, não representa nem sequer um terço de seu comércio com o resto do mundo, e no que se refere aos territórios conquistados nos últimos vinte anos a exportação para os mesmos é ridiculamente baixa". Eduard BERNSTEIN, *Las Premisas del Socialismo y las Tareas de la Socialdemocracia*, in: Lucio COLLETTI (org.), p. 155. Fato semelhante, porém atual, pode ser verificado em François CHESNAIS, *A Mundialização do Capital*, (passim), onde o autor demonstra que os fluxos de capital no mercado internacional, se realizam predominantemente entre a tríade EUA, Japão e Europa rica, e não destas com o resto do mundo. Para Rosdolsky, Rosa subestimou no pensamento de Marx a assim chamada "herança hegeliana" e por isso não compreendia com total clareza a estrutura de sua obra. "Rosa Luxemburg entendeu mal o papel que cabe ao modelo de uma sociedade puramente capitalista na obra de Marx. Não compreendia que se tratava somente de um princípio heurístico, com cuja ajuda deviam mostrar-se as tendências evolutivas do modo de produção capitalista livres "de qualquer circunstância acessória perturbadora" (...). O objetivo deste procedimento metodológico é claro. Inclusive se sob as premissas mais severas, contida no modelo abstrato de uma sociedade puramente capitalista, é possível a realização da mais-valia e a acumulação de capital, dentro de certos limites, então não há necessidade teórica de refugiar-se em fatores externos como o comércio exterior, a existência de terceiras pessoas, a intervenção do estado, etc. Por isso, neste sentido o modelo abstrato de Marx tem aprovado por completo o exame. E ao haver passado isto por alto, Rosa Luxemburg não levou em conta que todos os resultados da análise do processo da reprodução do tomo II somente podiam ser de índole provisória, isto é, que necessitavam ser completados com as etapas ulteriores e mais concretas da análise". Roman ROSDOLSKY, *Genesis y estructura de El Capital de Marx*, p. 541

improdutivo; ela é possível porque as necessidades dos trabalhadores são muito exíguas, sendo por isso o salário médio muito baixo, embora o trabalho seja improdutivo. Ao baixo nível de salário há de corresponder a falta de energia dos trabalhadores. O capital por isso se acumula lentamente, apesar da alta taxa de lucro. A população se estagna e o tempo de trabalho, que o produto custa, é grande, embora o salário pago ao trabalhador seja pequeno. [Isso evidencia novamente que J.A] A taxa de lucro cai não porque o trabalhador seja menos explorado, mas porque, em relação ao capital empregado, utiliza-se em geral menos trabalho.¹⁹⁰

Isso evidencia que a crise capitalista é fundamentalmente a crise de um modo de produção irracional pois, mesmo mantendo a classe operária sob um grau de necessidades sociais muito exíguas, mesmo levando a exploração sobre os trabalhadores ao grau mais elevado possível, mesmo evitando o uso de forças produtivas superiores, o capital não consegue livrar-se da oposição imanente que mantém com o trabalho na forma assalariada. Isso evidencia que os limites do capital estão no próprio capital e não fora dele, na Natureza como imaginava Ricardo, ou na capacidade produtiva do trabalhador.

A massa de lucro, porém, pode crescer também com taxa menor. *“Isso condiciona, no entanto, ao mesmo tempo concentração de capital, já que agora as condições de produção obrigam o emprego de capital em massa. Condiciona igualmente a centralização do mesmo, isto é, que os pequenos capitalistas sejam engolidos pelos grandes e que os primeiros sejam descapitalizados”.*¹⁹¹

Na medida em que a participação ativa do capitalista no processo de produção se vincula diretamente com o tamanho de seu capital, na medida em que a centralização de capital compreende a eliminação não apenas dos produtores independentes mas, também do

¹⁹⁰ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 177. *“Hohe Profitrate, soweit sie auf hoher Mehrwertsrate beruht, ist möglich, wenn der Arbeitstag sehr lang, obgleich die Arbeit unproduktiv ist; sie ist möglich, weil die Bedürfnisse der Arbeiter sehr gering, darum der Durchschnittslohn sehr niedrig, obgleich die Arbeit unproduktiv. Der Niedrigkeit des Lohns wird die Energielosigkeit der Arbeiter entsprechen. Das Kapital akkumuliert dabei langsam, trotz der hohen Profitrate. Die Bevölkerung ist stagnant, und die Arbeitszeit, die das Produkt kostet, ist groß, obgleich der dem Arbeiter bezahlte Lohn klein ist. Die Profitrate fällt, nicht weil der Arbeiter weniger exploitiert wird, sondern weil im Verhältnis zum angewandten Kapital überhaupt weniger Arbeit angewandt wird”.* MEW 25, p. 255/56.

¹⁹¹ Ibid., p. 177. *“Dies bedingt jedoch zugleich Konzentration des Kapitals, da jetzt die Produktionsbedingungen die Anwendung von massenhaftem Kapital gebieten. Es bedingt ebenso dessen Zentralisation, d.h. Verschlucken der kleinen Kapitalisten durch die großen und Entkapitalisierung der erstern”.* MEW 25, p. 256.

pequeno capitalista que desempenha ainda um certo papel ativo na produção, a concentração e centralização do capital aprofundam ainda mais a separação entre os produtores e as condições de trabalho.

É essa separação entre condições de trabalho aqui e produtores lá que forma o conceito de capital: inaugura-se com a acumulação primitiva (Livro Primeiro. Cap. XXIV), aparece depois como processo constante na acumulação e concentração de capital e por fim se expressa aqui como centralização de capitais já existentes em poucas mãos e como descapitalização de muitos (nisso é que agora se transforma a expropriação).¹⁹²

O primeiro passo dado pelo capital para a centralização e monopolização dos meios de produção em suas mãos, ocorreu lado a lado com o seu processo histórico de formação, com a expropriação originária, primitiva, dos pequenos produtores independentes da Europa medieval, dos camponeses e artesãos, e sua transformação em proletários assalariados, desprovidos dos meios objetivos-materiais de produção. O segundo passo foi, a partir da formação do capital e da concentração em suas mãos dos principais meios de produção, a constância da separação entre produtores e meios de produção objetivos, a continuidade da expropriação sobre os produtores que ainda permaneciam, como o caracol e a concha, presos a seus meios de produção.

Em sua fase desenvolvida a expropriação aparece como expropriação do capital sobre ele próprio, como descapitalização dos pequenos e mais fracos capitais pelos mais fortes. Se originariamente a centralização e a concentração do capital, sua reunião em poucas e poderosas mãos, aparecia como fator positivo de formação e desenvolvimento do capital, em sua fase adulta aparece como fator de negação do próprio capital enquanto muitos capitais. A contradição entre os múltiplos capitais e o capital global, ao ser negada pelo movimento de concentração e centralização tende, ao mesmo tempo, a negar o capital enquanto capital, pois este não pode existir sem a multiplicidade de capitais e a

¹⁹² Ibid., p. 177. *“Es ist diese Scheidung zwischen Arbeitsbedingungen hier und Produzenten dort, die den Begriff des Kapitals bildet, die mit der ursprünglichen Akkumulation (Buch I, Kap. XXIV) sich eröffnet, dann als beständiger Prozeß in der Akkumulation und Konzentration des Kapitals erscheint und hier endlich sich*

concorrência associada a eles. A fusão dos múltiplos capitais em um único monopólio levaria o capitalismo ao colapso, levaria o capital à sua autodissolução, à destruição da propriedade privada, mesmo que em sua forma antitética, à destruição da lei do valor e à fixação de preços e lucros a partir de uma contabilidade inteiramente subjetiva.

Se acaso essa concentração e centralização dos capitais se realizasse como um processo harmônico, sem contradições, que abolisse a propriedade individual e transformasse o capital num único e grande monopólio, numa única e grande propriedade, seria abolida também a chama vivificadora da concorrência, as forças produtivas se estagnariam, o mercado seria destruído e o capitalismo entraria em colapso. *“Esse processo levaria em breve a produção capitalista ao colapso, se tendências contrárias não atuassem constantemente, com efeito descentralizador, ao lado da força centrípeta”*.¹⁹³

Este fato significaria para Marx o colapso do capitalismo se acaso a concorrência não se restabelecesse nos ramos que tendem, no curso da história do capitalismo, a cair nas mãos do monopólio, se acaso a concorrência não se restabelecesse entre os próprios monopólios. O próprio monopólio porém, ao abolir temporariamente a concorrência e ao obter para si lucros mais elevados que o lucro médio, lucros de monopólio, eleva contraditoriamente a concorrência a um plano superior, à concorrência intermonopolista, pois a centralização monopolista não elimina a aspiração dos capitais não monopolistas a se tornarem monopolistas e a concorrem mundialmente por posições mais vantajosas e por fatias mais extensas da mais-valia mundial.¹⁹⁴

als Zentralisation schon vorhandner Kapitale in wenigen Händen und Entkapitalisierung (dahin verändert sich nun die Expropriation) vieler ausdrückt”. MEW 25, p. 256.

¹⁹³ Ibid., p. 177. *“Dieser Prozeß würde bald die kapitalistische Produktion zum Zusammenbruch bringen, wenn nicht widerstrebende Tendenzen beständig wieder dezentralisierend neben der zentripetalen Kraft wirkten*”. MEW 25, p. 256.

¹⁹⁴ Em sua obra *O Capital Financeiro*, Hilferding parece ver no fenômeno moderno dos monopólios apenas seu primeiro aspecto. Para ele, *“... não há limite absoluto para a cartelização. Há, antes, uma tendência à ampliação permanente da cartelização. (...) Como resultado do processo se daria então um cartel geral. A totalidade da produção capitalista é regulamentada de caso pensado por uma instância que determina o volume da produção em todas as suas esferas. (...) O preço não é, então, resultado de uma relação objetiva contraída pelos homens, mas uma mera forma contábil de distribuição de coisas, por pessoas a pessoas. O dinheiro não desempenha pois nenhum papel. (...) Trata-se da sociedade regulamentada conscientemente em forma antagônica... No capital financeiro aparecem unidas, na sua totalidade, todas as formas parciais de capital. (...) Assim, extingue-se, no capital financeiro, o caráter particular do capital. O capital aparece como poder unitário que domina soberanamente o processo vital da sociedade; como poder que surge diretamente da propriedade dos meios de produção, das riquezas naturais e de todo o trabalho passado acumulado, e a disponibilidade do trabalho vivo aparece como nascida diretamente das relações de propriedade”*. (ps, 226/27). E mais adiante: *“O capital financeiro significa a uniformização do capital. Os setores do capital industrial, comercial e bancário antes separados encontram-se agora sob a direção comum das altas*

Imaginar um capitalismo controlado por meia dúzia de grandes capitais monopolistas, que compensariam eternamente sua baixa rentabilidade com elevadas massas de lucro, é cair no erro de acreditar que o capitalismo é possível sem a existência de uma multiplicidade de capitais e a concorrência entre si no mercado mundial. Seria acreditar na existência do capitalismo como a forma absoluta de produção e não numa forma transitória, que tem como função preparar as bases materiais para o surgimento de uma nova, superior. Para Marx, *“assim que a formação de capital caísse exclusivamente nas mãos de alguns poucos grandes capitais completados, para os quais a massa de lucro compensa a taxa, o fogo vivificador da produção estaria extinto. Ela adormeceria. A taxa de lucro é a força impulsionadora da produção capitalista, e só se produz o que e à medida que pode ser produzido com lucro”*.¹⁹⁵

A extinção da concorrência e a multiplicidade de capitais, a extinção da chama vivificadora da produção capitalista atesta unicamente que o capitalismo não constitui um modo de produção natural e eterno. Ao contrário, atesta que na medida em que suas formas de existência entram em contradição com as relações sociais de produção, deve ceder lugar a um novo modo de produção.

*O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social é a tarefa e justificativa histórica do capital. Precisamente com isso ele cria, sem que esteja consciente, as condições materiais de uma forma de produção superior. [Ele não é J.A.]... nenhum modo de produção absoluto, mas apenas histórico, um modo de produção correspondente a certa época, limitada, de desenvolvimento das condições materiais de produção.*¹⁹⁶

finanças, na qual estão reunidos, em estreita união pessoal, os senhores da indústria e dos bancos. Essa união tem por base a supressão da livre concorrência do capitalista individual por meio das grandes associações monopolistas”. (p. 283).

¹⁹⁵ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 185/86. *“Und sobald die Kapitalbildung ausschließlich in die Hände einiger wenigen, fertigen Großkapitale fiel, für die die Masse des Profits die Rate aufwiegt, wäre überhaupt das belebende Feuer der Produktion erloschen. Sie würde einschlummern. Die Profitrate ist die treibende Macht in der kapitalistischen Produktion, und es wird nur produziert, was und soweit es mit Profit produziert werden kann”*. MEW 25, p. 269.

¹⁹⁶ Ibid., p. 185/86. *“Die Entwicklung der Produktivkräfte der gesellschaftlichen Arbeit ist die historische Aufgabe und Berechtigung des Kapitals. Eben damit schafft es unbewußt die materiellen Bedingungen einer höhern Produktionsform. (...) Es zeigt sich hier in rein ökonomischer Weise, d.h. vom Bourgeoisstandpunkt, innerhalb der Grenzen des kapitalistischen Verstandes, vom Standpunkt der kapitalistischen Produktion selbst, ihre Schranke, ihre Relativität, daß sie keine absolute, sondern nur eine historische, einer gewissen*

Além do mais, com a crescente concentração do capital nas mãos de poucos capitalistas, com a superação da propriedade e do trabalho em suas formas privadas e a transformação destes em forças sociais da produção, o capital transforma-se num poder cada vez mais autônomo frente à sociedade e ao capitalista, este um funcionário cada vez mais incapaz de regular os movimentos independentes do capital.

*Viu-se que a acumulação crescente de capital implica concentração crescente do mesmo. Assim cresce o poder do capital, a autonomização, personificada no capitalista, das condições sociais da produção em face dos produtores reais. O capital se revela cada vez mais como poder social, cujo funcionário é o capitalista, e já não está em nenhuma relação possível com o que o trabalho de um indivíduo isolado pode criar — mas como poder social alienado, autonomizado, que como coisa, e como poder do capitalista mediante essa coisa, confronta a sociedade.*¹⁹⁷

Ao contrário das antigas relações de produção medievais, em que os poderes do senhor feudal ou do mestre-artesão emanavam diretamente de relações pessoais de dependência e de um reduzido grau de divisão social do trabalho, as relações sociais capitalistas emanam diretamente da superioridade do trabalho social, da aplicação da ciência à produção e da extensão da divisão social do trabalho contidas na grande indústria.

Como poder social que subordina e organiza tudo, ou como movimento autônomo e alienados das coisas, o capital revela nos momentos de crise, não apenas quanto o operário está alienado do processo de produção, mas também, quanto o próprio capitalista está submetido às ordens de um movimento que ele não controla mas que, ao contrário, está controlado por ele. A crise evidencia também, a contradição entre a aspiração do capitalista individual em dirigir e planejar o processo total de produção e o poder social que representa o capital. Como o capital não é uma coisa mas, sim, uma relação social de produção que se

beschränkten Entwicklungsperiode der materiellen Produktionsbedingungen entsprechende Produktionsweise ist". MEW 25, 269/70.

¹⁹⁷ Ibid, p. 189. "Man hat gesehen, daß die wachsende Akkumulation des Kapitals eine wachsende Konzentration desselben einschließt. So wächst die Macht des Kapitals, die im Kapitalisten personifizierte Verselbständigung der gesellschaftlichen Produktionsbedingungen gegenüber den wirklichen Produzenten. Das Kapital zeigt sich immer mehr als gesellschaftliche Macht, deren Funktionär der Kapitalist ist und die in gar keinem möglichen Verhältnisse mehr zu dem steht, was die Arbeit eines einzelnen Individuums schaffen

realiza por meio das coisas, quanto mais o capital se desenvolve, mais se desenvolve o caráter do capitalista enquanto funcionário do capital, mais os movimentos autonomizados do capital imperam sobre sua vontade, impossibilitando toda tentativa de organização racional do conjunto da produção social sob bases capitalistas.

Como na medida em que se desenvolve o capital se desenvolve a contradição entre processo de trabalho e direção dos negócios, se desenvolve a autonomia do capital frente ao capitalista e com isso, a anarquia da sociedade, torna-se, então, necessário e justo, como concebia Marx, o aparecimento na história da humanidade, de uma classe social que tome para si o controle consciente do processo de produção, tornando o poder que o trabalho social representa, em fonte de vida para toda a humanidade e não em fonte de miséria como ocorre sob o capitalismo. Se o próprio capitalista enquanto representação oficial de uma determinada relação social, não tem poder para evitar que a humanidade caia na barbárie nos momentos de crise, então se justifica, em nome dos interesses da humanidade, a luta particular da classe trabalhadora pela expropriação da propriedade privada capitalista, sua conversão em propriedade social e o controle consciente do processo total de produção pelos próprios produtores.

*A contradição entre o poder social geral, que o capital está se tornando, e o poder privado dos capitalistas individuais sobre essas condições sociais de produção torna-se cada vez mais gritante e implica a dissolução dessa relação, ao implicar ao mesmo tempo a reelaboração das condições de produção para torná-las condições de produção gerais, coletivas, sociais. Essa reelaboração é dada pelo desenvolvimento das forças produtivas sob a produção capitalista e pela maneira como esse desenvolvimento se efetua.*¹⁹⁸

kann — aber als entfremdete, verselbständigte gesellschaftliche Macht, die als Sache, und als Macht des Kapitalisten durch diese Sache, der Gesellschaft gegenübertritt". MEW 25, p. 274.

¹⁹⁸ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol IV, p. 189. "Der Widerspruch zwischen der allgemeinen gesellschaftlichen Macht, zu der sich das Kapital gestaltet, und der Privatmacht der einzelnen Kapitalisten über diese gesellschaftlichen Produktionsbedingungen entwickelt sich immer schreiender und schließt die Auflösung dieses Verhältnisses ein, indem sie zugleich die Herausarbeitung der Produktionsbedingungen zu allgemeinen, gemeinschaftlichen, gesellschaftlichen Produktionsbedingungen einschließt. Diese

8.4. CONFLITO ENTRE EXPANSÃO DA PRODUÇÃO E VALORIZAÇÃO

O grau de desenvolvimento da força produtiva social do trabalho se mostra duplamente: primeiro, na grandeza das forças produtivas já produzidas e na grandeza absoluta do capital produtivo já acumulado; segundo, na relativa exigüidade da parte do capital desembolsada em salários em face do capital global, na relativa exigüidade do trabalho vivo que é exigida para a reprodução e valorização de dado capital. Em relação à força de trabalho empregada, o desenvolvimento da força produtiva mostra-se também, duplamente: primeiro, na redução do tempo de trabalho social que é exigido para a reprodução da força de trabalho; segundo, na diminuição da quantidade de trabalhadores que é empregado em geral para pôr em movimento dado capital.

*“Ambos os movimentos não só correm paralelos, mas se condicionam reciprocamente, são fenômenos em que a mesma lei se expressa. Entretanto, influem em sentido oposto, sobre a taxa de lucro”.*¹⁹⁹ Se por um lado, a taxa de mais-valia é elevada; por outro, cai de modo proporcional ou absoluto, o outro fator, o número de trabalhadores sobre o qual a taxa de mais-valia é calculada. À medida que o desenvolvimento da força produtiva diminui a parte paga do trabalho empregado, ele eleva a mais-valia por elevar sua taxa; à medida que, no entanto, diminui a massa global do trabalho empregado por dado capital, ele diminui o fator numérico pelo qual a taxa de mais-valia é multiplicada para se obter sua massa. Por isso, *“dois trabalhadores que trabalhem 12 horas por dia não podem fornecer a mesma massa de mais-valia que 24, cada um trabalhando apenas 2 horas, mesmo que eles pudessem viver de brisa e, por isso, não tivessem de trabalhar para si próprios. Nesse sentido, a compensação do número reduzido de trabalhadores pela elevação do grau de exploração do trabalho tem certas limitações insuperáveis; ela pode, por conseguinte, inibir a queda da taxa de lucro, mas não anulá-la”.*²⁰⁰ Por isso, a

Herausarbeitung ist gegeben durch die Entwicklung der Produktivkräfte unter der kapitalistischen Produktion und durch die Art und Weise, worin sich diese Entwicklung vollzieht”. MEW 25, p. 274/75.

¹⁹⁹ Ibid., p. 178. *“Beide Bewegungen gehn nicht nur Hand in Hand, sondern bedingen sich wechselseitig, sind Erscheinungen, worin sich dasselbe Gesetz ausdrückt. Indes wirken sie in entgegengesetzter Richtung auf die Profitrate.”* MEW 25, p.257.

²⁰⁰ Ibid., p. 178. *“Zwei Arbeiter, die 12 Stunden täglich arbeiten, können nicht dieselbe Masse Mehrwert liefern wie 24, die jeder nur 2 Stunden arbeiten, selbst wenn sie von der Luft leben könnten und daher gar nicht für sich selbst zu arbeiten hätten. In dieser Beziehung hat also die Kompensation der verringerten Arbeiterzahl durch Steigerung des Exploitationsgrads der Arbeit gewisse nicht überschreitbare Grenzen; sie kann daher den Fall der Profitrate wohl hemmen, aber nicht aufheben.”* MEW 25, p.257.

tendência de queda nas taxas de lucro se impõe sobre as contratendências que procuram anulá-la, se impõe como a força de uma lei natural sobre o movimento da acumulação.

A elevação da força produtiva (e a desvalorização do capital existente que a acompanha), só pode aumentar diretamente a grandeza de valor do capital se, mediante a elevação da taxa de lucro, aumentar, ao mesmo tempo, a parte de valor do produto anual que é retransformada em capital. Isto é, se os capitalistas aumentarem sua taxa de conversão de mais-valia em capital, se abrirem mão da renda em benefício do capital. A grandeza do capital pode também aumentar se por meio dessa elevação das forças produtivas, a mais-valia relativa é elevada ou o valor do capital constante é diminuído e, portanto, são barateadas as mercadorias que entram na reprodução da força de trabalho ou nos elementos do capital constante. *“Ambos os casos implicam, porém, desvalorização do capital existente e ambos ocorrem paralelamente à diminuição do capital variável em face do capital constante. Ambos condicionam a queda da taxa de lucro e ambos a retardam. Além disso, à medida que uma taxa de lucro mais elevada ocasiona uma demanda mais elevada de trabalho, ela afeta o aumento da população trabalhadora e, com isso, do material explorável, o qual faz com que o capital seja capital”*.²⁰¹

Indiretamente, o desenvolvimento da força produtiva do trabalho contribui para o aumento do valor-capital existente, ao aumentar a massa e a diversidade dos valores de uso em que o mesmo valor de troca se representa. Com o mesmo capital e o mesmo trabalho, são produzidas mais coisas que possam servir como meios de absorver mais trabalho adicional e assim, serem transformadas em capital adicional. Ao crescer, assim, a massa de trabalho empregada na forma de maquinaria, matérias primas, auxiliares e meios de subsistência aos trabalhadores, cresce o valor do capital reproduzido e da mais-valia que lhe foi recém-agregada.

“Esses dois momentos, compreendidos no processo de acumulação, (...) implicam uma contradição que se anuncia em tendências e fenômenos contraditórios. Os agentes

²⁰¹ Ibid. p. 178/79. *“Beides schließt aber Entwertung des vorhandnen Kapitals ein, und beides geht Hand in Hand mit der Verminderung des variablen Kapitals gegenüber dem konstanten. Beides bedingt den Fall der Profitrate und beides verlangsamt ihn. Sofern ferner gesteigerte Profitrate gesteigerte Nachfrage nach Arbeit verursacht, wirkt sie auf Vermehrung der Arbeiterbevölkerung und damit des exploitablen Materials, das das Kapital erst zu Kapital macht.”* MEW 25, p.258.

antagônicos atuam simultaneamente uns contra os outros".²⁰² Simultaneamente ao estímulo para o aumento real da população trabalhadora, oriunda do aumento da parte do produto social global que atua como capital, atuam os agentes que criam uma superpopulação excedente relativa. Simultaneamente com a queda da taxa de lucro, cresce a massa dos capitais e, lado a lado com ela, transcorre uma desvalorização do capital existente, que retém essa queda e dá à acumulação de valor-capital impulso acelerador. Simultaneamente com o desenvolvimento da força produtiva desenvolve-se a composição superior do capital, a diminuição relativa da parte variável em relação à constante.

*Essas distintas influências se fazem valer ora justapostas no espaço, ora sucessivamente no tempo; periodicamente o conflito entre os agentes antagônicos se desfoga em crises. As crises são sempre apenas soluções momentâneas violentas das contradições existentes, irrupções violentas que restabelecem momentaneamente o equilíbrio perturbado.*²⁰³

As crises do capital são sempre soluções momentâneas das contradições da produção capitalista, as crises resolvem temporariamente as contradições do capital, porém, contraditoriamente, recolocam-nas constantemente em um patamar superior de desenvolvimento e conflito, as crises não abolem as contradições do capital nem tampouco as resolvem eternamente. Ao mesmo tempo, as crises são sempre fenômenos temporários, cíclicos e de curta duração, sua função é recriar as condições ideais para o andamento normal da produção capitalista. Depois de atingido seu objetivo, as crises desaparecem e cedem lugar à prosperidade. Por isso para Marx, não existem crises permanentes, o que existe é a alternância periódica de fases de animação dos negócios, crescimento acelerado, auge, crise, depressão, estagnação, reanimação dos negócios, nova fase de prosperidade e auge até atingir novamente a crise e a repetição cíclica de todo o movimento.

²⁰² Ibid. p. 179. "*Diese beiden im Akkumulationsprozeß einbegriffnen Momente sind aber nicht nur in dem ruhigen Nebeneinander zu betrachten, worin Ricardo sie behandelt; sie schließen einen Widerspruch ein, der sich in widersprechenden Tendenzen und Erscheinungen kundgibt. Die widerstreitenden Agentien wirken gleichzeitig gegeneinander.*" MEW 25, p.259.

²⁰³ Ibid., p. 179. "*Diese verschiedenen Einflüsse machen sich bald mehr nebeneinander im Raum, bald mehr nacheinander in der Zeit geltend; periodisch macht sich der Konflikt der widerstreitenden Agentien in Krisen Luft. Die Krisen sind immer nur momentane gewaltsame Lösungen der vorhandnen Widersprüche,*

As crises constituem sempre fenômenos momentâneos, circunstanciais, passageiros (desde é claro, que não haja uma tomada revolucionária do poder por parte dos operários) dentro do movimento do capital. Elas surgem como soluções dentro do quadro de conservação do capital às insolúveis contradições da reprodução social, surgem como fenômenos necessários ao restabelecimento do equilíbrio entre os diversos aspectos do capital que se contrapõem entre si no curso da acumulação. Elas surgem no curso do ciclo econômico como os únicos fenômenos capazes de darem ao movimento anárquico do capital, uma relativa estabilidade entre os pólos em luta. Pólos que em última instância, originam-se das contradições mais simples do capital e da mercadoria como valor de uso e valor, trabalho concreto e abstrato, processo de trabalho e processo de valorização, processo imediato de produção e processo de realização, processo de produção e reprodução etc. Pólos que em última instância resultam da contradição e luta entre as classes, da contradição entre proprietários e não-proprietários e do caráter do trabalho enquanto trabalho alienado, trabalho com vistas a satisfazer as insaciáveis necessidades do capital e não as dos produtores diretos. As crises, portanto, apesar de toda a tragédia com que possam parecer frente ao capital individual, são em última instância, o verdadeiro regulador das contradições da acumulação capitalista. Na concepção de Marx, são elas e não o Estado e sua política intervencionista p.ex, que regulam e buscam dar às contradições um equilíbrio relativo. Mesmo atuando contra a ordem normal do capital e colocando em risco sua continuidade, as crises constituem-se no verdadeiro regulador da reprodução do capital.

A contradição, expressa de forma bem genérica, consiste em que o modo de produção capitalista implica uma tendência ao desenvolvimento absoluto das forças produtivas, abstraindo o valor e a mais-valia nele incluídos, também abstraindo as relações sociais, dentro das quais transcorre a produção capitalista; enquanto, por outro lado, ela tem por meta a manutenção do valor-capital existente e sua

*valorização no grau mais elevado (ou seja, crescimento sempre acelerado desse valor).*²⁰⁴

O fato particular de produzir com vistas apenas para o valor de troca e não para o valor de uso, particularidade que lhe permite até certo ponto, em oposição aos modos de produção precedentes, desenvolver ao máximo as forças produtivas independentes das necessidades humanas, é o mesmo fato que lhe impede de realizar tal tarefa sem cair em contradição consigo mesmo. *“Seu caráter específico está orientado para o valor-capital existente, como meio para a máxima valorização possível desse valor. Os métodos pelos quais ele alcança isso implicam: diminuição da taxa de lucro, desvalorização do capital existente e desenvolvimento das forças produtivas do trabalho à custa das forças produtivas já produzidas”.*²⁰⁵

A desvalorização do capital, meio imanente de conter a queda na taxa de lucro e expandir o capital, ao baratear as mercadorias já lançadas na circulação prenhes de mais-valia e ávidas por compradores, converte-se em um fenômeno contrário ao êxito da valorização do valor, impedindo que a mais-valia seja realizada integralmente e que, portanto, as mercadorias sejam vendidas por seu preço de produção e que o capital se valorize à taxa de lucro média. Isto leva à interrupção da acumulação, isto é, à conversão na escala normal da mais-valia em capital, desviando-a para a esfera da especulação financeira. Isto gera crises e interrupções no processo de produção, pois o capitalista só estará disposto a atuar como funcionário do capital, na medida em que este se valorizar à taxa média esperada. Caso contrário se tornará rentista na esfera especulativa.

A desvalorização periódica do capital existente, que é um meio imanente ao modo de produção capitalista para conter a queda da taxa de lucro e acelerar a

²⁰⁴ Ibid., p. 179. *“Der Widerspruch, ganz allgemein ausgedrückt, besteht darin, daß die kapitalistische Produktionsweise eine Tendenz einschließt nach absoluter Entwicklung der Produktivkräfte, abgesehen vom Wert und dem in ihm eingeschlossenen Mehrwert, auch abgesehen von den gesellschaftlichen Verhältnissen, innerhalb deren die kapitalistische Produktion stattfindet; während sie andererseits die Erhaltung des existierenden Kapitalwerts und seine Verwertung im höchsten Maß (d. h. stets beschleunigten Anwachs dieses Werts) zum Ziel hat”.* MEW 25, p. 259.

²⁰⁵ Ibid., p. 179. *“Ihr spezifischer Charakter ist auf den vorhandnen Kapitalwert als Mittel zur größtmöglichen Verwertung dieses Werts gerichtet. Die Methoden, wodurch sie dies erreicht, schließen ein: Abnahme der Profitrate, Entwertung des vorhandnen Kapitals und Entwicklung der Produktivkräfte der Arbeit auf Kosten der schon produzierten Produktivkräfte”.* MEW 25, p. 259.

*acumulação de valor-capital pela formação de novo capital, perturba as condições dadas, em que se efetua o processo de circulação e de reprodução do capital, e, por isso, é acompanhada por paralisações súbitas e crises do processo de produção.*²⁰⁶

A contradição do capital consiste em que ele, apesar de ter vistas apenas para a ampliação do valor de troca, nas crises, contraditoriamente, ele tende a voltar suas vistas para a desvalorização do valor, a atuar, contraditoriamente, contra si próprio, ao se obrigar a desvalorizar os meios de produção que compõem o capital constante unicamente para manter a taxa de lucro num patamar superior. E ele consegue realizar a façanha paralisando a produção, interrompendo a escala normal da reprodução do capital e mantendo parte de seu capital ocioso.

A contradição que move o capital em direção à acumulação acelerada e à crise, consiste em que o capital não tem como meta produzir para atender as necessidades sociais, mesmo que consideremos unicamente as necessidades solventes, seu horizonte é produzir na medida de sua capacidade já instalada e não na medida dada pela demanda. Seus impulsos o conduzem a desenvolver as forças produtivas muito além da capacidade de consumo solvente da sociedade, o impelem a desenvolver as forças produtivas sem levar em consideração a capacidade de absorção do mercado e a capacidade de realização da mais-valia à taxa de lucro média esperada por ele.

A produção capitalista procura constantemente superar essas barreiras que lhe são imanentes, mas só as supera por meios que lhe antepõem novamente essas barreiras e em escala mais poderosa. A verdadeira barreira da produção capitalista é o próprio capital, isto é: que o capital e sua autovalorização apareçam como ponto de partida e ponto de chegada, como motivo e finalidade da produção; que a produção seja apenas produção para o capital e não inversamente, que os meios de produção

²⁰⁶ Ibid., p. 179. “Die periodische Entwertung des vorhandnen Kapitals, die ein der kapitalistischen Produktionsweise immanentes Mittel ist, den Fall der Profitrate aufzuhalten und die Akkumulation von Kapitalwert durch Bildung von Neukapital zu beschleunigen, stört die gegebenen Verhältnisse, worin sich der Zirkulations - und Reproduktionsprozeß des Kapitals vollzieht, und ist daher begleitet von plötzlichen Stockungen und Krisen des Produktionsprozesses”. MEW 25, p. 259/60.

*sejam meros meios para uma estruturação cada vez mais ampla do processo vital para a sociedade dos produtores.*²⁰⁷

Marx vê no próprio capital a verdadeira barreira à sua auto-expansão ilimitada. O capital é o limite do próprio capital. E por que isto? Porque o capital não tem como finalidade produzir valores de uso que satisfaçam as necessidades sociais, sejam elas do tipo que imaginarmos. Porque o capital também não tem como finalidade produzir valores de uso que satisfaçam as necessidades dos próprios produtores, os trabalhadores assalariados. Ao contrário, a relação capitalista de produção e distribuição está assentada na não-satisfação das necessidades sociais dos trabalhadores, estes produzem para o capital e não para si próprios e só produzem para si próprios na medida em que sejam produtivos ao capital, na medida em que produzam uma massa de mais-valia capaz de dar ao capital um rendimento equivalente ao rendimento médio esperado. Porque também a produção capitalista não está voltada a produzir meios de satisfação aos capitalistas, sejam eles meios de subsistência ou de luxo. A produção capitalista não se destina à satisfação dos capitalistas, estes antes, se satisfazem com a acumulação, vendo seu capital crescer. Os capitalistas atuam muito mais para satisfazer as necessidades insaciáveis do capital por sobretrabalho, do que para satisfazer suas próprias necessidades e paixões. A produção capitalista, do ponto de vista do valor de uso, é uma produção pela produção, é produção como uma finalidade em si mesma, sua finalidade é a de servir à auto-expansão do valor, de servir meramente como suporte do valor. E o capital só atinge seu objetivo organizando a produção em larga escala, as expensas do consumo humano, tornando o capital o principal consumidor de seus próprios produtos. Tornando um ramo da produção em mercado para outro ramo, transformando a grande indústria no principal mercado consumidor da grande indústria.

As barreiras entre as quais unicamente podem mover-se a manutenção e a valorização do valor-capital, que repousam sobre a expropriação e pauperização

²⁰⁷ Ibid., p. 180. *“Die wahre Schranke der kapitalistischen Produktion ist das Kapital selbst ist dies: daß das Kapital und seine Selbstverwertung als Ausgangspunkt und Endpunkt, als Motiv und Zweck der Produktion erscheint; daß die Produktion nur Produktion für das Kapital ist und nicht umgekehrt die Produktionsmittel*

*da grande massa dos produtores, essas barreiras entram portanto constantemente em contradição com os métodos de produção que o capital precisa empregar para seu objetivo e que se dirigem a um aumento ilimitado da produção, à produção como uma finalidade em si mesma: a um desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais de trabalho.*²⁰⁸

A produção em larga escala choca-se constantemente com os limites da demanda, portanto, com os limites estreitos do consumo individual, provocado pela constante conversão das rendas em capital, pela expropriação e pauperização da grande massa dos produtores assalariados, pela queda na taxa de acumulação do capital produtivo e pela queda da demanda de meios de produção por parte das indústrias, provocada pela queda nas taxas de lucro. O desenvolvimento acelerado das forças produtivas, a formação da grande indústria, a centralização do capital e a formação do mercado mundial, chocam-se com as relações sociais de produção, distribuição, troca e consumo. O capital choca-se consigo mesmo e com as relações de trabalho assalariadas que ele criou. A necessidade histórica do capitalismo como meio de desenvolvimento das forças produtivas, revela-se anacrônica nos momentos de crise.

*O meio — desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais de trabalho — entra em contínuo conflito com o objetivo limitado, a valorização do capital existente. Se, por conseguinte, o modo de produção capitalista é um meio histórico para desenvolver a força produtiva material e para criar o mercado mundial que lhe corresponde, ele é simultaneamente a contradição constante entre essa sua tarefa histórica e as relações sociais de produção que lhe correspondem.*²⁰⁹

bloße Mittel für eine stets sich erweiternde Gestaltung des Lebensprozesses für die Gesellschaft der Produzenten sind". MEW 25, p. 260.

²⁰⁸ Ibid., p. 180. "Die Schranken, in denen sich die Erhaltung und Verwertung des Kapitalwerts, die auf der Enteignung und Verarmung der großen Masse der Produzenten beruht, allein bewegen kann, diese Schranken treten daher beständig in Widerspruch mit den Produktionsmethoden, die das Kapital zu seinem Zweck anwenden muß und die auf unbeschränkte Vermehrung der Produktion, auf die Produktion als Selbstzweck, auf unbedingte Entwicklung der gesellschaftlichen Produktivkräfte der Arbeit lossteuern". MEW 25, p. 260.

²⁰⁹ Ibid., p. 180. "Das Mittel — unbedingte Entwicklung der gesellschaftlichen Produktivkräfte — gerät in fortwährenden Konflikt mit dem beschränkten Zweck, der Verwertung des vorhandenen Kapitals. Wenn daher die kapitalistische Produktionsweise ein historisches Mittel ist, um die materielle Produktivkraft zu entwickeln und den ihr entsprechenden Weltmarkt zu schaffen, ist sie zugleich der beständige Widerspruch zwischen

8.5. SUPERPRODUÇÃO DE FORMA ABSOLUTA

A superprodução capitalista porém, não se resume apenas à superprodução de mercadorias em geral mas, implica também, a superprodução de capital, a superacumulação de capital. Para entender-se a superprodução de capital, basta supor-se uma superprodução que não se estenda apenas a um par de setores significativos da produção, mas que seja absoluta em seu volume e que, portanto, inclua todos os setores da produção.

Haveria superprodução absoluta de capital assim que o capital adicional fosse igual a zero. Se o capital tivesse crescido proporcionalmente à população trabalhadora de forma tal, que nem o tempo absoluto de trabalho nem o tempo relativo de mais-trabalho pudessem ser ampliados, se o capital tivesse empregado toda a classe trabalhadora disponível para o trabalho e tivesse assim, esgotado o exército industrial de reserva e, se o capital acrescido, portanto, só produzisse a mesma massa de valor que antes, ou até menos do que antes de seu crescimento, então ocorreria uma superprodução absoluta de capital. Isto é, o capital acrescido não produziria lucro maior nem mesmo menos lucro do que o capital anterior. O pleno emprego de todos os elementos da produção, em particular o da força de trabalho disponível, o esgotamento do exército industrial de reserva, com seus efeitos positivos sobre os salários e a resistência operária ao aumento da exploração, tanto relativa quanto absoluta, poderiam levar a acumulação à paralisia devido à queda na taxa de lucro e, portanto, queda na taxa de valorização de todo o capital em atividade. Neste caso, portanto, a crise seria geral e absoluta, atingiria da mesma maneira todos os capitais, grandes ou pequenos.

Na realidade, a coisa se apresentaria de modo tal que parte do capital se encontraria total ou parcialmente em alqueive (porque, teria primeiro de deslocar de sua posição o capital já em funcionamento para se valorizar ao todo) e parte, por causa da pressão do capital desocupado ou semi-ocupado, valorizar-se-ia a uma taxa mais baixa de lucro. Nesse contexto, seria indiferente se parte do capital adicional ocupasse o lugar do antigo e este passasse assim a ocupar um lugar no

*capital adicional. Teríamos sempre de um lado a soma antiga de capital, do outro a adicional.*²¹⁰

Ocorreria assim, uma queda forte e súbita na taxa geral de lucro, desta vez, porém, não por causa de uma elevação do capital constante em relação ao variável mas, sim, devido a incapacidade do capital em ampliar a exploração sobre os trabalhadores, devido ao esgotamento do exército industrial de reserva e a uma elevação no valor monetário do capital variável. Haveria neste caso, uma diminuição absoluta da massa de mais-valia produzida, em virtude da divisão alterada entre salários e mais-valia. Para este caso, “*basta observar que as crises são sempre preparadas justamente por um período em que os salários sobem de modo geral e a classe trabalhadora obtém realiter [realmente] participação maior na parte do produto anual destinada ao consumo*”.²¹¹ Esta relativa prosperidade da classe trabalhadora porém, é momentânea e surge “*apenas como pássaro agoureiro de uma crise*”.²¹² O capital entraria em crise devido à sua incompatibilidade com o trabalho na forma assalariada, devido às contradições e antagonismos de classe. Evidencia-se assim, novamente, que a base das crises reside nas insolúveis contradições entre capital e trabalho assalariado.

A queda da taxa de lucro seria, dessa vez, acompanhada por um decréscimo absoluto da massa de lucro, já que, sob nossos pressupostos, a massa da força de trabalho empregada não poderia ser aumentada nem a taxa de mais-valia poderia ser elevada, também não podendo, portanto, ser aumentada a massa de mais-valia.

²¹⁰ Ibid., p. 181. “*In der Wirklichkeit würde sich die Sache so darstellen, daß ein Teil des Kapitals ganz oder teilweise brachläge (weil es erst das schon fungierende Kapital aus seiner Position verdrängen müßte, um sich überhaupt zu verwerten) und der andre Teil durch den Druck des unbeschäftigten oder halbbeschäftigten Kapitals sich zu niedriger Rate des Profits verwerten würde. Es wäre hierbei gleichgültig, daß ein Teil des zusätzlichen Kapitals an die Stelle von altem träte und dieses so eine Stelle im zusätzlichen einnähme. Wir hätten immer auf der einen Seite die alte Kapitalsumme, auf der andern die zusätzliche*”. MEW 25, p. 262.

²¹¹ Karl MARX, *O Capital*, Livro II, vol. III, p. 287. “*... so ist nur zu bemerken, daß die Krisen jedesmal gerade vorbereitet werden durch eine Periode, worin der Arbeitslohn allgemeinen steigt und die Arbeiterklasse realiter größeren Anteil an dem für Konsumtion bestimmten Teil des jährlichen Produkts erhält*”. MEW 24, p. 409.

²¹² Ibid., p. 287. “*... nur als Sturmvogel einer Krise*”. MEW 24, p. 410.

*E a massa diminuída de lucro teria de ser calculada sobre um capital global aumentado.*²¹³

Para recuperar as antigas condições de valorização, parte do capital, tanto monetário quanto na forma de meios de produção, teria que ser colocado em alqueive, teria que ser afastado da atividade e colocado na reserva, na espera de que a situação volte a melhorar e ele possa voltar a funcionar novamente como capital. Isto levaria o capital a uma luta violenta consigo mesmo. Parte dos capitais já em atividade teriam que se desvalorizar, deixar de funcionar como capital para ceder espaço aos novos capitais adicionais. Essa desvalorização do capital antigo não poderia ocorrer sem luta, o capital adicional não poderia funcionar como capital sem luta contra os capitais já em funcionamento.

*A taxa de lucro não cairia por causa da concorrência devido a superprodução de capital. Mas, pelo contrário, porque a taxa de lucro diminuída e a superprodução de capital se originam das mesmas circunstâncias, agora se desencadearia a luta concorrencial. A parte de ΔC que se encontraria nas mãos dos capitalistas antigos em funcionamento seria deixada por eles mais ou menos em alqueive, para não desvalorizar seu próprio capital original e não estreitar seu lugar dentro do campo de produção, ou eles iriam empregá-la para, mesmo com perdas momentânea, transferir a colocação em alqueive do capital adicional aos novos intrusos e, em geral, a seus concorrentes.*²¹⁴

²¹³ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 181. “Der Fall der Profitrate wäre diesmal begleitet von einer absoluten Abnahme der Profitmasse, da unter unsern Voraussetzungen die Masse der angewandten Arbeitskraft nicht vermehrt und die Mehrwertsrate nicht gesteigert, also auch die Masse des Mehrwerts nicht vermehrt werden könnte. Und die verminderte Profitmasse wäre zu berechnen auf ein vergrößertes Gesamtkapital”. MEW 25, p. 262.

²¹⁴ Ibid., p. 181. “Die Profitrate würde nicht sinken wegen Konkurrenz infolge der Überproduktion von Kapital. Sondern umgekehrt, weil die gesunkne Profitrate und die Überproduktion von Kapital aus denselben Umständen entspringen, würde jetzt der Konkurrenzkampf eintreten. Den Teil von ΔK , der sich in den Händen der alten fungierenden Kapitalisten befände, würden sie mehr oder weniger brachliegen lassen, um ihr Originalkapital nicht selbst zu entwerten und seinen Platz innerhalb des Produktionsfeldes nicht zu verengern, oder sie würden es anwenden, um selbst mit momentanem Verlust die Brachlegung des zusätzlichen Kapitals auf die neuen Eindringlinge und überhaupt auf ihre Konkurrenten zu schieben”. MEW 25, p. 262/63. Na década de 40 do século passado, Henryk Grossmann retomou o debate sobre a teoria do colapso abandonada pelos teóricos da II e III Internacional, a partir dessa passagem de *O Capital*. Para ele a tendência do capitalismo à crise e ao colapso final, tinha sua base na tendência de queda nas taxas de lucro devido à superacumulação de capital e não devido à anarquia e à concorrência intercapitalista. Conforme suas palavras: “... a tendência ao colapso, e portanto também às crises não são o fruto da anarquia da produção,

IX A DESTRUIÇÃO DE CAPITAL PELAS CRISES

Como método de saída da crise os capitalistas antigos em funcionamento usariam seu poderio no mercado para destruir os novos intrusos, responsáveis pelo abarrotamento de capital e pela queda na taxa de lucro. Reduziriam parcialmente a atividade de suas fábricas, deixando mais ou menos ociosos seus antigos capitais. Ou então, a depender de seu poderio, manteriam suas atividades normalmente a pleno vapor e lançariam suas mercadorias nos mercados em que disputam com os novos intrusos, a preços muito abaixo do nível normal, venderiam suas mercadorias abaixo de seu preço de produção, com prejuízo relativo portanto, com o objetivo de quebrar o concorrente e permanecer vivo no mercado.

O contrário também poderia ocorrer. Parte do capital adicional mais produtivo e mais eficiente que se encontrasse em mãos de novos capitalistas, procuraria ocupar seu lugar à custa do capital antigo e conseguiria, pelo menos parcialmente, ao colocar em alqueive parte do capital antigo, obrigando-o a ceder-lhe o lugar, derrubando-o do mercado, deslocando-o para o palco dos capitalistas falidos.

da concorrência, senão que se manifestam em troca como função da superacumulação de capital, enquanto que a constante agudização da concorrência não é senão uma consequência da superacumulação. (...) O fato de que a acumulação capitalista se desenvolve no interior do mecanismo capitalista sobre a base da concorrência entre empresários individuais ou em troca entre uma série de associações de produtores capitalistas cartelizados, resulta irrelevante para a configuração da tendência ao colapso e respectivamente da crise". Henryk GROSSMANN, La Ley De La Acumulación Y Del Derrumbe Del Sistema Capitalista: una teoría de la crisis, p. 391. Grossmann, refletindo as concepções de Hilferding sobre a possibilidade dos cartéis eliminarem a anarquia do mercado conclui corretamente que as crises podem continuar existindo sob o regime de concorrência monopolista. Cai no erro, entretanto, de acreditar que a crise resulta unicamente da superacumulação de capital.

*Uma colocação em alqueive de parte do capital antigo teria de ocorrer sob qualquer circunstância, uma colocação em alqueive em sua qualidade de capital, à medida que deve funcionar e se valorizar como capital. Que parte essa colocação em alqueive atingiria especificamente seria decidido pela luta concorrencial. Enquanto vai tudo bem, a concorrência, como se verificou na equalização da taxa geral de lucro, age como irmandade prática da classe capitalista, de forma que esta se reparte coletivamente na proporção da grandeza do que cada um empenhou, o despojo coletivo.*²¹⁵

A concorrência e a identidade de interesses dos capitais em torno da ampliação da produção, da mais-valia e da formação de uma taxa de lucro que remunere igualmente os capitais, não conforme a massa de mais-valia produzida individualmente por cada capitalista, mas repartida conforme o tamanho de seus capitais aplicados na fase de prosperidade, se converte durante a crise numa luta entre irmãos que se odeiam. Quando se trata de organizar o conluio predatório sobre a classe trabalhadora, a unidade impera sobre a oposição dos diferentes capitais entre si. Quando se trata, porém, de repartir as adversidades dessa exploração, cada capitalista particular trata de cuidar de seu próprio interesse e aí, impera a oposição.

Quando já não se trata de repartição do lucro, mas do prejuízo, cada um procura diminuir tanto quanto possível seu quantum do mesmo e empurrá-lo ao outro. O prejuízo é inevitável para a classe. Quanto, porém, cada um tem de suportar, até que ponto ele tem de acabar participando dele, torna-se uma questão de poder e de astúcia, transformando-se então a concorrência numa luta entre irmãos inimigos. A antítese entre o interesse de cada capitalista individual e o da classe capitalista se

²¹⁵ Karl MARX, *O Capital*, Livro III, vol. IV, p. 182. “Eine Brachlegung von einem Teil des alten Kapitals müßte unter allen Umständen stattfinden, eine Brachlegung in seiner Kapitaleigenschaft, soweit es als Kapital fungieren und sich verwerten soll. Welchen Teil diese Brachlegung besonders träfe, entschiede der Konkurrenzkampf. Solange alles gut geht, agiert die Konkurrenz, wie sich bei der Ausgleichung der allgemeinen Profitrate gezeigt, als praktische Brüderschaft der Kapitalistenklasse, so daß sie sich gemeinschaftlich, im Verhältnis zur Größe des von jedem eingesetzten Loses, in die gemeinschaftliche Beute teilt”. MEW 25, p. 263.

*faz valer então, assim como antes a identidade desses interesses se impunha praticamente mediante a concorrência.*²¹⁶

A contradição entre os irmãos inimigos, latente na fase de prosperidade, se manifesta como antítese aberta no momento em que não se discute mais como será repartido o botim mas, sim, quanto cada capitalista em particular terá que perder para salvar o capital em geral.

*Como se resolveria novamente esse conflito e se restabeleceriam as condições correspondentes ao movimento “sadio” da produção capitalista? A forma da resolução já está contida na mera formulação do conflito de cuja resolução se trata. Ela implica uma colocação em alqueive e até mesmo um aniquilamento parcial de capital, num montante de valor de todo o capital adicional ΔC ou então de parte dele. Embora, como já se verifica na apresentação do conflito, a distribuição desse prejuízo não se estende, de modo algum, de maneira uniforme aos diferentes capitais particulares, mas se decide numa luta concorrencial em que, conforme as vantagens especiais ou as posições já conquistadas, o prejuízo se reparte de forma muito desigual e muito diferenciada, de modo que um capital é colocado em alqueive, outro é aniquilado, um terceiro apenas sofre prejuízo relativo ou desvalorização transitória.*²¹⁷

²¹⁶ Ibid., p. 182. “Sobald es sich aber nicht mehr um Teilung des Profits handelt, sondern um Teilung des Verlustes, sucht jeder soviel wie möglich sein Quantum an demselben zu verringern und dem andern auf den Hals zu schieben. Der Verlust ist unvermeidlich für die Klasse. Wieviel aber jeder einzelne davon zu tragen, wieweit er überhaupt daran teilzunehmen hat, wird dann Frage der Macht und der List, ind die Konkurrenz verwandelt sich dann in einen Kampf der feindlichen Brüder. Der Gegensatz zwischen dem Interesse jedes einzelnen Kapitalisten und dem der Kapitalistenklasse macht sich dann geltend, ebenso wie vorher die Identität dieser Interessen sich durch die Konkurrenz praktisch durchsetzte”. MEW 25, p. 263.

²¹⁷ Ibid., p. 182. “Wie würde sich nun dieser Konflikt wieder ausgleichen und die der „gesunden” Bewegung der kapitalistischen Produktion entsprechenden Verhältnisse sich wieder herstellen? Die Weise der Ausgleichen ist schon enthalten in dem bloßen Aussprechen des Konflikts, um dessen Ausgleichung es sich handelt. Sie schließt eine Brachlegung und selbst eine teilweise Vernichtung von Kapital ein, zum Wertbetrag des ganzen Zusatzkapitals ΔK oder doch eines Teils davon. Obgleich, wie schon aus der Darstellung des Konflikts hervorgeht, die Verteilung dieses Verlusts in keiner Weise sich gleichmäßig auf die einzelnen Sonderkapitalien erstreckt, sondern sich in einem Konkurrenzkampf entscheidet, worin je nach den besondren Vorteilen oder bereits errungenen Positionen der Verlust sich sehr ungleich und in sehr verschiedner Form verteilt, so daß ein Kapital brachgelegt, ein andres vernichtet wird, ein drittes nur relativen Verlust hat oder nur vorübergehende Entwertung erfährt usw”. MEW 25, p. 263/64.

Sob quaisquer circunstâncias, sem importar-se em saber quem dos capitais ganha ou perde, o equilíbrio entre os capitais se restabeleceria pela destruição de parte dos capitais em atividade ou sua colocação em alqueive. Uma interrupção da reprodução em sua escala normal, um descenso na atividade econômica seria inevitável para o conjunto da produção social.

*Isso se estenderia em parte à substância material do capital; isto é, parte dos meios de produção, capital fixo e circulante, não funcionaria, não atuaria como capital: parte dos empreendimentos iniciados seria desativada. Embora, por este lado, o tempo ataque e deteriore todos os meios de produção (excetuado o solo), aqui ocorreria, devido à paralisação, uma destruição real muito maior de meios de produção. Por este lado, o efeito principal seria, no entanto, que esses meios de produção deixariam de ser ativos como meios de produção; uma paralisação, mais breve ou mais longa, de sua função enquanto meio de produção.*²¹⁸

As perdas maiores, porém, ocorreriam para aqueles capitais rentistas envolvidos com a especulação financeira, portadores de títulos de toda espécie, a espera de que os capitais produtivos continuem fornecendo-lhes os juros habituais. A fogueira na qual queimariam os capitais excedentes, levantaria labaredas mais altas sobre os capitais envolvidos no mercado financeiro. O pânico maior e mais visível ocorreria nas Bolsas de Valores.

A destruição principal — e com caráter mais agudo — ocorreria em relação ao capital, à medida que ele possui atributo de valor, em relação aos valores-capital. A parte do valor-capital que só se encontra em forma de direitos sobre futuras participações na mais-valia, no lucro — de fato meros títulos de dívida sobre a produção em diversas modalidades —, se desvaloriza imediatamente com a queda

²¹⁸ Ibid., p. 182. “Dies würde sich erstrecken zum Teil auf die materielle Kapitalsubstanz; d.h. ein Teil der Produktionsmittel, fixes und zirkulierendes Kapital, würde nicht fungieren, nicht als Kapital wirken; ein Teil begonnener Produktionsbetriebe würde stillgesetzt werden. Obgleich, nach dieser Seite, die Zeit alle Produktionsmittel (den Boden ausgenommen) angreift und verschlechtert, fände hier infolge der Funktionsstockung weit stärkere wirkliche Zerstörung von Produktionsmitteln statt. Die Hauptwirkung nach

*das receitas sobre as quais está calculada. Parte do ouro e da prata permanece em alqueive, não funciona como capital. Parte das mercadorias que se encontram no mercado só pode efetuar seu processo de circulação e de reprodução mediante enorme contração de seus preços, portanto mediante desvalorização do capital que ela representa.*²¹⁹

Com a desvalorização das mercadorias que continuam a circular no mercado à procura de compradores, os capitais que operam seus negócios sustentados no crédito comercial, isto é, no crédito concedido pelos capitalistas a si próprios, são jogados em situação desastrosa. Com a queda das vendas, dos preços e das receitas, as antigas obrigações firmadas pelos capitais entre si rompem-se devido à insolvência geral do mercado. Surge daí, a corrida dos capitalistas endividados aos bancos à procura de crédito para saldar as letras de câmbio firmadas no comércio.

*A isso se acrescenta que determinadas relações pressupostas de preço condicionam o processo de reprodução e este, devido à queda geral de preços, entra portanto em estagnação e confusão. Essa perturbação e estagnação paralisam a função do dinheiro como meio de pagamento, dada simultaneamente com o desenvolvimento do capital e baseada naquelas relações pressupostas de preços: interrompem em cem lugares a cadeia das obrigações de pagamento em prazos determinados; são ainda intensificadas pelo colapso conseqüente do sistema de crédito, desenvolvido simultaneamente com o capital, e levam assim a crises violentas e agudas, súbitas desvalorizações forçadas e à estagnação e perturbação reais do processo de reprodução, e com isso a uma diminuição real da reprodução.*²²⁰

dieser Seite hin wäre jedoch, daß diese Produktionsmittel aufhörten, als Produktionsmittel tätig zu sein; eine kürzere oder längere Zerstörung ihrer Funktion als Produktionsmittel". MEW 25, p. 264.

²¹⁹ Ibid., p. 182. "Die Hauptzerstörung, und mit dem akutesten Charakter, fände statt mit Bezug auf das Kapital, soweit es Werteigenschaft besitzt, mit Bezug auf die Kapitalwerte. Der Teil des Kapitalwerts, der bloß in der Form von Anweisungen auf künftige Anteile am Mehrwert, am Profit steht, in der Tat lauter Schuldscheine auf die Produktion unter verschiedenen Formen, wird sofort entwertet mit dem Fall der Einnahmen, auf die er berechnet ist. Ein Teil des baren Goldes und Silbers liegt brach, fungiert nicht als Kapital. Ein Teil der auf dem Markt befindlichen Waren kann seinen Zirkulations- und Reproduktionsprozeß nur vollziehen durch ungeheure Kontraktion seiner Preise, also durch Entwertung des Kapitals, das er darstellt". MEW 25, p. 264.

²²⁰ Ibid., p. 182/83. "Es kommt hinzu, daß bestimmte, vorausgesetzte Preisverhältnisse den Reproduktionsprozeß bedingen, dieser daher durch den allgemeinen Preisfall in Stockung und Verwirrung

A crise atinge também o sistema bancário. Durante a fase de prosperidade e da aparente estabilidade dos negócios, os bancos colocam a disposição dos capitais em geral, todo o dinheiro disponível na forma de crédito à acumulação. Com o colapso dos preços e a crise comercial, com o esfacelamento do dinheiro na sua função de meio de pagamento, muitos capitalistas individuais encontram solução para sua insolvência entregando seus capitais aos bancos, ou em casos particulares, entregando a administração de seus negócios, uma cadeira na mesa de diretores, de conselheiros etc. A centralização do capital passa para as mãos dos bancos, que se funde com as fábricas, a agropecuária, a mineração, os transportes, os serviços, o comércio etc.

Se durante o curso normal da acumulação capitalista, diminui a concorrência no interior da classe trabalhadora e uma parte dela obtém alguma melhora e assim, constrói seus castelos de sonhos, com a crise e a depressão que se sucede, os capitalistas em conjunto não reservam nenhum pudor em usar o exército industrial de trabalhadores desempregados para forçar aqueles que ainda permanecem empregados a submeterem-se a um regime de exploração mais intenso.

*Mas, ao mesmo tempo, outros agentes teriam entrado no jogo. A paralisação da produção teria colocado parte da classe trabalhadora em alqueive, deixando, desse modo, a parte ocupada numa situação em que teria de aceitar uma redução do salário, mesmo abaixo da média; uma operação que, para o capital, tem o mesmo efeito que se, com salário médio, tivesse sido elevada a mais-valia relativa ou absoluta.*²²¹

gerät. Diese Störung und Stockung paralyisiert die mit der Entwicklung des Kapitals gleichzeitig gegebene, auf jenen vorausgesetzten Preisverhältnissen beruhende Funktion des Geldes als Zahlungsmittel, unterbricht an hundert Stellen die Kette der Zahlungsobligationen an bestimmten Terminen, wird noch verschärft durch das damit gegebene Zusammenbrechen des gleichzeitig mit dem Kapital entwickelten Kreditsystems und führt so zu heftigen akuten Krisen, plötzlichen gewaltsamen Entwertungen und wirklicher Stockung und Störung des Reproduktionsprozesses und damit zu wirklicher Abnahme der Reproduktion". MEW 25, p. 264/65.

²²¹ Ibid., p. 183. "Gleichzeitig aber wären andre Agentien im Spiel gewesen. Die Stockung der Produktion hätte einen Teil der Arbeiterklasse brachgelegt und dadurch den beschäftigten Teil in Verhältnisse gesetzt, worin er sich eine Senkung des Arbeitslohns, selbst unter den Durchschnitt, gefallen lassen müßte; eine Operation, die für das Kapital ganz dieselbe Wirkung hat, als wenn beim Durchschnittslohn der relative oder absolute Mehrwert erhöht worden wäre". MEW 25, p. 265.

Com a paralisação parcial da produção o exército industrial de reserva seria reconstituído. Os efeitos sobre aqueles que permanecerem empregados, seriam favoráveis ao capital e ao aumento da taxa de mais-valia. A pressão do exército industrial obrigaria a massa de trabalhadores que ainda permanece empregada a aceitar as imposições do capital, a aceitar jornadas de trabalho mais longas ou mais intensas e extenuantes, a aceitar um rebaixamento de salários, seja direto ou indireto, a trabalhar em condições mais insalubres, portanto, em condições menos dispendiosas em capital constante para o capital, a trabalhar em turnos alternados etc. Em outras palavras, a recomposição do exército industrial de reserva recomporia ao mesmo tempo, as condições ideais para o capital reinar absolutamente sobre os trabalhadores, a reconquistar as posições perdidas durante o período de pleno emprego, a recuperar a obediência e a disciplina dos trabalhadores, necessárias para o bom andamento da acumulação capitalista. Ajudaria a recompor a subsunção real e completa dos trabalhadores ao capital. Em lugar do antigo chicote dos feitores, o capital se utilizaria para recompor seu domínio, da pressão que a própria classe trabalhadora exerce sobre si mesma, da concorrência entre os trabalhadores. O reino da livre concorrência e da luta dos trabalhadores entre si é o melhor dos reinos para o capital.

Isso tudo, desvalorização do capital, aumento da concorrência, recomposição do exército industrial de reserva e um nível de salários que não afete a saúde do capital, tendem a recriar as condições ideais para a produção e valorização do capital. As novas condições de produção são recompostas, porém, sob patamares diferentes das antigas condições, a economia volta a se recompor a um grau superior à situação antiga, ela se recompõe em forma de espiral pois, agora, a centralização do capital está mais acentuada, a taxa de lucro média e aceita pelos capitalistas em atividade já não é necessariamente a mesma de antigamente, pode inclusive ser menor, como também pode ser maior. Isto dependerá essencialmente de quão grande foi a desvalorização do capital constante e de quão grande foi a recomposição da taxa de exploração sobre os trabalhadores.

Para recuperar a antiga taxa de lucro e uma nova composição orgânica menos elevada, o capital sobrevivente estimula-se novamente a revolucionar as forças produtivas por ele controladas, substituindo a antiga maquinaria por outras mais eficientes e exigindo de seus fornecedores e do capital em geral, que adotem o mesmo procedimento.

*A queda do preço e a luta da concorrência teriam, por outro lado, estimulado cada capitalista a reduzir o valor individual de seu produto global — mediante utilização de máquinas novas, métodos novos e aperfeiçoados de trabalho, novas combinações — abaixo de seu valor geral, ou seja, a elevar a força produtiva de dado quantum de trabalho, a reduzir a proporção do capital variável em relação ao constante e, com isso, a liberar trabalhadores, em suma, a criar uma superpopulação artificial. Além disso, a desvalorização dos elementos do capital constante seria em si um elemento que implicaria a elevação da taxa de lucro. A massa de capital constante empregado em relação ao variável teria crescido mas o valor dessa massa poderia ter caído.*²²²

A simples paralisação da produção por si só, porém, já teria estimulado o capital sobrevivente a reiniciar a produção. A simples recomposição das proporções requeridas entre os vários ramos da produção conquistada com a queima dos capitais excedentes, por si só já estimulariam os capitais sobreviventes a reiniciarem novamente os negócios.

*A paralisação da produção ocorrida teria preparado uma ampliação posterior da produção dentro dos limites capitalistas. E assim o ciclo seria novamente percorrido. Parte do capital que pela paralisação funcional foi desvalorizada recobriria seu antigo valor. Ademais, com condições de produção ampliada, com um mercado ampliado e com força produtiva mais elevada, o mesmo círculo vicioso seria novamente percorrido.*²²³

²²² Ibid., p. 183. “Der Preisfall und der Konkurrenzkampf hätten andererseits jedem Kapitalisten einen Stachel gegeben, den individuellen Wert seines Gesamtprodukts durch Anwendung neuer Maschinen, neuer verbesserter Arbeitsmethoden, neuer Kombinationen unter dessen allgemeinen Wert zu senken, d.h. die Produktivkraft eines gegebenen Quantums Arbeit zu steigern, das Verhältnis des variablen Kapitals zum konstanten zu senken und damit Arbeiter freizusetzen, kurz eine künstliche Überbevölkerung zu schaffen. Ferner würde die Entwertung der Elemente des konstanten Kapitals selbst ein Element sein, das Erhöhung der Profitrate einschliesse. Die Masse des angewandten konstanten Kapitals, gegen das variable, wäre gewachsen, aber der Wert dieser Masse könnte gefallen sein”. MEW 25, p. 265.

²²³ Ibid., p. 183. “Die eingetretene Stockung der Produktion hätte eine spätere Erweiterung der Produktion — innerhalb der kapitalistischen Grenzen — vorbereitet. Und so würde der Zirkel von neuem durchlaufen. Ein Teil des Kapitals, das durch Funktionsstockung entwertet war, würde seinen alten Wert wiedergewinnen. Im übrigen würde mit erweiterten Produktionsbedingungen, mit einem erweiterten Markt und mit erhöhter Produktivkraft derselbe fehlerhafte Kreislauf wieder durchgemacht werden”. MEW 25, p. 265.

Até aqui a superprodução fora tomada como absoluta, ou seja, fora pressuposta como válida para todos os capitais, fora absoluta porque a massa de mais-valia produzida tornara-se relativamente menor para todos os capitais, porque não haveria, com o esgotamento do exército industrial de reserva, nenhuma possibilidade de aumentar a exploração sobre os trabalhadores e, portanto, os novos capitais adicionais só se valorizariam mediante expropriação de parte dos capitais antigos. Porém, para Marx a superprodução pode ocorrer inclusive sem este pressuposto extremo da superprodução absoluta. Basta supormos que os capitais não consigam mais explorar os trabalhadores num grau que seja capaz de refrear o descenso na taxa de valorização do capital. Basta supormos que devido ao esgotamento do exército industrial de reserva e à concorrência que se estabelece entre os capitais pelo emprego dos trabalhadores já em atividade, o nível geral de salários e a resistência da classe trabalhadora aumente e com ela caia a taxa de exploração e de mais-valia. Que o capital total não consiga se valorizar às taxas antigas, devido a uma queda no grau de exploração dos trabalhadores abaixo do nível permitido pelos capitalistas em geral. Como o capital não se desenvolve no mesmo ritmo em todos os ramos da produção, como, ao mesmo tempo em que certos ramos ainda não atingiram o pleno emprego, outros podem já ter esgotado o exército industrial de reserva e, portanto, sofrer de forma mais intensa a pressão do exército ativamente empregado, para a crise se instalar basta que a superprodução de meios de exploração atinja apenas certos ramos decisivos da economia, os ramos indutores.

*Seria, porém, apesar disso superprodução, porque o capital seria incapaz de explorar o trabalho num grau de exploração que é condicionado pelo desenvolvimento “sadio”, “normal” do processo de produção capitalista, num grau de exploração que ao menos aumenta a massa de lucro com a massa crescente de capital empregado; que, portanto, exclui que a taxa de lucro caia na mesma proporção em que o capital cresce, ou até que a taxa de lucro caia mais rapidamente do que o capital cresce.*²²⁴

²²⁴ Ibid., p. 183. “Es wäre aber trotzdem Überproduktion, weil das Kapital unfähig würde, die Arbeit in einem Exploitationsgrad auszubeuten, der durch die „gesunde“, „normale“ Entwicklung des kapitalistischen Produktionsprozesses bedingt ist, in einem Exploitationsgrad, der wenigstens die Masse des Profits vermehrt mit der wachsenden Masse des angewandten Kapitals; der also ausschließt, daß die Profitrate im selben Maß

Uma superprodução de capital, de meios de exploração da força de trabalho, combinada com uma queda no grau de exploração dos trabalhadores abaixo dos níveis desejados pelos capitalistas, provoca retração da acumulação e crises. Para que o capital mantenha a acumulação funcionando, não basta apenas que ele receba uma determinada taxa de lucro por seu capital, é fundamental que ele conserve também uma determinada taxa de exploração sobre os trabalhadores. Se a primeira cai em função da segunda, então a reprodução deve ser interrompida. *“Superprodução de capital significa apenas superprodução de meios de produção — meios de trabalho e de subsistência — que podem funcionar como capital, ou seja, que podem ser empregados para a exploração do trabalho em dado grau de exploração, e a queda desse grau de exploração abaixo de dado ponto provoca perturbações e paralisações do processo de produção capitalista, crises, destruição de capital”*.²²⁵

A queda no grau de exploração do trabalhador abaixo da taxa aceita como normal pelos capitalistas e o baixo estímulo dos capitalistas em empregarem esta massa de operários, desenvolve dentro da classe trabalhadora uma produção excedente de operários, que mesmo dispostos a se deixarem esfolar nas fábricas, devido à incompatibilidade deste grau de exploração do trabalho social com a voracidade do capital por mais-trabalho, permanecem absurdamente desocupados lado a lado com os meios de produção excedentes.

Não há nenhuma contradição em ser essa superprodução de capital acompanhada por uma superpopulação relativa mais ou menos grande. As mesmas circunstâncias que elevaram a força produtiva do trabalho aumentaram a massa dos produtos-mercadorias, ampliaram os mercados; aceleraram a acumulação de capital, tanto em massa quanto em valor, e reduziram a taxa de lucro, essas mesmas circunstâncias geraram uma superpopulação relativa e a geram continuamente, uma superpopulação de trabalhadores que não é empregada pelo capital excedente por causa do baixo grau de exploração do trabalho, único grau em que ela poderia

sinkt, wie das Kapital wächst, oder gar, daß die Profitrate rascher sinkt, als das Kapital wächst”. MEW 25, p. 266.

²²⁵ Ibid., p. 183. *“Überproduktion von Kapital heißt nie etwas anderes als Überproduktion von Produktionsmitteln — Arbeits- und Lebensmitteln —, die als Kapital fungieren können, d.h. zur Ausbeutung der Arbeit zu einem gegebenen Exploitationsgrad angewandt werden können; indem das Fallen dieses Ex-*

*ser empregada, ao menos por causa da baixa taxa de lucro que ela, com o grau dado de exploração, proporcionaria.*²²⁶

Como ao capital não interessa a cor dos olhos do operário que ele explora nem sua origem nacional, como a pátria do capital não é a nação, mas o mundo, se o operário nacional não fornece ao capital uma mais-valia adequada, ele poderá migrar para outro país em que os operários estejam dispostos a aceitar uma taxa superior de exploração.

*Se se envia capital para o exterior, isso não ocorre porque ele não poderia ser empregado no próprio país. Ocorre porque ele pode ser empregado no exterior a uma taxa de lucro mais elevada. Esse capital é, porém, um capital absolutamente excedente para a população trabalhadora ocupada e para o dado país em geral. Ele existe como tal ao lado da superpopulação relativa, e esse é um exemplo de como ambos existem um ao lado do outro e se condicionam reciprocamente.*²²⁷

A superprodução capitalista é sempre uma superprodução em relação à demanda solvente, com capacidade de pagamento, e nunca uma produção que cresce acima das necessidades sociais. Sob esta ótica ela é sempre subprodução, pois, mesmo nas fases de prosperidade, a maioria da sociedade continua carecendo dos mais elementares meios de subsistência.

ploitationsgrads unter einen gegebenen Punkt Störungen und Stockungen des kapitalistischen Produktionsprozesses, Krisen, Zerstörung von Kapital hervorruft". MEW 25, p. 266.

²²⁶ Ibid., p. 183/84. *"Es ist kein Widerspruch, daß diese Überproduktion von Kapital begleitet ist von einer mehr oder minder großen relativen Überbevölkerung. Dieselben Umstände, die die Produktivkraft der Arbeit erhöht, die Masse der Warenprodukte vermehrt, die Märkte ausgedehnt, die Akkumulation des Kapitals, sowohl der Masse wie dem Wert nach, beschleunigt und die Profitrate gesenkt haben, dieselben Umstände haben eine relative Überbevölkerung erzeugt und erzeugen sie beständig, eine Überbevölkerung von Arbeitern, die vom überschüssigen Kapital nicht angewandt wird wegen des niedrigen Exploitationsgrads der Arbeit, zu dem sie allein angewandt werden könnte, oder wenigstens wegen der niedern Profitrate, die sie bei gegebenem Exploitationsgrad abwerfen würde". MEW 25, p. 266*

²²⁷ Ibid., p. 184. *"Wird Kapital ins Ausland geschickt, so geschieht es nicht, weil es absolut nicht im Inland beschäftigt werden könnte. Es geschieht, weil es zu höherer Profitrate im Auslande beschäftigt werden kann. Dies Kapital ist aber absolut überschüssiges Kapital für die beschäftigte Arbeiterbevölkerung und für das gegebne Land überhaupt. Es existiert als solches neben der relativ überschüssigen Bevölkerung, und dies ist ein Beispiel, wie die beiden nebeneinander existieren und sich wechselseitig bedingen". MEW 25, p. 266.*

Não se produzem em demasia meios de subsistência em relação à população existente. Pelo contrário. Produzem-se muito poucos para bastar à massa da população de forma decente e humana. Não se produzem meios de produção demais para ocupar a parte da população capaz de trabalhar. Pelo contrário. Primeiro, produz-se uma parte demasiado grande da população, que efetivamente não é capaz de trabalhar, que por suas circunstâncias depende da exploração do trabalho de outros ou de trabalhos que só dentro de um modo de produção miserável podem valer como tais. Segundo, não são produzidos meios de produção suficientes para que toda a população capaz de trabalhar trabalhe sob circunstâncias mais produtivas, que, portanto, seu tempo absoluto de trabalho seja encurtado pela massa e eficácia do capital constante empregado durante o tempo de trabalho. Mas periodicamente são produzidos meios de trabalho e meios de subsistência em demasia para fazê-los funcionar como meios de exploração dos trabalhadores a certa taxa de lucro. São produzidas mercadorias em demasia para poder realizar o valor nelas contido e a mais-valia encerrada nele sob as condições de distribuição e de consumo dadas pela produção capitalista, e poder retransformá-la em novo capital, isto é, levar a cabo esse processo sem explosões sempre recorrentes. Não se produz demasiada riqueza. Mas periodicamente se produz demasiada riqueza em suas formas capitalistas, antitéticas.²²⁸

A barreira ao desenvolvimento infinito do modo de produção capitalista se mostra aqui duplamente, por meio da queda nas taxas de lucro e das crises e no fato de que a decisão sobre a ampliação da produção e, portanto, da produção de valores de uso que

²²⁸ Ibid., p. 185. "Es werden nicht zuviel Produktionsmittel produziert, um den arbeitsfähigen Teil der Bevölkerung zu beschäftigen. Umgekehrt. Es wird erstens ein zu großer Teil der Bevölkerung produziert, der tatsächlich nicht arbeitsfähig, der durch seine Umstände auf Ausbeutung der Arbeit anderer angewiesen ist oder auf Arbeiten, die nur innerhalb einer miserablen Produktionsweise als solche gelten können. Es werden zweitens nicht genug Produktionsmittel produziert, damit die ganze arbeitsfähige Bevölkerung unter den produktivsten Umständen arbeite, also ihre absolute Arbeitszeit verkürzt würde durch die Masse und Effektivität des während der Arbeitszeit angewandten konstanten Kapitals. Aber es werden periodisch zuviel Arbeitsmittel und Lebensmittel produziert, um sie als Exploitationsmittel der Arbeiter zu einer gewissen Rate des Profits fungieren zu lassen. Es werden zuviel Waren produziert, um den in ihnen enthaltenen Wert und darin eingeschlossenen Mehrwert unter den durch die kapitalistische Produktion gegebenen Verteilungsbedingungen und Konsumtionsverhältnissen realisieren und in neues Kapital rückverwandeln zu können, d. h. um diesen Prozeß ohne beständig wiederkehrende Explosionen auszuführen. Es wird nicht

satisfaçam as necessidades humanas, é determinada exclusivamente pelo nível da taxa de lucro e nunca pela satisfação dessas necessidades.

*1) No fato de que o, desenvolvimento da força produtiva de trabalho gera, na queda da taxa de lucro, (uma lei onde em certo ponto se opõe com a maior hostilidade a seu próprio desenvolvimento, tendo de ser portanto constantemente superada por meio de crises. 2) No fato de que a apropriação de trabalho não-pago, e a proporção desse trabalho não-pago para o trabalho objetivado em geral, ou, expresso de forma capitalista, que o lucro e a proporção desse lucro para o capital aplicado, portanto certo nível da taxa de lucro decide sobre ampliação ou limitação da produção, em vez de fazê-lo a relação entre a produção e as necessidades sociais, as necessidades de seres humanos socialmente desenvolvidos. Por isso surgem barreiras para ela já num grau de ampliação da produção que, ao contrário, sob o outro pressuposto, apareceria como sumamente insuficiente. Ela pára não onde a satisfação das necessidades a obriga, mas onde determina a produção e a realização de lucro.*²²⁹

As crises capitalistas emanam assim, não de uma ou outra contradição em particular, da superprodução relativa ou absoluta, das desproporções, do subconsumo, da queda na taxa de lucro etc. *“Todas as contradições da produção burguesa se patenteiam coletivamente nas crises gerais do mercado mundial, e de maneira dispersa, isolada,*

zuviel Reichtum produziert. Aber es wird periodisch zuviel Reichtum in seinen kapitalistischen, gegensätzlichen Formen produziert”. MEW 25, p. 268.

²²⁹ Ibid., p. 185. *“1) Darin, daß die Entwicklung der Produktivkraft der Arbeit im Fall der Profitrate ein Gesetz erzeugt, das ihrer eignen Entwicklung auf einen gewissen Punkt feindlichst gegenübertritt und daher beständig durch Krisen überwunden werden muß. 2) Darin, daß die Aneignung unbezahlter Arbeit, und das Verhältnis dieser unbezahlten Arbeit zur vergegenständlichten Arbeit überhaupt, oder, kapitalistisch ausgedrückt, daß der Profit und das Verhältnis dieses Profits zum angewandten Kapital, also eine gewisse Höhe der Profitrate über Ausdehnung oder Beschränkung der Produktion entscheidet, statt des Verhältnisses der Produktion zu den gesellschaftlichen Bedürfnissen, zu den Bedürfnissen gesellschaftlich entwickelter Menschen. Es treten daher Schranken für sie ein schon auf einem Ausdehnungsgrad der Produktion der umgekehrt unter der andren Voraussetzung weitaus ungenügend erschiene. Sie kommt zum Stillstand, nicht wo die Befriedigung der Bedürfnisse, sondern wo die Produktion und Realisierung von Profit diesen Stillstand gebietet”. MEW 25, p. 269.*

parcial nas crises restritas (restritas no conteúdo e na extensão)”.²³⁰ Ao mesmo tempo, de uma maneira ou de outra, as crises do capital expressam sempre as contradições antagônicas, insolúveis, entre capital e trabalho assalariado, entre trabalho morto e trabalho vivo. As crises do capital por emanarem deste antagonismo, só poderão ser superadas definitivamente quando a humanidade superar a própria produção capitalista, quando ela viver relações de trabalho livre da propriedade privada dos meios de produção, da produção do valor de troca, das classes sociais e da exploração de classe.

²³⁰ Karl MARX, *Teorias Sobre a Mais-valia*, Tomo II, p. 968. “*Alle Widersprüche der bürgerlichen Produktion kommen in den allgemeinen Weltmarktkrisen kollektiv zum Eklat, in den besondren Krisen (dem Inhalt und der Ausdehnung nach besonderen) nur zerstreut, isoliert, einseitig*”. MEW 26, p. 535.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve como objetivo, analisar em que medida podíamos considerar que as crises na concepção de Marx, emanavam de duas fontes comuns: em primeiro lugar, elas seriam o resultado não apenas de uma ou outra contradição em particular da economia burguesa, mas seria sim, resultado da explosão simultânea de todas as suas contradições e; em segundo lugar, as crises possuiriam sua base mais íntima e imanente na oposição entre as classes, na oposição entre capital e trabalho assalariado.

Vimos que o conceito de crise para Marx pode ser resumido no seguinte: a crise é a interrupção brusca e inesperada da reprodução do capital, é o meio pelo qual o capital busca reconectar os pólos de suas contradições autonomizados durante o processo de acumulação. É o ajuste a força de todas as contradições da economia.

A base mais simples e abstrata da crise está contida na contradição entre valor de uso e valor presente no interior da mercadoria e de sua expressão externa, entre mercadoria e dinheiro. A possibilidade dos atos de compra e venda se dissociarem e se autonomizarem durante a reprodução do capital, forma a base mais elementar de todas as crises. Uma segunda base mais determinada surge da análise do dinheiro, de sua dupla característica de medida ideal do valor e representação geral da riqueza, da possibilidade de poder atuar *a priori* nas trocas apenas em seu aspecto ideal e somente *a posteriori* em seu papel efetivo de representante oficial da riqueza capitalista. A possibilidade do dinheiro não realizar efetivamente este segundo papel, mediante a interrupção da cadeia de obrigações recíprocas entre os diferentes capitais, constitui a base das chamadas crises monetárias.

Porém, ambas as possibilidades são ainda meramente formais, pois nelas não se determinaram ainda as relações de produção capitalista. Na medida em que a análise vai se

tornando mais determinada, pudemos evidenciar que as crises resultam simultaneamente de uma complexa totalidade de contradições e que a oposição entre as classes, entre trabalho assalariado e capital, constituía-se na determinação mais íntima dos movimentos cíclicos do capital.

Uma base mais determinada para a análise da crise, surge da análise da contradição entre produção e consumo. Vimos que a superprodução ocorre porque a produção capitalista orienta-se para a produção de valores de troca e não de valores de uso, porque não se orienta para a satisfação das necessidades vitais nem dos operários, nem do capitalista pois, este tem como único objetivo acumular riqueza abstrata na forma de dinheiro e nunca valores de uso para usufruto próprio. A produção torna-se assim, produção pela própria produção, pois ela não considera as necessidades reais da humanidade nem os limites do mercado imposto pela demanda solvente, pois ela considera unicamente a valorização do capital como seu objetivo e finalidade. Ela se torna produção pela própria produção porque seu principal mercado consumidor não é a humanidade mas, sim, o capital. A produção capitalista orienta-se assim, para a produção de meios de produção de capital e não de meios de subsistência para a humanidade e desta forma, transforma suas indústrias no seu principal mercado consumidor.

A contradição entre produção e consumo, não emana simplesmente das desproporções intersetoriais ou das dificuldades cada vez mais crescentes dos capitalistas particulares encontrarem mercados para suas mercadorias. A análise da relação de produção assalariada e da separação dos produtores diretos dos meios de produção, evidenciou que a fonte mais íntima da superprodução emana da própria contradição existente na base do capitalismo, da contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação. Se não houvesse esta contradição, se os produtores diretos fossem eles próprios proprietários dos meios de produção e produzissem apenas na medida de suas necessidades, as próprias crises de superprodução poderiam ser conscientemente evitadas pelos produtores. Porém, como na produção capitalista o produtor direto não produz para si próprio mas, produz sim, para o capital, como quem dirige a produção é o capital e não o produtor direto e como as necessidades do capital por sobretrabalho são insaciáveis, as próprias crises de superprodução evidenciam a contradição existente entre capital e trabalho assalariado.

Esta contradição fica evidente quando analisada a contradição entre produção e consumo. O fato da produção capitalista consistir essencialmente na produção do valor de troca e não do valor de uso, o fato de restringir o consumo de operário ao mínimo por um lado e, por outro, forçá-lo a produzir o máximo de excedente, é que constitui a base mais imanente para as crises de superprodução. A contradição entre trabalho pago e não-pago, entre jornada de trabalho necessária e excedente, base de existência da relação capitalista, é a que impulsiona o capital à superprodução. A análise desta simples contradição já evidenciara que as contradições contidas na esfera da circulação e realização, possuíam suas bases já no interior do processo de produção da mais-valia.

Outra base mais determinada para as crises surge da análise da lei da queda tendencial da taxa de lucro. Vimos que o capital se acumula através do consumo do trabalho vivo, abstrato, mas ele, porém, desenvolve contraditoriamente em seu interior, uma poderosa tendência de durante o processo de sua valorização, substituir trabalho vivo por trabalho morto, de substituir homens por máquinas. Uma poderosa tendência a substituir o capital variável pelo capital constante, que durante o processo de produção apenas tem seu valor transferido ao corpo das novas mercadorias que contribui para criar.

Este mecanismo de substituição de parte do capital variável por capital constante, ao mesmo tempo em que eleva as forças produtivas do trabalho a níveis cada vez mais superiores, provoca a elevação da composição orgânica do capital. O aumento da composição orgânica do capital, na medida em que aumenta as despesas com trabalho morto que não gera mais-valia, força a taxa de lucro para baixo, visto que a parte variável do capital reduz-se em relação à sua parte constante. O aumento da produtividade do trabalho, conseguido com a substituição de homens por máquinas, traz consigo a poderosa antítese de rebaixar a taxa de lucro.

A taxa de lucro cai não porque cai a produtividade do trabalho mas, cai sim, porque diminui o número de trabalhadores, o único elemento do capital que cria valor e mais-valor, em relação ao tamanho da parte do capital que não cria nenhum valor novo, a parte formada pela maquinaria, prédios, matérias primas etc. Cai porque a elevação da composição orgânica tem como fundamento, a substituição do capital variável por capital constante. Cai porque a massa do capital global se eleva mais rapidamente que a massa de mais valia criada pelos trabalhadores que permanecem empregados pelo capital.

Por que, porém, aumenta a composição orgânica do capital? Ai procuramos evidenciar, ainda que de maneira não inteiramente desenvolvida, que a substituição de maquinaria tecnologicamente obsoleta por maquinaria moderna e mais eficiente, só se torna economicamente viável para o capital, na medida em que desvalorizar a força de trabalho do operário. Procuramos evidenciar que em última instância, a oposição entre as classes era quem determinava se a maquinaria obsoleta seria substituída por maquinaria superior ou não.

Acreditamos que o aumento da composição orgânica do capital, base das crises manifestadas na forma de uma queda na taxa de lucro, não ocorre exclusivamente por causa da concorrência mas, fundamentalmente, por causa da oposição antagônica que existe entre trabalho assalariado e capital, por causa da tendência imanente à relação capitalista de aumento da resistência dos operários frente ao aumento da exploração sob a forma absoluta e a tendência inversamente correspondente do capital, de desenvolver o sistema de maquinaria para vencer esta resistência. Assim, o aumento da composição orgânica do capital e a tendência de queda na taxa de lucro, evidenciam as contradições contidas no interior da relação capitalista de produção, contradição que o capital procura superar substituindo o trabalho vivo do operário pelo trabalho já objetivado da maquinaria.

Marx ao estudar o fenômeno da tendência de queda nas taxas de lucro, não o compreende desligado do fenômeno da superprodução. Para ele, estes dois fenômenos representam uma dupla face do mesmo processo: a acumulação desenfreada de capital. Queda da taxa de lucro e acumulação acelerada são, nessa medida, apenas expressões diferentes do mesmo processo, já que ambas expressam o desenvolvimento da força produtiva conquistada com o aumento da composição orgânica do capital.

Sob vários aspectos, procuramos mostrar ainda que a acumulação de capital encontra seus limites toda vez que se torna impossível elevar a exploração do trabalho a um grau compatível com as necessidades de valorização do capital. Que a crise do capital surge não de uma queda na força produtiva do trabalho mas, ao contrário, surge exatamente da elevação desta força produtiva ao seu ponto mais alto. Que o capital encontra seus limites, toda vez que a continuidade desta elevação se torna incompatível com certos níveis determinados da taxa de lucro.

Procuramos ainda demonstrar que na concepção de Marx, não existe separação arbitrária entre crises de superprodução oriundas ora da desproporção, ou ora do subconsumo, que para ele, tanto a desproporção intersetorial quanto o subconsumo constituíam-se, simultaneamente, e não em momentos separados, um limite importante para a realização do produto social. Que a realização do produto social encontra limites tanto na anarquia do mercado, quanto na baixa taxa de consumo das massas assalariadas.

Outro momento em que procuramos evidenciar a contradição entre as classes como a determinação mais íntima das contradições manifestadas nas crises, está contida na análise da superprodução de forma absoluta, na análise da crise em sua forma de superprodução de capital, quando a taxa de acumulação do capital cresce a uma taxa muito superior à taxa de oferta de trabalhadores no mercado de força de trabalho, quando a produção se interrompe no momento em que o mercado de força de trabalho se esgota e a elevação de salários acima de certo nível, se torna incompatível com o andamento normal da acumulação. Aqui parecera ficar plenamente evidente, não apenas os limites que a relação assalariada levanta à acumulação capitalista mas, sobretudo, os limites que a própria acumulação de capital representa para a classe trabalhadora, pois a crise irrompe-se exatamente no ponto mais elevado dos salários, na época de maior prosperidade e riqueza para a classe trabalhadora, naquele ponto em que o capitalismo de pleno emprego parece ser o melhor dos mundos para o proletariado.

Procuramos ainda evidenciar que na concepção de Marx as crises econômicas do capitalismo são imanentes a ele, brotam da própria realidade do processo de valorização da mais-valia. As crises são também necessárias para superar a série de contradições criadas pelo processo de expansão da produção e “reequilibrar” o desequilíbrio provocado pela insolúvel anarquia da produção e as contradições entre as classes. As crises manifestam também todo o caráter histórico-determinado da produção capitalista. Ao entrar em contradição consigo mesmo em certo ponto, o capital manifesta não constituir o modo de produção por excelência, como acreditava Ricardo, mas ao contrário, manifesta tão somente seu caráter transitório e histórico e sua necessidade de ser superado pela sociedade dos produtores livremente associados.

BIBLIOGRAFIA

a) Obras de Marx

MARX, Karl. *Das Kapital*. Marx-Engels Werke. Dietz Verlag Berlim, 1977.

_____. *Theorien über den Mehrwert*. Marx-Engels Werke. Dietz Verlag Berlim, 1967.

_____. *Zur Kritik der politischen Ökonomie*. Marx-Engels Werke. Dietz Verlag Berlim, 1967.

_____. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. Dietz Verlag Berlim, 1974.

_____. *Capítulo VI (Inédito) de O Capital*. S.P, Editora Moraes, s/d.

_____. *Glosas Marginales al "Tratado de Economía Política" de Adolph Wagner*. In: Estudios sobre El Capital. Maurice Dobb (et al.). Siglo XXI, México, 1987.

_____. *Miseria de la Filosofía*. Moscou, Editorial Progreso, 1979.

_____. *O Capital*. Livros I, II e III, 3. ed., S.P, Nova Cultural, 1988. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. (Coleção Os Economistas).

_____. *Para a Crítica da Economia Política*. S.P, Nova Cultural, 1988. Tradução de Edgard Malagodi.

_____. *Teorias da Mais-valia*. S.P, Editora Difel, 1980. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Cartas Filosóficas e O Manifesto Comunista de 1848*. S.P, Editora Moraes, S.P, 1987.

_____. *Obras Escolhidas, vol. II*. R.J, Vitória, 1961.

MARX, Karl & HOBBSBAWN, Eric. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. R.J, Paz e Terra, 1975.

c) Obras sobre as crises econômicas em Marx

ANCLOIS, Francis; BRÉAUD, Charle & NOURET, Michel. *Elementos para uma análise marxista das crises*. In: Teoria & Política nº 3.

- BELLUZZO, Luiz G.M. *Valor e Capitalismo: um ensaio sobre a economia política*. 3ª edição, S.P, Editora da Unicamp, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A Teoria Marxista das Crises Econômicas e as Transformações do Capitalismo*. R.J, Paz e Terra, 1979.
- COLLETTI, Lucio (org.). *El Marxismo y el "Derrumbe" del Capitalismo*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1978.
- FURTADO, Celso. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. S.P, Companhia Editora Nacional, 1975.
- GRESPLAN, Jorge L. S. *O Negativo do Capital*. S.P, Editora Hucitec/Fapesp. 1998.
- GROSSMANN, H. *La Ley de la Acumulación y del Derrumbe del Sistema Capitalista*. México, Siglo XXI, 1979.
- HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. S.P, Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).
- LÊNIN, Vladimir I. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. S.P, Nova Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).
- LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. S.P, Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).
- MANDEL, Ernest. *O Capitalismo Tardio*. S.P, Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).
- _____. *Tratado de Economia Marxista*. México, Ediciones Era, 1969.
- _____. *A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista*. S.P, Editora Ensaio, 1990.
- MAZZUCHELLI, Frederico M. *A contradição em processo*. S.P, Brasiliense, 1985.
- MIGLIOLI, Jorge. *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*. S.P, T.A Queiroz, 1982.
- ROBINSON, Joan. *Economia Marxista*. R.J, Editora Fundo de Cultura, 1960.
- SHAIK, Anwar. *Valor Acumulación y Crisis: ensayos de economía política*. Tercer Mundo Editores, s/d.
- SWEEZY, Paul. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista: princípios de economia política marxista*. 6. ed., R.J, Zahar Editores, 1985.

YAFFE, David S. *La Teoría Marxista de la Crisis, del Capital y del Estado*. Críticas de la Economía Política, 16-17, México, Ediciones El Caballito.

c) Obras de consulta geral

ALTHUSSER, Louis (et al.). *Ler O Capital*. R.J, Zahar, 1979.

ALTVATER, Elmar. *A teoria do capitalismo monopolista de Estado e as novas formas de socialização capitalista*. In: História do Marxismo XII. R.J, Paz e Terra, 1980.

_____. *O capitalismo se organiza: o debate marxista desde a primeira guerra mundial até a crise de 1929*. In: História do Marxismo VIII, 2ª edição, R.J, Paz e Terra, 1980.

_____. *Política económica y crisis*. Cuadernos Políticos - nº 22. México, Ediciones Era, 1979.

ALTVATER, Elmar & MAYA, Carlos. *Acerca del desarrollo de la teoría del CME después de la segunda guerra mundial*. Cuadernos Políticos - nº 29. México, Ediciones Era, 1981.

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 3. ed., S.P, Boitempo Editorial, 2000.

BENOIT, Hector. *Pensando com (ou contra) Marx? Sobre o método dialético de O Capital*. Crítica Marxista nº 8. S.P, Editora Xamã.

_____. *Sobre a crítica (dialética) de O Capital*. Crítica Marxista nº 2. S.P, Editora Xamã.

_____. *Sobre o desenvolvimento (dialético) do Programa*. Crítica Marxista nº 4. S.P, Editora Xamã, 1997.

BRENNER, Robert. *A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?* In: Revista Outubro nº 3. S.P, Xamã Editora, 1999.

BROHM, Jean-Marie. *O que é a dialética?* Lisboa, Antídoto, 1979.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. S.P, Xamã Editora, 1996.

CLEAVER, Harry. *Leitura Política de O Capital*. R.J, Zahar Editores, 1981.

COGGIOLA, Osvaldo & KATZ, Cláudio. *Neoliberalismo ou Crise do Capital?* S.P, Xamã Editora, 1996.

COURI, Sérgio. *Ensaio sobre a evolução do capitalismo e do marxismo*. Brasília, Editora da UNB, 2001.

- CUTLER, Antony (et al.). *O Capital de Marx e o Capitalismo de Hoje*. R.J, Zahar Editores.
- DAL PRA, Mario. *La dialéctica en Marx*. Ediciones Martínez Roca, 1971.
- DAY, Richard B. *The Theory of the long cycle: Kondratiev, Trotsky, Mandel*. In: New Left Review nº 99, Londres, 1976.
- DUSSEL, Enrique. *El Último Marx (1863-1882) y la Liberación Latinoamericana*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1990.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-Düring*. R.J, Paz e Terra, 1976.
- FAUSTO, Ruy. *Dialética Marxista, Dialética Hegeliana: a produção capitalista como produção simples*. S.P, Editora Paz e Terra/ Brasiliense, 1997.
- _____. *Marx: Lógica e Política*. S.P, Editora Brasiliense, 1987.
- FINE, Ben & HARRIS, Laurence. *Para Reler O Capital*. R.J, Zahar Editores, 1981.
- GERMER, Claus Magno. *Contribuição ao Entendimento do Método da Economia Política Segundo Marx*. Texto para discussão. UFPR, Curitiba, 2000.
- GIANNOTTI, José A. *Certa Herança Marxista*. S.P, Companhia das Letras, 2000.
- GIOVANNI, Biaggio de. *La Teoría Política de Las Clases en "El Capital"*. México, Siglo XXI, 1984.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialéctica e Ciências Humanas*. Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- GOUNET, Thomas. *Fordismo e Toyotismo na Civilização do Automóvel*. S. P, Boitempo Editorial, 1999.
- HARVEY, David. *Los límites del Capitalismo y la Teoría Marxista*. México, Fondo de Cultura Económica, 1990.
- HOBBSBAWN, Eric. *La Crisis del capitalismo: una perspectiva histórica*. In: Cuadernos Políticos, nº 11, México, Ediciones Era, 1977.
- KATZ, Cláudio; BRAGA, Ruy & COGGIOLA, Osvaldo. *Novas Tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva*. S.P, Xamã Editora,
- LANGE, Oskar. *Moderna Economia Política: problemas gerais*. R.J, Editora Fundo de Cultura, 1963.
- LENIN, V. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. In: Obras Escolhidas, vol 1. S.P, Alfa-Ômega, 1979.

- LIMA, Enrique. *Lucha de clases y automatización*. In: Teoría y Práctica nº 9, Bogotá, 1977.
- MANDEL, Ernest. *A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx*. R.J, Zahar, 1968.
- MELLO, Alex F. *Capitalismo e Mundialização em Marx*. S.P, Editora Perspectiva, 2000.
- _____. *Marx e a Globalização*. S.P, Boitempo Editorial, 1999.
- NAPOLEONI, Cláudio. *Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx*. S.P, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1981.
- _____. *O futuro do Capitalismo*. R.J, Graal, 1982.
- PIETRANERA, Giulio. *La Estructura Logica de "El Capital"*. In: Estudios Sobre El Capital. Maurice Dobb. (et alii). México, Siglo XXI, 1987.
- POLARI, Rômulo S. *A concepção Keynesiana das crises econômicas e sua crítica com base em Marx*. Revista de Economia Política nº 2, Abril – junho 1984.
- RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. S.P, Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Economistas).
- RIESER, Vitorio. *La "apariencia" del capitalismo en el análisis de Marx*. In: Estudios Sobre El Capital. Maurice Dobb (et alii). México, Siglo XXI, 1987.
- ROSDOLSKY, Roman. *Génesis y Estructura de El Capital de Marx: estudios sobre los Grundrisse*. 5ª edição. México, Siglo Veintiuno Editores, 1986.
- RUBIN, Isaac I. *A Teoria Marxista do Valor*. S.P, Polis, 1987.
- SHAIKEN, Harley. *Computadoras y relaciones de poder en la fábrica*. In: Cuadernos Políticos, México, out/dez 1981.
- TEIXEIRA, Aloisio. *Da filosofia clássica alemã à crítica da economia política: notas sobre o percurso teórico de Marx*. UFRJ/IEI, texto para discussão nº 41, R.J, janeiro/84.
- TEIXEIRA, Francisco J. S. *Pensando com Marx: uma leitura crítica-comentada de O Capital*. S.P, Editora Ensaio, 1995.
- TENÓRIO, Jr Nuñez. *Marx y la Economía Política*. Caracas, Esquema, 1969.
- TOLIPAN, Ricardo. *A questão do método em economia política*. Revista de Economia Política, abr-junho/84.

- _____. *Brevíssimas considerações sobre o método de Marx*. UFRJ/IEI, texto para discussão, R.J, outubro 1983.
- UREÑA, Enrique. *Karl Marx Economista: o que Marx realmente quis dizer*. S.P, Loyola, 1981.
- WEEKS, John. *La Esfera de la Producción y el Análisis de Las Crisis en el Capitalismo*. In: *Criticas de La Economía Política*, nº 9, México, 1978.
- WOOD, Ellen M. *As Origens Agrárias do Capitalismo*. In: *Revista Crítica Marxista*, n. 10, S.P, Boitempo Editorial, junho 2000.
- YAFFE, David & BULLOCK, Paul. *La inflación, la crisis y el auge de la posguerra*. *Criticas de La Economía Política*. nº 7, México, 1978.
- ZELENÝ, Jindrich. *La Estructura Lógica de El Capital de Marx*. Barcelona, Ediciones Grijalbo, 1974.
- ZONINSEIN, Jonas. *Capital financeiro, demanda efetiva e causas da crise*. UFRJ/IEI, texto para discussão, R.J, fevereiro 1984.